

IB

BIO
BIBLIO
GRAFIA

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS
Diretoria do biênio 2011/2012

Presidente

Eduardo Rocha Virmond

Vice-Presidentes

Chloris Casagrande Justen

René Ariel Dotti

Secretários

Rui Cavallin Pinto

Albino de Brito Freire

Tesoureiros

Ernani Costa Straube

Ário Taborda Dergint

Diretores de Comunicação Social (Oradores)

Ernani Lopes Buchmann

Adherbal Fortes de Sá Júnior

Diretores de Documentação e Acervo (Bibliotecários)

Belmiro Valverde Jobim Castor

Flora Camargo Munhoz da Rocha

Diretor Jurídico

Antônio Celso Mendes

Grupo de Editoração

Belmiro Valverde Jobim Castor

Rui Cavallin Pinto

Adélia Maria Woellner

Grupo de Apoio

Clemente Ivo Juliatto

Oriovisto Guimarães

Carlos Roberto Antunes dos Santos

PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS
SETEMBRO de 2011

Projeto gráfico Rita Soliéri Brandt

Desenho de capa Poty Lazarotto

Tratamento de imagem da foto p.17: Arianne Aparecida de Oliveira Cordeiro

COMISSÃO
DE REEDIÇÃO

ALBINO FREIRE

ERNANI BUCHMANN

VALÉRIO HOERNER JR.

BIO BIBLIO GRAFIA

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

EDIÇÃO AMPLIADA E REVISADA A PARTIR DE ORIGINAL
DE TÚLIO VARGAS, VALÉRIO HOERNER JR. E WILSON BÓIA

© Copyright by Academia Paranaense de Letras

Academia Paranaense de Letras

Rua Visconde do Rio Branco, 969

Curitiba/PR

CEP 80410-001

www.academiapr.org.br

Edição e Revisão

Ernani Buchmann

Projeto Gráfico

Rita Soliéri Brandt

Impressão

Posigraf

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Academia Paranaense de Letras.

Academia Paranaense de Letras : biobibliografia / Túlio Vargas, Valério Hoerner Júnior, Wilson Bóia. - ed. rev. por Albino Freire, Ernani Buchmann e Valério Hoerner Júnior. - Curitiba, PR : Academia Paranaense de Letras, 2011.

288 p. : il. ; 16 x 21 cm.

ISBN

1. Academia Paranaense de Letras – História.
2. Escritores brasileiros – Paraná – Biografia.
3. Literatura brasileira – Paraná – Biobibliografia.
- I. Vargas, Túlio, 1929-2008. II. Hoerner Júnior, Valério, 1943-. III. Bóia, Wilson, 1927-2005. IV. Buchmann, Ernani. V. Título.

CDD (22ª ed.)
928.69



ESCUDO oval, trazendo em campo azul uma pena de prata em pala, cujo raque termina na parte superior em galhadas de pinheiro-do-paraná (araucária angustifolia), em verde, tendo à sinistra a constelação do Cruzeiro do Sul em prata. A pena suplanta a ponta, cujo cálam se superpõe a uma faixa azul com a expressão “Semper Excelsior”, em prata, ficando tudo sobre a representação de um livro aberto, de prata, bordado de preto. Bordadura de azul, carregada de pérolas prata. Como timbre, a representação de uma máscara indígena, sainte em prata e azul. Como lambrequim, ramos de pinheiro-do-paraná e frutos nas cores naturais, cruzantes na ponta, sobre o livro. O brasão é circundado na parte superior pela expressão “Academia Paranaense de Letras”, em preto. O emblema é criação de Pamphilo d’Assumpção, fundador da cadeira nº7.

Leitura realizada pelo acadêmico **Ernani da Costa Straube**

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

DE 3 a 13 de maio de 1936, vésperas do Estado Novo criado por Vargas e posto no papel por Francisco Campos, realizou-se no Rio de Janeiro um congresso de academias de letras e sociedades literárias. O evento reuniu grande número de intelectuais do país. O já vetusto Centro de Letras do Paraná, fundado em 1912 por Euclides Bandeira (1877-1947) e Emiliano Pernetá (1866-1921), fizera-se então representar por dois de seus mais expressivos membros, Silveira Neto (1872-1942) e Leôncio Correia (1865-1950), ambos nessa ocasião radicados na Capital Federal.

O Paraná possuía nesse período acentuada representatividade junto a pólos culturais importantes, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, o primeiro, a estre-munhar-se com a política viva e o segundo, agigantado pelo vertiginoso processo ge-rador de riquezas. Em torno disso e pelo movimento gerado, a cultura vicejava.

O Centro de Letras do Paraná congregava na capital do Estado as maiores expressões literárias da época e constituía a referida representatividade. Saída de suas portas, a cultura paranaense projetava-se com certa mobilidade, embora ainda acanhada quando além da circunscrição territorial.

Ficara decidida, naquele congresso de maio, entre outras deliberações, a fundação da Federação das Academias de Letras do Brasil, entidade de cunho cultural e normativo, cujos desígnios estariam ligados a idéias que visassem a pro-pugnação, em princípio, do intercâmbio literário no país. O Centro de Letras do Paraná, porém, embora de letras, foi fundado em 1912 como organismo aberto a todas as manifestações artísticas, de modo que, naturalmente, se distanciava do modelo apropriado à vinculação pretendida pelo órgão federativo. Na ocasião, todavia, por esses desígnios que a sorte prevê a presença de pessoas certas nos precisos momentos e lugares, era presidido por Ulysses Falcão Vieira (1885-1942), personalidade forte e pessoa detentora de extensas relações nos meios culturais e políticos, que logo passou então a receber ofícios e cartas da Academia Cario-ca de Letras instando-o a organizar no Paraná entidade congênere, elitista, que representasse o pensamento político no Estado com relação à cultura, com fins ainda de projetar valores da terra. O assunto interessara a todos e Ulysses Viei-ra, dadas as circunstâncias e ao seu espírito empreendedor, não pôde deixar de sentir-se estimulado com a insistência dos pares cariocas.

Acontece que em 1922 já havia sido fundada uma primeira Academia. Por motivos especialmente afetos à ausência de unidade filosófica por parte de seus fundadores, desviou-se dos objetivos precípuos já no seu terceiro ano de existência. Desfalcada, acabou por dissolver-se. A atenção e os cuidados de Ulysses Vieira, pois, líder nato da geração intelectual daqueles anos trinta, recaíam sobre essa efêmera academia anterior, justamente por não desejar ver repetidas as causas motivadoras de sua dissolução. Experimentara, essa organização passageira, a existência de facções antagônicas, de um lado sendo desejado quadro enriquecido de nomes politicamente exponents, regaço de louvaminhas, bajoujos e bajulados; de outro, entendendo-se necessário o traquejo literário, ou, no mínimo, artístico ou científico. Como a primeira facção naquele momento houvesse prevalecido, a outra não teve alternativa que não a de retirar-se, mutilando pois a galeria. E com o passar do tempo ocorreu o inevitável esvaziamento.

Pela sucessão de fatos, é de ver não terem tido assentadas suas bases. Sem diretrizes no momento de sua constituição, não soube como enfrentar as adversidades internas e acabou por descarrilar no meio do caminho. Na verdade, porém, o grupo desejoso de acolher as tais figuras eméritas da política local pretendia era nada mais do que dar panos à vicejante bajoujice em detrimento da integridade e seriedade do organismo. A par disso, é certo que muito pouco valeria aquela instituição sem a presença da probidade dos virtuosos, pois a prosseguir naquele rumo a consequência seria a de, tão-somente, juntar ídolos lascivos numa falsa e inexplicável indumentária. Mas nem a isso chegou porque a dissolução foi acelerada, embora tenha sido ela plácida e branda, sem agonia, terminando bonançosa e serena no último suspiro representado pela ata derradeira certificada pelo Acadêmico-secretário Samuel César, último entrincheirado em fevereiro de 1926. É o que mostram os registros. Após o que, teria ainda uma leve sobrevida (sem registros?) nas mãos do mesmo Samuel César e sob a presidência de Alcides Munhoz que, às suas expensas, publicou alguns números de sua Revista. E só. Haviam-se esfumado o grupo, os assuntos, as pretensões. Alcides Munhoz, porém, haveria de conduzi-la semiviva até 1930, ano de sua morte, quando, com ele, morreu também a Academia de Letras do Paraná.

O início dessa academia fora turvo, de certa forma transvertido: consequência de cisma ocorrido no próprio Centro de Letras, parece que os membros fundadores carregaram a vocação para a intransigência, e, como resultado, a desinteligir e desacordar. A cisão no Centro de Letras apontava o panorama: dissidências que, unidas em torno de uma idéia de emancipação, pretenderam a criação de

outra entidade, superiormente nivelada, talvez com o propósito de fazer sombra ao Centro, acreditando o grupo cismático, por certo, ser a elite da classe intelectual. Segundo os pendores institucionais da época, a desejada entidade paralela só poderia ser essencialmente elitista, tendo obrigatoriamente de moldar-se a padrões acadêmicos. De modo que tal iniciativa acabou acontecendo na verdade mais por desforço do que propriamente por ideal revestido de pudor e decoro.

Curioso como tudo se deu: começou quando Raul Gomes (1889-1975) voltou-se contra as Tardes de Arte que se realizavam aos domingos no Teatro Guaíra. Foi criada essa programação artística pelo escritor maranhense Raul Azevedo, carioca de domicílio e naquele momento residente em Curitiba, nomeado que fora para administrar os Correios. De certa forma já conhecido nos meios literários nacionais, com facilidade passara a dono da situação cultural curitibana. As domingueiras eram sucesso e tratavam-se de vesperais com música e literatura, culminando via de regra em palestras e conferências, sempre com a presença de ilustres personagens ligados às letras. Tamanho efeito produzira a iniciativa de Azevedo que a ciumada não se demorou para instalar clima de verdadeiro motim. O irrequieto Gomes à frente, indignado, não suportava o fato de um adventício figurar na proa literária paranaense.

Como fator agravante, Raul Gomes era também funcionário dos Correios e, portanto, subordinado a Raul Azevedo.

A situação adquiriu proporções maiores porque naquela altura já se houvera estabelecido desentendimento pessoal entre os dois, originado por questões relacionadas à atividade profissional na própria repartição pública, arrebatando a corda, é claro, do lado do subordinado.

Raul Gomes passou então a fustigar Azevedo pelos jornais, sublevando grupos, criando sedições e dividindo, inclusive, o Centro de Letras. Em dado momento, impetuoso e parecendo ter perdido a paciência, Gomes apelou para o ás que guardava na manga: parafraseando o romance que Raul Azevedo publicara em 1916, 'Amores de gente nova', e inspirado e fundamentado no romance real e clandestino que Azevedo mantinha com Emita Tereza, também funcionária dos Correios, o jornalista paranaense publica uma crônica intitulada 'Amores de gente velha', na qual discorre sobre o comportamento do maranhense, ressaltando-lhe a impudicícia.

A desfaçatez que assinalara a querela no início transformou-se rapidamente em coisa sórdida e a questão tomou proporções incontroláveis.

Foi a gota d'água: dividiu-se o Centro de Letras em plena época de eleições; a ala contrária a Gomes propugnou por sua expulsão imediata. Raul Gomes, porém, era paranaense e parece ter feito valer a consistência de suas amizades; ao contrário das ligações de Raul Azevedo, novas e sem sapatas. De modo que, pleito concluído, venceu o grupo ligado a Raul Gomes, resultando disso baterem-se em retirada os componentes da ala antagônica, dentre os quais a ilustre pessoa de Dario Vellozo.

Era o ano de 1922. A facção derrotada nas eleições do Centro de Letras, então, funda imediatamente a Academia de Letras do Paraná: com garbo e pompa, a sessão realizada no Clube Curitibano em 6 de novembro reuniu expressões como Silveira Neto, Dantas Ribeiro, Romário Martins, Lacerda Pinto, Pamphilo d'Assumpção, Santa Ritta, Generoso Borges, Samuel César, Serafim França, João Cândido, Andrade Muricy, Rocha Pombo, Nestor Victor, Dom Alberto Gonçalves, Moysés Marcondes, Leôncio Correia, Ermelino de Leão, Tasso da Silveira e outros.

O primeiro presidente da nova entidade foi Rocha Pombo.

Fora extremamente frustrante a primeira experiência acadêmica. Ficara nitida a ausência de uma liderança natural no grupo, apesar dos nomes que congregava.

Os acontecimentos de 1936, pois, que moveram a recriação de um organismo acadêmico no Paraná, por sorte coincidiram com a presença de Ulysses Vieira, o líder ausente de 1922. Sua pessoa era talhada para a empreitada. E, gênio expansivo e cercado de credibilidade, providencialmente encontrava-se à testa do Centro de Letras.

Prosseguindo nas diligências para a criação (ou recriação) da instituição acadêmica, estimulado agora pela existência de uma Federação e pelo aguilhão vindo da Academia Carioca, entendeu-se Ulysses, primeiramente, com três companheiros conterrâneos: Francisco Leite, Serafim França e De Sá Barreto. A reação foi positiva e imediata, pois convocaram pela imprensa a intelectualidade¹ para uma reunião às 20 horas do dia 26 de setembro no anfiteatro da Escola Normal

1 Conta Wilson Bóia, sobre a Academia Paranaense de Letras, em artigo sub-intitulado "Breves apontamentos", Revista n.º 43, 2000, que, em 26 de setembro de 1936, "...seriam aclamados 17 sócios, relacionados em ordem alfabética: Dom Alberto José Gonçalves, Andrade Muricy, Azevedo Macedo, Dario Vellozo, Dídio Costa, Francisco Leite, João Cândido, Lacerda Pinto, Leôncio Correia, Leônidas de Loyola, Pamphilo d' Assumpção, Romário Martins, Santa Ritta, Sebastião Paraná, Serafim França, Silveira Neto e Tasso da Silveira. Para completar o quadro acadêmico, idealizado em 40 cadeiras, em 13 de março de 1937, (...) seriam escolhidos mais 23 nomes, o que ultimaria a organização do referido quadro: Alceu Chichorro, Angelo Guarinello, Ballão Júnior, Benedito Nicolau dos Santos, Ciro Silva, David Carneiro, Euclides Bandeira, Flávio Guimarães, Francisco Negrão, Heitor Stockler, Helvídio Silva, Hugo Simas, Ildefonso Serro Azul, Laertes Munhoz, Martins Gomes, Pereira de Macedo, Quintiliano Pedroso, Raul Gomes, Rodrigo Júnior, De Sá Barreto, Sá Nunes, Ulysses Vieira e Valfrido Pilotto".

Secundária, atualmente Instituto de Educação do Paraná, esquina das ruas Voluntários da Pátria e Emiliano Perneta. Além dos quatro referidos, compareceram também Rodrigo Júnior, Ângelo Guarinello, Alcebiades Miranda, Ciro Silva, Domingos Vellozo, Castella Braz, Quintiliano Pedroso, Alceu Chichorro, Veríssimo de Souza, Osmani Emboaba e Benedito Nicolau dos Santos.

Ulysses Vieira assumiu pontualmente a direção dos Trabalhos. Após minuciosa exposição dos fatos ficou deliberado por unanimidade de votos...

- que uma nova academia, com quadro de quarenta membros vitalícios, tomaria a denominação de "Academia Paranaense de Letras";
- que, para o preenchimento de suas quarenta cadeiras, seriam aclamados alguns componentes da antiga e extinta Academia de Letras do Paraná, como Dom Alberto José Gonçalves, João Cândido, Sebastião Paraná, Dario Vellozo, Santa Ritta, Dídio Iratim, Leônidas Loyola, Pamphilo d'Assumpção, Silveira Neto, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Leôncio Correia, Lacerda Pinto, Azevedo Macedo e Romário Martins;
- que as cadeiras restantes deveriam ser preenchidas por indicação de uma comissão composta por três membros da antiga academia e três do Centro de Letras do Paraná e que preferencialmente fossem escolhidos nomes de literatos centristas; e
- que, quanto aos patronos, cada acadêmico escolhesse o seu, com exceção dos já comparecentes com "elogio" de praxe na academia extinta, pois deveriam ser conservados.

De fora, não comparecendo à primeira reunião, mas aplaudindo a idéia, Ildefonso Serro Azul, de São Paulo; Leôncio Correia e Helvídio Silva, do Rio; e Vicente Nascimento Júnior, de Paranaguá.

Fundava-se, assim, em 26 de setembro de 1936, em Curitiba, a Academia Paranaense de Letras, com base no Centro de Letras do Paraná e respeitada, mais do que nunca, a trajetória da extinta e efêmera academia anterior.

Os trabalhos de organização da nova entidade então prosseguiram, decorrendo estudos, consultas e especulações. De tudo, certamente, sendo extraídos registros e atas. Até que, em 29 de abril de 1937, aparecia uma circular definindo as linhas mestras da instituição, estruturando-a e convocando para um mês depois a assembléia que a instalaria. Obedientes ao plano e ao prazo, foram realizadas as eleições para a composição da primeira diretoria, relativa então ao biênio 1936/37, que ficou assim constituída:

Presidente: ULYSSES VIEIRA

Vice-presidente: FRANCISCO LEITE

Secretário-geral: DE SÁ BARRETO

1º. Secretário: BENEDITO NICOLAU DOS SANTOS

2o. Secretário: CIRO SILVA

Tesoureiro: PEREIRA DE MACEDO

Bibliotecário: VALFRIDO PILOTTO

Dessa diretoria, o único ausente na ocasião foi Valfrido Pilotto (1903 — 2006) que, dias depois, além de assumir o posto, assumiu também a Cadeira nº 17, tendo Rocha Pombo como patrono².

Os meses que se seguiram foram gastos com detalhes. Francisco Negrão e Rodrigo Júnior, devidamente designados, passaram a organizar a lista de cadeiras e patronos por ordem alfabética, que teria sido determinada pela Federação das Academias de Letras do Brasil, entidade à qual a Paranaense já se encontrava filiada: Fernando Amaro (1831-1857), assim, apadrinhou a Cadeira nº 1 e Clemente Ritz (1888-1935) foi escolhido Patrono da Cadeira nº 40.

Foram também nomeados os delegados junto à Federação das Academias no Rio de Janeiro, cabendo a responsabilidade a Flávio Guimarães e Silveira Neto, ambos radicados na capital federal por força de suas ocupações. Foi igualmente discutido o emblema da Academia, criado e desenhado por Pamphilo d'Assumpção e decidido que o traje provisório usado pelos acadêmicos nas sessões públicas e solenes seria a casaca. De Sá Barreto organizou o regimento interno, moldado ao da Academia Carioca. No dia 11 de setembro de 1937 ocorria o falecimento do primeiro acadêmico, Francisco Negrão. E logo em seguida, no dia 26, a Academia completava seu primeiro ano de vida.

Fato curioso deu-se em 1940 quando a diretoria decidiu reformular a composição das cadeiras, incidindo a mexida também nos patronos. Visou, com isso, estabelecer critérios mais ajustados quanto aos gêneros literários preponderantes e praticados pelos ocupantes subseqüentes. De forma que, em princípio, ficaria estabelecida a viabilidade de desejável tradição: cadeira de números tais dariam lugar a poetas, outras a historiadores, romancistas e assim por diante. Aconteceu que, ao invés de efetuar-se apenas algumas modificações, o trabalho acabou numa total reformulação. E em atenção a determinados ilustres personagens que não poderiam ficar de fora, remanejaram-se também alguns fundadores, pas-

² Nem tudo foi tão fácil quanto aparentemente, pois houve momentos em que se teve de contornar determinadas posições como a de não aceitar a cadeira número 13, em nome da sorte ou do azar, como aconteceu com Sá Nunes.

sando estes a ser primeiros ocupantes. O número de patronos grados era maior do que o número de cadeiras. Alguns nomes foram colocados como fundadores, embora tivessem falecido antes de 1936, e alguns até como primeiros ocupantes. São os casos de Rocha Pombo, Moysés Marcondes, Nestor Victor (neste caso específico, ficou Ulysses Vieira, legítimo fundador, como primeiro ocupante da cadeira 6), Jayme Ballão, Ermelino de Leão, Alcides Munhoz, Clemente Ritz, Paulo d'Assumpção, Niepce da Silva, Ildefonso do Serro Azul, Adolpho Werneck, Valfrido Pilotto, Generoso Marques, Angelo Guarinello, Samuel César e João Pernetta.

A Valfrido Pilotto, De Sá Barreto e Rodrigo Júnior foi confiada a tarefa do remanejamento. De modo que é possível, face às modificações havidas, a constatação de casos de fundadores, cujas datas de morte antecedem a criação da Academia, postados como se vivos estivessem na ocasião. E, ainda, por não haver mais cadeiras para apadrinhamento no momento da reformulação, sempre com vista a não ocorrer esquecimentos que pusessem em risco as boas intenções e o pundonor do grupo, alguns patronos passaram a fundadores, caso por exemplo de Rocha Pombo, falecido em 1933 e, após a mexida, constante como fundador da cadeira número 1. Teria sido justo esquecer Antônio Vieira dos Santos, o “Pai da História Paranaense”? Este passou assim a apadrinhar a Cadeira nº 1, a da História, tendo como fundador Rocha Pombo e primeiro ocupante Valfrido Pilotto, na verdade, o fundador.

Deu-se o mesmo com Jayme Ballão, Ermelino de Leão e Alcides Munhoz; e Clemente Ritz, que pulou da cadeira número 40 da qual era o patrono para a cadeira nº 15, na qualidade de fundador.

Outros casos semelhantes são encontráveis na composição das cadeiras, com realce para o do próprio Ulysses Vieira, mentor, organizador e primeiro presidente. Ninguém mais do que ele teria merecido em palmas de ouro a inscrição como fundador. E emérito. Mas, para fazer justiça a Nestor Victor, permitiu abrir-se-lhe o espaço de fundador, acomodando-se ele, Ulysses, com humildade irretocável, na posição cronológica de primeiro ocupante da cadeira número 6, como se, na realidade tivesse sido o sucessor do crítico simbolista na Academia Paranaense de Letras. Nestor Victor havia falecido em 1932.

De maneira que as explicações para alguns aspectos aparentemente dúbios, ou de difícil entendimento, do quadro atual são estas. Com o passar do tempo e com as subseqüentes sucessões, não houve como atender à primitiva idéia de compor as cadeiras segundo a natureza da atividade literária dos ocupantes. Algumas, todavia, ainda detém a linha por gênero literário, caso da cadeira nº 1,

tida como a da História; as da poesia, por sua vez, números 28, 30 e 38, têm-se mantido coerentes; e a dos governadores, número 25, resistiu até a morte de Munhoz da Rocha em 1973, quando então passou a ser ocupada por um escritor, médico de profissão.

É que surgem dificuldades, com o passar dos anos, para manter vigentes semelhantes critérios. Aberta a vaga, há pretensões que não atendem à natureza da atividade literária devido a fatores eminentemente circunstanciais. A sucessão de Bento Munhoz da Rocha Neto, por exemplo, estaria fadada à frustração: nenhum governador estadual, depois dele, reuniu características de intelectual. Sequer se registra produção literária própria de algum governante posterior a Bento, mesmo que eventual. E casos semelhantes sempre podem acontecer com poetas sendo sucedidos por historiadores e vice-versa, na Paranaense e em qualquer academia constituída.

Conclui-se, pois, que pode existir marcante diferença entre as academias fundadas em princípio com o mesmo objetivo. Entretanto, apenas por questões meramente circunstanciais é que não foi avante a primeira, com início e fim de jornada. A segunda, longe de incinerá-la, mais do que nunca serviu-se dela em 26 de setembro de 1936, aparando as arestas que porventura pudessem ainda lanhar as novas estruturas. O interregno de alguns anos entre uma e outra concorreu para lapidar os comportamentos, harmonizando-os com os novos tempos.

Desse momento em diante, tomando vida própria — o colegiado pessoalíssimo diante dos desígnios acadêmicos — a instituição definiu sua postura. Fazendo do Clube Curitibano a extensão de sua singela sede administrativa, passou a promover tardes culturais, festejos da intelectualidade, culminando tais encontros, nas ocasiões em que um novo imortal era recebido, em gala para a convivência perene ao abrigo do silogeu. Assim, nas décadas seguintes eram eleitos Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, sucedendo a Sebastião Paraná, falecido em 1938; Andrade Muricy, sucedendo a seu pai, Silva Muricy, o ilustre artilheiro de Tijucas na revolução federalista, respeitado e admirado até pelo formidável maragato general Gumerindo Saraiva; Dicesar Plaisant, sucessor do mestre inefável Dario Velozzo; depois, Hugo Simas, De Sá Barreto, Romário Martins, Raul Gomes, Angelo Guarinello, Vasco José Taborda, Rosário Mansur Guérios, e ainda Milton Carneiro, Lacerda Pinto, Loureiro Fernandes e José Farani Mansur Guérios, estes últimos a engrandecer a Casa depois de terem desbravado, com o apoio de Omar Gonçalves da Motta, fundador da cadeira 27, o desconhecido terreno do ensino superior no Paraná, deixando fundada e solidificada a primeira faculdade de filo-

sófia do Estado, a mesma que viria a compor a estrutura da Universidade Federal do Paraná no momento de sua federalização, em 1946.

Dicesar Plaisant, acadêmico e jornalista, deu sequência aos números regulares da Revista da Academia Paranaense de Letras. Editor-responsável, qualificou-a como das melhores do país, no gênero.

Até essa época, a presidência da Academia fora exercida por Ulysses Vieira, de 1936 a 1942; Oscar Martins Gomes, de 1942 a 1951; De Sá Barreto, de 1951 a 1957; Oscar Martins Gomes, novamente, de 1957 a 1966; e Osvaldo Pilotto, de 1966 a 1970.

Depois de Osvaldo Pilotto assumiu Vasco José Taborda. Este dirigiria a Academia por vinte anos, de 1970 a 1990, em diversos mandatos subseqüentes. Foi quando, em meio a ondas de reforma, tiroteios e instabilidades, quase abandonado pelas gerações que viam em tudo só mudanças, somente validade no que dissesse respeito a transformações, de maneira quase heróica representou o sustentáculo dos valores perenes e, com denodo, teimosia, engenho, arte e sobretudo muita paciência, manteve o nome e o pendão do sodalício paranaense, até arrefecerem-se os ânimos.

Tal gesto, hoje reconhecido e reverenciado no universo intelectual, fê-lo credor indiscutível da cultura paranaense. E foi sob a sua tutela que adentraram à Casa, eleitos, Faris Michael, Túlio Vargas, Veiga Lopes, Valério Hoerner Júnior, Joaquim Carvalho, Edwino Tempiski, João Manuel Simões, Emílio Sounis e Metry Bacila, Lauro Grein Filho, Colombo de Sousa e Ladislau Romanowski. A par disso, morriam também Andrade Muricy e Newton Carneiro; Flávio Suplicy de Lacerda e Benedito Nicolau dos Santos Filho; Assad Amadeu e Joaquim Carvalho; Francisco Leite e Leonardo Henke; Mário de Abreu e De Sá Barreto; Dario Nogueira dos Santos, Durval Borges e Mansur Guérios. É verdade que a morte sempre virá para todos, inexoravelmente, ou talvez da maneira que De Sá Barreto a tenha imaginado, "...de manso, assim como se fosse um pássaro cansado de voar..."

O número de ceifadas, porém, não correspondeu à renovação, às sucessões e, quando se esfuminhava a década de oitenta, o quadro acadêmico estava reduzido praticamente à metade. Vasco, então, premido por movimento em que atuaram Túlio Vargas, Lauro Grein Filho, Valério Hoerner Júnior, José Carlos Lopes e Felício Raitani Neto, convocou eleições estatutárias, saindo delas, aclamado, Felício Raitani Neto, para o mandato de 1990 a 1992, com Túlio Vargas na vice-presidência e Valério Hoerner Júnior como secretário-geral.

Partiu-se então para uma administração revolucionária em nome da renovação e adequação aos novos tempos: a necessária modernização. Esboçou-se a nova fase da revista acadêmica, que só viria a concretizar-se no mandato subsequente, de Valfrido Pilotto, 1992 a 1994, Valério Hoerner Júnior na vice-presidência e José Carlos Veiga Lopes como secretário-geral. Mas foram promovidas alterações, com Raitani, quanto ao traje para as solenidades e quanto à liturgia.

Em 1994, foi eleito Túlio Vargas para a presidência e Lauro Grein para a vice, com Wilson Bóia (1927 - 2005) como secretário-geral. A Instituição reorganizada permitiu então que se desenvolvessem incontáveis atividades acadêmicas, algumas de expressivo valor: a regularidade que ocorreu com a edição das revistas e a interiorização da Academia, criadas que foram diversas no interior do Estado, nas cidades de Foz do Iguaçu, Pato Branco, Palmas, União da Vitória, Rio Negro, Irati, Ponta Grossa, Guarapuava, Apucarana, Campo Mourão, Umuarama, Maringá, Londrina, Cornélio Procopio, Bandeirantes, Francisco Beltrão e Santo Antônio da Platina.

Essa diretoria reelegeu-se sucessivamente em nome do indiscutível sucesso administrativo, especialmente as vitórias alcançadas também com relação à realização anual da Semana de História, regularidade na publicação da Revista e do jornal *Academus*; atualização do estatuto, normatização da Lei n.º 13.381 de 18.12.2001, que tornou obrigatório do ensino de história e geografia do Paraná na rede oficial de ensino; programas de incentivo à leitura e estímulo às vocações emergentes.

Com o falecimento de Túlio Vargas, em março de 2008, seu vice-presidente Lauro Grein assumiu a presidência, dirigindo a Academia até dezembro do mesmo ano, quando do encerramento do mandato.

Uma nova diretoria foi, então, eleita, com José Carlos Veiga Lopes no comando. Dois meses antes do fim do seu mandato, em outubro de 2010, Veiga Lopes faleceu subitamente, sendo substituído pela vice-presidente Chloris Casagrande Justen, primeira mulher a presidir a Academia Paranaense de Letras.

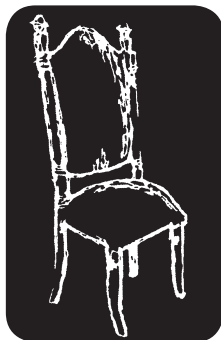
Concluído o mandato, nova diretoria foi eleita para o biênio 2011-2012, encabeçada por Eduardo Rocha Virmond. (VHJ)



Atrás, em pé: Paulo Vitola, Cadeira nº 25; René Dotti, Cadeira nº 3; Orlívio Guimarães, Cadeira nº 6; Belmiro Castor, Cadeira nº 28; Antônio Celso Mendes, Cadeira nº 34; Albino Freire, Cadeira nº 21; Ney José de Freitas, Cadeira nº 7; Roberto Muggiati, Cadeira nº 33; Luiz Geraldo Mazza, Cadeira nº 20; Rui Cavallin Pinto, Cadeira nº 13; Ernani Straube, Cadeira nº 12; Clemente Juliatto, Cadeira nº 17; Léo de Almeida Neves, Cadeira nº 26; Dante Mendonça, Cadeira nº 1 e Ricardo Pasquini, Cadeira nº 35.

No meio: Jeorling Cleve, Cadeira nº 23; Ário Dergint, Cadeira nº 9; Valério Hoerner Jr, Cadeira nº 40; Carlos Antunes, Cadeira nº 38; João Manoel Simões, Cadeira nº 11; Rafael Greca, Cadeira nº 8; Carlos Alberto Sanches, Cadeira nº 19; Adherbal Fortes, Cadeira nº 30 e Ernani Buchmann, Cadeira nº 2.

Na frente: Laurentino Gomes, Cadeira nº 18; Cecília Helm, Cadeira nº 39; José Wanderlei Resende, Cadeira nº 32; Apollô Taborda França, Cadeira nº 36; Eduardo Rocha Virmond, Cadeira nº 4; Chloris Casagrande Justen, Cadeira nº 24; Lauro Grein Jr, Cadeira nº 31; Adélia Maria Woellner, Cadeira nº 15; Clotilde Germiniani, Cadeira nº 37 e Flora Munhoz da Rocha, Cadeira nº 10 (em pé).



CADEIRA Nº 1

PATRONO

Antônio **Vieira dos Santos**

(1784 - 1854)

FUNDADOR

José Francisco da **Rocha Pombo**

(1857 - 1933)

1º OCUPANTE

Valfrido Pilotto

(1903 - 2006)

2º OCUPANTE

Dante Mendonça

(1951-)



VIEIRA DOS SANTOS

PATRONO

Nasceu na cidade do Porto, Portugal, dia 12 de dezembro de 1784. Era filho de Jerônimo Vieira dos Santos e Ana Joaquina dos Santos. Passou a infância na Freguesia de Santo Ildefonso, ficando órfão de mãe em tenra idade. Ao completar treze anos, veio com seu irmão João para o Brasil.

No Rio de Janeiro, trabalhou algum tempo no comércio.

Em novembro de 1798, sem motivo aparente a não ser buscar novos horizontes, embarcou rumo a Paranaguá, sendo admitido, pela experiência que detinha, como caixeiro de loja comercial - função na qual chegou a viajar para a Bahia. Contraiu núpcias em 20 de agosto de 1804.

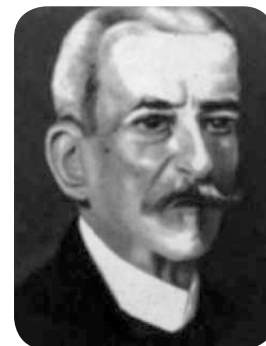
Paralelamente à atividade comercial, exerceu vários cargos públicos nas milícias e governanças: almotacé, tesoureiro, alferes, procurador, secretário de Junta e comandante. Era um pesquisador de idéias definidas. Participou dos mais importantes acontecimentos políticos na época, inclusive no exercício de vereança.

Em 1825, começou a beneficiar erva-mate em Morretes. Apreciava as representações teatrais e a leitura. Costumava receber obras literárias e jornais de Lisboa.

Na noite de 20 de maio de 1843 foi vítima de um desafeto que, nas sombras da noite, deu-lhe violenta pancada na frente. O fato provocou-lhe a cegueira do olho direito. Tal deficiência, no entanto, não lhe diminuiu o gosto pela pesquisa e pela escrita.

De sua paciente investigação nos arquivos e alfarrábios, produziu importantes retrospectivas históricas. Dai ser justamente cognominado o “Pai da História Paranaense”. Da sua bibliografia destacamos: *Memória Histórica, Cronológica, Topográfica e Descritiva da Cidade de Paranaguá e Seu Município* (1850); *Memória Histórica de Morretes* (1851); *Árvores genealógica das famílias Freire e França* (1852), além de contribuições ao folclore e outras obras ainda inéditas. Memorialista inato, são muitos os aspectos da sua eficiência intelectual para a compreensão do passado paranaense.

Faleceu em Morretes no dia 4 de julho de 1854. (TV)



ROCHA POMBO

FUNDADOR

Nasceu em Morretes no dia 4 de dezembro de 1857. Escritor, jornalista, poeta, historiador, professor e político. Figura exemplar da historiografia brasileira e um dos idealizadores da Universidade Federal do Paraná.

Ao escrever *História do Brasil*, uma coletânea admirável de narrativa e análise, fez-se famoso e imortal. Com *His-*

tória da América conquistou justos lauréis. Notável vocação para o jornalismo, para a poesia e a pesquisa histórica. Já adulto, buscou centros maiores a começar por Curitiba, fazendo-se jornalista.

Fundou em 1879 o jornal *O Povo*. Depois, no interior, na cidade de Castro, lançou o jornal *Eco dos Campos*. Implantou, paralelamente, um colégio para sustentar-se e ensinar as gerações de seu tempo. Formou-se mais tarde pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Premido por dificuldades, foi obrigado a mudar-se para Ponta Grossa, onde escreveu e publicou ensaios literários e novelas. Era escritor revelado, mas sem a repercussão merecida. Ingressou na política elegendo-se deputado à Assembléia Provincial em 1886, pelo Partido Liberal. Tentou outros jornais: *Diário Popular* e *O Paraná*, sem êxito. Em 1892 dirigiu o *Diário do Comércio*, do qual se tornaria proprietário.

Desiludido com os acontecimentos políticos em consequência do insucesso da Revolução Federalista da qual fora um dos arautos, transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1897, dedicando-se ao campo da história ao mesmo tempo em que trabalhava na imprensa e no magistério. Com a recompensa recebida pela publicação de sua *História da América*, em 1900, iniciou a publicação da *História do Brasil*, obra em 10 volumes publicada de 1906 a 1917 e considerada, com justiça, dos mais completos e cuidados textos no gênero, o que lhe valeu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Não tomou posse por ter-lhe sobrevivido a morte, em 26 de junho de 1933.

Publicou ainda: *O Paraná no Centenário* (1900); *No hospício* (1905); *Nossa Pátria* (1917); *Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa* (1914); *História de São Paulo* (1919); *História do Paraná* (1929) e *Para a História*, crônica da invasão de Curitiba pelos maragatos, obra publicada apenas em 1980. (TV)



VALFRIDO PILOTTO

1º OCUPANTE

Filho de Egídio Pilotto e Luísa Selmer Pilotto, nasceu em Dorizon, Paraná, no dia 23 de abril de 1903. Ensaísta consagrado, foi das mais expressivas inteligências contemporâneas. Jornalista, poeta e historiador, soube usar a retórica com mestria. Filósofo dos acontecimentos, observador arguto. Um polígrafo. No serviço público, fez carreira na Polícia Civil.

Bacharelou-se em Direito em 1932 e foi Secretário de Estado dos Negócios da Segurança Pública, interino. Iniciou-se em 1935 com *Humilde*, prosseguiu com *Paranistas* e não parou mais de escrever e publicar, sendo autor de mais de 50 títulos. Em 1926, teve na Gazeta do Povo sua primeira publicação e, nesse mesmo periódico, manteve durante décadas coluna semanal. Os anos, porém, fizeram que o ardoroso polemista da década de vinte, trinta e quarenta arrefecesse o ardor da luta pelas grandes causas e enveredasse pela filosofia circunstancial, mística na maioria das vezes, como provam seus esplêndidos e marcantes ensaios sobre Tolstoi. Daí o porquê de o autor de *Histórias e Historiógrafos* e do *Diário do Tempo Ruim* ter muito cedo, sem desvinculação do território natal, transposto as configurações regionais, passando para o domínio nacional. Pensavam assim Pedro Calmon, Deolindo Amorim e Andrade Muricy, que o tinham em alta conta.

Pertenceu à geração e ao grupo que pretendeu transpor a experiência futurista para o Paraná, assinando-se Oto Di La Nave e ameaçando publicar *Tripanossomos lapis-lazulis da crença*. Como os demais companheiros Correia Júnior, Alceu Chichorro e Laertes Munhoz - comportavam-se da mesma forma, parecia que o movimento tendia a fortalecer-se. Mas deu em nada porque logo, com força estrutural, em âmbito maior, veio o Modernismo, ao qual se integraram de corpo e alma, no início, para depois se entibiarem alguns - caso de Valfrido -, reassumindo gêneros conservadores, mas bosquejando ecléticas texturas.

Alguns de seus livros: *Assis Cintra e a Tragédia do Quilômetro 65 - Refutação*; *Páginas de Casa*; *Profanações e Registros Muito Pensados*; *Construamos com a Verdade a História do Paraná*; *Tinguianas*; *Rocha Pombo*; *De um Dia e de Sempre*; *Contra o Entreguismo Histórico*; *Querência*; *Paraná em Ritmo Veloz*; *Quando o Paraná se Levantou Como Uma Nação*; *Jornadas do Redizer*; *Mensagem à Juventude*; *A Estirpe Apostolar de Dario Vellozo*. Foi conhecedor profundo da língua portuguesa. Exerceu a presidência do Centro de Letras do Paraná e da Academia Paranaense de Letras, da qual foi um dos fundadores. Faleceu no dia 10 de março de 2006, em Matinhos, com 102 anos. Faria 103 no imediato 23 de abril. (VHJ)



DANTE MENDONÇA

2º OCUPANTE

Dante José Mendonça nasceu no Hospital das Irmãs da Imaculada Conceição, a congregação da Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, em Nova Trento, Santa Catarina, em 4 de março de 1951. É filho de Lauro Manoel Mendonça e de Cremilda Tripadalli. Casado com Maria Luiza (Maf) Nascimento Mendonça, é pai de Luiza e Pedro.

Estudou no Colégio Agrícola de Camboriú e nos colégios Camões e Bom Jesus, em Curitiba. Depois de servir ao Exército em Curitiba, iniciou sua vida profissional nos jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. Trabalhou, posteriormente, na Gazeta do Povo, Voz do Paraná e Correio de Notícias, atuando como editor e diretor de arte de vários jornais ao longo de seus 40 anos de carreira como jornalista.

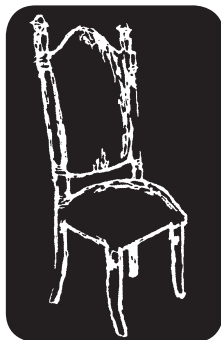
Durante as décadas de 70 e 80 esteve ligado ao teatro, no qual foi ator, cenógrafo e diretor premiado do Grupo de Teatro Margem, junto com Manoel Carlos Karam. Na mesma época em foi um dos primeiros funcionários da Fundação Cultural de Curitiba, onde era diretor de arte. Atuou, ainda, na televisão, fazendo um quadro diário de humor em telejornal. Em 1976 fundou a Banda Polaca, o maior bloco carnavalesco de Curitiba, e em 1981 presidiu a Comissão de Carnaval de Curitiba.

Como cartunista, entre diversas exposições individuais e coletivas, participou da mostra especial de cartunistas brasileiros e estrangeiros no Salão Carioca de Humor, no Rio de Janeiro; ganhou página no livro *“O Paraná e a Caricatura”*, de Newton Carneiro, e consta da *“Enciclopédia Brasileira de Humor”*.

Em 2000 passou a assinar coluna no Estado do Paraná e Tribuna do Paraná.

É autor das seguintes obras: *“Álbum de Figurinhas & figurões”* (1989, coletânea de suas charges de primeira página); *“Botecário”* – Dicionário Internacional de boteco (2001); *“Piadas de Sacanear Atlético”* – para alegria de coxa-branca – e *“Piadas de Sacanear Coxa-Branca”* – para alegria de atletico (2003); *“Piadas de Sacanear Vascaíno”* – para alegria de flamenguista – e *“Piadas de Sacanear Flamenguista”* – para alegria de vascaíno – com Luís Pimentel (2003); *“A Banda Polaca”* – Humor do imigrante no Brasil Meridional (2004); *“Curitiba: Melhores Defeitos, Piores Qualidades”* (2009); *“Serra Abaixo, Serra Acima: o Paraná de trás pra frente”* (2010).

Eleito para a Academia Paranaense de Letras, em julho de 2010, tomou posse em 29 de novembro do mesmo ano, no Teatro Paíol, sendo saudado por Ernani Buchmann. (EB)



CADEIRA Nº 2

PATRONO

Cândido Martins Lopes

(1803 - 1871)

FUNDADOR

Sebastião Paraná de Sá Sotto Maior

(1864 - 1938)

1º OCUPANTE

Francisco Ribeiro de **Azevedo Macedo**

(1872 - 1955)

2º OCUPANTE

Oswaldo Pilotto

(1901 - 1993)

3º OCUPANTE

Luiz **Romaguera Netto**

(1935 - 2005)

4º OCUPANTE

Ernani Buchmann

(1948 -)



CÂNDIDO LOPES

PATRONO

Nascido no Rio de Janeiro em 1803. Veio para Curitiba aos 50 anos de idade, trazendo da cidade fluminense de Niterói, próximo à estação das Barcas, a sua oficina tipográfica. Atendia assim ao convite do então presidente Zacharias de Góes e Vasconcelos, um dos mentores da criação da Província do Paraná e seu primeiro presidente.

Em Curitiba, instalou a sua Tipografia Paranaense na Rua das Flores, hoje Rua XV. A idéia prosperou para novo projeto: fazer circular o primeiro jornal paranaense. Contratado pelo governo, destinava-se inicialmente a publicar os atos oficiais da administração pública. Nasceu então o Dezenove de Dezembro, quase uma aventura, e, sem dúvida, uma temeridade para a época, pois a população a cujas necessidades de inteligência se propunha a servir, era na maior parte iletrada e desanimadoramente escassa, acomodando-se folgada em cerca de 300 casas.... Seu primeiro número, datado de 1º de abril de 1954, peça rara, encontra-se no Museu Paranaense. No começo, o jornal saía somente aos sábados, mesmo subvencionado pelo governo. O primeiro tropeço do órgão, porém, deu-se na administração do presidente José Francisco Cardoso, ao qual Cândido Lopes, curiosamente, fazia oposição. O jornalista foi demitido do cargo que ocupava e viu cortada a subvenção.

Depois de uma trajetória de altos e baixos, inclusive com sucessivas interrupções, o jornal voltou a circular na condição de diário, em meados de 1884. Cândido Lopes, todavia, não chegou a viver esse novo tempo, pois faleceu em 27 de dezembro de 1871. Seu filho, Jesuíno Lopes, é quem daria prosseguimento à empreitada. Embora tenha prestado inestimáveis serviços ao Paraná, o Dezenove de Dezembro não resistiu às dificuldades financeiras e parou de circular alguns meses após a Proclamação da República. Deixou de existir, mas sua morte não foi melancólica, foi heróica, e seu nome ficou para sempre gravado como parte integrante, não só da imprensa como da história do Paraná. Cândido Lopes escreveu apenas uma obra, *Biografia, ou Breve Notícia Sobre a Vida do Muito Humanitário Médico Dr. José Cândido da Silva Muricy*, em 80 páginas, editado no Rio em 1879, justamente no ano do falecimento do seu biografado.

Procurador interino da Tesouraria Provincial, juiz de Paz, delegado de polícia e vereador filiado ao Partido Liberal, ao fundar o Dezenove de Dezembro deixaria em suas páginas um manancial de informações que serviriam de fonte aos pesquisadores, tanto da área histórica como da literária e política. (TV)



SEBASTIÃO PARANÁ

FUNDADOR

Filho do Capitão Inácio de Sá Sotto Maior e neto do Coronel de Milícias do mesmo nome, nasceu em 19 de novembro de 1864, em Curitiba.

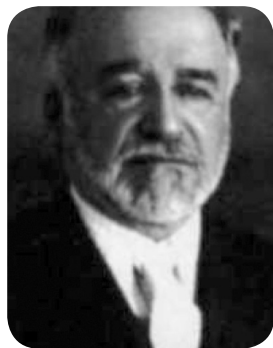
Bacharelou-se em Direito, no Rio de Janeiro. Em Curitiba, lecionou no Ginásio Paranaense, onde se tornou especializado publicista em temas de corografia.

Foi polivalente: professor, diretor do Ginásio Paranaense, da Biblioteca Pública e Museu Paranaense; juiz de Direito, deputado estadual e jornalista.

Quando concluiu o curso de Direito, alistou-se no Batalhão Benjamin Constant para combater a Armada, que se havia revoltado. Essa atuação valeu-lhe a patente de capitão honorário do Exército Nacional. Exerceu ainda os cargos de superintendente geral do ensino, agente auxiliar do Arquivo Nacional e diretor-geral da Secretaria de Estado do Interior e Justiça. Foi membro do Conselho Superior do Ensino Público no Paraná e catedrático da Universidade do Paraná.

Destacou-se pelos excelentes conhecimentos que possuía sobre Geografia e Corografia do Paraná e do Brasil. Escreveu obras de reconhecido valor, sempre procuradas pelos estudiosos, entre as quais: *Esboço Geográfico da Província do Paraná* (1889); *O Brasil e o Paraná* (1903), obra didática com 22 edições; *Guia do Comerciante* (1903); *Os Estados da República* (1913); *Galeria Paranaense* (1922); *Efemérides* (Revolução de 3 de outubro de 1930) e *Países da América*. Colaborou assiduamente na imprensa paranaense, publicando estudos e crônicas. Teve desempenho brilhante em todas iniciativas culturais, tornando-se figura indispensável nas tertúlias literárias ou nos duelos tribúnicos, graças à sua cultura e inteligência. Foi das figuras mais prestigiosas do seu tempo, tanto no ensino quanto na literatura e na política. Espírita de convicções, duas semanas antes de seu passamento deixou seu anel de rubi a Lauro Schleder, genro e mui dedicado amigo, dizendo que era uma “*simples lembrança, após o meu retorno ao planalto da eternidade*”.

Seu falecimento deu-se em 8 de março de 1938. (TV)



AZEVEDO MACEDO

1º OCUPANTE

Nasceu em Campo Largo, dia 5 de julho de 1872, filho de João Ribeiro de Macedo e Ana Maria de Azevedo Macedo. Fez o curso fundamental no Colégio Parthenon Paranaense, em Curitiba, e o preparatório no Ginásio

Paranaense. Matriculou-se então na Faculdade de Direito de São Paulo, onde obteve o grau de bacharel. Fundou e dirigiu, em 1894, o Instituto Curitibano.

Exerceu diversos cargos públicos: procurador fiscal do Estado, procurador-geral da Justiça, diretor da Instrução Pública, professor de português na Escola Normal e no Ginásio Paranaense. Catedrático de Economia Política e Finanças na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná e desembargador junto ao Tribunal de Justiça do Estado. Jurista de inteligência fulgurante, foi um dos autores dos códigos de processo criminal, civil e comercial. Sempre requisitado para oferecer pareceres nas questões judiciais da época. Colaborou com assiduidade na imprensa local, tanto com artigos literários quanto jurídicos e técnicos. Tornou-se colaborador de *A Idéia* (1888), da revista do Clube Curitibano, *Almanaque Paranaense*, *Diário do Paraná*, *A República*, *O Comércio*, *A Notícia*, *Diário da Tarde*, *O Dia* e *Sonetos Regionais*. Consta da sua bibliografia, entre outras obras: *Estudos de Direito* (1900), *Apontamentos Sobre o Ministério Público no Paraná* (1900), *Autonomia Municipal* (1908), *Codificação do Processo Criminal* (1909), *Cooperativas de Crédito de Consumo* (1913), *Código de Ensino* (1915), *Código de Posturas de Curitiba* (1918), *Organização Judiciária do Estado do Paraná* (1919), *Codificação de Processo Criminal* (1919) e *Projeto de Revisão dos Códigos de Processo Civil e Comercial* (1919).

Dedicou-se também à literatura, tanto em prosa quanto em verso. Dos seus sonetos, o mais conhecido intitula-se *De Curitiba a Paranaguá*.

Fundador do Centro de Letras do Paraná, espírita praticante, autor da belíssima obra *Conquista Pacífica de Guarapuava*, pai da sempre lembrada educadora Anete Macedo, faleceu, em Curitiba, no dia 12 de maio de 1955.

Muito feliz o acadêmico Pereira de Macedo quando, em discurso à memória do biografado, afirmou: *Ensinar foi o seu destino*. (TV)



OSVALDO PILOTTO

2º OCUPANTE

Filho de Egídio Pilotto e Luíza Selmer Pilotto. Nascido em Ponta Grossa, em 27 de janeiro de 1901, deteve três diplomas profissionais: o de professor, de engenheiro agrônomo e de engenheiro civil, formado respectivamente pela Escola

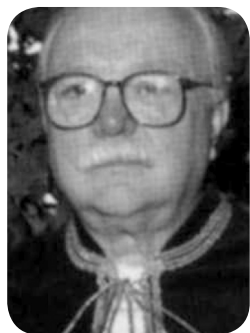
Normal, hoje Instituto de Educação, e pela Universidade Federal do Paraná. Dedicou-se inteiramente ao magistério. Professor e diretor do Instituto de Educação, catedrático da Universidade, lecionou várias disciplinas ao longo de uma profícua carreira. Dirigiu também a Escola de Belas Artes e a Biblioteca Pública, com igual vocação.

Membro de uma família de intelectuais, sempre se inclinou pelo estudo da história e da literatura, escrevendo em jornais e publicando ensaios e monografias. Dos mestres que souberam cultivar o amor paranista, procurou sempre destacar os valores locais, a prata de casa, num esforço de ampla solidariedade. Fez do magistério a sua razão existencial, até aposentar-se. Membro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, presidente do Conselho Regional de Técnicos de Administração, teve também intensa participação nos conselhos diretivos de instituições culturais.

Conferências e obras publicadas: *Cem Anos de Imprensa no Paraná*; *A Criação da Província do Paraná*; *Gabriel de Lara*; *Sinopse Histórica do Paraná*; *Júlia Wanderley*; *Notas e Achegas ao Catálogo de Jornais do Paraná*; *Paranaguá na Imprensa*; *Antônio Rebouças*; *A Imprensa do Paraná no Império*; *Ernesto Luís de Oliveira*; *João Rodrigues Becker e Silva*; *Rocha Pombo*; *Manoel Eufrásio Correia*; *Ação Urbanística em Curitiba da 5ª Comarca de São Paulo*; *Barão do Serro Azul e Plácido de Castro, o Libertador do Acre*. Sua obra sobre História ainda não é encontrada reunida inteiramente em livros, mas existe sobremaneira valiosa em esparsas publicações.

Sua vida, bem vivida desde a adolescência, marcou-se dessa devoção à ciência e à educação, à prática do bem e da amizade, da paz e da concórdia.

Faleceu em Curitiba em 29 de maio de 1993, tendo merecido justas homenagens póstumas, particularmente da Academia Paranaense de Letras. Ao ingressar na APL, em 27 de abril de 1967, foi saudado pelo acadêmico Raul Gomes. (TV)



ROMAGUERA NETTO

3º OCUPANTE

Curitibano de 26 de setembro de 1935, filho de Luiz Romaguera Filho e Eloyna Camargo Romaguera, fez seus estudos iniciais em Siqueira Campos e Palmeira, concluindo o segundo grau no Colégio Belmiro César, em Curitiba.

Bacharel em Direito pela UFPR, diplomado como técnico

em administração de empresas, foi, por muitos anos, advogado do Banco Nacional de Habitação. Como resultado de sua especialização, publica, em 1973, o trabalho *Classificação de Cargos na Administração de Recursos Humanos*.

Fazendeiro agropecuarista, dividiu sua paixão pela vida no campo com os segredos do automobilismo, algo raro na vida de um intelectual. Mais que tudo, porém, foi um pesquisador da vida e da História paranaense. O resultado de sua pesquisa se materializa nos livros *Gertrudes e o Padre Camargo, estudo genealógico* (1992); *Carambeí - Um Pouco de sua História* (1994); *Eloyna - A Música Eterna* (1995); *Curitibanos dos Campos Gerais, crônicas* (1996); *O Vau do Iapó* (2000); *O Amor Além da Sacristia* (2001) e *Erro Histórico e Outros Ensaios* (2002). Publicou ainda centenas de artigos em jornais e revistas paranaenses.

Seu último livro aborda a criação política do Paraná, tida por muitos historiadores como a emancipação da Quinta Comarca de São Paulo. Romaguera atenta para o que Luiz de Franca e Almeida já havia mostrado, em 1871: no ano anterior à emancipação, São Paulo havia alterado sua divisão judiciária, passando o Paraná a constituir a 10ª comarca, conforme lei estadual de 17 de julho de 1852. Depois, Adir Guimarães e, mais tarde, Júlio Moreira, abordaram o tema. Em vão. A versão oficial da quinta comarca manteve-se. Romaguera publicou seu último livro como um alerta a professores e às novas gerações, no sentido de corrigir a imperfeição histórica.

Foi também pesquisador das origens da nobreza paranaense, estudando brasões e os títulos nobiliárquicos concedidos.

Na Academia, fez parte da comissão de editoração da *Revista da Academia* e organizou o programa *Um Escritor na Biblioteca*, dirigido à juventude.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Centro de Letras do Paraná, Círculo de Estudos Bandeirantes e Associação dos Amigos do Arquivo Público do Estado do Paraná. Eleito para a Academia em 27 de fevereiro de 1996, tomou posse em 27 de agosto do mesmo ano, saudado pelo acadêmico Luiz Carlos Tourinho.

Luiz Romaguera Netto faleceu em Curitiba em 2 de setembro de 2004. (WB)



ERNANI BUCHMANN

4º OCUPANTE

Ernani Lopes Buchmann nasceu em Joinville (SC), em 15 de agosto de 1948, filho de Arino Brazil Cubas Buchmann e Lucília Lopes Buchmann. Courseou o primário no Grupo Escolar Germano Timm e o Curso de Admissão ao Ginásio no Colégio Bom Jesus, ambos em Joinville. Com a transferência da família para Curitiba, estudou no Colégio Santa Maria e no Colégio Estadual do Paraná, formando-se em Ciências Sociais. Componente da Turma 1967/1971 da Faculdade de Direito da UFPR, cumpriu o 2º ano na Faculdade de Direito do Recife, onde viveu algum tempo.

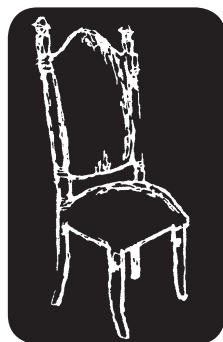
Foi repórter da Rádio Clube Paranaense, revisor da Editora Laudes (RJ) e cronista de inúmeros jornais e revistas, como Correio de Notícias, Folha de Londrina, Panorama, Quem, Atenção, Paraná & Cia., Idéias e Gazeta do Povo, para a qual escreveu, em 2004, com Carneiro Neto e Vinicius Coelho, a série Casos e Acasos do Futebol Paranaense, em 20 fascículos. Trabalhou como produtor e comentarista em emissoras de rádio (Cultura, 96 FM e 91 Rock) e na TV (RIC, Band e SBT/PR).

Iniciou carreira em publicidade em 1972, trabalhando no Rio de Janeiro, dirigindo, depois, diversas agências curitibanas, como Exclam, Master e Get Propaganda.

Foi diretor executivo da Fundação Cultural de Curitiba e membro dos conselhos de administração da Fundação Teatro Guaíra e do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Ex-professor da PUCPR e do Curso de Pós-Graduação em Marketing da ESIC, foi também coordenador e orientador na pós-graduação na Unicuritiba. Entre janeiro de 1996 e janeiro de 1998 exerceu a presidência do Paraná Clube, anos em que o clube foi tetra e pentacampeão paranaense.

Livros publicados: *Cidades e Chuteiras* (1987); *O Livro do Truco* (1996, 2ª edição 2007); *Os Heróis da Liberdade* (1999); *Quando o Futebol Andava de Trem* (2002, 2ª edição 2004); *Onde Me Doem os Ossos* (2003); *O Ponta Perna de Pau* (2005); *A Camisa de Ouro* (2006), *O Caçador de Moscas* (2007) e *O Bogart Curitibano* (2008). A sair, *Gladiadores de Fancaria*. A adaptação cinematográfica de seu livro *Os Heróis da Liberdade* foi exibida na Mostra Internacional de São Paulo, em 2007. Também foram publicados em livro dois de seus roteiros para cinema: *Sumiços Delirantes* e a edição, exclusiva para investidores, de *Sobre Touros e Homens*, ambos em 2011.

É membro do Instituto dos Advogados do Paraná, vice-presidente da Associação Comercial do Paraná e consultor de empresas. Recebeu o prêmio de Publicitário do Ano no Paraná, em 1992 e o de Publicitário dos 20 Anos do Prêmio Colunistas Paraná (1986/1996), além de outras homenagens. Foi eleito para a Academia em 24 de maio de 2005, recebido em sessão solene no dia 17 de outubro do mesmo ano, no Clube Curitibano, pelo acadêmico Carlos Roberto Antunes dos Santos. (VHJ)



CADEIRA Nº 3

PATRONO

Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá
(1827 - 1903)

FUNDADOR

Moysés Araújo Marcondes de Oliveira e Sá
(1859 - 1928)

1º OCUPANTE

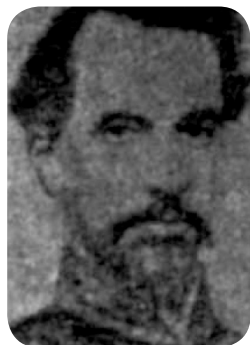
Flávio Carvalho **Guimarães**
(1891 - 1968)

2º OCUPANTE

Newton Isaac da Silva **Carneiro**
(1914 - 1987)

3º OCUPANTE

René Ariel **Dotti**
(1934 -)



JESUÍNO MARCONDES

PATRONO

Nasceu Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, em Palmeira, no dia 1º de junho de 1827. Era filho do alferes José Caetano de Oliveira, Barão de Tibagi, e de Querubina Rosa Marcondes e Sá.

Fez os preparatórios em São Paulo e formou-se pela Faculdade de Direito de Olinda, Pernambuco. Depois de rápida passagem por Curitiba e São Paulo, viajou para a Europa, onde se lhe alargou a experiência profissional. Ao retornar, engajou-se no movimento pela emancipação do Paraná. Criada a província, foi nomeado inspetor da instrução pública. Elegeu-se a seguir, deputado provincial. Exerceu, mais tarde, outros cargos públicos: procurador da tesouraria provincial; deputado geral; ministro da agricultura, comércio e obras públicas; vice-presidente e, em seguida, presidente da província. Foi dos mais atuantes e prestigiosos políticos do seu tempo. Tornou-se líder incontestado do Partido Liberal na Província, mantendo durante longos anos as rédeas do poder.

Agraciado com o título de Conselheiro, foi o último presidente da Província do Paraná no regime monárquico, pois com a proclamação da República viu-se em queda. Não criou transtornos aos republicanos, pois antes mesmo de 15 de novembro já vislumbrava transformações na política nacional, tendo orientado seus correligionários para não resistirem às mudanças. Desse modo, o processo de transição no Paraná foi pacífico.

Homem de grande cultura humanística, mesmo detendo a liderança da Província por largos anos, exercia contrafeito a política, cujo desempenho tinha o sentido da conciliação, sendo muitas vezes incompreendido. Duramente atacado pelos adversários, sua resposta se traduzia em serviços prestados.

Casou-se em Morretes com Domitila Alves de Araújo. Entre seus descendentes destacou-se Moysés Marcondes, seu filho, que lhe escreveu a biografia *Pai e Patrono*. Após deixar o governo, vitimado por grave enfermidade, foi à Suíça para tratamento de saúde. Sem obter resultados, faleceu em Genebra no dia 7 de outubro de 1903. (TV)



MOYSÉS MARCONDES

FUNDADOR

Filho de Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, último presidente da Província do Paraná no regime monárquico. Nasceu em Palmeira, no dia 2 de abril de 1859. Era neto do Barão de Tibagi, pertencente, portanto, à família das

mais ilustres do Estado. Fez seus estudos preliminares em Palmeira, prosseguindo-os no Colégio Mueller, em Curitiba. Transferiu-se, mais tarde, para o Seminário Episcopal de São Paulo.

Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Doutorou-se em Medicina pela Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, em 1881. Permaneceu, a seguir, na Europa especializando-se nas matérias pertinentes.

Depois de recusar-se a representar o Brasil no Congresso Internacional de Londres, em 1882, voltou ao Paraná. Tornou-se secretário da instrução pública no governo de Carlos de Carvalho. Manteve-se no cargo nos governos seguintes, de Oliveira Bello e Taunay. Tendo retornado à Europa para pesquisar nos arquivos portugueses conteúdos documentais relacionados à questão de limites com Santa Catarina, publicou *Documentos para a História do Paraná*. Outro livro de sua autoria, com bastante repercussão, foi *Pai e Patrono*, inspirado na vida de seu pai, Jesuíno Marcondes.

Pesquisador por excelência, dotado de grande cultura humanística, produziu outros documentos de fundo histórico, reconstituindo grande parte do passado paranaense. Graças a este trabalho, foi possível aos advogados da causa pendente na Questão do Contestado sustentar posições jurídicas sólidas, notadamente quanto ao *uti possidetis*. Subsídios de rara importância embora, saiba-se, ignorados à época pelo Supremo Tribunal Federal.

Foi crítico e historiador pertencente às mais importantes instituições culturais do país e do exterior. Sua faceta como poeta, ainda que pouco conhecida, materializou-se ao lançar *Telas do Paraná*, coletânea de poemas e sonetos que retrata céus e águas, usos e costumes, homens e coisas que constituíram nossa vida campeira original.

Faleceu no Rio de Janeiro em 15 de março de 1928. É considerado fundador da APL. (TV)

FLÁVIO GUIMARÃES

1º OCUPANTE



Filho de Flávio Teodorico Carneiro Guimarães e Balbina Carvalho Guimarães, nasceu em Ponta Grossa no dia 21 de abril de 1891. Fez os estudos fundamentais na cidade natal e o curso superior em São Paulo, na Faculdade de Direito, colando grau em 1916. Foi um dos primeiros

entusiastas do futebol em Ponta Grossa, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Desempenhou as funções de Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda do Paraná, membro do Conselho Administrativo e presidente da Caixa Econômica Federal. Sua atividade principal, porém, sempre foi a advocacia. Elegeu-se deputado federal em 1934 e, em seguida, a Assembléia Geral conferiu-lhe o mandato de senador. Com o golpe do Estado Novo, em 1937, fechado o Senado, voltou à sua banca de advogado e à assessoria jurídica de várias entidades de crédito. Redemocratizado o país, viu-se eleito à Assembléia Nacional Constituinte, em 1946.

Foi membro da Comissão de Constituição e Justiça encarregada de elaborar o anteprojeto da nova Constituição. Presidiu a Comissão de Família, Educação e Cultura, de Diplomacia e Relações Exteriores, a de Finanças, em substituição ao senador Getúlio Vargas, e a Mista, incumbida do regimento interno.

Reelegeu-se para a presidência da Comissão da Família, Educação e Cultura, dados os seus dotes intelectuais e profundo conhecimento das questões ligadas àquela área. Exerceu ainda fecunda atividade literária, membro que era do Centro de Letras e de outras instituições do gênero, sendo muito respeitado por seus pares pelas inerentes qualidades pessoais. Atuou intensamente na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Paraná, destacando-se por suas posições desassombradas na defesa das liberdades públicas.

Quando se afastou das atividades políticas e representativas, voltou a residir em Ponta Grossa, levando a vida de fazendeiro abastado que era. Conselheiro permanente da comunidade, ouvido em todas as circunstâncias cruciais da cidade, deixou marcas profundas de sabedoria. Faleceu em 10 de dezembro de 1968.

Ingressou na APL em 24 de abril de 1938, saudado pelo acadêmico Raul Gomes. (TV)

NEWTON CARNEIRO

2º OCUPANTE



Dos mais brilhantes homens públicos de sua geração, era filho do empresário de erva-mate David Carneiro. Nasceu em Curitiba no dia 18 de abril de 1914. Fez o curso fundamental no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade

de Direito da Universidade do Paraná. Dos mais atuantes políticos da antiga União Democrática Nacional, da qual foi presidente. Destacou-se pela erudição e oratória, numa linha de notável equilíbrio ético.

No governo de Bento Munhoz da Rocha Neto ocupou a Secretaria de Estado da Educação e Cultura (1950 a 1952). Em seguida, nomeado Secretário de Estado da Agricultura, coube-lhe a primazia de instalar as colônias de Entre-Rios e Castrolanda. Foi presidente da comissão de festejos do centenário do Paraná.

Eleito deputado federal em 1954, exerceu mandatos sucessivos até 1966, impondo-se no Congresso pela significativa inteligência e experiência dos temas do desenvolvimento brasileiro. Influiu bastante na formação da política florestal do país.

Como professor e diretor da Escola de Florestas da Universidade Federal do Paraná, cuidou do aperfeiçoamento do ensino e criou o Centro de Pesquisas Florestais, incentivando o reflorestamento e a preservação das áreas de mata virgem. Foi presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, quando aplicou conhecimentos na defesa da ecologia. Tomou parte, com destaque, em inúmeros congressos internacionais, pois falava fluentemente vários idiomas. Alcançou projeção nas letras, tendo sido presidente do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense.

Publicou diversos trabalhos como *O Paraná e a Caricatura* (1975); *A Arte Paranaense Antes de Andersen*; *Iconografia Paranaense*, além de outros. Agraciado com várias condecorações nacionais e estrangeiras, morreu em 16 de abril de 1987, vítima de acidente automobilístico na região dos Campos Gerais.

Tomou posse simbólica, *post-mortem*, por decisão de Assembléia Geral Extraordinária em 1991. (TV)



RENÉ DOTTI

3º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 15 de novembro de 1934, filho de Gabriel Dotti e Adelina Zulian Dotti. Formou-se pela Faculdade de Direito da UFPR, da qual é professor titular de Direito Penal. Com a obra *Proteção da Vida Privada e Liberdade de Informação*, classificou-se em 1º lugar no Concurso Nacional de Letras Jurídicas, promovido pela Secretaria da Justiça do Paraná e o jornal Gazeta do Povo, em 1978,

cujo prêmio (De Plácido e Silva) foi outorgado por Comissão presidida pelo Ministro do STF, Oswaldo Trigueiro, e da qual participaram, entre outros, o ex-ministro Seabra Fagundes, o jurista Miguel Reale e os mestres Washington de Barros Monteiro e Benjamin de Moraes Filho. Integrou o Conselho Diretor do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente. É vice-presidente da Associação Internacional do Direito Penal (com sede em Paris) e membro da Sociedade Mexicana de Criminologia. Ex-magistrado do TRE-PR.

É co-autor do projeto de reforma da Parte Geral do Código Penal brasileiro e também da Lei de Execução Penal do Brasil (Leis nº 7.209 e 7.210, de 11.07.1984) além de relator do anteprojeto da nova Lei de Imprensa.

Nomeado Secretário de Estado da Cultura (1987-1991), realizou obra de notável sensibilidade, dinamizando e modernizando a pasta. Após concluir sua ação pública, retornou à advocacia, notadamente no campo do Direito Penal.

Conselheiro Federal da OAB (2010-2012), foi agraciado com a Medalha Vieira Neto pela OAB/PR e com o título de Sócio Benemérito do Instituto dos Advogados do Paraná. Em 2007, por proposta do Deputado Osmar Serraglio, recebeu a Medalha Mérito Legislativo da Câmara dos Deputados, pela sua contribuição aos trabalhos de reforma do sistema penal, processual e penitenciário, em comissões do Ministério da Justiça, entre os anos de 1978 a 2000. Entre outros trabalhos, publicou: *Reforma Penal e Penitenciária; A Proteção Penal do Meio Ambiente; Bases Alternativas para o Sistema das Penas; Proteção da Vida Privada e Liberdade de Informação e Reforma Penal Brasileira, Casos Criminais Célebres e Curso de Direito Penal - Parte Geral, 3ª edição*. Na área literária tem colaborado em jornais e revistas com artigos, crônicas e contos. Durante o período universitário, dedicou-se ao teatro, participando ativamente. Daí o apoio que dispensou ao desenvolvimento das artes cênicas quando secretário da Cultura. Conferencista de nomeada, tem sido constantemente requisitado para expor conceitos acerca da ciência penal. Seu interesse pelo aperfeiçoamento do Direito reflete-se na copiosa produção intelectual que compõe sua bibliografia.

Assumiu sua cadeira na APL em 14 de setembro de 1992, saudado pelo acadêmico Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. (TV)

CADEIRA Nº 4

PATRONO

Dr. José Cândido **Muricy**

(1827 - 1879)

FUNDADOR

José Cândido da **Silva Muricy**

(1863 - 1943)

1º OCUPANTE

José Cândido de **Andrade Muricy**

(1895 - 1984)

2º OCUPANTE

Eduardo Rocha Virmond

(1929 -)



DR. MURICY

PATRONO

Nascido na cidade de Salvador (BA), em 31 de dezembro de 1827, era filho de Joaquim Inácio da Silva Pereira e Joana Francisca Pereira. Estudou Medicina na Bahia, formando-se em 1852. Submeteu-se a concurso para médico militar. Aprovado, chegou a Curitiba no dia 8 de

novembro de 1853, vésperas da instalação da nova Província.

Vacinador Profissional nomeado por Zacharias, seu renome ganhou espaços, aumentando sua clientela, especialmente a que *não tinha preocupação de pagamento*.

Em 1857 teve atuação desvelada durante uma epidemia de varíola em São José dos Pinhais. Dirigiu-se em seguida a Paranaguá para debelar a mesma ocorrência. Viu morrerem em seus braços companheiros médicos que lutavam contra a moléstia. Negou-se a receber indenização do governo a título de risco de vida. Tendo cumprido excelente curso universitário nas áreas de botânica e farmacologia, desenvolveu seus conhecimentos nestes dois ramos. Em 1858 engajou-se numa expedição militar a Mato Grosso, em operação preventiva, dados os indícios de invasão por forças paraguaias. Antes de partir, noivou com Iria Narcisa, filha do Major Vicente Ferreira da Luz. Retornou ao Paraná em 1859 para, então, casar-se. Seu conceito estava definitivamente consolidado como cirurgião do corpo médico do Exército. Deputado provincial eleito em 1863, teve seu mandato renovado no biênio seguinte. Integrou a delegação brasileira à Exposição de Córdoba (produtos provinciais), merecendo elogios pelos resultados obtidos. Em 1866 foi elevado à Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Projetou a construção do novo hospital fora do perímetro urbano. Por esse motivo foi muito criticado na ocasião. Hoje aquele novo hospital é a velha e conhecida Santa Casa, situada bem no centro da cidade.

Tornou-se oficial da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Publicou uma obra rara, *Notícia sobre a Província do Paraná*. Em 1872, o Imperador Guilherme I conferiu-lhe a Ordem da Coroa da Alemanha.

Dado o seu desprendimento profissional, foi considerado “O primeiro cidadão de Curitiba”. Em 1877, o presidente da Província Jesuíno Marcondes deu-lhe o nome ilustre a uma das colônias implantadas no primeiro planalto. Foi uma notável figura de seu tempo, das que deixam marcas luminosas.

Faleceu em Curitiba no dia 20 de março de 1879. (TV)



SILVA MURICY

FUNDADOR

Filho do Dr. Muricy, nasceu em Curitiba no dia 30 de julho de 1863. Fez os estudos primários nos seminários de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde cursou o antigo Colégio Vítório e o ginásio do Mosteiro de São Bento. Ingressou na Escola Militar em 1883, tendo participado no final do curso dos pródromos da Proclamação da República, sob a inspiração de Benjamin Constant.

Na manhã de 15 de novembro formou na célebre companhia de guerra composta somente de oficiais. Em 1892 realizou o primeiro levantamento topográfico dos Saltos do Iguaçu. Durante o período da revolução de 1893-94, tomou parte ativa e relevante ao lado das tropas legalistas, notadamente no combate de Tijucas onde, notabilizando-se como artilheiro, mereceu respeitadas referências do general inimigo Gumercindo Saraiva. Em 1895 foi eleito deputado ao Congresso Legislativo do Paraná, no qual atuou durante cinco legislaturas, até 1905, quando renunciou ao mandato. Treze anos depois, em 1918, foi reformado compulsoriamente, contando 36 anos de serviços prestados à Pátria. Mesmo assim, em 1928, o presidente do Estado Affonso Camargo nomeou-o comandante da Força Pública, cargo que exerceu até a Revolução de 30.

Fez parte de várias bancas examinadoras de concursos para cátedras do Ginásio Paranaense. Foi presidente do Jockey Clube do Paraná, fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e presidente do Centro Paranaense, este no Rio de Janeiro. Colaborou assiduamente sobre assuntos atinentes à pecuária, equitação, artilharia, bem como a respeito de pontos controversos da História Nacional nas revistas Acadêmica e do Clube Curitibano, e nos jornais A República, Diário da Tarde, Comércio do Paraná e Jornal do Comércio, este do Rio de Janeiro. Publicou, em edição da Imprensa Paranaense, em 1896, o trabalho *Foz do Iguaçu*. Dias após a sua morte, circulou o seu livro *Parada Morta*, com prefácio de Tasso da Silveira. Ainda de sua autoria: *A Revolução de Noventa e Três*; *A Proclamação da República* e *Viagem ao País dos Jesuítas*.

Os dois primeiros representam depoimentos pessoais e valiosos e a narração objetiva dos grandes fatos da época. *Viagem ao País dos Jesuítas* constitui ampla e viva descrição do extremo Oeste Paranaense, fruto de uma verdadeira bandeira empreendida em 1896 às ruínas de Vila Rica, na antiga República Teocrática de Guairá. Faleceu no Rio de Janeiro em 17 de junho de 1943. É considerado fundador da APL. (TV)



ANDRADE MURICY

1º OCUPANTE

Filho de José Cândido da Silva Muricy, nasceu em Curitiba no dia 4 de dezembro de 1895. Feitos os estudos básicos, transferiu-se, em 1916, para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Faculdade de Direito, na qual colou grau.

De 1923 a 1925 recolheu-se em Aresa, Suíça alemã, onde escreveu seu famoso romance *A Festa Inquieta*, indicativa da sua filiação ao movimento literário modernista, então incipiente. Ao retornar, exerceu a cátedra de Canto Orfeônico na Escola Superior do Comércio. Logo se engajou como crítico musical do *Jornal do Comércio*. Conferencista renomado, realizou em 1932 ciclo de conferências em curso de extensão universitária de história da música e estética musical. Dirigiu o Teatro Municipal e foi membro do Conselho Federal de Cultura. Sempre vinculado espiritualmente a Curitiba, empreendeu a publicação de obras de intelectuais paranaenses, entre os quais Emiliano Pernet e Nestor Victor. Divulgou nos centros maiores as letras locais, dando ênfase aos contemporâneos, cujo apoio tornou-se fundamental. Prefaciou a conhecida antologia *Letras Paranaenses*, de autoria de Felício Raitani Neto e Colombo de Sousa, em 1970. Uma das suas últimas publicações nitidamente araucarianas foi *O Símbolo à Sombra das Araucárias* (1976), em que retrata aspectos do desenvolvimento da cultura tingüi. A bibliografia deste mestre da crítica é vasta, séria e grandiosa, revelando o seu múltiplo talento, cultura e idoneidade como escritor e crítico literário.

Em 1979, doou sua valiosa biblioteca para a Fundação Cultural de Curitiba.

Além das obras já mencionadas, ainda publicou: *Sonata Pagã* (1913); *Literatura Nacionalista* (1922); *Silveira Netto* (1930); *A Nova Literatura Brasileira* (1936); *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* (1952); *Música Brasileira Contemporânea* (1952); *Caminho de Música* (1946 e 1953); *A Festa Inquieta*; *Partida para a Europa*.

Faleceu no Rio de Janeiro, dia 9 de junho de 1984. (TV)



EDUARDO ROCHA VIRMOND

3º OCUPANTE

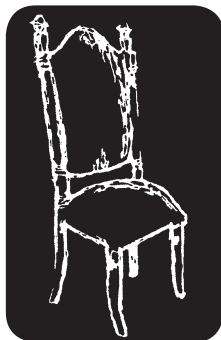
Filho de Eduardo Guimarães Virmond e Aracy Rocha Virmond, nasceu em Curitiba no dia 13 de janeiro de 1929. Após os estudos preliminares, em Ponta Grossa, Castro e no Rio de Janeiro, formou-se em ciências jurídicas pela Faculdade de Direito da UFPR, em 1952. Ganhou notoriedade nos meios acadêmicos e intelectuais pela rebeldia de temperamento e abordagem de temas explosivos ou proibidos, ainda que relativos a teatro, artes plásticas, música e literatura, em sua coluna diária *Letras e Artes*, na *Gazeta do Povo* e, depois, no *Diário do Paraná*. Atribui o amadurecimento de suas idéias, formação profissional e intelectual ao convívio do Café Belas Artes, ponto obrigatório de reuniões até a década de 50.

Tornou-se profissional do Direito dos mais atuantes, notadamente durante os regimes políticos discricionários. Presidiu os três órgãos mais importantes da sua classe: o Instituto de Direito Tributário do Paraná, o Instituto dos Advogados do Paraná e a Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Paraná. À frente desta última promoveu a VII Conferência Nacional da OAB, juntamente com Raymundo Faoro, em 1978, Curitiba, com a presença dos mais distinguidos juristas do País, destacando-se Pontes de Miranda, Victor Nunes Leal, Miguel Seabra Fagundes e outros. Essa Conferência contribuiu com papel fundamental para a abertura política do país, inclusive para a revogação do AI 5.

Tornou-se profissional do Direito dos mais atuantes, notadamente durante os regimes políticos discricionários. Presidiu os três órgãos mais importantes da sua classe: o Instituto de Direito Tributário do Paraná, o Instituto dos Advogados do Paraná e a Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Paraná. À frente desta última promoveu a VII Conferência Nacional da OAB, juntamente com Raymundo Faoro, em 1978, Curitiba, com a presença dos mais distinguidos juristas do País, destacando-se Pontes de Miranda, Victor Nunes Leal, Miguel Seabra Fagundes e outros. Essa Conferência contribuiu com papel fundamental para a abertura política do país, inclusive para a revogação do AI 5.

Lecionou Direito Romano na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pertence à Associação Brasileira de Críticos de Arte, da qual é membro honorário, ao Instituto Brasileiro de Filosofia, por convite de Miguel Reale, e é membro honorário da Aliança Francesa e do *British Council*. Recebeu a distinção e o diploma de Advogado Emérito do Instituto dos Advogados do Paraná. Foi Secretário de Estado da Cultura e da Justiça e da Cidadania do Paraná, ambos na década de 90. Em comemoração aos 30 anos da realização da VII Conferência Nacional dos Advogados, a APL publicou seu memorável discurso na abertura daquele evento, perante três mil juristas, sob o título *O Aperfeiçoamento do Arbítrio*. Também a seccional paranaense da Ordem dos Advogados saudou a data, em sua IV Conferência Estadual, ocasião em que proferiu o discurso *Rumo ao Estado Policial*, publicado pela própria OAB/PR. Dele, a APL publicou também os discursos de posse na Cadeira nº 4 e na presidência *Ser ou não ser*, e o ensaio *Escrever – Como o Código Civil*. Da Ordem dos Advogados recebeu a Medalha José Rodrigues Vieira Netto, em 2009, quando pronunciou o discurso *Trem das Onze*.

Foi eleito presidente da APL para o biênio 2011-2012, empossado em sessão solene no Instituto dos Advogados do Paraná em 16 de dezembro de 2010. Tomou posse na Academia em 22 de setembro de 1994, recebido pela acadêmica Helena Kolody. (TV)



CADEIRA Nº 5

PATRONO

Fernando Amaro de Miranda
(1831 - 1857)

FUNDADOR

Manoel de Azevedo da **Silveira Netto**
(1872 - 1942)

1º OCUPANTE

Tasso Azevedo da Silveira
(1895 - 1968)

2º OCUPANTE

Leopoldo Scherner
(1919 - 2011)



FERNANDO AMARO

PATRONO

Filho de Antônio Dionízio de Miranda e de Ana Rosa de Miranda, nasceu em Paranaguá no dia 24 de junho de 1831. De profissão, foi guarda-livros. Cronologicamente, é considerado o primeiro poeta paranaense, dos principais representantes do Romantismo. Passou a maior parte da vida na cidade de Morretes. Teve infância triste. Do pai não herdara nem nome nem fortuna.

Dedicou-se ao comércio, confiante na prosperidade pessoal. Dotado de rara sensibilidade, mesmo no meio acanhado em que vivia foi-lhe possível desenvolver os dotes poéticos. Seus versos, impregnados de melancolia, revelavam uma alma sofrida e inconformada. Segundo Maria Nicolas em *Vultos Paranaenses*, era excelente seu talho da letra. Os versos são rebuscados do mesmo tom romântico, da mesma tristeza dolente que caracterizavam as composições rimadas de Casemiro de Abreu e Fagundes Varela. Um exemplo: *As mágoas que rebentaram / Que tão cruéis me roubaram / A cor e o brilho do rosto / Bem ocultá-las quisera / De quem pior que uma fera / Se ri de alheio desgosto.*

Não conseguiu vãos mais altos no firmamento poético em face da idade, do meio e da época em que viveu, praticamente sem recursos para publicar seus trabalhos. Recorreu, todavia, aos jornais e revistas para levar ao público os frutos de seu talento criativo. Escreveu também peças teatrais, dramas que infelizmente acabaram por extraviar-se, entre as quais *Ialmar*, *Triunfo dos Agredidos* e *Alboim*. Suas colaborações são encontradas nos seguintes órgãos: Dezenove de Dezembro, Almanaque Paranaense, Almanaque da Câmara Municipal de Paranaguá, O Sapo, O Itiberê, Álbum do Paraná e Sonetos Paranaenses.

Seu único livro, publicado *post-mortem*, é de 1901, sob o título *Versos*, pela Editora Sapo. Tentou em vida publicar *Pulsações de MinhAlma*, mas em vão.

Faleceu em Morretes, dia 16 de novembro de 1857. (TV)



SILVEIRA NETTO

FUNDADOR

Nasceu em Morretes, no dia 4 de novembro de 1872. Jornalista maçom, anticlerical e de idéias socialistas, foi fortemente influenciado por seu pai, tanoeiro e líder operário. Iniciado na profissão paterna originária do avô — tanoaria é igual a tonelaria, que, por sua vez,

significa oficina em que se fabrica tonéis, barricas ou pipas — muito cedo mostrou tendência para as artes, o que o conduziria a Curitiba e ao Ginásio Paranaense, onde não esquentou assento por advirem problemas com o diretor de instrução. Foi trabalhar, então com Narciso Filgueiras na Litografia do Comércio, e, paralelamente, instruir-se com Mariano de Lima e Alfredo Andersen. Tais ensinamentos, pelo apuro gráfico, vieram a aparecer em algumas revistas por ele dirigidas, em especial a revista simbolista *Pallium*, do fim do século 19. Orador primoroso, jornalista e poeta de visão própria e extremamente característica, legou o talento ao filho, Tasso da Silveira. Este, mais tarde, diria a respeito do livro *Luar de inverno*, de seu pai, ser ele *uma espécie de exegeta das ruínas da solidão e da morte, do silêncio e do mistério*. Teve publicados: *Pela consciência*; *Luar de inverno* — duas edições, 1900 e 1927; *Antônio Nobre*; *Fernando Amaro*; *Brasílio Itiberê*; *De Guaíra aos Saltos do Iguaçu* — duas edições, em 1914 e 1939; *Ronda crepuscular*; *Cruz e Souza*; *O bandeirante*; *Sonho de Ceres*; *Palavra de Hoje*; *Paraná*; *Margens do Nhundiaquara* e *Conferências*.

Silveira Netto foi dos mais expressivos poetas de sua época e de grande importância para a história do pensamento paranaense, embora seja injustamente esquecido em antologias de menor porte.

A qualidade de sua emoção impressionou o crítico paranaense Andrade Muricy que, de Silveira Netto, pintou um irretocável retrato em seus estudos sobre o Simbolismo. Foi eleito, em iniciativa liderada pela Gazeta do Povo, em 7 de setembro de 1922, Príncipe dos Poetas Paranaenses.

Faleceu no Rio de Janeiro em 9 de dezembro de 1942. (VHJ)



TASSO DA SILVEIRA

1º OCUPANTE

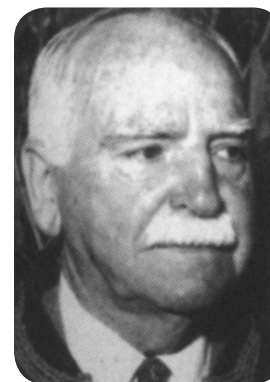
Nasceu em Curitiba no dia 11 de março de 1895, filho de Silveira Netto. Foi aluno de Emiliano Perneta e Dario Vellozo, expressivos e marcantes representantes do Simbolismo no Brasil. Tasso, curiosamente, afirmou-se no Paraná participando, no Rio de Janeiro, de uma das principais correntes do Modernismo, a espiritualista — o grupo Festa. Como ensaísta e poeta, iniciou-se em Curitiba fundando, em 1911, com Andrade Muricy, Martins Gomes e Lacerda Pinto, a revista Fanal. Divergiu, no Paraná, do grupo liderado por Euclides Bandeira, bem como, já no Rio de Janeiro, dos renovadores paulistas, embora tivesse participado ativamente da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922.

Estabelecendo-se definitivamente no Rio, passou a lecionar português em diversas escolas, culminando com o currículo universitário obtido por intermédio das cátedras de Literatura Portuguesa na PUCRJ e Literatura Comparada e Introdução à Cultura Artística no Instituto Santa Úrsula.

Autor versátil, fora a ocupação principal na docência universitária, desdobra-se no romance, na poesia, no ensaio, na crítica literária, e como jornalista e tradutor. Toda sua obra, que pode ser considerada vasta, foi publicada no Rio de Janeiro.

Alguns títulos: *Fio D'água*; *A Alma Heróica dos Homens*; *Alegorias do Homem Novo*; *As Imagens Acesas*; *Canto do Cristo do Corcovado*; *Discurso ao Povo Infiel*; *O Canto Absoluto*; *Alegria do Mundo*; *Cantos do Campo de Batalha*; *Contemplação do Eterno*; *Canções a Curitiba*; *Puro Canto* e *Poemas de Antes*. E ainda os importantes ensaios: *Jackson de Figueiredo*; *Romain Roland*; *Dario Vellozo*; *Gandhi*; *Cruz e Souza*; e *Definição do Modernismo Brasileiro*. Publicou também os romances *Só Tu Voltarás* e *Silêncio*. Faleceu no Rio de Janeiro em 3 de dezembro de 1968.

Tomou posse da Cadeira nº 5 em 1947 e foi saudado por Manoel Lacerda Pinto. (VHJ)



LEOPOLDO SCHERNER

2º OCUPANTE

Filho de Paulo Scherner e Maria Corona Scherner, nasceu em São José dos Pinhais, no dia 22 de julho de 1919. Fez os primeiros estudos em São José dos Pinhais, no Colégio da Divina Providência. Graduiu-se em Letras Neolatinas pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde foi aluno de Manuel Bandeira, do que muito se orgulhava. Casado, de volta ao Paraná, formou-se em Direito. Concluído o curso de Direito, tendo anterior-

mente concluído o de Letras Neolatinas, não se submeteu ao encanto das arcadas, preferindo a Língua Portuguesa, a Filologia e a diversificação no campo da Literatura, com manifesta vocação para o magistério, protagonizando eventos pioneiros na Educação e na Cultura. Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que, depois, evoluiu para Universidade Católica do Paraná, e da Faculdade de Administração e Economia de Curitiba. Foi professor de Português, Filologia e Literatura Portuguesa e membro do Conselho Estadual de Cultura.

Também diretor-geral do câmpus de São José dos Pinhais, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, exercendo, concomitantemente, o decanato do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais.

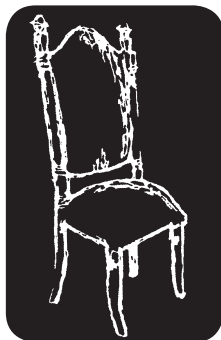
Manteve sempre ações de vanguarda nos movimentos culturais, sendo conhecido como o introdutor de Fernando Pessoa no Paraná. Poeta da nostalgia e da pureza original, conforme a definição do poeta e crítico Reinoldo Atem, identificou-se com Manuel Bandeira. Impregnou-se da poesia renovadora que alimentou o movimento modernista de 1922. E, a exemplo do mestre, mesmo aposentado, jamais interrompeu a atividade literária. Escritor e crítico, debruçou-se sobre a vida de Luís de Camões, cuja genialidade exaltou em atraente livro paradigmático.

Foi distinguido com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique pelo governo português e obteve o primeiro lugar com o trabalho *Literatura, Elemento de Integração*, em seminário, em Évora, Portugal, onde a obra foi publicada.

Encontra-se entre os fundadores do Centro de Estudos Portugueses da PUCPR. Vate e prosador de méritos indiscutíveis, sua produção ficcional e poética é diversificada e abrangente. Entre outras obras, sua bibliografia registra: *Clássicos da Juventude*, 8 vols., prosa; *O Dia Anterior ao Primeiro Dia da Criação*, poesia.

Foi recepcionado pelo acadêmico Vasco Taborda Ribas, em 28 de setembro de 1976.

Faleceu em São José dos Pinhais em 27 de janeiro de 2011. (TV)



CADEIRA Nº 6

PATRONO

Senador Manoel Francisco Correia Neto
(1831 - 1905)

FUNDADOR

Nestor Victor dos Santos
(1868 - 1932)

1º OCUPANTE

Ulysses Falcão Vieira
(1885 - 1942)

2º OCUPANTE

Ernani Guarita Cartaxo
(1900 - 1967)

3º OCUPANTE

Francisco Raitani
(1897 - 1971)

4º OCUPANTE

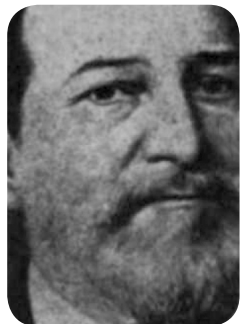
Felício Raitani Neto
(1917 - 2000)

5º OCUPANTE

Harley Clóvis Stocchero
(1926 - 2005)

6º OCUPANTE

Oriovisto Guimarães
(1945 -)



SENADOR CORREIA

PATRONO

Nasceu em Paranaguá no dia 1º de novembro de 1831. Era filho do comendador Manoel Francisco Correia, o Moço, e de Francisca Antônia da Costa Pereira, esta filha do último capitão-mor de Paranaguá, Manoel Antônio Pereira. Estudou no famoso e notável Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Formou-se em Direito no ano de 1853.

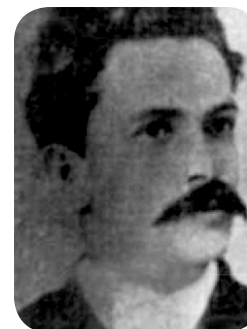
Em 1862, foi nomeado, pelo Marquês de Olinda, presidente da Província de Pernambuco. Foi um dos mentores da Lei do Ventre Livre.

Quando esteve no Ministério dos Estrangeiros, contrariando as convicções do plenipotenciário argentino, general Bartolomeu Mitre, evitou estremecimentos entre os dois países, sendo citado por Mitre como pessoa de alto relevo da política brasileira.

Fundou a Associação Protetora da Instrução e instalou a primeira Escola Normal do Brasil no dia 25 de março de 1874.

Eleito deputado geral pelo Paraná, em 1877, aos quarenta e seis anos de idade, continuou sua luta contra o analfabetismo e fundou outras instituições culturais, entre elas a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e a Associação Mantenedora do Museu Escolar. Em 1883, atingiu o mais alto posto destinado a um político: o de Conselheiro do Estado. Ocupou por treze anos o cargo de vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Presidiu também o Banco do Brasil e o Lóide Brasileiro. Teve muitos méritos, inclusive o de um grande orador. Foi fraterno amigo de Dom Pedro II e muito lhe custou os últimos momentos do Imperador no Brasil. Por ter sido impedido pela guarda republicana de entrar na Quinta da Boa Vista, refugiou-se atrás de uma árvore e chorou copiosamente, sem oportunidade de dizer adeus à Família Imperial.

Mas, não conseguindo ficar distante de suas funções públicas, aderiu à República, assumindo a presidência do Tribunal de Contas, cargo que ocupava ao falecer em 5 de julho de 1905. A princesa Isabel, quando esteve no Paraná em 1885, referiu-se diversas vezes, em seu diário, ao Senador Correia, que, pelo seu modo alegre e inteligente de ver as coisas, fora um grande cicerone da princesa em sua augusta estada. (WB)



NESTOR VICTOR

FUNDADOR

Nasceu em Paranaguá em 12 de abril de 1868. Após os estudos primários em sua terra natal, matriculou-se no Instituto Paranaense, quando se envolveu com uma geração brilhante de jovens intelectuais, dela sobressaindo-se Emiliano Pernetta, Dario Velloso e Silveira Netto. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde frequentou o Externato João

de Deus e conheceu Cruz e Souza. Ao retornar ao Paraná, assumiu a direção do Diário do Paraná, para retornar, em 1891, definitivamente, para o Rio.

Casou-se, ainda muito jovem, com Catarina, que lhe daria oito filhos.

Por ocasião da Revolta da Armada revelou-se florianista ardoroso. Como resultado, recebeu a nomeação para o cargo de Vice-Diretor do Internato do Ginásio Nacional, nele exercendo também o magistério. Tornou-se amigo de Sílvio Romero, João Ribeiro e, principalmente, de Cruz e Souza. O falecimento deste poeta catarinense, em março de 1898, deixou Nestor muito abalado, a ponto de publicar, no ano seguinte, um estudo biográfico sobre o chamado Cisne Negro da poesia simbolista.

Em 1901, morando em Paris, além de correspondente dos jornais O País e Correio Paulistano, foi responsável pela instrução dos filhos do Barão do Rio Branco. Elaborou também versões e revisões para a Livraria Garnier, lançando, ainda, seu único livro de poesias, *Transfigurações*, considerado a melhor produção poética do ano.

Ao voltar ao Brasil, em 1905, passou a fazer crítica literária com o pseudônimo de Nunes Vidal. Traduziu suas impressões de brasileiro sobre a capital francesa no livro *Paris*, com duas edições e de grande repercussão nacional. Em 1914, ajudou a fundar, com Rui Barbosa e José Veríssimo, a Liga Brasileira pelos Aliados.

Deputado estadual por duas vezes, colaborador do jornal carioca Correio da Manhã, crítico literário festejado e respeitado de O Globo, tradutor de *La Sagesse et la Destinée*, de Maeterlinck, cujo primeiro exemplar traduzido entregou pessoalmente ao autor. O novelista, romancista, conferencista Nestor Victor faleceu no Rio em 13 de outubro de 1932. Deixou outros livros, como *A Terra do Futuro* (1913), *Três Romancistas do Norte* (1915), *Folhas que Ficam* (1920), *Cartas à Gente Nova* (1924), *Os de Hoje* (1938), *Diário do Amor* (prosa), *A Solteirona* (romance) e *Os Bobos* (poema dramático). (WB)



ULYSSES VIEIRA

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 31 de março de 1885. Seu pai desejava que se dedicasse à carreira militar e, de 1900 a 1905, atendeu aos anseios paternos. Entretanto, revelou-se não muito à vontade no Exército e, em 1906, foi desligado. Acerca disto, em tom de brincadeira, dizia-se que

esta era uma história digna de figurar nos anais como a do militar que engajou por engano! Foi aluno do Ginásio Paranaense. Com 23 anos de idade Ulysses Vieira discursou perante a colônia paranaense estabelecida no Rio de Janeiro, onde freqüentava a Faculdade de Direito. Na platéia, encontravam-se Leôncio Correia e Ernesto de Oliveira que ouviram-no discorrer sobre a data de 19 de dezembro, Dia do Paraná.

Foi um articulista excepcional. Do Rio, encaminhava seus artigos para a imprensa curitibana, onde faziam expressivo sucesso.

Promotor Público em Rio Negro, em 1912; Delegado de Polícia, em Curitiba, no mesmo ano, e deputado ao Congresso Estadual em 1914. Foi uma personalidade combativa. Esteve presente em todos os casos de repercussão durante sua atividade política, mas a oligarquia dominante em 1918 o derrotou.

Foi diretor-proprietário do Diário da Tarde. Para redigi-lo, contava com os cronistas Dídio Costa e Rodrigo Júnior.

Leccionou Direito Penal na Universidade do Paraná e passou a substituir todos os demais companheiros profissionais em seus impedimentos, *não pelos conhecimentos ecléticos que porventura possuísse* - como afirmava seu filho Ruy Vieira, professor de História - *mas pela facilidade de expressão que lhe era inata*.

Fez parte da comissão que elaborou o anteprojeto da Constituição do Paraná, assinando-a posteriormente na qualidade de suplente, em 1935. Em 1936 fundou, como primeira voz, a Academia Paranaense de Letras.

Faleceu aos 57 anos, em Curitiba, no dia 17 de junho de 1942. Ulysses não sobreviveu ao Estado Novo que lhe cassara o mandato de deputado em 1937.

O erudito e feraz orador deixava para a posteridade, curiosamente, além de um legado beletrista verbal, as lições de liderança e organização que marcariam sua incontestável imortalidade. Em 1992 faleceu sua filha, Cecília (Yayá) Alvares Vieira, deixando seus bens, por testamento, a duas instituições: Federação Espírita do Paraná e Academia Paranaense de Letras, cabendo a esta um piano de fabricação alemã e dois armários de madeira contendo alguns milhares de livros oriundos de sua biblioteca. (VHJ)



ERNANI CARTAXO

2º OCUPANTE

Nasceu em João Pessoa (PB) em 31 de agosto de 1900. Veio com a família para o Paraná com menos de dois anos de idade. Aqui fez o curso de Humanidades e formou-se pela Faculdade de Direito, da qual seria mais tarde professor e diretor. Melhor aluno da sua turma, foi premiado com o cargo de Procurador da Prefeitura Municipal. Curiosamente,

não assumiu. Atraiu-o o Ministério Público. Foi nomeado, então, para a Comarca de Campo Largo e depois para a de Guarapuava. Resolveu, depois, tentar a Magistratura. Após concurso, julgou em Guarapuava, Lapa e Curitiba, culminando com sua nomeação para a desembargadoria em 1949. Em 1942 ingressara, também por meio de concurso, na livre docência da cadeira de Direito Romano da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, assumindo, posteriormente, sua cátedra.

Jurista, educador, poeta e jornalista. Dele disse o professor e acadêmico Manoel de Oliveira Franco Sobrinho: *Foi um espírito de formação tranqüila, sem lutas contra si mesmo, sem lutas contra o meio ambiente, sem lutas contra as idéias. Não admirava a vida em si, mas o sentido que dela defluía. Deixou nos seus escritos uma afirmação pura de intelectualismo honesto. Vida que foi vivida na intensidade do pensamento criador.*

Bem poucos sabem dos seus predicados poéticos, pois sua notoriedade avultou mais na ciência jurídica. Mas escreveu sonetos inspirados. *Derradeiro Esforço* é um deles, sob a influência de Junqueira Freire: *Luto... e mais sinto angústia da impotência / Cho-ro... e a derrota mais amarga sinto... / E presente na vida em quase ausência, / Vivo sem sensação, sonho-me extinto... / A alma, entanto, vigia. Ela é o recinto / Em que a vida resiste; o medo vence-a... / E não mais vibro às explosões do instinto, / Nem vivo mais à luz da consciência...*

Conferencista de nomeada abordou também temas históricos, tais como *Episódio da Inconfidência*; *Lição do 7 de Setembro* e *Obra Taumatúrgica de Caxias*. Deixou diversas obras jurídicas, entre as quais *Fontes Romanas da Legitimação*; *As Pessoas Jurídicas em Suas Origens Romanas*; *Novos Rumos à Didática dos Cursos Jurídicos*, entre outros. Faleceu em Curitiba, em 16 de novembro de 1967. (TV)



FRANCISCO RAITANI

3º OCUPANTE

Nasceu na cidade de Rio Grande (RS) no dia 23 de setembro de 1897. Filho de Felício Raitani e Vicência Comena Raitani, fez o curso básico em Curitiba, cidade na qual se enraizou pois a ela chegara aos cinco anos de idade. Exerceu, primordialmente, o magistério, níveis secundário e

superior. No Instituto de Educação dedicou-se à disciplina de História Geral e do Brasil; na Faculdade de Ciências Econômicas lecionou Prática Jurídica e na Faculdade de Direito tornou-se auxiliar de ensino de Direito Civil, Comercial e do Trabalho.

Jornalista nos idos de 1950, exerceu as funções de redator-chefe do jornal O Dia e, na Gazeta do Povo, manteve durante longo tempo uma coluna intitulada Gazeta Jurídica. No jornal Mundo-Espírita exerceu as funções de redator-chefe, escrevendo, ao mesmo tempo, a coluna Nossa Crônica.

Foi nomeado, em 1924, auxiliar da Procuradoria Fiscal da Prefeitura Municipal de Curitiba. Em seguida, delegado de polícia de Costumes. Advogado do Estado, atingiu o ápice da carreira no cargo de subconsultor do Quadro da Consultoria Geral do Estado. Foi um dos fundadores da Associação dos Servidores Públicos do Paraná. A Associação dos Magistrados do Paraná concedeu-lhe o primeiro título de Sócio Honorário. Manteve constante atividade intelectual. Sua obra máxima, em dois volumes, *Prática de Processo Civil*, publicada pela Editora Saraiva (e que já completou o cinquentenário, desde a primeira edição) vem sendo atualizada ano a ano por seus descendentes, recebida sempre com a maior atenção pelos estudantes e profissionais de Direito.

Tornou-se figura notável nas letras jurídicas. Viveu na modéstia, como advogado e professor, jamais se deixando embair pelas ambições materiais. Bastante conhecido pela obra realizada, recebeu ainda em vida muitas homenagens de reconhecimento. Vale transcrever aqui o conceito que dele tinha o mestre Enéas Marques dos Santos: *Os que estudam a ciência jurídica, os que ensinam e os que labutam na vida forense, juízes e advogados, encontraram nos livros do Professor Raitani os mais luminosos caminhos para elucidação e para soluções as mais acertadas.*

Faleceu em Curitiba no dia 13 de maio de 1971, sem tempo de tomar posse na APL. (TV)



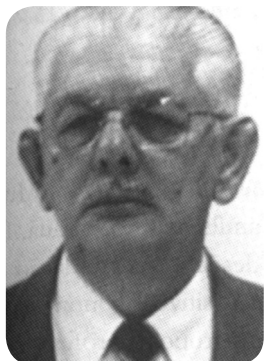
FELÍCIO RAITANI NETO

4º OCUPANTE

Nasceu em Cerro Azul no dia 20 de novembro de 1917, filho do jurista Francisco Raitani e Alzira de Brito Raitani. Fez o curso fundamental em Curitiba e formou-se em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Licenciado em Filosofia, lecionou Direito Financeiro e Finanças na Faculdade de Direito de Curitiba e Filosofia no Colégio Estadual do Paraná. Sua primeira obra publicada, *Lendas e Crendices da Infância*, em três edições (1944, 1978 e 1986) narra acontecimentos, trabalhos e fantasias da meninice. Traduz o seu pensamento em estilo agradável e filosófico. Foi estréia excelente, segundo a opinião de Jayme Ballão Júnior, renunciando a inclinação do autor pelo gênero das histórias.

Publicou, a seguir, *Conversa de Passarinho*, em duas edições (1952 e 1986), crônicas e contos. E sucessivamente, *Estórias com Amor*, 1969; *Longe, Longe*, contos, 1980; *Erótica*, contos, 1985; *Prática do Processo Civil*, revisão e atualização da obra de seu pai (colaboração de Carlos Raitani e Milton de Oliveira Condessa); mais recentemente, *O Beijo e Mais Estórias com Amor*, contos, 1991. E *Letras Paranaenses*, com edições datadas de 1970 e de 1971, em colaboração com Colombo de Sousa, introdução de Andrade Muricy, antologia reunindo 68 escritores. Esta obra continua sendo de consulta obrigatória aos que se interessam pela cultura paranaense. Dedicou maior parte de sua vida ao magistério, em cujas funções se aposentou, após ensinar várias gerações. Afeito à literatura, fez do conto o seu instrumento criativo, em cujo estilo simples e fluente lampeja o talento.

Foi dos responsáveis pelo movimento de revitalização do Centro de Letras do Paraná, em 1988, ocupando a presidência do órgão por dois anos consecutivos. Eleito, em seguida, para a presidência da Academia Paranaense de Letras, deixou nesta, igualmente, marcas de operosidade. Toda sua obra, como escritor, é um trabalho límpido, claro, honesto, transparente e puro na expressão do sentimento e do pensamento. Faleceu no dia 18 de abril de 2000. Saudou-o na solenidade de posse em 13 de outubro de 1979 o acadêmico Leopoldo Scherner. (TV)



HARLEY STOCCHERO

5º OCUPANTE

Natural da Vila Tamandaré, hoje cidade de Almirante Tamandaré, nasceu em 22 de outubro de 1926, filho de Bôrtolo Ferreira Stocchero e Hercília de Oliveira Stocchero. Fez curso de Humanidades na escola local, passando em seguida pelos colégios Novo Ateneu e Iguaçu, em Curitiba, e Barão de Antonina, em Mafra (SC).

Nomeado em 1945 para a Inspetoria Regional de Estatística no Paraná, retornou depois aos estudos, formando-se Técnico em Contabilidade e professor secundarista. Em 1975, concluiu o curso de Direito pela PUCPR.

Possuía formação artística, com diplomas em Desenho e Artes Plásticas pela Escola de Música e Belas Artes de Santa Cecília, de Curitiba. Participou também de cursos de gravura (xilogravura e linóleo) nas oficinas do Solar do Barão, mantido pela Fundação Cultural de Curitiba. No campo literário, embora com antecedentes criativos na Revista Tingüi, produção de contos, estudo histórico e premiação em concurso na cidade de Apucarana, somente em 1983 passou a se dedicar mais intensamente à atividade cultural, após prêmio em concurso promovido pela Academia de Letras José de Alencar. Exerceu a presidência do Centro de Letras do Paraná, no período 1986-1987 e foi membro da Sala do Poeta, União Brasileira dos Trovadores e Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

Em 1985, foi eleito para a Academia Sul-Brasileira de Letras do Rio Grande do Sul, com sede em Pelotas (RS).

Deixou vasta coleção de diplomas e condecorações. Entre suas obras, destacam-se: *Ermida Pobre*, *Os Dois Mundos*, *O Pousio dos Guaraípos*, *Recordações de Clevelândia*, *Andanças na Terra Tingüi*, *Seleção Poética* e *Novas Cantigas*.

Assumiu a cadeira nº 6 da Academia Paranaense de Letras no dia 30 de maio de 2001, recebido pelo acadêmico Apollo Taborda França.

Faleceu em Curitiba em 23 de março de 2005. (TV)



ORIOVISTO GUIMARÃES

6º OCUPANTE

Oriovisto Guimarães nasceu em Batatais (SP), em 1945. Mudou-se aos três anos de idade com a família para o Paraná. É diretor-presidente do Grupo Positivo, desde a sua fundação, e foi também o primeiro Reitor da Universidade Positivo.

Economista e professor de matemática, foi líder do grupo de professores paranaenses que, em 1972, criou e sistematizou uma metodologia própria de ensino, hoje presente na sala de aula de quase 1 milhão de alunos no Brasil e exterior. Um grupo de empreendedores no campo do saber: além de terem criado um conteúdo pedagógico único, eles mesmos o transformaram em livros e o usaram para levar conhecimento a milhares de alunos.

Ao lado de seus companheiros, Oriovisto Guimarães fundou em 1972, o Curso Positivo, que ao longo dos anos conseguiu transformar uma pequena sala de aula na maior corporação de educação do país. Hoje o Grupo Positivo conta com mais de 4.000 colaboradores e atua no Brasil e Estados Unidos, além de países da Ásia, América do Sul, África, Europa e Oriente Médio. Reúne empresas líderes nacionais nos três segmentos em que atua: educacional, gráfico-editorial e informática.

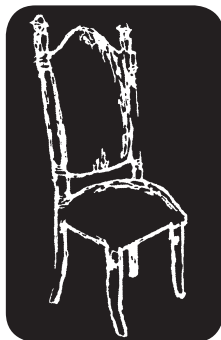
Na área educacional, os produtos do Grupo Positivo chegam diretamente à sala de aula de milhões de alunos, da educação infantil ao ensino superior. Conta com escolas próprias e uma Universidade, com 14.000 alunos, além de uma rede de escolas públicas que adotam seus sistemas de ensino.

O Grupo Positivo, também, mantém cinco portais de Internet adotados por instituições públicas e particulares, desde a educação infantil até o ensino superior. A editora do grupo possui em seu portfólio o *Dicionário Aurélio*, entre centenas de outras obras. O Grupo Positivo conta ainda com a maior gráfica da América Latina e vem consolidando sua posição na área tecnológica com a Positivo Informática, empresa líder na venda de computadores, além de ser referência em tecnologia educacional com produtos exclusivos, como as mesas educacionais.

É autor do Livro *Você é o Dono da Escola* (1990) e de várias coleções de livros didáticos de matemática, além de tradução de *Como Sair da Crise*, de Luiz Pazos (1993). Colaborador assíduo de jornais e revistas paranaenses e nacionais. Foi o responsável pela aquisição da biblioteca do diplomata, ministro e acadêmico Roberto Campos, hoje parte do acervo da Biblioteca da Universidade Positivo.

Exerceu o cargo de Conselheiro de Educação do Paraná em três gestões. De 2001 a 2004 foi representante no Paraná do Programa das Escolas Associadas à UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação.

Tomou posse na cadeira nº 6 da Academia Paranaense de Letras no dia 8 de maio de 2006, no Teatro Positivo, saudado pelo Acadêmico René Ariel Dotti. (EB)



CADEIRA Nº 7

PATRONO

Bento **Fernandes de Barros**
(1834 - 1908)

FUNDADOR

João **Pamphilo d'Assumpção**
(1868 - 1945)

1º OCUPANTE

Oscar Martins Gomes
(1893 - 1977)

2º OCUPANTE

Marino Bueno Brandão **Braga**
(1920 - 2010)

3º OCUPANTE

Ney José de Freitas
(1953 -)

RUA FERNANDES DE BARROS

FERNANDES DE BARROS

PATRONO

Nascido em Fortaleza (CE) em 1º de junho de 1834. Mudou-se para Pernambuco e, aos 19 anos de idade, colou grau pela Faculdade de Direito de Olinda, como Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Instalada a Província do Paraná, nela iniciou sua carreira política e educacional. Em 1856 foi nomeado Juiz Municipal e de Órfãos do Termo da Capital; em 1859, chefe de polícia interino e, nesse mesmo cargo, efetivado dois anos depois. Ainda ao final dessa década, passou a exercer as funções de Inspetor-Geral da Instrução Pública. Casou-se em 6 de julho de 1858 com Joaquina de Oliveira Franco, filha do Brigadeiro Manoel de Oliveira Franco. Em 1871, foi Juiz de Direito da Comarca de Guarapuava e, em 1874, inspetor do Tesouro Provincial e advogado da Câmara Municipal de Curitiba. Pelo Governo Imperial, em setembro de 1875, mereceu a escolha para o exercício do cargo de Chefe de Polícia de Minas Gerais. Voltou ao Paraná e no biênio 1878/1879 atuou como Deputado Provincial. Procurador de Justiça do Estado em 1891, um ano depois chegaria a Desembargador do Superior Tribunal de Justiça. Até que, em 8 de maio de 1894, pelo Decreto nº 26, em vista da situação anormal do Estado, o então vice-presidente do Estado do Paraná o aposentou.

Mudou-se em seguida para Goiás, onde se dedicou à magistratura, retornando ao Paraná quatro anos depois. Exerceu também as funções de Juiz de Direito de Joinville, cidade em que sofreu vexames e humilhações. Não conseguiria uma casa para morar, nem mercado para sua subsistência e a de sua família ou escola para a educação de seus filhos, face às suas notórias simpatias pelo Paraná na questão de limites com Santa Catarina, expressa em diversas obras.

Jornalista e escritor, são de sua autoria: *Discussão da Questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina* (Rio, 1877); *Memorial sobre a Questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina* (Curitiba, 1897); *Esclarecimento sobre a Questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina* (1902); *Notícias sobre o Paraná*; *O Movimento Progressista da Criminalidade e Organização da Polícia Administrativa e Judiciária*. Seu nome seria lembrado por seu genro, Pamphilo d'Assumpção, para Patrono da cadeira nº 7 da Academia Paranaense de Letras.

Deixou nove filhos, dentre eles o escritor e acadêmico Leônidas de Barros, patrono da Cadeira nº 29, e Maria Amélia, artista plástica premiada, nascida em Joinville, casada em segundas núpcias com Pamphilo d'Assumpção. Mesmo com sua extensa biografia, que inclui cargos exercidos em diferentes regiões brasileiras, não foi possível encontrar, ao menos, uma foto de Fernandes de Barros, hoje nome de rua em Curitiba. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 16 de fevereiro de 1908. (WB)



PAMPHILO d'ASSUMPÇÃO

FUNDADOR

Curitibano, nascido em 7 de setembro de 1868, diplomou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1889, turma da qual também faziam parte o poeta Emiliano Pernetta e o jurista Otávio do Amaral. Formado, continuou na capital paulista dedicando-se aos estudos jurídicos e à profissão de advogado. Conquistou, em 1897, o grau, então raro, de Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, em concurso para lente substituto de um grupo de cadeiras referentes à Economia

e à Administração. Ao retornar a seus pagos, já quarentão, sua figura vinha ornada por auréola de prestígio, respeito e admiração. Montou, então, em Curitiba, sua banca de advogado, por sinal bastante solicitada. Ao mesmo tempo, passou a colaborar na imprensa local com crônicas e páginas de crítica nos domínios da pintura, esculturas e música. Daí, naturalmente, sua aproximação com Maria Amélia de Barros, pintora de alta relevância no meio artístico curitibano e sua esposa, em 1920.

Membro da antiga Academia de Letras do Paraná, um dos fundadores do Centro de Letras do Paraná e seu baluarte por muitos anos, foi também um dos fundadores da Universidade do Paraná, nela passando a lecionar a disciplina de Direito Civil das Obrigações, desde os seus primórdios, em 1913. Com outros colegas de foro, fundou, em março de 1917, o Instituto de Advogados do Paraná, do qual foi presidente, em eleições sucessivas, por 15 anos, findos os quais passou a figurar como seu Presidente Honorário. Criou também a seção paranaense da Ordem dos Advogados do Brasil, em novembro de 1930, dedicando a ela, durante cinco anos, sua atividade, inteligência e zelo.

Dono de altas qualidades morais, porém desambicioso de bens materiais, nos últimos anos de existência necessitou recorrer à ajuda financeira da Ordem dos Advogados. Atendido com o auxílio mensal e não achando como retribuir tal magnanimidade, fez a doação de sua preciosa biblioteca à referida entidade jurídica.

Aos 77 anos de idade, na segunda-feira de 15 de janeiro de 1945, às 14 horas, faleceu Pamphilo d' Assumpção, símbolo de honradez e austeridade. (WB)

OSCAR MARTINS GOMES

1º OCUPANTE



Nasceu em Curitiba, em 1º de setembro de 1893, filho de Francisco Xavier Gomes e Júlia Martins Gomes. Formou-se em Direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Exerceu, de 1917 a 1925, cargos públicos naquela capital, tendo militado na imprensa carioca. Tomou parte na 1ª Conferência Nacional de Juristas e no Congresso Nacional de Direito Judiciário, apresentando trabalhos da sua lavra.

Voltando ao Paraná, tornou-se membro do Tribunal Regional Eleitoral. Foi suplente de deputado à Assembléia Legislativa do Paraná (1935) e de vereador à Câmara Municipal de Curitiba. Dedicou-se à advocacia e ao magistério. Tornou-se catedrático, por concurso, da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, na disciplina de Direito Internacional. Começou a afirmar-se na literatura por meio da revista Fanal, que ele mesmo dirigia, apesar de seus 19 anos de idade. Teve como companheiros de geração Andrade Muricy, Tasso da Silveira e Lacerda Pinto. Estes, discípulos de Dario Vellozo no Ginásio Paranaense, receberam sua influência, produzindo poemas simbolistas.

Sua obra em versos mais vigorosa é o poema *Goibang* (1953), de feição épica, retratando os fatos principais da História do Paraná. Em 1965, publicou um livro diferente, *Carnaval Carioca*, com flagrantes das folias momescas, o que lhe valeu receber título de cidadania honorária do Rio de Janeiro.

Vida literária intensa, participante de todos os movimentos culturais, exerceu cargos na diretoria de várias instituições do gênero. Das suas colaborações é mister ressaltar: *A Batina*, *Folha Rósea*, *Athenéia*, *A Sulina*, *O Itiberê*; *Sonetos Paranaenses*. Poesias: *Ode ao Imigrante*; *Hino à Paz*; *Ode ao Café*; *No Delírio dos Salões*; *Páginas Folclóricas*.

Escritor, poeta, jornalista, jurista e professor universitário, serviu ao Paraná com apreciável lastro de cultura, humanismo e ética. Durante o governo Clotário Portugal, exerceu o cargo de secretário de Estado da Justiça.

Faleceu em Curitiba, dia 3 de abril de 1977. (TV)

MARINO BRAGA

2º OCUPANTE



Nasceu em Rio Negro, Paraná, em 30 de novembro de 1920, filho de Antônio Toríbio Teixeira Braga e de Marieta Bueno Brandão Braga. Além de juiz, seu pai era poeta, autor de *Salgueiros*, com participação importante no velho Cenáculo, ao lado dos simbolistas Dario Vellozo, Júlio Pernetta e Silveira Netto.

Entre seus tios estão o Cônego João Evangelista Braga, acadêmico, filólogo, poeta e professor de francês, e o educador Nivaldo Braga, diretor do tradicional Colégio Curitibano. Após a conclusão do curso primário no Grupo Escolar Macedo Soares, de Campo Largo, e do secundário, no Ginásio Paranaense, tornou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, na turma da qual fazia parte o então futuro acadêmico Felício Raitani Neto. Exerceu as funções de advogado por pouco tempo. Ingressou, aos 29 anos, por meio de concurso público, na magistratura. Como juiz, atuou em São Mateus do Sul, Tibagi, Arapongas, Ponta Grossa e Andirá — cujo foro traz o nome de seu pai. Em Ponta Grossa, ingressou no magistério superior, lecionando Direito Civil na Faculdade de Direito da atual UEPG, da qual se tornaria diretor.

Promovido a desembargador do Tribunal de Justiça, atuou também como juiz do Tribunal Regional Eleitoral. Exerceu, ainda, os cargos de Corregedor Geral da Justiça e presidente da Associação dos Magistrados do Paraná. Foi o responsável pela cadeira de Direito Civil na Faculdade de Direito da Universidade Católica do Paraná. Aposentou-se como desembargador, após 38 anos de serviço.

Entre suas obras estão os livros didáticos *O Direito em Ação* e *Alguns Aspectos do Direito*. O volume *Crônicas da Vida de um Juiz*, resultado de sua colaboração à imprensa, já está em segunda edição.

Membro do Centro de Letras do Paraná, do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia de Letras José de Alencar, foi eleito para a Academia Paranaense de Letras em 4 de dezembro de 1995. Tomou posse em 14 de maio de 1996, saudado pelo acadêmico Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. Faleceu em Curitiba em 27 de fevereiro de 2010. (WB)



NEY JOSÉ DE FREITAS

3º OCUPANTE

Ney José de Freitas, filho de José de Freitas e Francisca de Freitas, é natural de Curitiba, onde nasceu em 28 de julho de 1953. Fez o curso primário no Grupo Escolar Itacelina Bittencourt, o ginásio no Ginásio Estadual Professor Neyton Ferreira da Costa e o colegial no Colégio Estadual Lamenha Lins. Coursou Direito na PUCPR, bacharelando-se em 1980.

É especialista em Direito Público pela PUC-SP em 1981, mestre em Direito pela PUC-PR em 2000 e doutor em Direito pela UFPR em 2003.

Iniciou carreira no magistério superior em 1981, aprovado em 1.º lugar em concurso público para a cadeira de Direito Administrativo na PUCPR. Em 1982, lecionou Direito Administrativo na Faculdade de Direito de Curitiba, ao mesmo tempo que exerceu a advocacia, na condição de consultor jurídico da Federação do Comércio e vários sindicatos filiados.

Na Magistratura do Trabalho ingressou em 1988, tendo sido classificado em 1º lugar no concurso público correspondente. Exerceu o cargo de juiz presidente em Pato Branco, União da Vitória e depois nas 4ª e 17ª Juntas de Conciliação e Julgamento de Curitiba. Em 1996, por merecimento, foi promovido ao cargo de juiz do TRT.

Estreou na literatura em 1994, com o livro de poesias *O Canto do sabiá* e outros poemas, Editora JM. Após, publicou em 2003, também na área de poesia, *Pedaços de Vida*.

No campo do Direito tem diversas publicações: *Registro sindical no Brasil*, JM, 1997, em co-autoria com Luiz Eduardo Gunther; *Dispensa de empregado público e o princípio da motivação*, Juruá, 2002; *A inexistência de citação e os embargos do devedor no processo do trabalho – Estudos em homenagem ao ministro João Oreste Dalazen*, 2002 (coordenação em conjunto com José Dalegrave Neto) pela Editora LTr; *Ato Administrativo - Presunção de validade e a questão do ônus da prova*, Editora Fórum, 2007.

Transita como poucos no Direito Público e no Direito Privado, conseguindo aliar com maestria o Direito Administrativo com o Direito do Trabalho à luz do Direito Constitucional.

Títulos honoríficos: “*Ordem do Mérito Judiciário no grau de Comendador*” (TST, em 1998); “*Mérito Fernando Amaro*”, em literatura, concedido pela Câmara Municipal de Curitiba, em 2005. É Cidadão Honorário da cidade de Pinhais.

É membro efetivo do Centro de Letras do Paraná, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e da Academia Nacional de Direito do Trabalho. Foi diretor da Escola Judicial do TRT-PR no biênio 2006/07. Eleito presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região em outubro de 2009. Dois anos depois, foi seu nome referendado, por unanimidade, pelo Tribunal Superior do Trabalho, para integrar o Conselho Nacional de Justiça. Tomou posse na Academia Paranaense de Letras em 7 de abril de 2011, saudado por este autor, na sede da OAB/PR. (AF)

CADEIRA Nº 8

PATRONO

Francisco Antônio **Monteiro Tourinho**

(1837 - 1885)

FUNDADOR

Jayme Ballão

(1869 - 1930)

1º OCUPANTE

Ildefonso Serro Azul

(1888 - 1949)

2º OCUPANTE

Jayme Ballão Júnior

(1891 - 1968)

3º OCUPANTE

Elias Karam

(1902 - 1975)

4º OCUPANTE

Luiz Carlos Pereira Tourinho

(1913 - 1998)

5º OCUPANTE

Rafael Valdomiro Greca de Macedo

(1956 -)



MONTEIRO TOURINHO

PATRONO

Nasceu Francisco Antônio Monteiro Tourinho em Niterói (RJ), dia 8 de agosto de 1837. Era filho do coronel de mesmo nome e de Maria Carolina Monteiro Tourinho. Entre diversas opções, na hora certa, preferiu o Exército e, em 1860, recebeu a patente de alferes e engenheiro militar. Em seguida, foi nomeado ajudante-de-ordens do presidente da Província de São Paulo.

Mais tarde, fez parte da Comissão da rodovia Dona Francisca, em Santa Catarina. Foi promovido a tenente em 1861, e no ano seguinte, a capitão. Exerceu o cargo de inspetor de Colônias Militares no Paraná e Santa Catarina. Participou também de comissões encarregadas em obras de engenharia e do serviço militar. Exemplos dessa operosidade podem ser vistos na ponte sobre o Rio dos Papagaios, na antiga Estrada para Mato Grosso, e na da Graciosa, além de incontáveis outras que atestam seu alto conceito profissional. Cultor das letras, deixou muitas publicações. São notáveis as colaborações no jornal *O Antonina* (1873), *Revista Paranaense* (1881), *O Dezenove de Dezembro* (1907), *Jornal dos Poetas*. Consta da sua vasta bibliografia *Bosquejo Histórico da Estrada da Graciosa*. Voltou ao Rio de Janeiro para atender a compromissos militares. No ano seguinte, todavia, retornaria ao Paraná, outra vez, terra que ele tanto amou e serviu. Antonina muito lhe deve. Não fora sua intervenção para o traçado da Estrada da Graciosa, certamente aquela cidade ficaria à margem do desenvolvimento. Os estudos e começo de execução do prolongamento dessa importante via foram confiados aos engenheiros militares Antônio Rebouças Filho e ao próprio Monteiro Tourinho, em 1869. A construção teve início em 15 de abril de 1871, no governo Pádua Fleury. A partir de junho de 1882, Monteiro Tourinho assumiu a direção geral dos trabalhos, já na administração do presidente Lamim Lins, acelerando os serviços. Coube-lhe, em seguida, inspecionar as colônias militares de Chopim, Chapecó e Jataí. Foi autor do primeiro mapa da Província. Dessas missões, deixou relatos interessantes publicados no livro *Toiro Passante — Tempo de Província*, de autoria de seu neto, acadêmico Luiz Carlos Pereira Tourinho. Faleceu em Antonina no dia 22 de maio de 1885. (TV)



JAYME BALLÃO

FUNDADOR

Nasceu em Curitiba em 10 de fevereiro de 1869. Aos 14 anos de idade, matriculou-se no curso de preparatórios do Instituto Paranaense para, em 1886, ser aprovado para o magistério primário. Foi nomeado, então, professor da freguesia de São João do Triunfo. Ainda muito jovem, pu-

blicou a revista *Vida Literária*, dirigiu a *Gazeta Paranaense* e foi nomeado praticante dos Correios, cargo que ocupou até 1892. Jornalista combativo, esteve preso durante a Revolução Federalista.

Em 1903, fundou o *Diário do Comércio* e, no ano seguinte, mudou-se para o Rio de Janeiro. Fez parte da Comissão de Propaganda da Expansão Econômica do Brasil na Europa. No começo da 1ª Guerra Mundial, retornou ao Paraná, enviuvando pela segunda vez. Foi eleito camarista por dois quadriênios seguidos, entre 1912 e 1920. Não aceitou o convite que lhe fez o Ministério da Agricultura para realizar a propaganda da erva-mate na Europa por ter adquirido o jornal *Diário da Tarde*.

Eleito para o Congresso Legislativo do Paraná, foi seu primeiro-secretário. Ligado ao campo industrial, fundou e manteve uma fábrica de ladrilhos em Curitiba, bem como a primeira moagem de café em Ponta Grossa. Ali também dirigiu o semanário *Gazeta dos Campos*.

Sócio fundador do Centro de Letras, advogado formado pela Faculdade de Direito do Rio em 1922, colaborador de quase todos os jornais e revistas paranaenses, deixou a seguinte bibliografia: *Ceci*, poemeto, 1896; *Coisas do Progresso*, peça teatral, 1901; *Propaganda da Erva-Mate no Paraná*, 1908; *Sidéria*, ópera (com Augusto Stresser), 1912 e 1953; *Riquezas Naturais, Matérias-Primas e Quedas D'Água*, memórias, 1919; *A Foz do Iguaçu e as Cataratas do Iguaçu e do Paraná*, 1921; *As Cartas Falsas*, 1922; *Conferência Cívica*, 1925; *Elogio de Monteiro Tourinho*, 1928; *O Ceguinho*, novela, 1929.

Ao falecer, em 1º de agosto de 1930, exercia o cargo de oficial do Registro de Títulos de Curitiba. É considerado fundador da APL. (WB)



ILDEFONSO SERRO AZUL

1º OCUPANTE

Ildefonso Pereira Correia, mais conhecido por Ildefonso Serro Azul, nasceu em Curitiba no dia 9 de julho de 1888. Era filho do Barão do Serro Azul.

Poeta, humorista, boêmio, contista, romancista e autor teatral, sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná, tornou-se um colaborador assíduo da maioria dos jornais e revistas paranaenses.

Sua figura física, inconfundível, inspiraria um soneto que assim começava: *Baixo e ventrudo, gordo, redondinho, que esquisita figura ele oferece... Não é perfídia minha: um leitãozinho, Rechonchudo e luzente, ele parece.*

Sua bibliografia não é pequena e dela podemos destacar: *Lilazes*; *O Eco Daquela Voz...*; *Saudade*; *Paisagens de Minha Terra*, poesias; a novela *Liberdade*, os romances *Viva o Tango!*; *Fazendo a América*; e *A Mania da Época*, este publicado em capítulos pelo Diário da Tarde, em janeiro de 1927. Já bem marcante a sua contribuição para o teatro: *O Pau da Gaita*, com Ciro Silva; *Mais Uma...*; *O Coração Adivinha*, com Bento Mossurunga; *Na Terra da Prontidão*, com Ciro Silva; *É Do Que Há!*, com Nho Lisandro; *O Tifo*, com Léo Kessler; *O Diabo Atrás da Porta*, com Ciro Silva; *Um Genro Milionário*; e *Rumo ao Catete*, ainda com Ciro Silva; e as inéditas, *Tarde Piaste!*, *A Mocidade Tudo Vence*, *Depois da Epidemia*, *Casamento Original*, *No Dia dos Reis Magos*, e *Um Rapto Político*, com Rodrigo Júnior, baseado no rapto do Dr. João Cândido, fantasiado de mulher, pelo Tenente Carlos Eiras.

Proprietário do *Teatro Mignon*, com Adalberto Nácar, redator do jornal humorístico *O Anzol*, com Alceu Chichorro, Ciro e Correia Júnior, foi responsável por várias seções de feição satírica como *Arame farpado* e *A semana cômica*, na Gazeta do Povo; *A Semana rimada*, no Comércio do Paraná; *Escapamento Livre*, em O Dia; *Glosas*, no Diário da Tarde e *Pólvora miúda*, em A Tribuna.

Utilizando-se das armas do humorismo, ora assinando-se *Barãozinho*, ora *Jeca Rabeção*, tentava enganar-se a si próprio, vencendo os momentos trágicos de sua existência, as perdas trágicas do pai, do filho Luís Fernando, de suas irmãs, de sua mãe, do sogro e da sogra, Argentina, sempre consolado pela presença de sua esposa Constancinha. Foi nomeado fiscal do ensino secundário para o estado de São Paulo, onde morreu em 30 de junho de 1949. (WB)



JAYME BALLÃO JÚNIOR

2º OCUPANTE

Filho do acadêmico Jayme Ballão, nascido em Curitiba, em 09 de fevereiro de 1891, fez seus estudos primários na própria cidade natal. Com apenas 11 anos de idade fundou um dos primeiros jornais infantis do Paraná, *O Estudo*, que ele sozinho redigia, compunha, paginava, revisava, expedia e distribuía. Com a mudança da família para o Rio, em 1904, passou a cursar o Ginásio

Nacional e, após, os colégios Alfredo Gomes e Silva Ramos. Desfrutou sua juventude nos Estados Unidos e na Europa, freqüentando, em Paris, o Curso Rolin da Sorbonne, mantendo contato com os expoentes da cultura e do pensamento do Velho Mundo. De volta ao Brasil, trabalhou em São Paulo, no jornal O Estado de São Paulo. Lá mesmo diplomou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito, após brilhante curso. Felício Raitani Neto, em seu sempre consultado livro *Letras Paranaenses*, que o conhecera de perto, fez essa curiosa revelação: *ele costumava sair ao lusco-fusco, na boca da noite, metido num comprido casaco ou capa preta, chapéu de aba larga na cabeça. Andava colado às paredes como se quisesse vará-las, recolher-se para fugir ao convívio humano, na sua invencível timidez.*

Moço simples, modesto, retraído, escondia vasta erudição e aprimorada cultura humanística. Membro fundador do Centro de Letras, premiado pela Academia Brasileira de Letras, sua extensa bibliografia inclui: *Eterno Sonho*, novela, 1918; *Sagrada Solitude*, prosa, 1921; *Orando ao Crepúsculo*, teatro, 1921; *Últimas Páginas*, 1922; *O Amor Morre*, teatro, 1922; *O Pensamento Poético de Gonçalves Dias*, conferência, 1923; *Seara Morta*, novela, 1925; *Impressões sobre Guarapuava*, memórias, 1926; *Romance de Meu Pai*, 1933; *Impressões Literárias*, 1938; *O Livro do Expedicionário*, 1944; *Mensagem da Infância*, 1957; *Roteiro da Montanha*, 1960. Deixou, inéditas, cerca de seis obras. Faleceu em Curitiba, em 10 de janeiro de 1968. A Academia Paranaense de Letras o homenageou postumamente, em Sessão Solene de 25 de fevereiro, com discurso de seu íntimo amigo e confidente, o também acadêmico José Augusto Gummy. (WB)



ELIAS KARAM

3º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 26 de agosto de 1902. Filho de Manoel e Maria Karam. Depois de intensa atividade comercial, estudou Direito, formando-se em 1935 pela Universidade do Paraná. Foi polivalente: advogado, professor, jornalista e escritor. Igualmente político, eleito por quatro legislaturas para a Câmara Municipal de Curitiba. Presidente da Câmara, assumiu interinamente o cargo de prefeito municipal nas gestões de Ney Braga e Ivo Arzua. No governo de Bento Munhoz da Rocha Netto, exerceu o cargo de diretor da Imprensa Oficial do Estado. Líder da sua geração, tanto na vida acadêmica quanto na política, envolveu-se em grandes movimentos nacionais, como nas revoluções de 1924, 1930 e 1932, nesta última na condição de soldado constitucional. Dessa experiência, escreveu *Um Paranaense nas Trincheiras da Lei*.

Orador fluente, não houve cruzada social, religiosa ou política em que seu verbo torrencial não se fizesse ouvir. Tribuno dos mais eloqüentes, conquistava as multidões pela força verbal e o carisma próprio da sua personalidade atraente. Foi nomeado conselheiro do Tribunal de Contas do Estado e nessa atividade aposentou-se. Destacou-se ainda nas lides culturais. Pertenceu aos quadros do Centro de Letras, Círculo de Estudos Bandeirantes, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e Academia Mariana de Letras.

Além das obras já referidas, constam da sua bibliografia: *Duas Orações*, discursos; *Primado do Espírito*, discursos religiosos; *Os Sírios Libaneses e o Movimento Nacional da Aviação*; *Cômoros de Areia*, crônicas; e *Antístites de Curitiba*, vencedor do Concurso Literário do Centro de Letras de 1967, categoria ensaio histórico.

Faleceu em Curitiba no dia 3 de junho de 1975. (TV)



LUIZ CARLOS TOURINHO

4º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 19 de dezembro de 1913, filho do emitente militar e professor Plínio Tourinho e de Esther Pereira Tourinho. Realizou o curso fundamental, respectivamente, no Grupo Escolar anexo à Escola Normal e Ginásio Paranaense. Assentou praça na Escola Militar do Realengo, em 1930. Foi declarado aspirante a Oficial de Engenharia em 1934. Ingressou na Faculdade de Engenharia do Paraná, concluindo o curso em 1938.

Tornou-se docente livre da Cadeira de Estatística, Matemática, Economia Política e Finanças da mesma escola superior. Mais tarde, passou a catedrático interino e professor titular das referidas disciplinas, acrescentadas às de Engenharia de Transportes e Economia de Engenharia. Foi diretor da Faculdade em 1971.

Ocupou o cargo de diretor do Departamento de Estradas de Rodagem do Governo Munhoz da Rocha Netto, responsável, portanto, pelo moderno Plano Rodoviário executado. Elegeu-se deputado federal para a legislatura em 1955/59. Entre outras funções que desempenhou a seguir, destacou-se como diretor técnico da Copel e interventor federal no Instituto Brasileiro da Reforma Agrária. A partir daí, dedicou-se à presidência do Instituto de Engenharia do Paraná e do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, em cujo exercício revelou dinamismo e operosidade, implantando inovações e melhorias consideráveis. Das iniciativas marcantes, no campo editorial, vale ressaltar a Estante Paranista, com publicações periódicas do panorama histórico-cultural do Estado, sob os auspícios do Instituto Histórico, em cuja direção reelegeram-se sucessivas vezes. General do Exército brasileiro, professor, escritor, historiógrafo, político e administrador, constituiu figura de alta expressão nos meios culturais do Paraná. Bibliografia: *Recordações de um Cosmógrafo de Cabeza de Vaca*; *O Tecnocrata e Outros*; *Cinqüentenário da Revolução de Trinta no Paraná*; *Toiro Passante: Tempo de Capitania(I)*, *Tempo de Capitania (II)*, *Tempo de República Velha (III)*, *Tempo de República Getuliana (IV)* e *Tempo de República Democrática (V) - 1ª Parte: Respingos e Crônicas*. Escreveu ainda diversos trabalhos sobre Transportes, Economia, Estatística, Probabilidades e Geografia. Foi sócio-correspondente dos institutos históricos e geográficos de Minas Gerais, Santa Catarina, Sorocaba, Ponta Grossa, do Instituto Militar de História e Geografia e membro da Academia Nacional de Engenharia.

Faleceu em Curitiba no dia 31 de maio de 1998. Por ocasião de sua posse na APL, em 1977, foi recepcionado pelo acadêmico Osvaldo Pilotto. (TV)



RAFAEL GRECA

5º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba, em 17 de março de 1956, filho de Eurico Dacheux de Macedo e Terezinha Greca de Macedo. Fez o curso de Humanidades em escolas curitibanas e graduou-se em engenharia civil, com especialização em urbanismo e em Economia, pela Universidade Federal do Paraná. Na área política, exerceu os cargos de vereador, deputado estadual (três vezes), prefeito de Curitiba e de Ministro de Estado do Esporte e Turismo. Em 1998,

elegeu-se deputado federal com a maior votação já obtida na história do Paraná. Foi também Secretário de Planejamento e Coordenação Geral, Secretário de Governo, Chefe da Casa Civil e Secretário de Comunicação do governo do Paraná, em períodos distintos. Exerceu ainda o cargo de presidente da Cohapar – Companhia de Habitação do Estado do Paraná.

Ocupou o cargo de diretor da Casa Romário Martins e da Casa da Memória, órgãos da Fundação Cultural de Curitiba. Criou e desenvolveu o projeto Farol do Saber, as Ruas da Cidadania, as Vilas de Ofícios, as Lições Curitibanas e a Farmácia Curitiba, além de outros mecanismos de interesse público. No campo literário, publicou *Caminho para o Paraná do Próximo Milênio* e *Poemas ao Rio Iguaçu*, além de contribuir e participar de outras incontáveis publicações históricas.

É autor, ainda, do livro *Da Favela ao Bairro Novo – Ecologia Humana*, que mostra a trajetória histórica entre a primeira favela do Brasil, formada há 113 anos e os bairros novos que tem surgido em nossas cidades, com urbanização, saneamento, energia elétrica, pavimentação, coleta de lixo, equipamentos sociais e regularização fundiária de antigas ocupações. Participou, como conferencista, de vários encontros internacionais, em universidades americanas, inglesas, japonesas, espanholas, italianas ou em seminários sobre Planejamento Urbano, Meio Ambiente, Tecnologia e Assentamentos Humanos, além de outros temas. Foi conferencista do Convênio Internacional sobre Urbanismo Social, em Nápoles, Itália.

É cidadão honorário de Himeje, Japão; recebeu a Ordem do Pinheiro do governo do Estado do Paraná, a Comenda Isabel, La Católica, concedida pelo Rei Juan Carlos I, da Espanha; Ordem de Mayo, do governo da República Argentina; da Ordem de Rio Branco, concedido pelo Conselho da Ordem, em Brasília; Prêmio Volvo de Segurança no Trânsito; Medalha Coronel Sarmento, da Polícia Militar do Paraná; e Prêmio Integração Latino-Americana, concedido pelo governo do Paraguai, entre outras homenagens e comendas recebidas. É engenheiro concursado do IPPUC – Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Tomou posse na Academia em 23 de outubro de 2001, saudado pelo acadêmico Clemente Ivo Juliatto. (TV)

CADEIRA Nº 9

PATRONO

Manoel Euphrasio Correia
(1839 - 1888)

FUNDADOR

Leôncio Correia
(1865 - 1950)

1º OCUPANTE

Vasco José Taborda Ribas
(1909 - 1997)

2º OCUPANTE

Ário Taborda Dergint de Rawicz
(1931 -)



MANOEL EUPHRASIO

PATRONO

Tio do senador e conselheiro Correia Neto e do Barão do Serro Azul, nasceu em Paranaguá em 16 de agosto de 1839. Após realizar os três primeiros anos do curso de Direito na Faculdade de Recife, recebeu o seu grau de bacharel na de São Paulo. Nomeado chefe de Polícia de Santa Catarina em 1871, chegou a advogar por muitos anos no foro de Curitiba, a quem representou na Câmara Provincial e Geral em várias legislaturas. Tem o seu

nome ligado muito de perto à história da imprensa do estado, como fundador da *Gazeta Paranaense*, órgão do Partido Conservador e do qual era chefe.

Deixou trabalhos como *Discursos Proferidos na Última Sessão da 15ª Legislatura da Assembléia Provincial do Paraná* (Curitiba, 1879); *Casamento Civil*, série de artigos publicados na *Gazeta Paranaense* (Curitiba, 1884); *Justificação da Administração Conservadora*, coletânea de artigos estampados ainda na *Gazeta Paranaense*, (Rio, 1882 e 1884); *Discurso Pronunciado em 1875 na Câmara dos Deputados, Sobre a Questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina* (Curitiba, 1921); *Questão de Limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina*, coletânea com trabalhos de outros autores (Curitiba, 1891).

Faleceu em Recife, em 4 de fevereiro de 1888, exercendo as funções de presidente da Província de Pernambuco.

Leôncio Correia, que lembraria de Euphrasio Correia para patrono de sua cadeira na Academia, dedicar-lhe-ia belo soneto cujos tercetos merecem ser recordados:

*“Clarim vibrante conclamando os povos para a
conquista do ideal sublime no qual se fixam
anelos sempre novos,*

*sua voz, que chegou aos horizontes
mais distantes, perdeu-se — inulto crime! —
nas gargantas aspérrimas dos montes...”* (WB)



LEÔNCIO CORREIA

FUNDADOR

Nasceu em Paranaguá no dia 1o de setembro de 1865.

Foi um elo entre o passado e o presente: conviveu com a velha guarda — Emílio de Menezes, Olavo Bilac, Paula Ney, Machado de Assis, Coelho Neto — e com a nova, pois sua participação em movimentos posteriores ao lado dos contemporâneos foi intensa. Era considerado poeta pela crítica, mas foi um expressivo cronista. Legou à posteridade fontes

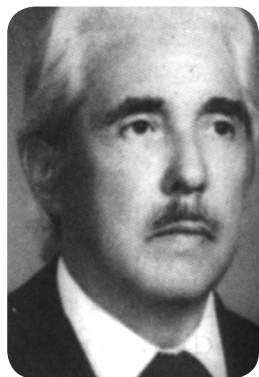
importantíssimas de memória. O livro *Meu Paraná* é um retrato notável de locais e situações. Abolicionista e republicano, começou a atuar em Paranaguá.

Envolveu-se na Revolução Federalista ao lado dos legalistas, coincidindo a época com o mandato de deputado estadual que exercia. Esteve na Lapa, antes do cerco. Sempre ligado ao Paraná, especialmente a Curitiba e a Paranaguá, morou durante 50 anos no Rio de Janeiro, onde exerceu funções de alta projeção: diretor do Ginásio Nacional (Colégio de D. Pedro II), diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro e diretor da Imprensa Nacional e do Diário Oficial.

Além da Academia Paranaense de Letras, pertenceu à Academia Carioca de Letras. Sua estréia na literatura deu-se com *Flores Agrestes*. Depois, vieram *Perfis*; *Volatas*; *Boêmia do Meu Tempo*; *Panóplias*; *Evocações*; *Vultos e Fatos do Império e da República*; *A Verdade Histórica Sobre o 15 de Novembro*; *Parlendas de Palestras*; *O Barão do Serro Azul*, entre outros. Este último, calcado em *Para a História*, de Rocha Pombo, serviu de base para *Os Fuzilamentos de 1894 no Paraná*, de David Carneiro, e mostra, em detalhes, os acontecimentos que envolveram o Estado durante o confronto entre pica-paus e maragatos.

Sua é a frase esculpida na própria herma, na Praça Osório: *O meu desejo sempre foi diariamente ouvir o nome do Paraná falado, criticado, caluniado, elogiado, combatido, difundido, motejado, engrandecido, malsinado, mas nunca esquecido.*

Faleceu no Rio de Janeiro em 19 de junho de 1950. Seus restos mortais, anos depois, foram trasladados para Paranaguá e hoje repousam ao lado do Museu Histórico da cidade, no prédio que serviu ao antigo Colégio dos Jesuítas. É um dos fundadores da Academia. (VHJ)



VASCO JOSÉ TABORDA

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 18 de setembro de 1909. Formado em Direito, foi professor do Colégio Estadual do Paraná. Funcionário aposentado do Tribunal de Contas do Estado, caracterizou-se pelo potencial de realização que possuía, liderando e estimulando as mais diversas entidades socioculturais. Foi mentor, organizador e autor de incontáveis iniciativas e fez-se credor da cultura paranaense, pois, certo tempo, quando organismos tradicionais da

terra viam-se enxovalhados por mal postadas e aventureiras doutrinas novas, quase sempre passageiras e circunstanciais, e muitas vindas de fora, ereta e forte foi a onipresença de Vasco José Taborda na defesa dos valores regionais, da memória histórica e das instituições paranaenses e paranistas. Devem-lhe muito, o Centro de Letras do Paraná, a Academia de Letras José de Alencar, a União Brasileira de Trovadores e a Soberana e Cavaleiresca Ordem do Sapo. Membro do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Foi presidente da Academia Paranaense de Letras por vinte anos, de 1970 a 1990.

Amante do experimental, incursionou por todos os gêneros literários, sendo basicamente o introdutor do prático sistema de divulgação literária conhecido por Volantes - geralmente versos recém-elaborados e impressos em ambos os lados de uma folha, de modo a, após dobrada duas vezes, permitir fácil manuseio, favorecendo sua distribuição em reuniões sociais. Leonardo Henke costumava adotá-lo, enfeixando tais escritos, mais tarde, em livro. São quase incontáveis suas publicações. Entre livros, opúsculos e volantes encontram-se *Saturnópolis*, 1940; *Um Episódio da Ocupação de Curitiba Pelas Forças Federalistas*, 1944; *S. P. Sapé*, 1953; *Rocha Pombo*, 1953; *Euclides da Cunha*; *Rodrigo Júnior*; *Victor Ferreira do Amaral* e *Leôncio Correia: Estudos*, todos de 1960; *O Fisquim*, 1963; e *Varredores da Madrugada, A Estrela e Eu, Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro, Antologia dos Trovadores do Paraná, Muçarai, Trufas*. Participou, com outros intelectuais paranaenses, da *História do Paraná*, obra publicada em quatro volumes pela editora Grafipar.

Depois de diversos mandatos consecutivos, passou, em 1990, a presidência da Academia Paranaense de Letras a Felício Raitani Neto. Faleceu em 23 de março de 1997. Tomou posse na Academia em 31 de março de 1967, saudado pelo Acadêmico Heitor Stockler. (VHJ)



ÁRIO DERGINT

2º OCUPANTE

Nascido em Curitiba em 31 de agosto de 1931, é filho de Ottono Miroslau Dario Dergint de Rawicz e Jocelina Taborda Dergint de Rawicz. Após os estudos na Escola de Aplicação e no Colégio Estadual do Paraná, formou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, mais tarde, em Ciências Econômicas, pela mesma instituição.

Realizou cursos de extensão universitária e de pós-graduação na área econômica no CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina (órgão da ONU), em Santiago do Chile. Participou, junto ao governo colombiano, como expert da ONU em transportes.

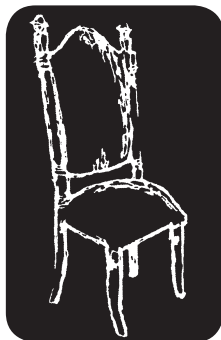
Foi professor de Introdução à Economia e de Teoria Econômica na UFPR, onde ocupou os cargos de Chefe do Departamento de Economia; Coordenador do Curso de Economia; membro do Conselho Universitário e Pró-Reitor de Administração. Também foi Coordenador da PLADEP (Plano de Desenvolvimento Econômico do Paraná); Diretor Financeiro da TELEPAR (Telecomunicações do Paraná); Técnico e Secretário-Assistente do CODESUL (Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul); Consultor Econômico da Federação do Comércio do Paraná; e membro do Conselho Municipal de Contribuintes, do qual foi presidente.

Participou de inúmeros seminários e bancas examinadoras. Conferencista, possui vários trabalhos publicados referentes à sua especialidade, destacando-se: *Projeto Econômico da Estrada de Ferro Central do Paraná* (1959); *O Tratado de Montevideu e o Problema de Desenvolvimento Econômico* (1960); *Renda e População – Setor Primário da Economia Paranaense* (1963); *Paraná – Formação de Capital – Sociedade Anônima e de Economia Mista* (1965) e *Relação entre o Crescimento da População e o Número de Oportunidades de Matrícula nas Escolas Primárias do Estado*, premiado com o 1.º lugar em concurso pela Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP. Tem ainda dezenas de trabalhos e estudos inéditos.

É membro do Centro de Letras do Paraná, no qual exerceu diversas funções, inclusive a de presidente (1975/1976); do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná; da Academia José de Alencar; e do Conselho Regional de Economia (CORECOM), a partir de 2008. É conselheiro da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba; da Sociedade Socorro dos Necessitados e do Clube Curitibano (2010). É associado do Instituto de Engenharia do Paraná e dos “Amigos do MON (Museu Oscar Niemeyer)”. É Consultor Cultural da UFPR.

É considerado e respeitado como colecionador de antiguidades e de obras de arte. Publicou artigos referentes à vida e obra de Theodoro De Bona e de Arthur Nisio. Participa de exposições de arte, com o empréstimo de obras.

Foi eleito para a Academia Paranaense de Letras em 28 de abril de 1998, tendo tomado posse em 5 de novembro de 2000, saudado por Wilson Bóia (WB/AF).



CADEIRA Nº 10

PATRONO

Telêmaco Augusto Enéas Morocines **Borba**
(1840 - 1918)

FUNDADOR

Ermelino Agostinho de **Leão**
(1871 - 1932)

1º OCUPANTE

Francisco de Paula Dias **Negrão**
(1871 - 1937)

2º OCUPANTE

Arthur Martins **Franco**
(1876 - 1979)

3º OCUPANTE

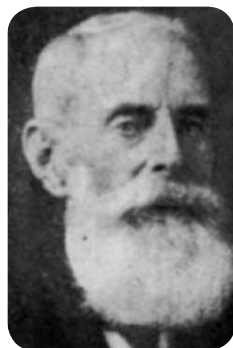
Ruy Christovam **Wachowicz**
(1939 - 2000)

4º OCUPANTE

Raymundo Maximiano **Negrão** Torres
(1925 - 2006)

5º OCUPANTE

Flora Munhoz da **Rocha**
(1911 -)



TELÊMACO BORBA

PATRONO

Seu nome completo era Telêmaco Augusto Enéas Morocines Borba, filho do capitão Antônio Rodrigues Borba, veterano da Guerra da Independência e da Campanha Cisplatina, e de Joana Hilária, uruguaia, descendente da nobreza de Veneza.

Nasceu Telêmaco em 2 de agosto de 1840 na Borda do Campo, cercanias de Curitiba. Casou-se em Porto de Cima, com Rita do Amaral, em 1860. Cinco anos depois foi dirigir o Aldeamento de São Pedro de Alcântara, defronte à Colônia Militar de Jataí, Norte do Paraná. Iniciou uma vida de sertanista. Conviveu com os índios, aprendeu-lhes a língua, os costumes, a vivência, enfim. Escreveria, mais tarde, o livro *Atualidade Indígena*, de grande repercussão entre os etnólogos. Fundou em Tibagi o Museu do Índio e correspondeu-se com as maiores autoridades indigenistas do mundo. A partir de 1882 ingressou na política. Eleveu-se alternadamente prefeito de Tibagi e deputado. Tornou-se político do Partido Liberal e participou de todas as campanhas cívicas da época. Quando da deposição do governador Generoso Marques, seu correligionário, enfrentou a tropa formada num protesto histórico.

Em 1894, durante a Revolução Federalista, sua participação torna-se-intensa ao lado dos insurretos, na condição de comandante da fronteira com o Estado de São Paulo, em Itararé. Fracassada a revolução, obrigou-se a partir para o exílio, comandando ao lado de Juca Tigre uma coluna de soldados e civis, na retirada pelos sertões do oeste paranaense. Em Montevidéu e Buenos Aires, integrou-se ao meio cultural, freqüentando museus e bibliotecas, além de manter intercâmbio com os cientistas locais sobre a temática dos silvícolas. Decretada a anistia pelo presidente Prudente de Moraes, retornou ao Brasil e retomou às atividades políticas. Mesmo pela oposição, uma fase de perseguições aos maragatos, reelegeu-se deputado estadual pela União Republicana Paranaense e recuperou o poder municipal como prefeito. Costumavam chamá-lo: *Prefeito vitalício e deputado crônico*. Como sertanista serviu de guia, décadas antes, a várias expedições, tendo em vista o levantamento hidrográfico dos principais rios do Estado, inclusive a de Bigg-Wither. Redescobriu o Salto de Sete Quedas, proeza relatada em crônica-diário de Nestor Borba, publicada em livro.

Faleceu em Tibagi, vítima da gripe espanhola, dia 23 de novembro de 1918. (TV)



ERMELINO DE LEÃO

FUNDADOR

Nasceu em Curitiba no dia 14 de janeiro de 1871, na antiga Chácara de Nhá Laura, local onde hoje se encontra o Colégio Estadual do Paraná. Seu pai, o desembargador Agostinho Ermelino de Leão, construiu nas redondezas uma capela e a consagrou a Nossa Senhora da Glória. Devido a essa capela, o bairro passou mais tarde a chamar-se Alto da Glória. A família mudou-se para Salvador e lá, no

Convento da Graça, Ermelino teve a oportunidade de se dedicar a assuntos históricos, vendo despertada em si essa quase natural vocação. Depois, cursou a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, em São Paulo, formando-se em 1893.

De volta a Curitiba, casou-se com Deocleciana Augusta da Rocha, de família antoninense, iniciando sua carreira como promotor público, em Palmeira. Logo, no entanto, passou a dedicar-se ao comércio de erva-mate, como toda sua família. Sobrou-lhe, então, mais tempo em Curitiba, o que o fez atender aos próprios anseios, dirigindo o Arquivo Público do Paraná e o Museu Paranaense, fundado por seu pai e pelo Dr. Muricy.

Ermelino dedicou-se também ao jornalismo; mostras dessa atividade estão esparsas em diversos periódicos, quase sempre atacando com mestria assuntos de cunho histórico. Fundador e membro do Centro de Letras do Paraná e da antiga Academia de Letras, fundou também o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

Sua obra de vulto é o *Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná*, que publicou com o maior dos sacrifícios.

No fim da vida, embora pronto o trabalho, sentiu que não concluiria a publicação dos fascículos e pediu ajuda a Francisco Negrão, autor da *Genealogia Paranaense*. Este foi quem, após a morte do amigo, promoveu o encaminhamento conclusivo ao notável trabalho. Faleceu em Curitiba, em 27 de fevereiro de 1932.

Com o nascimento da Academia Paranaense de Letras, em 1936, logo foi lembrado para patrono da Cadeira nº 10. Mas, na organização da base acadêmica, ficou como fundador. Telêmaco Borba, mais velho que ele em idade, como patrono. (WB)



FRANCISCO NEGRÃO

1º OCUPANTE

Nasceu em São João da Graciosa, município de Morretes, no dia 13 de agosto de 1871. Funcionário público, dedicou-se de corpo e alma à pesquisa histórica. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico e ao Centro de Letras do Paraná. Foi diretor durante 26 anos do Arquivo Municipal de Curitiba, oportunidade em que publicou e comentou documentos preciosos por meio de 62 boletins dos arquivos da Câmara Municipal. Sua mais notável contribuição cultural foi, porém, a *Genealogia Paranaense*, obra obrigatória nas prateleiras de historiadores e pesquisadores. Essa obra, em seis volumes, tomou-lhe boa parte do seu tempo em vida, especialmente porque teve como colaboradora fiel sua esposa Astrogilda.

Cumpriu com fervor a promessa que fez junto ao leito de morte de seu amigo Ermelino de Leão: a de continuar a publicação do seu *Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná*. Autor de expressivos trabalhos como *Conjura Separatista*; *O Guarda-mor Francisco Marins Lustosa* (1917); *As Minas de Ouro da Capitania de Paranaguá* (1920); *Memórias da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba* (1933); *Memória Histórica Paranaense* (1934), contendo as quatro obras acima; *Efemérides Paranaenses* (1941), além de biografias, crônicas e artigos esparsos na imprensa. Foi um pesquisador de expressivo talento e respeito. A documentação, nessa época, estava toda centralizada, mas em desordem, em salas da Secretaria de Viação e Obras Públicas, órgão a que pertencia o Arquivo Público do Paraná. Pois ele, paciente e metodologicamente, costumava passar até meses à procura do que pretendia, mesmo com todas as dificuldades que o acesso à documentação apresentava. Foi um colaborador valioso para o historiador Ermelino de Leão quando este desenvolvia o seu Dicionário.

Tinha por lema procurar somente a verdade. Essas verdades ia arquivando criteriosamente em casa, deixando, porém, seus arquivos franqueados ao público. Quando lhe solicitavam cópias, fornecia-as gratuitamente. Esse comportamento pesou-lhe no bolso, ele que era modesto funcionário aposentado da Fazenda Nacional.

Faleceu em Curitiba no dia 11 de setembro de 1937, embalado na saudade de seu pátrio lar, local, como dizia ele: *...solar hospitaleiro, onde a vida era intensamente agitada pelo trabalho, mas onde reinava a paz, a abundância, a bondade e o amor*.

Foi o primeiro acadêmico a falecer antes da Academia Paranaense de Letras completar um ano de fundação. (WB)



ARTHUR FRANCO

2º OCUPANTE

Nasceu em Rondinha, município de Campo Largo, em 10 de abril de 1876, filho de Evaristo Martins Franco e Josephina de Souza Franco.

Fez o curso de engenharia civil na Politécnica de São Paulo. Elegeram-se deputado estadual em 1916 e 1919, e deputado federal em 1923.

Engenheiro, escritor, parlamentar, professor, historiador e vicentino, ele tornou-se dos últimos bandeirantes do século XX da história paranaense ao ocupar espaço só permitido aos homens de cultura, ousadia e visão. Das incursões que realizou na condição de comissário de terras e de Secretário de Estado da Fazenda, entre 1904 e 1913, deixou dois livros de crônicas, cujos relatos ressoam para os atuais padrões paranaenses, em seu enquadramento na civilização brasileira, como uma época quase pré-histórica. Para atingir o Alto Paraná, na primeira vez foi por mar, de Paranaguá a São Francisco, daí a Montevideu e Buenos Aires, depois pelo Paraná a Rosário, Corrientes, Paraná e Posadas, e então Brasil novamente. Da segunda vez, foi pela estrada de ferro de Curitiba a Uruguaiana, Passo de Los Libres e daí pelo Rio Paraná a Foz do Iguaçu, sem medir sacrifícios para levar o alento do governo às populações isoladas do extremo oeste.

Orador e conferencista, tinha — conforme opinião de Bento Munhoz da Rocha Neto — o dote de arrebatador e prender qualquer auditório, na magia de fazer vibrar os sentimentos paranistas, através de suas prendas intelectuais.

Historiador cômico das suas responsabilidades, afeito às longas pesquisas, nunca soube o que foi o desânimo, semelhante ao garimpeiro que envelheceu às margens dos rios em busca das fascinantes pedras dos seus sonhos. Suas produções, em ordem cronológica: *O Município de São Jerônimo* (1922), *Em Defesa do Índio e do Sertanejo* (1925), *D. Pedro II, o Imperador Magnânimo e Sábio* (1933), *General Carlos Cavalcante de Albuquerque* (1935), *O Coronel Telêmaco Morocinos Borba* (1941), *Zacarias de Góis e Vasconcellos* (1942), *Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava* (1943), *Um Paulista a Serviço do Paraná e da República* (1954), *Marquês do Paraná* (1956) e *Recordações de Viagem ao Alto Paraná* (1973).

Faleceu em Curitiba, dia 8 de maio de 1979, com 103 anos de idade. (TV)

Na oportunidade de sua investidura na APL foi recepcionado pelo acadêmico Laertes de Macedo Munhoz. (TV)



RUY WACHOWICZ

3º OCUPANTE

Nasceu em Itaiópolis (SC) em 26 de maio de 1939, filho de Romão Wachowicz e Marta Wachowicz. Professor universitário, possuía o diploma de doutor, expedido pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em História do Brasil, foi dos mais fecundos pesquisadores da história do Paraná. A obra de investigação histórica que produziu o autorizava a inserir-se entre os melhores autores paranaenses do gênero. Poucos estudiosos levantaram aspectos da nossa realidade

regional com tanta minudência e profundidade, redescobrimdo origens étnicas e vestígios de povoadamentos remotos. Na adensada bibliografia revela nítida preferência pela temática da imigração polonesa e a influência cultural que tem exercido sobre a sociedade paranaense. Descendente daqueles primeiros colonos de Tomaz Coelho, rebuscou, com freqüência, suas raízes eslavas para explicar os fatores sociológicos da colonização bem sucedida dos seus ancestrais que, inicialmente, agregados à lavoura, galgaram depois os degraus das mais variadas atividades da inteligência humana.

A maioria dos seus livros trata desses assuntos apaixonantes e destaca a notável contribuição dos poloneses, não apenas à economia brasileira, mas às artes, ciências, política e literatura, de modo geral.

A ocupação e colonização do sudoeste do Paraná mereceu, de sua parte, aprofundado estudo histórico. Luiz Carlos Pereira Tourinho, presidente do Instituto Histórico, Geográfico do Paraná, referiu-se à obra de Ruy Wachowicz com peculiar franqueza: *“O povoamento do sudoeste ainda não havia encontrado historiador talentoso, sobretudo, de coragem para relatar-nos com fidelidade o que ali ocorreu de bom e de mau. De bom, pela excelente qualidade dos colonos que recebemos; de mau pela incompreensão ou má intenção de muitos dos administradores estaduais.”*

Entre outras obras de sua bibliografia constam: *Abranches: um Estudo de História Demográfica; Orleães — Um Século de Subsistência; Tomaz Coelho — Uma Comunidade Camponesa; O Camponês no Brasil; Obrageros, Mensus e Colonos; Universidade do Mate; Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização; História do Paraná; Norte Velho, Norte Pioneiro; Fascículos sobre História de Curitiba*. Tomou posse na Academia no ano de 1993, recepcionado pelo acadêmico Edwino Tempski.

Faleceu no dia 19 de agosto de 2000, em Curitiba. (TV)



RAYMUNDO NEGRÃO

4º OCUPANTE

Nasceu em Belém do Pará, no dia 20 de fevereiro de 1925, filho de Antonio de Sá Torres e de Elza Duarte Negrão Torres. Concluiu o curso primário no Colégio Progresso Paraense, em Belém. Em 1942, após terminar o ginasial, transferiu-se para Fortaleza, para cursar a Escola Preparatória de Cadetes. Ingressou na Escola Militar do Realengo, onde concluiu o curso. Foi declarado Aspirante-a-Oficial de Artilharia pela Escola Militar de Resende em 11 de agosto de 1945 e classificado no

3º RAM, em Curitiba. No Exército assumiu diversos cargos de realce. Atingiu o generalato-de-brigada em 1978, para logo em 1983 ser promovido a General-de-Divisão. Foi Subchefe do EME. Comandou a 3ª RM, em Porto Alegre, de abril de 1985 até janeiro de 1987, quando foi designado Vice-chefe do DGS, função em que solicitou sua passagem para a reserva. Radicou-se, então, em Curitiba. Sua atividade literária passou a ser exercida a partir de 1956. Em julho de 1989, publicou, na capital paranaense, um livro autobiográfico, prefaciado pelo senador Jarbas Passarinho, curiosamente intitulado *Meninos, eu também vi!* — paráfrase ao célebre verso de Gonçalves Dias no poema *I-Juca Pirama*. A obra relata seu itinerário pelos quartéis e Alto Comando, em que há traços de ufania e amargura, críticas e louvores, recompensas e frustrações. É, em suma, um retrato dos homens que compõem a instituição militar, seus merecimentos e fraquezas, conforme a respeito se manifestou Túlio Vargas, presidente da Academia Paranaense de Letras. No ano seguinte, publicou um ensaio autobiográfico intitulado *Por Que Morreram os Americanos no Vietname?*

A partir de 1990 passou a colaborar na Gazeta do Povo. Grande parte dos textos publicados no jornal paranaense foi reunida nos livros *Para Collor Ler na Cama*, lançado em 1991, e *De Fernando Collor a Fernando Henrique*, publicado em 1995.

Em 1998 lançou dois livros, *As Epístolas de um General de Pijama: Cartas e Nos 'Porões' da Ditadura*. Em 2001, publicou *Paraná: Encruzilhada de Caminhos*. Em 2002, lançou *1964: Uma Revolução Perdida*, seguido de *O Fascínio dos 'Anos de Chumbo'*, também sobre o movimento de 1964, publicado dois anos após o primeiro. Em 2005, *Nos Caminhos da História*, um ensaio sobre a história do Paraná e do Brasil.

Foi Vice-presidente do Centro de Letras do Paraná, Diretor Cultural do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e sócio correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, além de conferencista convidado de entidades culturais e clubes de serviço (ADESG/ PR, Rotary, PUC/PR). Ocupou a cadeira nº 15 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Faleceu em Curitiba em 5 de maio de 2006. Foi recebido na Academia Paranaense de Letras em 3 de abril de 2003 pelo acadêmico Wilson Bóia. (EB)



FLORA MUNHOZ DA ROCHA

5º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba, no dia 23 de setembro de 1911, filha de Etelvina Rebelo de Camargo e de Affonso Alves de Camargo. Aos sete anos iniciou os estudos no internato do Colégio Cajuru, quando seu pai era Presidente do Estado do Paraná. Terminado o mandato, Affonso foi eleito Senador, o que levou a família para o Rio de Janeiro. Na então capital federal, Flora estudou no Internato do Colégio *Sacré-Coeur* de Jesus, até às vésperas de seu casamento,

aos 17 anos, com Bento Munhoz da Rocha Netto.

Filha e nora de presidentes do Estado, veio a se tornar também esposa de governador, em 1951. Suas novas atribuições permitiram que realizasse obra admirável no campo social, com a criação no estado da Legião Brasileira de Assistência. Implantou 40 postos de puericultura nas cidades do interior e a Creche Branca de Neve, para crianças de Curitiba, estendendo o atendimento aos bairros. Fundou, também na capital, a Cidade dos Meninos, para abrigar até 300 adolescentes, sob orientação pedagógica de padres especializados em recuperação e ensino profissionalizante. Teve o privilégio de tornar realidade o que sonhara em seus poemas.

Mãe de cinco filhos (Caetano, Mitzy, Daisy, Sandra e Suzana, que lhe deram 17 netos, 30 bisnetos e três trinets), nunca interrompeu suas atividades como escritora. Foi, por muitos anos, colaboradora semanal da Gazeta do Povo, do Jornal da Imprensa, do Rio de Janeiro, e da extinta revista O Cruzeiro. Seu conto *Elisa* teve os direitos comprados pela Rede Globo, que o adaptou para o programa “Você decide”. Seu poema *Canção Nupcial* foi musicado pelo maestro Eleazar de Carvalho, apresentado em récita de gala pela Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, com a soprano Lia Salgado.

Publicou *Apontamentos* (1954, crônicas); *Crônicas de Domingo* (1956); *Três menos Um* (1956, peça teatral); *O Armazém de Seu Frederico* (1973, contos); *Domingo a Gente se Fala* (1975, crônicas); *Ida e Volta* (1976, flagrantemente de viagens); *A Beleza de Ser Criança* (1977); *O Sofá Azul* (1980); *Bento Munhoz da Rocha Netto e A Imagem que Ficou* (1985); *Quadros sem Molduras* (1986); *Entre sem Bater - Memórias* (1998).

Recebeu inúmeras condecorações, destacando-se, em 1956, a *Lateraeclésia* (Vaticano) e, em 1978, o título de Vulto Emérito, pela Câmara Municipal de Curitiba.

Fundadora da fundação da Academia Feminina de Letras do Paraná, exerceu sua vice-presidência durante a primeira gestão. É membro da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil, do Centro Paranaense Feminino de Cultura, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, do Centro de Letras do Paraná, da Academia de Letras José de Alencar e da União Cívica Paranaense. Tomou posse na APL em 23 de setembro de 2008, no Graciosa Country Club, saudada por Chloris Casagrande Justen. (EB)

CADEIRA Nº 11

PATRONO

Alfredo Caetano Munhoz

(1845 - 1921)

FUNDADOR

Alcides Munhoz

(1873 - 1930)

1º OCUPANTE

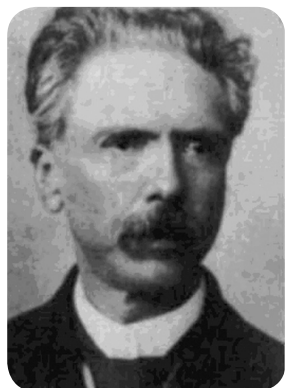
Laertes de Macedo Munhoz

(1900 - 1967)

2º OCUPANTE

João Manuel Simões

(1939 -)



ALFREDO MUNHOZ

PATRONO

Nascido em Curitiba, em 4 de fevereiro de 1845, ingressou aos 12 anos de idade no Colégio Kople, em Petrópolis (RJ), onde cursou Humanidades. Voltou ao Paraná e, em 1863, foi nomeado colaborador da Tesouraria da Fazenda. Escalou, rapidamente, vários postos da administração pública, como os de segundo escrivão, chefe de seção e contador, até alcançar o patamar

da carreira, como inspetor da Tesouraria da Fazenda, com apenas 33 anos de idade. Nessas funções foi comissionado para servir, como inspetor fazendário em Cuiabá, Mato Grosso, onde permaneceu por um ano, retornando ao fim desse período às suas funções em Curitiba. Por sua brilhante atuação como funcionário, recebeu a comenda da Ordem da Rosa e o título de Comendador, em outubro de 1880. Nove anos depois, seus colegas da tesourarias e coletoria de Curitiba, da alfândega de Paranaguá e da mesa de rendas de Antonina, ofereceram-lhe, em reconhecimento às qualidades de administrador e amigo, seu retrato a óleo.

Jornalista, fundador de periódicos, na sua revista Colmeia já defendia, àquela época, a tese do feminismo. No seu jornal A Luz, órgão do Centro Espírita de Curitiba, aparecido a 15 de janeiro de 1890, traduziu os trabalhos de cientistas alemães, ingleses, franceses, italianos e espanhóis. A permuta de A Luz com os jornais espíritas proporcionou-lhe intercâmbio intelectual com os sábios mais em evidência na Alemanha e na França. Já sexagenário, perdeu a esposa que o acompanhara por 40 anos, casando-se depois com Anália de Oliveira. Retirou-se, então, para Porto Amazonas, onde viveu 11 anos. Nesse período entregou-se ao estudo da Botânica e da História Natural.

Doente e atendendo aos rogos insistentes dos familiares, retornou a Curitiba em busca de maiores recursos médicos. Mas já era tarde. Faleceu no primeiro dia de fevereiro de 1921, aos 76 anos de idade, recusando o conforto católico. (WB)



ALCIDES MUNHOZ

FUNDADOR

Curitibano de 2 de agosto de 1873, ainda pequeno e já órfão de mãe, foi levado para São Paulo por seu pai, Caetano Alberto Munhoz, que o apresentou ao então Padre Alberto (mais tarde Dom Alberto José Gonçalves), que o matriculou no Seminário Episcopal. A sua passagem pelos bancos escolares desse estabelecimento religioso marcou profundamente sua crença em Deus. Essa formação católica, de início radical, no começo do século XX, encontrou barreiras no ateísmo

e anticlericalismo então em moda. A resposta a essa animosidade contra Deus foi traduzida no seu livro de estréia, *Scalpellum*, uma crítica aos versos heréticos de Euclides Bandeira. Sua vida dividiu-se entre compromissos de funcionário estadual e jogos de inteligência. Orador do Clube Católico Paranaense, fundado em 1902, defendeu seus princípios cristãos pela tribuna e pela imprensa. Escreveu romances e travou polêmicas com Vicente de Carvalho e com Osório Duque Estrada. Enfrentou adversários do porte do erudito sergipano Sílvio Romero, enfeixando suas controvérsias nos opúsculos *Sílvio Romero* e *o Alemanismo no Sul do Brasil*, em 1907, e *A Teutofobia do Sr. Sílvio Romero*, em 1910, trabalhos que chegaram a merecer não só a transição nos mais destacados órgãos da imprensa paulista e carioca como, até mesmo, tradução e publicação em periódicos alemães que circulavam em Nova York. Amando a sua terra, autêntico propagandista do potencial socioeconômico do Paraná, escreveu, em francês escoreito, *Lê Paranápour l'Étranger*, em 1907. Incentivador do plantio do trigo, lançou dois opúsculos, *O Pão Brasileiro* e *O Paraná e o Trigo*. Por sua capacidade administrativa chegou a ocupar o posto de secretário-geral do Estado, por sete anos, no governo de Caetano Munhoz da Rocha, período em que esteve investido de extraordinária soma de poderes. Destacou-se também como autor teatral, embora tenha enfrentado um meio hostil e acanhado, o que não impediu que algumas de suas peças fossem encenadas por Jaime Costa e Procópio Ferreira.

Faleceu em Curitiba aos 57 anos, em 13 de junho de 1930. (WB)



LAERTES MUNHOZ

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 19 de julho de 1900. Era filho de Alcides Munhoz e de Ifigênia de Macedo Munhoz. Depois de cumprido o curso fundamental, matriculou-se na Faculdade de Direito, onde colou grau. Nomeado, em seguida, para o Ministério Público, exerceu a Promotoria em diversas comarcas. Dado o brilho de sua cultura, não tardou a ser convocado para as altas funções de advogado-geral do Estado.

Ocupou, inclusive, o mais elevado cargo da carreira, o de procurador-geral.

Na juventude foi destacado futurista, movimento que fez tremer as bases literárias conservadoras do Paraná.

Orador inspirado, culto e eloquente, destacou-se no júri e na arena política, consagrando-se dos maiores tribunos de seu tempo. Foi o orador oficial dos congressos do Ministério Público, inclusive no ato de lançamento da pedra fundamental do monumento a Rui Barbosa. Presidiu, por vários anos, o Instituto dos Advogados do Brasil, no Paraná. Professor catedrático da Faculdade de Direito do Paraná, suas aulas de Direito Penal tornaram-se famosas, não só pela objetividade didática, mas igualmente pela cultura abrangente de verdadeiro mestre.

Sua atuação no campo jurídico pode ser medida pela vasta bibliografia, de cuja relação destacaremos: *Homicídio Consensual*; *O Estatuto do Funcionário Público*; *Erro de Direito e Erro de Fato*; *Das Penas Acessórias*; *Da Qualidade Subjetiva no Código Penal Brasileiro*; *Da Ética Profissional do Jornalista e Proteção dos Direitos Internacionais do Homem*. Na área literária, publicou: *Discurso de Paraninfo*; *Aspectos da Vida Literária de Alcides Munhoz*; *Elogio de Hugo Simas e Ulisses Vieira*; *A Vida Literária de Joaquim Nabuco*, e *Discursos e Perfis*.

Elegeu-se deputado em 1935, mandato interrompido pelo Estado Novo. No ano seguinte ingressou na Academia Paranaense de Letras. Voltou à Assembléia Legislativa em 1947, pela União Democrática Nacional, da qual foi dos mais brilhantes líderes. Ainda foi presidente da Assembléia Legislativa e secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça. Reelegeu-se mais uma vez, em 1950, para novo mandato estadual. Faleceu em Curitiba no dia 21 de dezembro de 1967. (TV)



JOÃO MANUEL SIMÕES

2º OCUPANTE

Nasceu em Mortágua, Viseu, Portugal, em 18 de março de 1939. Filho de pai beirão, Antônio Simões, e mãe belenense, do Pará, Irene dos Anjos Ferreira Simões.

Fez as primeiras letras em Mortágua mesmo e o liceu em Coimbra. Vindo para o Brasil e fixando-se em Curitiba, bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal do Paraná. É poeta e prosador. Entretanto, na crítica literária ou na crônica, no

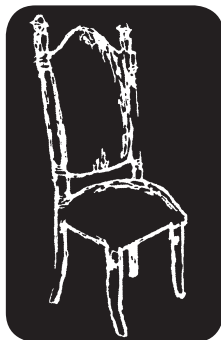
ensaio ou no conto, sua obra também é das mais expressivas, ainda que na poesia sua obra constitua-se de rara representatividade contemporânea. Eclético na temática, mostra-se integrado aos limites da perfeição e ao espírito paranaense que desde 1955 o abriga.

Copiosa bibliografia prova ser dos mais férteis poetas de todos os tempos. Tem sido importante também sua presença na crônica regular, porque é através dessa visão mundana que o leitor concebe acessibilidade à obra erudita, exuberante no conteúdo do poeta.

Seu indiscutível talento permite que realize uma literatura profusa, tanto na prosa quanto no verso. Tem publicados incontáveis títulos, entre os quais *Eu, Sem Mim*; *A Margem da Leitura e da Reflexão*; *A Palavra e o Mundo*; *Introdução à Crítica Estilística*; *Os Labirintos do Verbo*; *Réquiem Para 7 Quedas*; *Odes, Elegias e Outros Poemas*; *Sonetos Escolhidos*; *Ficção Possível*; *Micropoética*; *Sonetos de um Tempo Incerto*; *Moderato Cantabile*; *Rudopoema ou Peregrinatio ad Loqua Iníqua*; *O Túnel Circular*; *Poemas de um Heterônimo Cri(p)tico*; *Lira de Don Quixote e Reflexões Sobre Liberdade*. E ainda: *Suma Poética*; *Rapsódia Européia*; *Canto em Mi(m)*; *Inscrições Para os Muros de Babilônia*; *Armorial do Verbo*; *Sonetos do Tempo Onívoro*; *Clareza e Mistério da Criação Literária*; *A Tangente e o Círculo*; *A Palavra e o Mundo*; *O Túnel Circular* e *A Álgebra do Canto*.

Também são diversos os ensaios e as homenagens que prestou a grandes autores e a personagens da História, em: *Guernica e Outros Quadros Escolhidos de Picasso*; *Alguns Poemas para Drummond em Seus Oitentanos*; *Ode ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier*; *Vergílio Ferreira, um Novo Eça?*; *Kafka, Fenomenologia do Invisível e Outros Ensaios*; *Virgílio e Camões: Duas Presenças Vivas*; *Ernani Reichman*; *Bento, Humanista e Homem de Cultura*; *Presença de Balzac*; *Camus - Notas à Margem de A Peste*; *Evocação do Bruxo do Cosme Velho*; *De Tasso a Erasmo e Alguns Estudos Breves Sobre Dalton Trevisan*. Recentemente publicou *Os Criadores e Suas Obras*, de crítica literária, e *Palestras e Ensaios*. Em 2011, veio à lume o volume contendo *Pensamentos*.

Sua *Suma Poética* recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores. Foi eleito para a Academia em 1990, tomando posse em 1971, saudado por Vasco José Taborda, no Centro de Letras do Paraná. (VHJ)



CADEIRA Nº 12

PATRONO

Ubaldo do Amaral Fontoura
(1842 - 1920)

FUNDADOR

Euclides da Mota **Bandeira** e Silva
(1877 - 1947)

1º OCUPANTE

José de **Sá Nunes**
(1893 - 1954)

2º OCUPANTE

Faris Antônio Salomão **Michaele**
(1912 - 1977)

3º OCUPANTE

Ernani Costa **Straube**
(1929 -)



UBALDINO DO AMARAL

PATRONO

Nasceu em Passo dos Marianos, município da Lapa, em 27 de agosto de 1842, filho de Francisco das Chagas Fontoura e Gertrudes de Almeida Pilar, naturais de Cruz Alta (RS). Ainda cedo, a família mudou-se para Sorocaba (SP), onde fez seu curso fundamental. Matriculou-se na Faculdade de Direito

do Largo de São Francisco, colando grau em 1867. Dois anos após, casou-se, em Sorocaba, com Rosa Cândida de Oliveira. Advogou intensamente. Ingressou na Maçonaria, da qual foi exponencial figura. Primeiro paranaense a aderir ao movimento republicano, então incipiente. Elegeu-se duas vezes senador pelo Paraná, após a Proclamação da República. Incluído entre os republicanos históricos, exerceu enorme influência nos governos de Prudente de Moraes e Campos Salles. Prefeito do Distrito Federal, presidente do Banco do Brasil. Ministro plenipotenciário, foi árbitro do Brasil nas questões fronteiriças com a Bolívia e Peru.

Nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, foi também o primeiro paranaense a alcançar tais culminâncias. Viu-se, porém, obrigado a renunciar ao cargo dois anos depois, uma vez que sua prole, dez filhos, indicava que seus vencimentos não lhe eram bastante. Retornou, então, à advocacia, patrocinando, por algum tempo, a causa do Estado do Paraná na célebre questão do Contestado.

Foi candidato à presidência da República, apoiado por Prudente de Moraes, nas eleições de 1902, sucessão de Campos Salles. Ganhou, todavia, Rodrigues Alves.

Destacou-se como conferencista e colaborador da imprensa, apoiou com verba do Senado a iniciativa de Rocha Pombo, malograda, porém, de fundar a Universidade do Paraná, o que só aconteceria em 1912.

O ponto alto de sua luminosa carreira deu-se em 1907, quando foi designado para representar o Brasil na Corte Permanente de Arbitragem, em Haia, ao lado de Rui Barbosa, Clóvis Beviláqua e Conselheiro Laffayette.

Faleceu no Rio de Janeiro, na madrugada de 22 de janeiro de 1920. (TV)



EUCLIDES BANDEIRA

FUNDADOR

Nasceu em Curitiba no dia 22 de novembro de 1876. Aluno inteligente, em 1890 recebeu o reconhecimento público e expresso do professor José Cleto da Silva, em nome da Superintendência do Ensino Público, por ter sido aprovado com distinção. Pelo interesse e dedicação aos estudos, mais pelo caráter combativo que demonstrava, habilitou-

se, o futuro jornalista, a cursar a Escola Militar. Serviu, na ocasião, diante das circunstâncias, às tropas governistas do Marechal Floriano, durante a Revolução Federalista de 1893. Ao participar, porém, de movimento de sedição, em 1895 — gênio bravo e bravio —, foi excluído da Escola, o que implicou no seu retorno para Curitiba. Iniciava, assim, quase naturalmente, uma vida inteira dedicada ao jornalismo. Foi dos mais admirados escritores paranaenses. Forma apuradíssima, fez literatura de qualidade e nele, mais do que o jornalista integral, destacava-se o grande poeta: *O Sapo*, expressivo e esmerado poema, ainda hoje é lembrado com regularidade. Suas obras, todavia, em prosa ou em verso, não mereceram reedições. Infelizmente, são encontráveis apenas em raras bibliotecas.

Juntamente com Emiliano Perneta, fundou o Centro de Letras do Paraná. Ficou conhecido, informalmente, como *Príncipe do Jornalismo Paranaense*, com merecimento, título legado mais tarde a Raul Rodrigues Gomes, seu discípulo no antigo Diário da Tarde, reconhecida escola de letras comandada por Bandeira.

Participante do movimento simbolista, teve em Silveira Netto o grande mentor. Fazia-se presente em todas as revistas literárias, de arte e de gênero, que na medida surgiam: Clube Curitibano — talvez a mais importante pela popularidade e tempo de duração — Pallium, O Sapo, Fanal, Electra, Azul, Turris Ebúrnea e Stellario.

Tem publicados: *Heréticos*, 1901; *A Mulher e o Romanismo*, 1901; *Ditirambos*, 1901; *Velhas Páginas*, 1903; *Versos Piegas*, 1903; *Ouropéis*, 1906; *Colcha de Retalhos*, revista teatral escrita com Generoso Borges, José Gelbecke e Serafim França em 1906, representada no Teatro Guaíra; *Troças e Troços*, 1909; *O Monstro* — novela; *Respingos Históricos*, 1939; *Prediletos*, 1940 e *Crônicas Locais*, 1941.

Euclides Bandeira exerceu papel decisivo e influente na literatura paranaense. Sua atuação merece ser apreciada com respeito e profundidade, face à época e aos fatores circunstanciais.

Faleceu em Curitiba no dia 26 de agosto de 1947. É um dos fundadores da Academia Paranaense de Letras. (VHJ)



SÁ NUNES

1º OCUPANTE

Nasceu na Bahia em 7 de junho de 1893. Aos 27 anos de idade ligou-se ao Paraná, ao ingressar na magistratura como juiz de direito substituto da Comarca de Castro.

Militava na advocacia. Foi também promotor público de União da Vitória. Nessas funções, tomou conhecimento da publicação, em 1921, de editais de um concurso em Curitiba para provimento da cadeira de português no antigo Ginásio Paranaense. Inscreveu-se, concorrendo com os notáveis e célebres P^{re}. Eurípedes

Olímpio de Oliveira e Sousa e Fernando Moreira. Nesse memorável concurso o candidato baiano saiu vitorioso, fixando, desde então, resistência em Curitiba. Abandonou de vez a magistratura e entrou para o quadro de professores do Ginásio Paranaense. Dois anos depois seria nomeado catedrático da Escola Normal Secundária de Curitiba, da qual também foi diretor.

Polemista e conferencista católico, sua bibliografia filológica é extensa. Em 1939, o governo de São Paulo o contratou para lecionar a disciplina de filologia portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. No Rio, fundou, com Cláudio de Sousa, o PEN Clube do Brasil.

Foi colaborador da Revista da Língua Portuguesa, do jornal Correio da Manhã. Representando o Brasil, compareceu ao 4º Congresso Internacional de Lingüistas, na Universidade de Copenhague, ao lado de luminas como Ramiz Galvão, João Oiticica, Antenor Nascentes e Laudelino Freire. Foi quando a Academia Brasileira de Letras lhe fez convite para colaborar nos trabalhos pertinentes ao acordo ortográfico firmado com a Academia das Ciências de Lisboa, surgindo desse trabalho o Vocabulário Ortográfico da ABL.

Discípulo dileto de Carneiro Ribeiro e admirador de Rui Barbosa, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística o convocou para uma função técnica, a feitura dos topônimos, como *O Topônimo Goiás, que denota conhecimento de história, geografia e até lingüística indígena* e pode ser classificado entre os mais completos e criteriosos que têm aparecido. Redator da nossa Constituição Federal de 1946, foi combatido, incompreendido e até perseguido.

Ao escrever suas obras didáticas, ao elaborar os seus anteprojetos de ortografia, ao pesquisar incansavelmente sobre topônimos indígenas ou ao se deter na investigação dos arcaísmos, manteve sempre a dignidade de mestre, longe de grupelhos literários. Morreu prematuramente, aos 61 anos de idade, no Rio de Janeiro, em 1954. (WB)



FARIS MICHAELLE

2º OCUPANTE

Nasceu em Mococa (SP) em 3 de setembro de 1912. Era filho de Antônio Salomão e Rosa Jorge Michaelle, ele poliglota (falava português, espanhol, italiano, árabe, russo e grego antigo). O filho seguiu-lhe o exemplo, dominando vários idiomas. No Colégio Regente Feijó, em Ponta Grossa, cidade em que se criou, fundou o Grêmio Literário Visconde Taunay, bem como a biblioteca e o jornal O Fanal.

Diplomou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná. Instalou ainda em Ponta Grossa o American Reading Room para o ensino do inglês, assim como o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos. Aposentou-se como professor do Colégio Regente Feijó. Foi dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde lecionou antropologia, língua tupi, literatura hispano-americana, etnografia, além do português, francês e castelhano. Tornou-se presidente perpétuo do Centro Cultural Euclides da Cunha e diretor da revista Tapejara. Foi um dos fundadores da Faculdade de Direito de Ponta Grossa, na qual regeu a disciplina de Introdução à Ciência do Direito. Foi brilhante pela sua cultura e pelas qualidades didáticas. Escritor de alto mérito, a sua obra, *Ensaio Contemporâneo*, mereceu enormes elogios da crítica especializada. O seu livro *Titãs de Bronze* reuniu poesias em quatro línguas. Em *Breve Introdução à Antropologia Física* mostrou-se profundo conhecedor da matéria.

Suas obras *Arabismos entre os Africanos da Bahia*, *Em Abono de Euclides da Cunha e Ameríndios e Africanos* revelam, entre outras, notável polivalência na abrangência de temas complexos. O seu *Manual de Conversação da Língua Tupi* oferece bem a idéia de suas qualidades de professor da disciplina, pela coordenação que soube imprimir às vinte lições em que divide a gramática. Seu nome ultrapassou o âmbito provinciano e está ligado a grandes entidades culturais das Américas e do Velho Mundo, notadamente no campo da antropologia. Exerceu atividade cultural intensa.

Faleceu em Ponta Grossa no dia 21 de maio de 1977. Ao ingressar na APL, em 25 de março de 1968, foi saudado pelo acadêmico Osvaldo Pilotto. (TV)



ERNANI STRAUBE

3º OCUPANTE

Nascido em Curitiba, em 28 de Janeiro de 1929. Filho do notável mestre Guido Straube e de Myriam Costa Straube. Fez o curso primário na Escola Seiler, em Curitiba, completando os estudos do primeiro e segundo graus no Colégio Estadual do Paraná. Em 1951, recebeu o diploma de farmacêutico pela Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Paraná e, em 1954, matriculou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUC.

Dedicou-se exclusivamente ao ensino, ao magistério, seguindo a tradição paterna. Na vida profissional, desempenhou, entre outros cargos, o de monitor da cadeira de Farmácia-Química do Curso de Farmácia da Universidade, o de farmacêutico-chefe da Cooperativa dos Ferroviários Catarinenses, em Mafra (SC), e também o de oficial farmacêutico do Serviço de Saúde do Exército. Na área educacional, atuou como professor do Colégio Estadual Caetano Munhoz da Rocha, em Rio Negro, do Colégio Estadual Pedro Macedo, do Colégio Estadual do Paraná e da Escola Técnica Federal do Paraná. Exerceu os cargos de diretor do Colégio Estadual do Paraná, da Escola Superior de Polícia Civil, Chefe do Grupo Auxiliar de Planejamento do Departamento de Polícia Civil, Coordenador Pró-Memória da Associação Franciscana de Ensino Bom Jesus de Curitiba e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, nas gestões 1970/71 e 2009/11. Em maio de 2011 foi eleito para mais um mandato na entidade.

Também exerceu o cargo de secretário do Centro de Letras do Paraná. É associado do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e do Colégio Brasileiro de Genealogia do Rio de Janeiro. Patrono da Cadeira nº 13 da Academia Paranocatarinense de Letras – Rio Negro/Mafra.

Possui diversas condecorações conferidas por decreto do Governador do Estado, pela Polícia Militar do Paraná, pelo Corpo de Bombeiros do Paraná e pela União dos Escoteiros do Brasil.

Estudioso da Heráldica e Medalhística, publicou, em 1966, *Manuel da Fonseca Lima e Silva — Barão de Suruhí*. Pela Imprensa Oficial do Estado, lançou, em 1987, *Símbolos do Paraná: Evolução Histórica*. Em 1990, publicou *O Prédio do Gymnásio (1903-1990)*; em 1993, *Do Liceo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná (1846-1993)*; em 2002, *Símbolos — Brasil, Paraná e Curitiba — Histórico e Legislação*; em 2003, *Polícia Civil — 150 anos*; em 2006, *Biblioteca Pública do Paraná — Sua História*. Em 1992, publicou sua obra de exaltação filial: *Guido Straube: Perfil de Um Professor*.

Em preparo, *Administração de Portugal — 1185 a 2011 e do Brasil — 1822 a 2011 e O Navio Pirata de Cotinga — 1718*. Foi empossado na APL no dia 26 de abril de 1995, saudado pelo acadêmico Metry Bacila. (WB)

CADEIRA Nº 13

PATRONO

Generoso Marques dos Santos
(1844 - 1928)

FUNDADOR

Enéas Marques dos Santos
(1883 -1961)

1º OCUPANTE

Manoel de Oliveira **Franco Sobrinho**
(1916 - 2002)

2º OCUPANTE

Rui Cavallin Pinto
(1929 -)



GENEROSO MARQUES

PATRONO

Foi das mais altas expressões políticas e intelectuais do seu tempo. Nasceu em Curitiba, no dia 13 de janeiro de 1844, filho de Miguel Marques dos Santos e Generosa Chaves Marques. Formou-se 1865 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Casou com Ana Joaquina de Paula Santos,

filha do prestigioso coronel Benedito Enéas de Paula, falecida em 1893. Contraiu segundas núpcias com Rosalina Enéas Santos. Elegeu-se deputado provincial em 1866, pelo Partido Liberal, do qual se tornou líder. Reelegeu-se sucessivamente, até a República, inclusive deputado geral e 2º vice-presidente da Província. Senador eleito em 1890, viu seu nome sufragado para o cargo de presidente do Estado no ano seguinte pelo Congresso Legislativo, sob a égide da Constituição Estadual de 4 de julho de 1891. Com a ascensão de Floriano Peixoto ao poder, foi uma das vítimas da intervenção federal nos Estados, obrigando-se a entregar o cargo a uma junta mista constituída de civis e um militar, não sem antes deitar manifesto de repúdio à medida ditatorial. Por sua condição de líder, viu-se envolvido no torvelinho da Revolução Federalista, a qual apoiou ostensivamente. Fracassado o movimento rebelde, procurou abrigo no exílio, em Montevideú e Buenos Aires.

Voltou ao Brasil por força de *habeas-corpus* concedido pelo Supremo Tribunal Federal. Reagrupou os antigos correligionários e reavivou a atividade partidária. Em 1908, celebrou aliança com os velhos adversários, formando o Partido Republicano Paranaense. Foi eleito, outra vez, senador e vice-presidente do Estado, mantendo-se em evidência política.

Advogado fulgurante, poeta primoroso, tribuno eloqüente e jornalista combativo, seu nome transformou-se em bandeira das esperanças paranaenses. Na sucessão de Affonso Camargo, ao governo do Estado, desentendeu-se com ele, abrindo séria dissidência no Partido. Vitorioso Affonso, Generoso Marques caiu no ostracismo, amargurado com as ironias da política. Mesmo assim manteve-se no Senado até 1926.

Faleceu em Curitiba no dia 8 de março de 1928. (TV)



ENÉAS MARQUES

FUNDADOR

Nasceu em Curitiba no dia 12 de janeiro de 1883, filho do político Generoso Marques dos Santos e de Anna Joaquina de Paula Santos. Feitos os estudos básicos em escolas curitibanas, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1906.

Anos após, foi nomeado oficial de gabinete de Alencar Guimarães, então presidente em exercício do Estado,

mantendo-se no cargo no governo seguinte, o de Xavier da Silva. Em novembro de 1908 foi nomeado promotor público da Comarca de Palmeira. Posteriormente, exerceu as mesmas funções em São José dos Pinhais e Curitiba. Em 1916, foi alçado a titular da Secretaria do Interior e Justiça. Graças à operosidade da sua administração, foi lembrado para suceder ao presidente Affonso Camargo. As articulações nesse sentido estiveram bem adiantadas, mas à última hora Affonso Camargo inclinou-se pelo nome de Caetano Munhoz da Rocha. Essa decisão, que contrariava acordos celebrados, deu motivo ao rompimento de Generoso Marques com Affonso. Os detalhes dessas *demarches* estão bem descritos no livro *Bastidores Políticos*, de autoria de Ottoni Maciel, testemunha ocular daquele acontecimento (edição de 1925).

Enéas Marques, desiludido, abandonou a política, retirando-se para a sua cátedra na Faculdade de Direito, onde exerceu igualmente o cargo de diretor.

Ainda, segundo o depoimento de Ottoni Maciel: *Enéas Marques foi para o ostracismo e nele se tem mantido com nobreza e altivez. Conheceu cedo a ingratidão dos homens e as pérfidas ciladas dos políticos. É um espírito brilhante e caráter bellissimo. Filho ilustre do senador Generoso Marques, trouxe do berço o espírito iluminado da política. Era forçoso que pagasse o seu tributo. Não escapou às seduições perigosas, provou-lhe o mel enganador e a doçura do seu seio, mas bem cedo teve que tragar o absinto amargo de promessas mendazes e traiçoeiras.*

Faleceu em Curitiba no dia 14 de outubro de 1961. É considerado fundador da APL. (TV)



FRANCO SOBRINHO

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 11 de janeiro de 1916, filho de Theodorico de Oliveira Franco e Maria Olímpia de Oliveira Franco. Matriculou-se no grupo anexo à Escola Normal, passando ao Ginásio Paranaense, onde concluiu o curso fundamental, em 1931. No seguinte exercício ingressou na Faculdade de Direito, concluindo o curso em 1936.

Ainda estudante, estreou no jornalismo, iniciando bela carreira política e cultural. Sua contribuição aos grandes jornais e editoriais do país reflete a sua erudição. Na carreira de advogado deu provas de brilho e eficiência profissional.

Autor de obras jurídicas e literárias, seu renome ultrapassou as fronteiras do país, notadamente para ministrar conferências em universidades do exterior. Poucos juristas levaram tão longe a cultura universitária paranaense, prelecionando em Lima, na Universidade de San Marcos; em Mendoza, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais; em Nova Iorque ou em qualquer outra cidade importante onde se recrutam talentos e inteligências privilegiadas. Recebeu títulos de professor honorário de várias instituições acadêmicas internacionais. Autor dos mais produtivos, suas obras de Direito Administrativo são obrigatórias nas principais bibliotecas continentais.

Ex-Procurador-Geral da Justiça, Secretário de Estado, deputado federal, magistrado federal, jornalista e professor, participou de notáveis conclave internacionais, entre outros, da IV Conferência Interamericana de Jurisconsultos, em Santiago do Chile; da Unesco, em Paris; XIII Assembléia Geral das Nações Unidas; Assembléia Mundial de Saúde, em Genebra, sempre com atuação diligente e acatada. Foi agraciado ainda com o título de Vulto Emérito de Curitiba.

Em sua imensa bibliografia, basta citar algumas: *Introdução ao Direito Processual Administrativo*; *Fundações e Empresas Públicas*; *A Prova Administrativa*; *Desapropriação*; *Controle da Moralidade Administrativa*; *Empresas Públicas do Brasil*; *Da Competência Administrativa*; *Estudos de Direito Público* e *Mandado de Segurança nas Desapropriações*. Publicou, igualmente, ensaios literários que revelam sua fecunda polivalência cultural.

Após seu falecimento, por iniciativa de seu filho, o advogado Manoel Antônio Oliveira Franco, foi criado o Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. Tem por objetivo resgatar a obra jornalística e literária de Franco Sobrinho, dispersa em antigos jornais e revistas. O Instituto também deverá publicar em livro a produção intelectual dos chamados *Jovens de 1930*, grupo dedicado a modernizar a cultura paranaense naquela década. Ao ingressar na APL, em 1966, foi recepcionado pelo acadêmico Oscar Martins Gomes. Faleceu em 17 de julho 2002, em Curitiba. (TV)



RUI CAVALLIN PINTO

2º OCUPANTE

Filho de José Maria Pinto e Amália Cavallin Pinto, Rui Cavallin Pinto nasceu em 2 de maio de 1929, embora seu pai tenha promovido novo registro do seu nascimento para 30 de janeiro de 1928, de forma a que o filho alcançasse idade necessária ao ingresso no Ginásio Paranaense. A providência não deu certo, mas o menino acabou voltando ao estabelecimento, onde concluiu toda sua formação básica e do qual só saiu em 1949, para a matrícula na Faculdade de

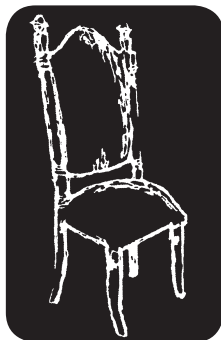
Direito da Universidade do Paraná. Formado em 1953, estabeleceu-se como advogado em Apucarana, dividindo suas atividades com as de professor nos estabelecimentos locais de ensino. Em 1956 passou a integrar, por concurso, o Ministério Público estadual, como promotor substituto. Foi titular das promotorias de Marilândia do Sul, Francisco Beltrão, Peabiru e Apucarana.

Em 1963 foi nomeado professor de História Econômica Geral, no ensino superior do Estado, lecionando na Faculdade de Ciências Econômicas de Apucarana por 17 anos, em Apucarana. Em Curitiba foi professor da Faculdade Estadual de Artes, até a aposentadoria do magistério.

Em 1972 concluiu o curso de licenciatura em História pela Faculdade de Filosofia de Mandaguari. Promovido a promotor da capital em 1979, atuou até a ascensão ao cargo de procurador de justiça, em 1986. Em 1991 aposentou-se do Ministério Público. No ano seguinte passou a ser assessor do Tribunal de Alçada e, depois, da presidência do Tribunal de Justiça, até 1995. A partir de então, se dedicou às letras, editando *MP – História e Historietas*, com crônicas e notas pitorescas sobre sua experiência no MP. Passou a compor, também, a comissão do Memorial do Ministério Público, responsável pelo resgate, preservação e divulgação da instituição.

No ano de 2000 foi admitido no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, tendo sido orador oficial, e em 2003, no Centro de Letras José de Alencar e na Academia Paranaense de Letras, da qual é secretário-geral. Após, produziu *Discursos Acadêmicos*, correspondente às orações que proferiu nas posses em ambas as Academias.

Em 2007 editou *O Amor de Solano Lopes* e outros improvisos literários, com crônicas sobre temas de história e de direito, inclusive abordando crimes da maior repercussão no Estado, e *A Arca da Memória*, produzindo e recontando temas de sua vivência em Apucarana. Finalmente, em 2010 publicou *Molduras Paranaenses*, com cenas e personagens da história paranaense. Foi constante colaborador da imprensa em Curitiba e no interior e, durante 8 anos, manteve coluna em jornal divulgando a atuação do Ministério Público estadual. É colaborador constante da Revista da Academia Paranaense de Letras e do Boletim do IHPR, além de outras publicações. Tomou posse na APL em 14 de outubro de 2003, recebido pelo acadêmico Noel Nascimento. (EB)



CADEIRA Nº 14

PATRONO

José **Bernardino Bormann**

(1844 - 1919)

FUNDADOR

Dídio Iratim Afonso da **Costa**

(1881 - 1953)

1º OCUPANTE

Júlio Estrella **Moreira**

(1899 - 1975)

2º OCUPANTE

José Carlos **Veiga Lopes**

(1939 - 2010)



BERNARDINO BORMANN

PATRONO

Nasceu em Porto Alegre (RS) no dia 26 de setembro de 1844, filho de pai alemão, Guilherme Bormann, e de mãe gaúcha. Foi o décimo dos filhos do casal.

Inclinou-se, desde cedo, pela carreira das armas. Aos 14 anos alistou-se no Exército, valendo-se de uma certidão do irmão mais velho. Estudou com os padres de São Leopoldo. Aprendeu os idiomas alemão e francês, que falava fluentemente. Depois de rápida ascensão na hierarquia

castrense, partiu para a guerra em 1865 como alferes do 5º Batalhão de Voluntários da Pátria, tomando parte no sítio de Uruguaiana e em outras batalhas importantes. Foi promovido a 1º tenente por atos de bravura. Ainda adolescente, tornou-se veterano das campanhas bélicas. Terminado o conflito, fez o curso de Estado-Maior. Bacharelou-se também em ciências físicas e matemáticas. Como ajudante-de-ordens do Duque de Caxias, viajou para a Europa, comissionado, em missões de especialização militar.

Ao regressar, viu-se designado a fundar a colônia militar de Chapecó, permanecendo naquela região por 16 anos. Destacou-se na literatura como historiador e pesquisador infatigável, além de escrever romances, comédias e dramas.

Da sua vasta bibliografia, constam: *Dona Mariquinha do Passo Carneiro*; *Os Amores de D. João III de Portugal*; *Rosas e o Exército Aliado*; *A História da Guerra do Paraguai*; *A Campanha do Uruguai*; *Bibliografia do Duque de Caxias*; *Caxias e Mitre*; e *Batalha de Leipzig*, entre outras obras.

O Paraná lhe deve uma valiosa fonte de informações sobre a Revolução Federalista, graças ao seu livro clássico *Dias Fratricidas*.

Traduziu ainda outras obras, notadamente as de caráter militar. Eleito vice-presidente do Paraná, governou interinamente o Estado de 2 de abril a 15 de maio de 1899. Pertencia ao Partido Republicano Federal. Em 1901 elegeu-se deputado estadual. Durante o governo de Nilo Peçanha assumiu o Ministério da Guerra. Alcançou a patente de Marechal. Tornou-se dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

Seu último cargo foi o de ministro do Superior Tribunal Militar. Faleceu no Rio de Janeiro em 1º de Julho de 1919. Foi homenageado como patrono da APL. (TV)



DÍDIO COSTA

FUNDADOR

Dídio Costa nasceu em Guarapuava, em 17 de agosto de 1881. Descendente de alemães, estudou Humanidades no Colégio Paranaense, em Curitiba, sob a direção do professor Claudino dos Santos. Concluídos os preparatórios, matriculou-se na Escola Naval em 1899, numa

turma de 132 aspirantes. Promovido a guarda-marinha em 1903, partiu em viagem de instrução a bordo do navio-escola Benjamin Constant, com destino aos Estados Unidos e aos países europeus. As impressões desse cruzeiro ele traduziria, mais tarde, no livro *Nas Águas da Gasconha*, de 1939. Oficial brilhante, galgou todos os postos até o de Contra-Almirante, em outubro de 1950. Mas, ao lado do homem voltado para o mar, vale a pena citar sua curta experiência de político como prefeito de Paranaguá e como deputado estadual, chegando a ser lembrado como candidato à presidência do Estado.

Foi Capitão dos Portos e Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros, ambos em Paranaguá. Por seus méritos, fez jus às comendas da Ordem do Mérito Naval e da Ordem Militar de Aviz, além de outras condecorações pertinentes à vida de marinheiro. Técnico abalizado, historiador, poeta, deixou várias obras, destacando-se as biografias *Júlio de Noronha* e *Saldanha da Gama*, ambas de 1944; *Barroso, Tamandaré e Inhaúma*, 1922; *O Mar e o Brasil*, 1941; *Subsídios para a História Marítima do Brasil*, em nove volumes; *O Brasil e o Ciclo das Grandes Navegações*, 1940, e o *Elogio de seu Patrono, o Marechal Bormann*, 1924. Membro de várias instituições culturais, de vários Institutos Históricos e de várias Sociedades de Geografia, do Centro de Letras do Paraná e da Academia de Letras do Paraná, casou em Curitiba com Olívia Faria, filha do grande político e presidente da Província do Paraná, Faria Sobrinho. Colaborador de vários periódicos, poeta, cronista, escondendo-se sob o pseudônimo de Herculano Mariz.

Faleceu no Rio em 23 de março de 1953, no posto de Almirante. (WB)



JÚLIO MOREIRA

1º OCUPANTE

Nascido em Curitiba no dia 6 de outubro de 1899, o filho do professor Fernando Moreira e Rita Estrella Moreira concluiu o curso fundamental no antigo Ginásio Paranaense. Formou-se, em seguida, pela Escola Normal.

Cursou odontologia e medicina, tornando-se diretor da Faculdade de Odontologia. Manteve ininterrupta atividade associativa. Pertenceu e dirigiu os mais importantes centros culturais, tais como o Círculo de

Estudos Bandeirantes, Museu Paranaense, Biblioteca Pública, Centro de Letras e Sociedade Brasileira de Escritores Médicos. Foi governador do Rotary Club. Recebeu, ao aposentar-se da carreira magisterial, o título de professor emérito da Universidade Federal. Antes de falecer, fez a doação de sua vasta biblioteca paranista ao Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, valioso acervo cultural e inesgotável fonte de pesquisa.

O jornalista Samuel Guimarães da Costa, presidente do Centro de Letras e membro da Academia Paranaense de Letras, escreveu o seguinte depoimento, em julho de 1975, na *Gazeta do Povo*: *Guardo do professor Júlio Moreira recordações duradouras de lições edificantes de perseverança, exemplos de lucidez e tolerância, ao lado de um apreciável senso de humor no julgamento dos homens e dos fatos. Era uma criatura junto da qual não sentíamos o tempo passar, tantas e tão ricas, as horas vividas a seu lado.*

Bibliografia científica e literária do autor: *O Tracoma no Paraná; O Impaludismo no Norte do Paraná; Anestesia Regional em Cirurgia Dentária; Lábio Leporino Unilateral Total; Artrite Alvéolo-Dentária Aguda; Dia da Pátria; Ideal de Servir; Dicionário Bibliográfico do Paraná; História da Medicina no Paraná; História da Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá; Professor Roquete Pinto, Uma Visão Bem Vivida; Paula Gomes; Biblioteca Pública; Luíza da Cunha e Marie Jarousse; Dois Nomes que Devem Ser Lembrados; Medalhas do Paraná; Eleodoro Ébano Pereira e a Fundação de Curitiba à Luz de Novos Documentos*, e finalmente *Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá*. Seu último e derradeiro livro é um profundo estudo dos caminhos e do povoamento do litoral e planalto.

Faleceu em 24 de julho de 1975. Foi recepcionado na APL, em 26 de setembro de 1967, pelo acadêmico Vasco Taborda Ribas. (TV)



VEIGA LOPES

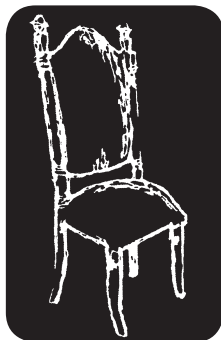
2º OCUPANTE

Filho de Ângelo Lopes e Rosina Veiga Lopes, nasceu em 7 de maio de 1939, em Curitiba. Fez estudos secundários no Colégio Estadual do Paraná, formando-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná. O autor, de características regionalistas e conteúdo localista, lançou títulos como *Açoiteira*, no qual retrata a paisagem humana dos Campos Gerais, com suas características originais. *Há alguns anos não surgia um escritor tão envolvido com a terra* - disse dele Osvaldo Lopes Brito

- *com a realidade dos hábitos e costumes do homem rude que nos confins do sertão cria uma linguagem própria e estórias singulares*. Este gênero é bem pouco explorado na literatura paranaense, salvo algumas experiências de Eurico Branco Ribeiro, Hellê Vellozo Fernandes, Coelho Júnior, José Erichsen Pereira e Antonio Alceu.

Verifica-se na sua bibliografia (*Sapecada; Esboço Histórico da Fazenda Santa Rita; As Aves do Céu Têm Ninhos; Curucaca e Açoiteira*), nada menos de cinco títulos relacionados com a vivência rural, delineados numa nítida homogeneidade regional. O autor recompôs em cada obra as observações recolhidas no cotidiano da atividade campestre, no convívio com os peões da fazenda, dos quais colecionou subsídios típicos. O filão regionalista da linguagem literária tornou-se importante para Veiga Lopes, transformando-se em autor significativo dos valores essenciais da cultura interiorana paranaense. Suas obras compõem o painel desta historiografia literária rebuscada de pureza e panteísmo, genuinamente regionalista, posta à disposição da inteligência brasileira. No campo da história, tem publicadas várias obras correlatas aos Campos Gerais: *Origens do Povoamento de Ponta Grossa; Raízes da Palmeira; Informações Sobre os Bens de Nossa Senhora das Neves no Paraná; Antecedentes Históricos de Porto Amazonas; Introdução à História de Tibagi; Primórdios das Fazendas de Jaguariaíva e Região; Fazendas e Sítios de Castro e Carambeí* — todos estes trabalhos provenientes de exaustivas pesquisas em fontes primárias, para tentar esclarecer dúvidas da história paranaense. Possui também vários trabalhos em periódicos, onde destacamos: *O Bacacheri nos Séculos XVII e XVIII, Campos de Guarapuava, O Continente da Pedra Branca e As Minas do Tibagi, Do Cemitério do Gentio ao Cemitério Parque* (sobre os cemitérios de Ponta Grossa) e *Alguns Esclarecimentos Históricos ao Romance: O Drama da Fazenda Fortaleza*. Em 2010, saiu a coletânea *Memória da Terra*, contos escolhidos sobre os Campos Gerais.

Assumiu a presidência da APL em dezembro de 2008, falecendo no exercício do mandato, em outubro de 2010. Foi recebido na Academia Paranaense de Letras em 28 de setembro de 1981, saudando-o o acadêmico Benedito Nicolau dos Santos Filho. (TV)



CADEIRA Nº 15

PATRONO

Dr. João José Pedrosa
(1845 - 1882)

FUNDADOR

Clemente Ritz
(1888 - 1935)

1º OCUPANTE

Virgílio Moreira
(1900 - 1973)

2º OCUPANTE

Christovam **Colombo de Sousa**
(1920 - 1991)

3º OCUPANTE

Adélia Maria Woellner
(1940 -)



DR. PEDROSA

PATRONO

Filho de Joaquim José Pedrosa e de Maria Pedrosa, nasceu em Curitiba em 3 de fevereiro de 1845. Concluídos os preparatórios no Liceu Paranaense, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em São Paulo, na data de 27 de novembro de 1865. Ao voltar ao Paraná foi procurador fiscal e inspetor do Tesouro Provincial. Eleito vereador, foi

presidente da Câmara Municipal de Curitiba e, após, deputado à Assembléia Legislativa Provincial no biênio 1867/1868. Filiado ao Partido Liberal, prestou-lhe serviços não só na tribuna parlamentar como na imprensa política, denunciando os desmandos dos Conservadores, então administrando o Paraná, tendo tido ocasião de travar calorosas discussões políticas com Generoso Marques, Padre Camargo, Alves Guimarães e outros oradores de renome.

Foi presidente da Província de 4 de agosto de 1880 a 3 de maio de 1881. Pela retidão de caráter, lhanza, sólida cultura e extremado amor à sua terra, tornou-se estimado até mesmo por seus adversários.

Foram relevantes as suas realizações em favor da capital provincial. Mandou construir o Mercado Público e o Teatro São Teodoro. Como presidente, sancionou a lei que fixou as divisas entre a Vila da Palmeira e a Freguesia de São João do Triunfo, a que criou a cadeira de Francês, Latim e Geografia em Antonina, a que estabeleceu o imposto de 200 mil réis sobre os escravos que entrassem na Província e a que autorizou a despesa de 50 contos de réis para a construção da estrada entre Ponta Grossa e Guarapuava. Notáveis também seus pareceres a respeito dos negócios da Província. Advogado ilustrado, jornalista, escreveu nas colunas do Dezenove de Dezembro e do Constitucional, defendendo os interesses da Província. Presidente também das províncias de Mato Grosso e do Pará, foi lá no Pará, em Belém, que faleceu em 15 de maio de 1882, vítima por febre tifóide. Seu corpo foi embalsamado e depositado na catedral da capital paraense, de onde, mais tarde, foi trasladado para Curitiba.

Apesar de ter vivido apenas 37 anos, mas já com o seu nome cogitado para o cargo de ministro do império, legou o exemplo de um administrador pairando acima de credos e de cores partidárias. (WB)



CLEMENTE RITZ

FUNDADOR

Nasceu em Curitiba, numa casa da Rua Borges de Macedo, hoje Ébano Pereira, em 23 de novembro de 1888. Estudante do Ginásio Paranaense, fez vários exames em cursos preparatórios, adquirindo forte conhecimento das línguas portuguesa e latina. Presidente do Centro Livre-Pensador do Paraná, Venerável da Loja Maçônica Cardoso Júnior, pertenceu à geração literária de 1905, a da revista *Stellario*, conhecida

como a dos novos. Jornalista irreverente, cronista, charadista, cultor do humorismo em prosa e verso, ingressou na carreira de servidor público como funcionário postal, ascendendo ao posto de administrador dos Correios de Campanha, em Minas Gerais, onde desfrutou de grande conceito. Um dos fundadores do Centro de Letras do Paraná, escolhido por Euclides Bandeira para secretariá-lo na histórica data de 19 de dezembro de 1912, foi dele a primeira ata dessa entidade cultural.

Autor de vários livros, destacam-se *Álbum*, versos, 1906; *Barros Júnior*, biografia, 1907; *Sonhos de Moço*, versos, 1907; e *A Caminho de Eleusis*, versos, 1914. *Meu Surrãozinho de Trovas*, versos, 1935, foi seu canto de cisne, revelando-se inteiramente outro, sob impressionante sentimentalismo, repleto de saudades, recordações e tristezas.

Lançou várias seções em jornais e revistas, como a dos *Perfis Acadêmicos*, na *A Cidade*, em 1926, nela perfilando em sonetos magistrais figuras como Brandão Pontes, Juran-dir Manfredini, Rodrigo Júnior e De Sá Barreto.

Uma de suas facetas pouco divulgadas merece aqui o seu registro: suas polêmicas, em alto nível, como aquela contra o filólogo português Teixeira Coelho, no *Diário da Tarde*, em novembro de 1920, intituladas *O Mondrongo Filólogo*, em trinta capítulos, por ele denominados trinta asneiras.

Doente, internado na Clínica Erasto Gaertner, então localizada na Praça Senador Correia, em Curitiba, foi transferido para o Sanatório São Sebastião, na Lapa, onde faleceu em 4 de novembro de 1935, antes de completar 47 anos de idade, vítima por tuberculose pulmonar. (WB)



VIRGÍLIO MOREIRA

1º OCUPANTE

Nasceu em Campo Largo, em 26 de junho de 1900, desfrutando de uma infância sem compromisso, entre as matas, olhando os campos ou fitando a serra, descansando à sombra da cúpula das imbuías, cortando as parasitas que se enroscavam ao longo das trepadeiras, armando alçapão aos passarinhos: *Pelas matas cresci. Fui sertanejo e, igual aos índios meus irmãos amados,*

sentí na boca a limpidez e o beijo dos arroios tranqüilos e gelados.

Mais tarde, fixou-se em Imbituva, onde passou a exercer atividades na indústria madeireira. Na longa caminhada que a sua profissão impunha, agora a correr entre a capital e Irati, pouco tempo sobrou para o exercício da poesia. Mas nem por isso deixou de escrever para jornais e revistas curitibanos, lançando ainda alguns livros, como *Gotas de Orvalho* (versos, 1920), *Tragédia Humana* (poema, 1936), *Rincão Natal* (sonetos, em duas edições, 1937 e 1953), *Cantigas do Outono* (poesias, dezembro de 1952) e *Meu Coração* (poesias, edição do Centro de Letras do Paraná, 1955).

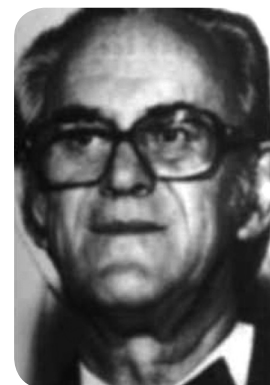
Entrou para Academia Paranaense de Letras em 1940, estudando a vida e a obra do fundador de sua cadeira, Clemente Ritz, *O Romeiro de Eleusis*. No entanto, devido ao seu temperamento introvertido, arredio ao convívio mais aberto, não participava com muita assiduidade das reuniões acadêmicas e centristas — embora elevado à categoria de sócio benemérito do Centro de Letras em fevereiro de 1952 — e nem das rodas sociais do Clube Curitibano. Entre seus inéditos vale ressaltar o *Livro da Saudade* (poemas), *Telas Paranaenses* (sonetos regionais), *Da Serra da Esperança* (crônicas e apreciações literárias) e *Marcos da Grandeza de Irati*, cidade onde viveria o resto de sua existência.

Inteiramente voltado para a natureza, sem chegar a perceber que o tempo deslizava, ao se dar conta dos cabelos brancos, confessava-se neste final de soneto:

*E veio o outono agora... Alucinado,
busco de novo as emoções, mas, perto vejo,
em ruínas, as glórias do passado.*

*Compreendo, então, que, errante, no deserto, só levo um peito às ilusões fechado,
e um coração para a saudade aberto!*

Faleceu em Irati, em dezembro de 1973. (WB)



COLOMBO DE SOUSA

2º OCUPANTE

Christóvam Colombo de Souza nasceu no município paranaense de Colombo, no dia 12 de outubro de 1920. Uma curiosidade: foi registrado de Souza, com zê; por entender, porém incorreta a grafia, passou a assinar-se literariamente de Sousa, com a letras. Formou-se em Filosofia e Direito.

Colombo de Sousa nasceu poeta e nunca pôde esconder seu talento. Destacou-se pela qualidade superior de seus

versos, tanto que seus méritos foram louvados, entre outros, por Fidelino de Figueiredo, Rodrigo Octávio Filho, Otto Maria Carpeaux, Malba Tahan, Osvaldo Orico e Carlos Drummond de Andrade. Eram identificados em sua poesia *o arreatamento lírico (...) a captação, sutil e profunda, do mistério poético (...) a finura espiritual da poesia*. A escola primária, fê-la em Jaguariaíva, e em Curitiba formou-se professor normalista, atuando no ensino médio. A par disso, era advogado do Estado do Paraná. Lecionou também na Escola Normal, atualmente Instituto de Educação do Paraná.

Colaborou intensamente na imprensa paranaense e durante vários anos foi o diretor-secretário da publicação Prata de Casa, de Léo Júnior. Passou muitos anos no Rio de Janeiro, onde também lecionou, jamais deixando, no entanto, de atuar na imprensa. Quando retornou a Curitiba, foi eleito para a Academia Paranaense de Letras.

Tem publicados: *Painéis* (1945); *Desencanto* (1946); *Fuga* (1948); *O Hóspede e a Ilha* (1953); *Oráculo* (1957); *Antípoda* (1959); *Estágio* (1960); *O Anúncio do Acontecido* (1968) e *Antologia Poética*. Junto com Felício Raitani Neto, elaborou *Letras Paranaenses - 1970*, festejada coletânea de autores, prosa e verso.

Faleceu em 2 de abril de 1991, repentinamente, aos 70 anos de idade. Foi recebido na Academia, em sessão solene, pelo acadêmico Leopoldo Scherner. (VHJ)



ADÉLIA MARIA

3º OCUPANTE

Filha de Osvaldo Woellner e de Iolanda Joslyn Woellner, nasceu em Curitiba em 20 de junho de 1940. Coursou o primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, o secundário no Instituto de Educação e Colégio Estadual e o normal na Escola Normal Professora Diva Vidal. Bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, obteve os prêmios Professor Ernani Cartaxo, Professor Laertes

Munhoz e Professor Enéas Marques dos Santos. Foi professora de Direito Penal na UCP. Servidora da Rede Ferroviária Federal, foi a primeira mulher no país a ocupar a chefia do seu Departamento de Recursos Humanos, o que lhe valeu a Medalha do Mérito Ferroviário. Recebeu a Medalha Fernando Amaro da pela Câmara Municipal de Curitiba (2005).

Sua obra consta de antologias, dicionários e enciclopédias. São elas: *Balada do amor que se foi* (1963), *Nhanduti* (1964); *Poesia Trilógica* (1972), *Encontro Maior* (1982); *Avesso Meu* (1992); *Poemas Soltos* (1992); *Infinito em Mim* (traduzido para outros idiomas, 1997 e 1998); *Graciette Salmon — A Ciranda da Estrela Sozinha* (1999 e 2003); *A Literatura e a História do Paraná* (1999); *Nhanduti — Sempre Poesia* — CD com 52 poemas, (1999); *Luzes no Espelho* (2002, 2ª edição pelo Instituto Memória); *Para Onde Vão as Andorinhas...*, sobre as famílias Woellner, Andretta, Joslyn e Valle, no Paraná (2002); *Férias no Sítio*, infantil (2002, 2ª edição pela Aymará, 2009); *Sons do Silêncio* (2004); *Travessias...* (2007); *A Menina que Morava no Arco-Íris* (2007); *A Menina do Vestido de Fitas* (2009); *A Água que Mudou de Nome* (2009); *Loucura Lúcida* (2009). Co-autora na *Coleção Valores Humanos* (2010); *Festa na Cozinha - Bom Apetite*, infantil (2011), além dos livretes *Poemas para Orar e Meditar* - diversas edições com 130.000 exemplares; *Poemas para Amar*; *Trovas do dia a dia*; e *Dito e Escrito*.

Em 1997 lançou o livro de poemas *Infinito em Mim* no 13th Brazilian Street Festival, em Nova Iorque. Em 1998, lançou na VIII Feria Internacional de Libro de La Habana, Cuba, o livro *Infinito em Mim*, em português e espanhol, também apresentado em Montreal e Cidade do México.

Participou como autora, dos CDs *Coisas do Paraná*, Curitiba, *Helena Kolody, Lapa, Velho Noé e Bairro Alto* (2005). Sua obra foi tese de mestrado (Profª Clarice Neukirchen – UNIOESTE, Cascavel, 2006) e de pesquisa pós-doutorado (Profª Níncia Borges Teixeira – UFRJ, Rio de Janeiro, 2007). *A Menina que Morava no Arco-Íris*, adaptada por Gil Gabriel, foi apresentada pelo Almazem Teatro de Bonecos (2010).

Faz parte da Academia de Letras José de Alencar, Academia Paranaense da Poesia, Centro Paranaense Feminino de Cultura e União Brasileira de Trovadores. Foi presidente do Centro de Letras do Paraná. Tomou posse em 23 de abril de 1996, saudada por Helena Kolody. (WB)

CADEIRA Nº 16

PATRONO

Brásilio Itiberê da Cunha
(1846 - 1913)

FUNDADOR

Paulo Ildephonso d'Assumpção
(1868 - 1928)

1º OCUPANTE

Benedito Nicolau dos Santos
(1879 - 1956)

2º OCUPANTE

Bento João d'Albuquerque Mossurunga
(1879 - 1970)

3º OCUPANTE

Benedito Nicolau dos Santos Filho
(1914 - 1987)

4º OCUPANTE

Alceo Ariosto Bocchino
(1918 -)



BRÁSÍLIO ITIBERÊ

PATRONO

Nascido em Paranaguá, em 1º de agosto de 1846, foi musicista e escritor. Irmão de Monsenhor Celso, iniciou sua carreira de diplomata em 1870, como adido da Legação em Berlim. Também em Berlim encerrou a carreira, anos depois, nas funções de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário.

Grande divulgador de nossa terra e de nossa cultura. Foi tamanho seu prestígio que chegou a reunir em sua casa berlinense, numa só noite, três virtuosos do piano, Liszt, Rubinstein e Sgambati - ocasião em que o autor de *Rapsódias Húngaras* executou a serenata *Sertaneja*, do biografado. Verdadeiro precursor da música genuinamente brasileira, pianista e compositor, residindo por muitos anos nos diversos países para onde era nomeado, Brásílio aproveitou o seu nomadismo para dar ao intercâmbio artístico os resultados mais proveitosos. Não se limitou a ser músico. Suas monografias sobre assuntos econômicos, comerciais e industriais contam-se às dezenas. E a sua obra, em dois volumes, *Economia Social e Expansão Econômica*, registra toda essa magnífica atuação no Congresso Mundial de Expansão Econômica reunido em Bruxelas.

Escreveu para a revista alemã *Der Musik* longo trabalho sobre A Música, as Artes e a Literatura no Brasil. Participou de uma viagem ao Egito, até as últimas cataratas do Nilo, acompanhando o célebre Gordon Pasha. Seu irmão João Itiberê da Cunha, musicista, poeta e crítico musical, quando do centenário de nascimento de Brásílio, assim se exprimira: *o prestígio cultural de Brásílio adquirira enorme poderio, não apenas para ele, mas especialmente para os músicos e os escritores da sua pátria, que ele tornava conhecidos e apreciados. Esqueciam-se, esses singulares concorrentes, de acrescentar que, a par da música, não havia diplomata mais operoso, mais patriota e que tivesse prestado mais assinalados serviços ao seu país.*

Em 11 de agosto de 1913, em Berlim, após uma indisposição durante a grande parada militar de verão, em Tempelhof, morreu na mesa de operações, em seguida a uma trepanação. Seus despojos foram transportados por um navio de guerra alemão de volta ao Brasil. (WB)



PAULO d'ASSUMPÇÃO

FUNDADOR

Nascido em Curitiba, em 15 de fevereiro de 1868, filho do Coronel Manoel Eufrásio d'Assumpção, comandante por muitos anos da Polícia Militar do Estado, então Regimento de Segurança, e Germina Veloso d'Assumpção. Depois de aprender as primeiras letras com sua mãe, fez o curso secundário no Instituto Paranaense, aí revelando seus dotes de desenhista. Partiu para o Rio de Janeiro em 1886, resolvido a estudar Engenharia. Mas

em contato com a Escola de Belas Artes, abandonou sua carreira inicial para se dedicar inteiramente às artes. Aluno dos irmãos Bernardelli, Rodolfo e Henrique, e também de Rodolfo de Amoedo, fez o curso de Escultura, durante o qual conheceu Cândida Klier, carioca, filha de alemães, com quem casou - era a única mulher a freqüentar, então, a Escola de Belas Artes. Diretor do Arquivo Público e da Repartição de Estatística do Estado, sua maior glória foi a de ser o fundador e primeiro diretor da Escola de Aprendizes Artífices. Ali criou um processo de tratamento da erva-mate e inventou uma jangada de tubos ocos, movida a hélice aérea.

Professor de desenho do Ginásio Paranaense, sua inclinação para a música influenciou a vinda para Curitiba de várias companhias de teatro e até a de músicos famosos que aqui se radicaram. Daí a sua permanente presença nos jornais curitibanos, analisando a atuação de instrumentistas, declamadoras e cantores que encantavam as platéias curitibanas. Oficial de gabinete de três presidentes do Estado do Paraná, jornalista fluente, autor da nossa bandeira, legalizada pela Constituição de 1893, e do escudo da Universidade do Paraná, tomou parte na Revolução Federalista, ingressando como praça no Batalhão 23 de Novembro, combatendo em Paranaguá - o que lhe conferiu o posto de capitão honorário. Membro do Centro de Letras e da antiga Academia de Letras do Paraná - nesta fez o elogio do seu Patrono, Brásílio Itiberê, em sessão de 13 de maio de 1924 - incursionou ainda na área teatral, com os dramas *A Taça do Amor* (1917) e *Bennot*.

Faleceu em Curitiba a 28 de fevereiro de 1928. (WB)

BENEDITO NICOLAU DOS SANTOS

1º OCUPANTE



Curitibano, nascido em 10 de setembro de 1879, após realizar seus estudos primários e secundários em colégios locais, frequentou o Conservatório Livre de Darbili, no Rio de Janeiro. Dotado de excepcional inteligência e criatividade, logo se identificou com a parte teórica da música, agindo como verdadeiro reformador da grafia musical, por meio dos trabalhos *Pauta Sintética* e *Pauta*

Sinfônica. Sua obra culminou com o lançamento do livro *Sonometria e Música*, em quatro volumes, publicados entre 1933 e 1936, obra-prima da sua genialidade musical, única no gênero no país, ainda que parte dela continue inédita.

Professor, funcionário da Fazenda Federal, musicista de renome, compositor, poeta, prosador, revistógrafo, conferencista, foi um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes, além de membro do Centro de Letras do Paraná. Injustiçado, não compreendido por seus contemporâneos, representou um marco glorioso dentro do panorama cultural e artístico paranaenses.

Em suas obras, destacam-se comédias como *Erros do Coração*, *Lição de Amiga*, *O Homem de Saias* (1932) e *O Voto Feminino* (1928), estas duas últimas encenadas pela Sociedade Teatral Renascença.

Colaborou na imprensa curitibana, inclusive sob o pseudônimo de Jack-Lino, com deliciosos contos estampados nas páginas do Correio dos Ferroviários. Compositor, contam-se às centenas suas barcarolas, mazurcas, marchas, xotes, tangos e polcas, com letras de renomados poetas conterrâneos. Suas operetas, *O Marumbi*, *A Vovozinha* (libreto de Emiliano Perneta), *A Pequena Cantora* (libreto de Leôncio Correia) e *Rosa Vermelha* (libreto de José Gelbecke), fizeram sucesso em suas apresentações em palcos curitibanos.

Aos 77 anos de idade, faleceu em Curitiba, em 9 de julho de 1956, deixando viúva Dona Maria Luísa e dez filhos. O Centro de Letras reverenciou sua memória na oração de seu filho, também centrista e acadêmico, Benedito Nicolau dos Santos Filho, legítimo sucessor da obra intelectual do pai. (WB)

BENTO MOSSURUNGA

2º OCUPANTE



Nascido em Castro em 6 de maio de 1879, revelou desde cedo sua vocação para a música, passando a dominar a violinha sertaneja e o violão. Com 16 anos de idade mudou-se para Curitiba, onde trabalhou no comércio e passou a cursar o Conservatório de Belas Artes. Tornou-se membro do Grêmio Musical Carlos Gomes, tocando piano no café-concerto de Ricciardella - o restaurante, pensão e café Guarani, na Rua XV - local onde se reuniam artistas e intelectuais.

Compôs o *Hino do Paraná* em 1903 e, no ano seguinte, a *Marcha Militar 19 de Dezembro*, além da mazurca *Ingrata*. Com a valsa *Bela Morena*, Mossurunga deu uma guinada em sua vida de rapaz pobre. Inspirada numa jovem curitibana, a valsa foi enviada para a revista carioca O Malho. Aprovada e publicada a partitura, seus amigos, entusiasmados, se cotizaram, conseguindo duzentos mil réis para comprar-lhe a passagem de Paranaguá para o Rio de Janeiro. Mossurunga viajou com reduzida bagagem: a malinha de mão e a caixa de violino. Chegou à Cidade Maravilhosa em 9 de setembro de 1905. Ao passear pelo centro da cidade, surpreendeu-se ao ouvir os últimos acordes de *Bela Morena*, executada pela orquestra de um tradicional café-concerto do Largo do Rocio, hoje Praça Tiradentes. Apresentou-se como o autor da música, sendo recebido entre vivas e abraços.

No Rio matriculou-se no Instituto Nacional de Música, diplomando-se em 1909, com distinção, no curso de violino. Conviveu com grandes figuras do meio musical, como Francisco Braga e Villa Lobos.

Voltou para Curitiba em 1930. Fundou a Orquestra Estudantil de Concerto e organizou a Sociedade Orquestral Paranaense. Compôs muito com letras de autores paranaenses, como Correia Júnior, José Cadilhe, Heitor Stockler, José Gelbecke e Ciro Silva. Em 31 de março de 1947, Moysés Lupion estabeleceu que o Hino do Paraná, letra de Domingos Nascimento, seria o Hino Oficial do Paraná.

Faleceu em Curitiba em 23 de outubro de 1970, aos 91 anos de idade. Foi a alma inspiradora do sentimento musical paranista. (WB)

BENEDITO NICOLAU DOS SANTOS FILHO

3º OCUPANTE



Nascido em Curitiba em 9 de maio de 1914, fez o primário no Colégio Bom Jesus e, em Paranaguá, no Nossa Senhora do Carmo, o secundário no Ginásio Paranaense de Curitiba e o curso de Direito na Universidade do Paraná, nela colando grau aos 23 anos de idade. Lecionou em vários educandários e, como professor universitário, a cadeira de português do

Curso de Jornalismo nas Faculdades de Filosofia da Universidade Federal e da Universidade Católica. Membro do Centro de Letras do Paraná, foi presidente no biênio 1972 — 1974 e vice-presidente nos dois anos seguintes. Secretário-geral do Conselho Diretor do Círculo de Estudos Bandeirantes e sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, católico fervoroso, participava da missa das 17 horas na Igreja Nossa Senhora do Rosário, quando acolitava o Padre Afonso de Santa Cruz.

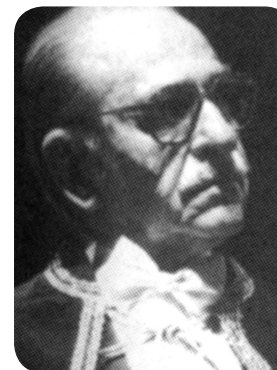
Casou em 1940 com Anunciata, que lhe deu quatro filhos. Estudioso do nosso folclore, interessado na arte musical, legou uma bibliografia interessante: *Discurso de Paraninfo* (1956); *O Mundo que Sonhamos e a Família* (discurso de paraninfo, 1958); *Fascinação das Manchetas* (tese, 1966); *Mensagem Jubilar* (1966); *Três Histórias Diferentes* (contos, 1969); *Lendas e Tradições do Paraná* (1972); *Hipólito José da Costa - Arquiteto de Idéias* (ensaio, 1973); *Aspectos da História do Teatro na Cultura Paranaense* (1979); *Mitos e Heróis do Folclore Paranaense* (1979). A publicar, deixou uma dezena de obras, abordando seu tema preferido — o folclore — como *Heróis e Mitos Indígenas do Folclore Paranaense*, *O Folclore no País Verde dos Pinheirais* e *O Folclore dos Chafarizes e Aguadas de Curitiba Antiga*.

Também contista, foi farta sua colaboração em jornais e revistas paranaenses, às vezes acobertado sob o pseudônimo Jacklino das Araucárias.

Tomou posse na Academia em 1975, recepcionado por Dario Nogueira dos Santos. Seu final de vida foi doloroso, acometido de um acidente vascular cerebral. Morreu em Curitiba em 21 de junho de 1987. (WB)

ALCEO BOCCHINO

4º OCUPANTE



Nasceu em Curitiba, dia 30 de novembro de 1918, filho de Pedro Bocchino e Albina Reffo Bocchino.

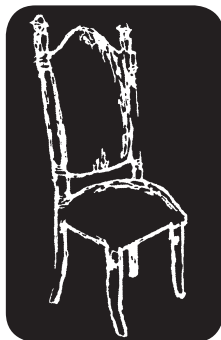
Asseveram os entendidos que ele tem, possivelmente, o melhor currículo da música erudita brasileira. Começou como pianista. Na revista Referência (Artes no Paraná - II), consta que, em janeiro de 1937, aparece ao lado de João Poeck, num concerto, no qual execu-

taram peças originais: *Prelúdio e Fuga*, em mi menor, do seu parceiro; e a *Sonata em Ré Maior*, de Mozart. Sua condição de regente também se encontra registrada nos documentos da época. O programa é de 25 de outubro de 1935 e refere-se à apresentação, em Curitiba, da ópera Tosca, de Puccini. Compositor, em 1950 a Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê promoveu um festival de obras da sua autoria, tendo por intérprete a cantora Cristina Maristany, o violoncelista Iberê Gomes Grosso e o próprio, ao piano.

Ele tinha seis anos quando foi a São Paulo aperfeiçoar-se nos estudos musicais com Camargo Guarnieri (composição) e Dinorah de Camargo (piano). Depois, ensinou no Conservatório de Santos e trabalhou em emissoras paulistas. Residiu no Rio de Janeiro a partir de 1946. Tornou-se dos maestros mais conceituados do cenário musical brasileiro. Além da orientação de Camargo Guarnieri, recebeu a influência dos mestres Villa-Lobos e Francisco Mignone. Assistente do maestro Eleazar de Carvalho na Orquestra Sinfônica Brasileira. Posteriormente, presidente da Comissão Artística, dirigindo a mesma orquestra na qualidade de titular. Foi dos seus fundadores, ao lado de outros virtuosos.

Nos anos 60 e 70 participou de diversos cursos pelo exterior, onde regeu orquestras como a Sinfônica de Bilbao, a Filarmônica de Lisboa e a Orquestra Sinfônica de Sófia. Em 1974 viajou com a Orquestra Sinfônica Brasileira pela Europa. Apresentou-se também em Buenos Aires e Montevideu com ampla aceitação pública. Realizou importantes concertos, como o Festival Beethoven, a convite de Eleazar de Carvalho. Regente da Orquestra Sinfônica da UFPR, é um ícone da nossa cultura musical.

Tomou posse na APL no dia 23 de novembro de 1994, saudado pelo acadêmico Noel Nascimento. (TV)



CADEIRA Nº 17

PATRONO

Eusébio Silveira da Motta

(1847 - 1920)

FUNDADOR

Dario Persiano Castro Vellozo

(1869 - 1937)

1º OCUPANTE

Dicesar Plaisant

(1898 - 1969)

2º OCUPANTE

Flávio Suplicy de Lacerda

(1903 - 1983)

3º OCUPANTE

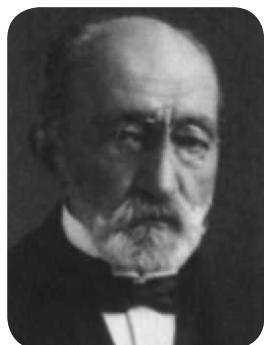
Euro Brandão

(1924 - 2000)

4º OCUPANTE

Clemente Ivo Juliatto

(1940 -)



EUSÉBIO DA MOTTA

PATRONO

Nasceu em Curitiba no dia 30 de janeiro de 1847, filho de Joaquim Inácio Silveira da Motta e Maria da Conceição Silveira da Motta. Após o curso preparatório matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde obteve, em 1870, o grau de bacharel.

Elegeram-se deputado em 1874, mas não se adaptou. Exerceu a magistratura até 1892. Antes, desempenhou as funções de oficial de gabinete do governo do Estado, das quais foi afastado por motivos estritamente políticos. Inclusive da judicatura, mais tarde. Dedicou-se, então à advocacia e às letras. Lecionou no Ginásio Paranaense e na Escola Normal, respondendo também pelas cátedras de filosofia, português e pedagogia. Em 1914 demitiu-se de seus cargos do magistério.

Reintegrado à magistratura, foi nomeado desembargador, em 1917, aposentando-se dois anos após. Homem de letras e filósofo, dele disse o desembargador Westphalen: *não expandiu seu espírito em escritos especiais e nem no jornalismo. O seu maior gosto era o estudo das obras filosóficas, as quais lia com afeição, ensinando seus alunos e palestrando com seus amigos. Dedicava a isso um interesse de cientista.*

A influência do seu pensamento filosófico na formação de escritores representativos do Paraná do seu tempo é estudada por Andrade Muricy, na obra *O símbolo à Sombra das Araucárias*. Foi presidente de honra do Instituto Neopitagórico.

Era exatamente formal e excêntrico. Viviam na solidão, taciturno e tímido. Era visível e flagrante o desnível da sua cultura humanística e a relativa vulgaridade do meio intelectual de Curitiba da época. Deixou publicados: *Razões e Recursos; Recurso Extraordinário; O Evolucionismo de Spencer* e outras colaborações literárias e filosóficas esparsas. Faleceu no Rio de Janeiro em 22 de Setembro de 1920. (TV)



DARIO VELLOZO

FUNDADOR

Dario Persiano de Castro Vellozo nasceu no Rio de Janeiro, no dia 26 de novembro de 1869, numa propriedade chamada Retiro Saudoso, nome que mais tarde daria à sua chácara de Vila Isabel, em Curitiba. Estudou no Parthenon Paranaense e Instituto Paranaense (os colégios mais graduados de então).

Reuniu em torno de si as inteligências da época e fundou o Cenáculo, associação que publicava a revista de mesmo

nome, com produções de caráter nitidamente simbolista.

Em 1914 fundou, em Rio Negro, a Escola Brasil-Cívico, cujas portas foi obrigado a cerrar em face da iminência de ataques de fanáticos das lutas do Contestado.

Voltou a Curitiba e readquiriu o Retiro Saudoso. Ali construiu, em estilo grego, o Templo das Musas, sede do Instituto Neopitagórico. A elite intelectual de Curitiba freqüentou esta sociedade de caráter filosófico-artístico-cultural durante mais de um quarto de século. O lema adotado: *O estudo por norma, a amizade por base, o altruísmo por fim.*

Estudando e escrevendo até os últimos anos de sua vida, deixou numerosas obras, publicadas ou não. Estreou aos 20 anos de idade com *Primeiros Ensaios*. Sua obra mais vigorosa é o poema *Atlântica*. Suas poesias mais conhecidas estão em *Cinerário*. Descrições repassadas de ternura encontram-se em livros de cunho biográfico, tais como *O Livro de Allyr; Do Retiro Saudoso*. Suas convicções filosóficas aparecem marcadamente em *Jesus Pitagórico*. O livro que encerra seu evangelho cívico é *Limiar da Paz*. O grande humanista que foi está presente em toda a sua obra que, pronunciadamente simbolista, contém intensa espiritualidade. Conviveu com os maiores talentos do seu tempo, entre os quais Emiliano Pernetta, Romário Martins, Nestor Victor, Leôncio Correia e Olavo Bilac. Manteve sempre a liderança intelectual.

Durante o governo de Caetano Munhoz da Rocha esteve em iminência de prisão por protestar contra a concessão de verbas do governo para a instalação de palácio episcopal nas dioceses de Jacarezinho e Ponta Grossa. Dario Vellozo era anticlerical.

Orador primoroso, sua coerência era expressiva. Escritor e poeta, sua obra, verdadeira profissão de fé, está enfeixada em três volumes: *Horto de Lísias, Primeiros Ensaios e Efêmeras*.

Faleceu em Curitiba no dia 28 de setembro de 1937. (TV)



DICESAR PLAISANT

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba em 7 de setembro de 1898, filho do escritor Alcebíades Plaisant, editor de largos recursos, responsável pelo lançamento de vários volumes de literatura e de história paranaenses.

Após os estudos regulamentares no Colégio Militar do Rio - lá mesmo tendo revelado precocemente a vocação de escritor como redator do órgão estudantil A Aspiração - formou-se em Direito pela Universidade do Paraná, em 1927.

Exerceu em Minas Gerais as funções de Promotor de Justiça e de Delegado Regional, não deixando de escrever artigos pelas mesas dos cafés, em papel de jornal, com um lápis rombo e grosso. Boêmio, alvoroçado, apreciava o embate violento e, por muitas vezes, virulento. O jornalismo combativo o apaixonava e, como panfletário temível que era, nos tempos da ditadura ouvia-se a voz de Dicesar. Seu grito desesperado nas ruas representava a condenação dos regimes totalitários, sempre a lutar em defesa da liberdade de imprensa. Intransigente contra o despotismo, viu-se arrastado aos cárceres do sofrimento. Romário Martins chegou a afirmar que nele culminam três predicados humanos: a cultura, o talento e a intrepidez. Da sua virulência não escapava ninguém. Tanto que o médico João Evangelista aconselhava: *cumprimentem, por favor, o Dicesar, por prazer ou por medo*.

Sua formação literária foi calcada nos grandes mestres, em clássicos como Herculano, Castilho, Eça e, acima de todos, Camilo, de quem recitava longos trechos em suas polêmicas. Deixou algumas obras publicadas, como *Figuras e Figurinhas*, biografias, 1919, com prefácio de seu antigo professor de Português do Colégio Militar, o filólogo Maximino Maciel; *Educação*, 1923; *Visões Panfletárias*, prosa, 1938; *Tocais da História*, 1939; *Dicesar*, o seu discurso de recepção na Academia Paranaense de Letras, 1940; e, finalmente, *Um Bacharel à Malta da Justiça*, 1941.

Complicado, esdrúxulo, tumultuoso e esquisito - nas definições de seu amigo Barros Cassal - membro do Centro de Letras e dos Institutos Históricos do Paraná e de Sergipe, Dicesar Plaisant foi recebido na Academia por José Pereira de Macedo, em 27 de setembro de 1940. Faleceu em Curitiba em 26 de dezembro de 1969. (WB)



FLÁVIO SUP LICY DE LACERDA

2º OCUPANTE

Filho de Manoel José Correia de Lacerda e Alice Maria Suplicy de Lacerda, nasceu na Lapa, em 4 de outubro de 1903. Realizou seus estudos no Colégio Militar de Barbacena e se diplomou Engenheiro Civil pela Escola Politécnica de São Paulo, em 1928. Iniciou a carreira na Prefeitura de Curitiba, servindo como Oficial de Equipagem de Pontes no 5º Batalhão de Engenharia, durante a Revolução de 30. Foi Engenheiro-Fiscal da Estrada de Ferro Monte Alegre e da Companhia Força e Luz do Paraná; Conselheiro do Governo do Paraná; Chefe do Tráfego da Rede de Viação Paraná - Santa Catarina; 1º Presidente do CREA - PR; Presidente do Instituto de Engenharia e Secretário de Viação e Obras Públicas, autor do traçado da Rodovia do Café.

Professor de Resistência dos Materiais da Escola de Engenharia e de Análise Matemática e Análise Superior da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Foi membro do Conselho Federal de Educação. Defendeu tese sobre a fenômeno da "Flarnbagem".

Em 1950, tornou-se Reitor da Universidade do Paraná, obtendo sua federalização. Criou o Hospital de Clínicas, o edifício da Reitoria, o Centro Politécnico, o Teatro da Universidade e a Imprensa Universitária, além de ter incorporado as Escolas de Agronomia e Veterinária, Química, Ciências Econômicas e de Florestas. Criou o Coral Universitário e a Orquestra Sinfônica.

Foi Ministro da Educação e Cultura de abril de 1964 a janeiro de 1966. Novamente Reitor da UFPR em 1967, aposentou-se em 1971. Como Ministro fez o Censo Escolar; o Estatuto do Magistério; o Salário Educação e a lei Suplicy, dando obrigatoriedade de voto aos estudantes para a constituição de seus diretórios.

Entre outras homenagens, recebeu a Ordem do Mérito Militar; Comendador da República Italiana - Grã-Cruz; Comendador da República Federal da Alemanha - Grã-Cruz; Cavaleiro da Ordem de São Francisco; Comendador da República do Paraguai - Grã-Cruz; Comendador da Ordem de Malta - Grã-Cruz; Grã-Cruz da Ordem do Pinheiro; Medalha de Ouro do Mérito do Engenheiro Brasileiro.

Foi Membro Honorário da *Société des Ingenieurs Civils de France*; Professor Emérito e Reitor Honorário do UFPR; Doutor *honoris causa* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Cidadão Honorário de Curitiba, Londrina, Ponta Grossa, Maringá e Loanda, no Paraná, e Cidadão de Pernambuco.

Seu livro *Resistência dos Materiais* (Editora do Globo) foi adotado em faculdades do Brasil e exterior. A *Oração do Cinquentenário*, homenagem aos 50 anos da Universidade do Paraná, pronunciada na Assembléia Legislativa, foi publicada no volume 9 da Revista da Faculdade de Direito da UFPR. Valfrido Pilotto saudou-o na APL publicando o discurso alusivo, já que a solenidade não pode ser realizada.

Faleceu em 1º de julho de 1983. (TV).

EURO BRANDÃO

3º OCUPANTE



Nasceu em Curitiba, no dia 31 de dezembro de 1924. Era filho de Nilo Brandão e Noêmia Santos Brandão, ele notável professor e lingüista. Formou-se pela Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Paraná, pela qual também cursou Filosofia.

Mostrou desde jovem forte inclinação para o desenho e a pintura e por isto freqüentou o ateliê de Guido Viaro. A atividade profissional prioritária, porém, afastou temporariamente o jovem engenheiro dos encantos das artes plásticas. Desenvolveu uma brilhante carreira administrativa e magisterial: secretário de Estado dos Transportes do Paraná, presidente do Banco de Desenvolvimento Econômico, ministro da Educação, Cultura e Esportes. Em 1943 foi distinguido com menção honrosa no Salão Paranaense de Belas Artes. Sentiu-se seguro no dia em que o mestre Guido Viaro lhe disse: *Você não necessita mais de conselhos como pintor. Mergulhe no verde.*

Foi o que fez. Sua atração pela natureza produziu paisagens de cores transpassadas de uma luminosidade dramática. Entre obras de filosofia, ensaios políticos, tratados de engenharia e telas, ele se declarava um pintor descomprometido, pois criava sem visão utilitarista, mas por simples imposição subjetiva. Participou com a sua arte em galerias nacionais e estrangeiras, notadamente França, Suíça, Portugal e Estados Unidos, com premiações regulares. Pertenceu a diversas instituições culturais: Academia Brasileira de Ciências Morais e Políticas, Instituto Brasileiro de Filosofia, Centro de Letras do Paraná, Centro Paranaense de Estudos Portugueses, Academia Brasileira de Educação e Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Foi também presidente do Círculo de Estudos Bandeirantes. Publicou os livros *O Século da Máquina* e *Flagrantes Educacionais e Culturais*, ambos de 1992, e *A Valorização Humana na Empresa*, de 1995.

Elaborou ainda número expressivo de monografias, discursos e ensaios, que versam desde assuntos ferroviários e estruturais de engenharia, a respeito dos quais foi um aplaudido técnico, a assuntos restritos a humanidades, arte e educação.

Duas vezes doutor *honoris causa*, uma delas pela Universidade de Okayama, Japão. Exerceu o reitorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná de 1986 a 1997. Deixou uma obra administrativa, humana e irretocável. Faleceu em Curitiba no dia 30 de outubro de 2000. Foi recebido e saudado na APL pelo acadêmico Metry Bacila, no dia 3 de agosto de 1992. (VHJ)

CLEMENTE IVO JULIATTO

4º OCUPANTE



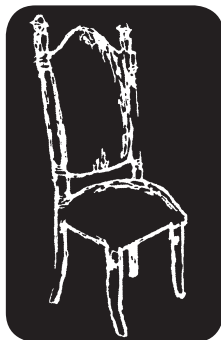
Nasceu em 16 de agosto de 1940, em São José dos Pinhais, filho de Ulisses Juliatto e Maria Bassa Juliatto. Formou-se em Matemática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Foi professor nos colégios maristas de São Paulo, Ribeirão Preto, Franca e Uberaba. Diretor-geral do Colégio Marista de Londrina. Atuou como professor convidado no mestrado em Administração Universitária da Universidade

de Federal de Santa Catarina e no mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Na PUCPR, foi vice-reitor para Assuntos Comunitários e Estudantis e presidiu a Sociedade Paranaense de Cultura, mantenedora da Universidade. Foi Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento e presidente da Fundação Nossa Senhora do Rocio, mantenedora das emissoras que integram o Sistema Clube de Rádio. Em 1998, assumiu a Reitoria da PUCPR e em 1999 a Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.

Poliglota, é Mestre em Artes e Educação e Doutor em Educação pela Columbia University, New York, USA. E, em 1990, fez o Pós-Doutorado em Administração Universitária pela Harvard University, Cambridge, Massachusetts, USA, e pela Universidade de Londres (Inglaterra), em 2006.

Sua destacada produção científica inclui especialmente *On Implementing Computing at a Brazilian University: An Administrative Study* - tese de doutoramento na Columbia University (1983). Também, *Avaliação do Desempenho das Instituições Universitárias* (1987); *Pensando na Biblioteca da Universidade* (1988); *A Busca da Excelência Acadêmica nas Instituições de Ensino Superior por Meio da Avaliação* (1991); *Novas Perspectivas em Administração Escolar* (1996); *Ambientes, Agentes e Formas Educativas* (1996); *A Mobilidade Acadêmica no Contexto da Integração Interamericana* (1999); *Um Jeito Próprio de Educar: a Formação Cristã na PUCPR, Reflexões e Propostas* (2002); *Um Jeito Próprio de Cuidar: Reflexões e Propostas Para a Área da Saúde* (2005); *Um Jeito Próprio de Comunicar: Reflexões e Propostas Para a Área da Comunicação* (2005); *Um Jeito Próprio de Servir: Portas Abertas Para a Comunidade* (2005); *A Universidade em Busca da Excelência: Um Estudo Sobre a Qualidade da Educação* (2005), que é referência nos assuntos da educação. Sobre o tema publicou também: *Parceiros educadores: estudantes, professores, colaboradores e dirigentes* (2007 e 2010), e *Horizonte da educação: sabedoria, espiritualidades e sentido da vida* (2009).

Em 2000, recebeu o título de Cidadão Honorário de Curitiba e em 2003 o de Vulto Emérito de São José dos Pinhais. Em 2005, foi eleito para o terceiro mandato de Reitor da PUCPR. Foi recebido em 24 de setembro de 2001, no Teatro PUC, pelo Acadêmico Valério Hoerner Júnior. (VHJ)



CADEIRA Nº 18

PATRONO

Joaquim de Almeida **Faria Sobrinho**
(1847 - 1893)

FUNDADOR

Hyppolyto Pacheco Alves **d'Araújo**
(1869 - 1946)

1º OCUPANTE

Manoel de **Lacerda Pinto**
(1893 - 1974)

2º OCUPANTE

Francisco da Cunha **Pereira Filho**
(1926 - 2009)

3º OCUPANTE

Laurentino Gomes
(1956 -)



FARIA SOBRINHO

PATRONO

Joaquim de Almeida Faria Sobrinho nasceu em 13 de agosto de 1847, na Fazenda Rio Verde (município da Lapa, então Vila do Príncipe). Era filho do padre Inácio de Almeida Faria e Sousa. Após o estudo das primeiras letras, transferiu-se para Sorocaba e em seguida Minas Gerais, onde ingressou no Colégio Baependi. Retornando a São Paulo concluiu o curso fundamental no Atheneu Paulistano. Matriculou-se, então, na

Faculdade de Direito, formando-se em 1868. Face ao brilho de seu desempenho, recebeu o título de sócio benemérito do Núcleo Jurídico de São Paulo. Regressou ao Paraná um ano após, sendo nomeado promotor público da capital. Atraído pela política, elegeu-se deputado provincial por várias legislaturas. Político, jurista e professor, lecionou história, geografia, francês, filosofia e retórica, no antigo Liceu Paranaense. Aos 38 anos de idade, na condição de vice-presidente da Província do Paraná, assumiu interinamente o governo por um ano, sendo depois disso nomeado para o mesmo cargo por ato do Imperador, em 1886.

Desapegado a cargos e honrarias, recusou convite do gabinete Cotegipe para a presidência da Província de Alagoas, preferindo a sua cátedra e a companhia dos livros que muito o fascinavam.

Como administrador demonstrou larga visão dos problemas da Província, estimulando os movimentos de imigração, a fundação de colônias e a disseminação de escolas. Desde o início da sua maturação política, mostrou-se insubmisso à crueza da legislação criminal da época, e, dada a versatilidade que revela no estudo de todos os campos do direito, mobilizou seus contemporâneos para a codificação do Direito privado brasileiro. Esse movimento se alastrou pelo país, em ondas que se avolumaram no curso dos anos, e de cuja vitória final não compartilhou em vida, pois tais anseios só se concretizaram nos pródromos do século XX.

Orador fluente e culto, arrebatava os auditórios nas preleções literárias, ou nas alocuções jurídicas. Combateu veementemente a pena de morte, considerando-a *iníqua e bárbara*. Mal havia completado 46 anos quando faleceu em Paranaguá, no dia 11 de setembro de 1893.

Passou à História como Presidente Faria. (TV)



HYPPOLYTO d'ARAÚJO

FUNDADOR

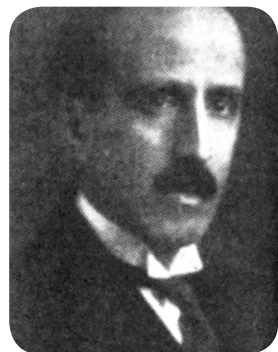
Nasceu na antiga Vila do Príncipe, atualmente Lapa, em 12 de janeiro de 1869, com ligações de parentesco, do lado materno, com o Barão dos Campos Gerais - por ele biografado. Afilhado do Conselheiro Dr. Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, também Patrono desta Academia, após o curso primário fez os preparatórios no Rio, concluindo o curso de Humanidades no antigo Instituto Paranaense. Matriculou-se na tradicional Faculdade de

Direito de São Paulo, onde recebeu o grau de bacharel na mesma turma de Afrânio de Melo Franco e Otávio do Amaral, em 1888.

Nos primeiros tempos de formado dedicou-se à advocacia, chegando a participar do grupo que fundaria a Faculdade Livre de Direito do Rio, em 1891, primeiramente instalada numa das dependências do Mosteiro de São Bento.

Espírito superior e culto, a diplomacia o seduziu e, em 1896, nomeado adido de legação em Londres, começou sua vida itinerante no exterior. Um ano depois, indicado para secretariar a Missão Especial que o Brasil enviaria à Inglaterra, por ocasião do sexagésimo aniversário do reinado da Rainha Vitória, recebeu a condecoração comemorativa de tão magna data. A convite do Barão do Rio Branco, deixou Londres em 1898 para aceitar o cargo de Secretário da Missão Especial que conquistaria para o Brasil a grande vitória do Amapá. Serviu na Suíça, em Paris, em Montevideu. A seguir, foi nomeado secretário da embaixada especial que foi ao Chile representar o nosso país no Centenário da Independência Chilena. Em 1912, foi elevado a Conselheiro e encarregado de negócios do Brasil na Alemanha. Em plena 1ª Guerra Mundial, foi promovido a Ministro. Andou por Noruega, Dinamarca, Pequim, Madri, até que, em 1928, alcançou o alto posto de sua carreira, o de Embaixador do Brasil em Tóquio. Em 1931 pediu para ficar em disponibilidade, aposentando-se pouco mais tarde. Fixou residência no Rio onde faleceu em maio de 1946.

A Academia Paranaense de Letras, num gesto de reconhecimento ao seu valor, incluiu o nome de Hippolyto como Fundador da Cadeira nº18, antes ocupada por Lacerda Pinto - o qual nobremente concedeu-lhe o lugar, ficando como seu sucessor e primeiro ocupante. (WB)



LACERDA PINTO

1º OCUPANTE

Filho de Manoel Rodrigues Pereira Pinto e Rita de Lacerda Pinto, nasceu em 4 de dezembro de 1893, na cidade da Lapa .

Jurista e político, poeta e prosador. Pertencente à elite cultural do Paraná, foi um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes. Teve importante atuação nos episódios que antecederam a criação da primeira Faculdade de

Filosofia, Ciências e Letras, juntamente com José Farani Mansur Guérios, Bento Munhoz da Rocha Neto, P^{te}. Jesus Ballarin Carrera, Sá Nunes, Brito Pereira, Pedro Macedo e Loureiro Fernandes. Na condição de deputado federal, participou da Assembléia Nacional Constituinte de 1934.

Ao regressar a Curitiba, advogou junto ao escritório do notável jurista Marcelino Nogueira. Exerceu, a seguir, interinamente, a procuradoria geral da República. Em 1937, foi nomeado pelo interventor Manoel Ribas para as funções de procurador-geral do Estado, depois Secretário de Estado do Interior e Justiça. Em 1941, foi nomeado desembargador do Tribunal de Justiça, onde exerceu a presidência, inclusive a do Tribunal Regional Eleitoral. Aposentou-se em 1963, após meritório desempenho no exercício das funções jurisdicionais. Dedicou-se ao magistério. Foi um dos fundadores da Universidade Católica. Lecionou na Universidade Federal do Paraná e no antigo Instituto de Educação. Voltado à atividade literária, participou intensamente dos movimentos de vanguarda e na administração de entidades culturais, notadamente no Círculo de Estudos Bandeirantes e Centro de Letras. Prosador e poeta, manteve permanente colaboração nos jornais O Dia e Gazeta do Povo, através da qual deixou marcas da erudição e do talento. Publicou um livro de poesias - *Fonte Rústica* -, recebido favoravelmente pela crítica especializada.

Faleceu em Curitiba no dia 15 de fevereiro de 1974. É considerado fundador da APL. (VHJ)



FRANCISCO CUNHA PEREIRA

2º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 7 de dezembro de 1926, filho do desembargador Francisco Cunha Pereira e de Juliana Ferreira da Cunha Pereira. Fez o curso fundamental no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e Colégio Santa Maria.

Formou-se em Direito em 1949, Turma Rui Barbosa, após intensa militância acadêmica, em que se elegeu

conselheiro da União Paranaense dos Estudantes e primeiro presidente do Diretório Central dos Estudantes - e, como tal, primeiro representante dos estudantes junto ao Conselho Universitário.

Destacou-se nos estudos. Na solenidade de graduação na Universidade Federal do Paraná, foi contemplado com o Prêmio Brigadeiro Franco. Tornou-se um dos fundadores da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, no Paraná. O Ginásio João Cândido (nome de seu avô materno, médico, professor e ex-presidente do Estado) foi a primeira unidade implantada, que já formou milhares de alunos.

Lecionou na Universidade, como catedrático interino, as cadeiras de Ciências das Finanças, Direito Internacional Privado e Previdência Social, no curso de Legislação Sindical, e Prática Jurídica Civil e Comercial na Escola Técnica São José. Advogado militante, tomou parte em vários processos de larga repercussão no Estado, notadamente no Tribunal do Júri.

Foi eleito e reeleito, sucessivamente, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Paraná. Exerceu a presidência do Instituto dos Advogados do Paraná, em 1969.

Acumulou durante sua carreira as funções de jornalista e advogado. Assumiu a direção do jornal Gazeta do Povo em 1962. Na TV Paranaense, emprestou modernidade e dinamismo ao jornalismo regional. Graças à visão empresarial, tornou-se líder de várias campanhas de proteção do Estado, escrevendo editoriais históricos, entre os quais aqueles em que pugnou pela defesa da integridade do território paranaense, constantemente ameaçado por movimentos de caráter separatista. Foi dele a iniciativa pela cobrança de royalties, devidos pela União ao Paraná, em razão da desapropriação de terras paranaenses para a construção da usina de Itaipu, enfim bem sucedida.

Em todos os seus atos manteve a tônica da preservação da tradição e da história, o que conferiu bem a medida do seu interesse pela cultura. Tomou posse na APL no dia 17 de novembro de 1998, saudado pelo acadêmico Lauro Grein Filho. Faleceu em Curitiba em 18 de março de 2009. (TV)



LAURENTINO GOMES

3º OCUPANTE

Laurentino Gomes nasceu em Maringá, em 17 de fevereiro de 1956, filho de João Ignácio Gomes e Maria Ascensão Gomes. cursou o ensino primário no Grupo Escolar de Água Boa, município de Paçandu. A seguir, durante três anos, foi seminarista da ordem religiosa Pia Sociedade de São Paulo. Em 1969, completou o curso de Admissão no Grupo Escolar Pérola Byington, em Pérola do Oeste. Com o retorno da

família a Maringá, foi aluno do ginásio dos colégios Brásílio Itiberê e Byington Junior, e do Instituto Estadual de Educação, onde completou o ensino secundário. É jornalista formado pela UFPR, em Curitiba, turma 1976.

Iniciou como repórter dos jornais Correio de Notícias e O Estado do Paraná, trabalhando depois na sucursal de O Estado de S. Paulo e da Agência Estado. Foi correspondente da revista Veja em Curitiba e chefe das sucursais da revista em Belém, Recife e Brasília. Transferiu-se para São Paulo em 1988, voltando ao Grupo Estado como editor de O Estado de São Paulo e do Jornal da Tarde. Foi editor-executivo da revista Veja e exerceu diversos cargos de direção no Grupo Abril.

Trabalhou em Portugal em 1999, como consultor editorial da revista Visão, de Lisboa. Fez pós-graduação em Administração pela Universidade de São Paulo (USP), com cursos de especialização nas universidades de Cambridge, na Inglaterra, e Vanderbilt, nos Estados Unidos.

Em razão do livro *1808*, foi apontado pela revista Época, em 2008, como um dos cem brasileiros mais influentes do ano. É membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro honorário das Academias de Letras das cidades de Maringá e Sorocaba.

Livros publicados: *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007; Lisboa: Livros D'Hoje, 2008; *1808, edição juvenil ilustrada*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008; Lisboa: Leya, 2008; *1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010; Porto (Portugal): Porto Editora, 2010; *1822, edição juvenil ilustrada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. Ganhou dois Prêmios Esso de Jornalismo e sete Prêmios Abril de Jornalismo, estes pela revista Veja. Como escritor, recebeu dois Prêmios Jabuti em 2008; ganhou também o prêmio de Melhor Ensaio da Academia Brasileira de Letras, no mesmo ano. Foi condecorado com o Diploma de Colaborador Emérito do Exército Brasileiro (2009); Medalha do Mérito Tamandaré, da Marinha do Brasil (2010); e Ordem Estadual do Mérito do Piauí (2010). Tomou posse na APL em 15 de setembro de 2010, na Unicritiba, saudado por Eduardo Rocha Virmond (AF).

CADEIRA Nº 19

PATRONO

José Gonçalves de Moraes

(1849 - 1909)

FUNDADOR

José Gelbecke

(1879 - 1960)

1º OCUPANTE

Arildo José de Albuquerque

(1914 - 1974)

2º OCUPANTE

Joaquim Carvalho

(1910 - 1986)

3º OCUPANTE

Carlos Alberto Sanches

(1941 -)



JOSÉ DE MORAES

PATRONO

Nasceu em Morretes em 15 de janeiro de 1849. Aos sete anos de idade perdeu o pai, Américo, ficando com sua mãe, Escolástica, a dura tarefa de educar o filho. Começou cedo a trabalhar e já aos 18 anos de idade foi nomeado professor público em sua cidade natal. Tornou-se mais tarde sócio de uma casa comercial com um de seus irmãos. Foi também tabelião, professor, deputado provincial por duas legisla-

turas, vereador, inspetor escolar em Curitiba, gerente da Caixa Econômica Federal, diretor da Secretaria de Obras Públicas no governo de Santos Andrade. Casou com Francisca e desta união nasceu o filho, Aguilar Moraes, também poeta e prosador.

Desde pequeno, revelou inclinação para a poesia e, em 1874, lançou seu único livro, *Semprevivas*. Interessado pela cultura de seu povo, fundou o Internato Moraes. Inaugurou o primeiro prelo da cidade de Morretes, sendo compositor e impressor do primeiro jornal morretense. Com alguns companheiros criou diversas sociedades literárias e sociais, como *Amor ao Estudo*, *Clube Alfa* e *Filodramática Morretense*.

Interessante que a sua veia humorística, alegre, jovial, não combinava com a sua aparência física, homem de estatura mediana, esmarrido, barba rala, de aspecto grave, sorriso parcimonioso, sobrecasaca preta, chapéu côco e nasóculos, embora conversador agradável, ainda que comedido ao falar.

Abolicionista fervoroso, poeta, cronista, tradutor e jornalista, dono de sólida cultura alicerçada num humanismo impregnado de latinidade, lendo, traduzindo e falando com esmero o latim. Colaborador de jornais e revistas, organizou os quatro primeiros números do Almanaque Paranaense. Sua pretensão era a de reunir seus versos no livro *Curitibanas*, conforme costumava revelar aos amigos na livraria da Imprensa Paranaense, na Rua XV. Chegou a escrever a novela realista *Maria Clara*, datada de 1889, inédita, cujos originais andariam à época em mãos de Raul Gomes.

Adoecendo em 1904, retirou-se do ambiente literário curitibano, retornando a Morretes, onde faleceu na terça-feira, 21 de setembro de 1909. (WB)



JOSÉ GELBECKE

FUNDADOR

Nascido em Morretes em 4 de agosto de 1879, fez os estudos primários com o mestre Arthur Loyola. Após os exames preparatórios no Ginásio Paranaense, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, bacharelando-se em 1922.

Funcionário público do Ministério da Fazenda, serviu em Curitiba na Delegacia Fiscal do Tesouro Federal, sendo

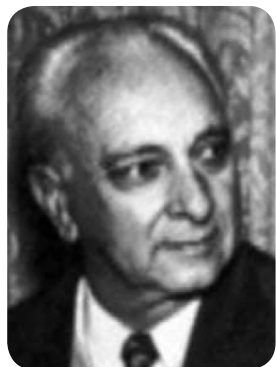
figura indispensável nas tertúlias e serões de arte, das reuniões do Clube Curitibano e da Sociedade Thalia. Excelente palestrador e declamador, andava sempre pela Rua XV em bate-papo com amigos. Boníssimo de coração, mesmo sem ser solicitado, socorria com presteza e desinteressadamente aos que necessitavam ou de seus serviços profissionais ou de sua influência no meio social.

Sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná e seu orador, são suas inúmeras letras para as melodias de Bento Mossurunga e de Benedito Nicolau dos Santos. Deixou apenas dois livros publicados, *Missas*, sonetos, 1905, de feição simbolista, aplaudido por Andrade Muricy e, em 1950, *Acordes*, edição do Centro de Letras. Isto, além de um discurso recepcionando Serafim França na Academia Paranaense de Letras, em sessão solene de 26 de setembro de 1940, nos salões do Clube Curitibano.

Colaborador de praticamente todas as revistas e jornais curitibanos, ligado ao grupo de *O Olho da Rua*, muitos de seus trabalhos literários andam mascarados sob os pseudônimos G. de Ivone, Xisto e Xisto Pandorga.

Incursionou também pela arte cênica com as revistas: *Colcha de Retalhos*, em colaboração com Serafim França, Euclides Bandeira e Generoso Borges, música de Luís Bastos, representada pela primeira vez no Teatro Guaíra, em 22 de julho de 1906; *Coritiba em Cinematógrafo*, também com Serafim França e Luís Bastos, apresentada no mesmo Teatro em 11, 26 e 29 de novembro de 1908; e *Do Rio Grande a Curitiba!*, com Doulival Moura, encenada no Teatro Politeama, em 16 e 17 de dezembro de 1911, pela Companhia Dramática Luso-Brasileira.

Octogenário, faleceu em 2 de dezembro de 1960. O Centro de Letras o homenageou em sessão de 26 de fevereiro de 1962, com a inauguração de seu retrato na Galeria da Saudade. (WB)



ARILDO DE ALBUQUERQUE

1º OCUPANTE

Nascido na cidade gaúcha de Santa Maria em 7 de abril de 1914, veio para o Paraná em razão das relações de família mantidas com o interventor Manoel Ribas. Estudante de Medicina na Universidade do Paraná, companheiro de pensão do também saudoso Newton Carneiro, formou-se em dezembro de 1939. Durante o seu curso superior dedicou-se também aos

estudos literários, escrevendo para jornais e revistas curitibanas.

Com o diploma de doutor, fixou-se por definitivo no Paraná ao se ligar, pelos laços do matrimônio, com Maria de Lourdes, de tradicional família local e que lhe deu as filhas Beatriz e Lúcia. Ao lado do médico, membro da Secretaria de Saúde Pública do Estado e diretor do Sanatório São Sebastião, na Lapa, coexistiu o intelectual, o jornalista, presente durante anos com os seus Asteriscos na Gazeta do Povo, e o professor. No magistério, o respeitado mestre de Português e de Literatura do Colégio Estadual.

Tribuno primoroso, tomou posse no Centro de Letras do Paraná em dezembro de 1958 e, a partir dessa data, teve nele destacada atuação, quer como orador durante diversas diretorias, quer como seu vice-presidente. Na Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, seção do Paraná, destacou-se por meio de conferências, saudações a congressistas e discursos em Congressos Brasileiros.

Deixou publicados trabalhos tais como *O Sanatório São Sebastião e o seu Realizador*, 1952; *Saudações às Debutantes*, 1968; *Discursos e Contribuições do Escritor Médico à Evolução do Romance Brasileiro*, 1968; *Discursos*, 1972; *Membros das Famílias Cordeiro e Alves*, 1969; *Fruto de Uma Arvore Bem Cultivada*, 1972; *Dados Biográficos de Manoel Claro Alves*, 1972; e *Tesouros do Coração*, poemas, obra póstuma, 1981.

Tomou posse na Academia Paranaense de Letras em 21 de setembro de 1966, recebido por De Sá Barreto.

Figura simpática e atraente, faleceu em Curitiba em 28 de abril de 1974. (WB)



JOAQUIM CARVALHO

2º OCUPANTE

Militar de profissão, nasceu no Estado do Ceará, na cidade chamada Jardim, bem no meio da Zona do Cariri, em 1910.

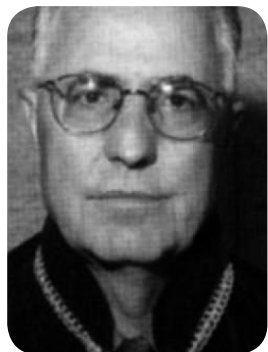
Poeta e trovador. Fez suas primeiras letras na terra natal, vivendo, nessa época, de maneira integral e inesquecível, conforme seus próprios comentários, dentro do ambiente de influência política e religiosa do Padre Romão Batista.

Com 22 anos aportou em Paranaguá, tendo por destino a cidade de Curitiba. No caminho, de repente, vislumbrou um morro sobranceiro, bonito, que se destacava entre os outros. Disseram-lhe tratar-se do Marumbi. Foi o toque de despertar do coração do poeta na e pela terra paranaense, distante do sertão nordestino que, sem saber ou querer, perdia-o em parte. Na capital do Paraná casou-se com Ivone Menezes de Carvalho, que lhe deu cinco filhos. Integrado o jovem à nova terra, comporia uma trovinha premonitória, sem pretensões, mas que se haveria de realizar: *Nasci sob as palmeiras/ do meu velho Ceará,/ morrerei sob os pinheiros/deste grande Paraná.*

No início da década de cinquenta ofereceu à literatura sua mais significativa contribuição: o épico *Guairacá*, em soberbos decassílabos vestidos da clâmide diáfana da indumentária parnasiana. Foi acolhido pela crítica como um trabalho de rara beleza, surpreendente técnica e acurada sensibilidade, em que se assenhorearam o ritmo e a rima. Trata-se da saga do chefe indígena, sua posição política e social diante do consciente senso de posse: *Esta terra tem dono!* Um exemplar chegado às mãos do general Cândido Mariano Rondon provocou do indianista correspondência dirigida ao autor em que se lê o seguinte comentário: *...o tema é dos mais empolgantes na história de nossos brasilíndios.*

Cultor da perfeição, em suas mãos o soneto foi trabalhado com rigor de métrica e rima, acrescido da permanente originalidade filosófica. Publicações: o poema *Guairacá* (1951), épico decassilábico, e *Miçangas* (1978), coletânea de sonetos e trovas. Deixou vasta e expressiva obra inédita, que permanece sob a guarda da família.

Agravando-se o enfisema pulmonar contra o qual lutara por anos a fio, faleceu em 29 de março de 1986, na cidade de Curitiba. Foi recebido na Academia em 20 de setembro de 1982 pelo acadêmico Valério Hoerner Júnior. (VHJ)



CARLOS ALBERTO SANCHES

3º OCUPANTE

Nasceu em Portugal, em 29 de agosto de 1941, filho de Dino Augusto Sanches e Maria Prazeres Afonso. É naturalizado brasileiro.

Formado em Direito e Línguas Clássicas, a atividade principal de Carlos Alberto Sanches tem sido o magistério, por meio do qual percorre o caminho empresarial. Estudou com os freis franciscanos de Blumenau e com os irmãos maristas. Tem na Teologia a especialidade de seus expressivos conhecimentos e acentuada cultura.

Do passageiro e incipiente concretismo vivido por Paulo Leminski no entusiasmo da juventude, assenhorou-se da responsabilidade de educar e traduziu essa obrigação numa renovada visão eclética do beletismo. Foi, portanto, impetuoso, mas pitoresco como ativo participante no Movimento Vanguarda, por meio do qual se pretendia, com uma poesia concretista associada a possíveis influências do suíço Max Bill, apresentar criações diferentes a partir da realização de uma imagem autônoma, apenas com componentes visuais e tácteis, a negar toda e qualquer expressão ou modelo natural. Um movimento que, pela volatilidade da sua essência e pelas circunstâncias que o cercaram no tempo e no espaço, se assemelharia àquele movimento Futurista inspirado por Marinetti, ocorrido no Paraná no final da segunda década do século passado, cujo expoente maior, assinando-se Oto Di La Nave, foi o notável Valfrido Pilotto. Diante das dificuldades surgidas por um expressivo lapso das nossas leis normativas, que eliminaram, há mais de quarenta anos, o estudo do latim e do francês dos currículos escolares básicos, submeteu-se à tarefa consciente de superar no dia-a-dia essa significativa lacuna, que tempos atrás constituía o pilar dos principais valores culturais. Houve por compensar tais deficiências com esforços redobrados, buscando técnicas que, em face de seu desiderato na atividade magisterial, servissem para minorar a adversidade hodierna. Fundou e dirigiu o Centro Educacional Professor Sanches, sucessor do IBEL, Instituto Brasileiro de Ensino e Linguagem, e também o Instituto de Ensino Camões. Seu livro, *O Pai*, valeu-lhe consagrada premiação nacional. Tem diversas obras em preparo. Sanches sucedeu ao notável poeta Joaquim Carvalho, por coincidência, seu sogro. Tomou posse no dia 23 de abril de 1998, recebido por este signatário. (VHJ)

CADEIRA Nº 20

PATRONO

Albino José da Silva

(1850 - 1905)

FUNDADOR

José Niepce da Silva

(1876 - 1935)

1º OCUPANTE

Ciro Silva

(1881 - 1968)

2º OCUPANTE

Francisco Pereira da Silva

(1908 - 1974)

3º OCUPANTE

Samuel Guimarães da Costa

(1919 - 1997)

4º OCUPANTE

Luiz Geraldo Mazza

(1931 -)



ALBINO SILVA

PATRONO

Nasceu em Paranaguá em 19 de janeiro de 1850. Seria tudo na vida, incluindo político, negociante, comissário de polícia, professor, fazendeiro, administrador das capatazias do Porto de Paranaguá, jornalista, fundador de diversos periódicos, deputado estadual, abolicionista ferrenho, republicano, poeta, delegado literário do ensino, prefeito municipal em São Pedro de Itararé - onde fundou o Clube de Leitura - educador e libertador de escravos. E diga-se que no desempenho des-

sas missões, algumas de enlevo espiritual, outras de sacrifício, sempre se houve com galhardia e brilhantismo. Uma infância cheia de dificuldades e, órfão de pai com apenas cinco anos de idade, bem cedo enfrentou as durezas da vida, passando a residir na casa de um tio que lhe deu tratamento severo e cruel.

Logo que pôde, abandonou a casa de seu tutor, deixando o litoral e alcançando o planalto curitibano em busca de novos horizontes. Em companhia de João Carvalho de Oliveira, dedicou-se ao comércio, seduzindo os clientes a tocar viola ante um círculo de admiradores, daí advindo o apelido de Albino Viola.

Mesmo sem ter alisado os bancos escolares, revelou-se poeta e, depois, jornalista, fundando seis jornais pelas cidades por onde passou: O Escolar e O Guaíra, em Campo Largo; O Diabinho, em Curitiba; Pátria Livre e Leitura Popular, em Paranaguá e Ponta Grossa. Publicou um único livro de poesias, *Flores Campesinas*, alguns folhetos e contos. Casado com a campo-larguense Rosinha, seus nove filhos herdaram-lhe o nome honrado e a inteligência. Cinco deles, Niepce, Zeno, Aldo, Ciro e Alda participaram da fundação do Centro de Letras do Paraná. Entregou-se à tarefa de lutar contra a escravidão chegando, muitas vezes, a ocultar em sua residência os escravos que fugiam do cativeiro, sofrendo pelo gesto altaneiro perseguições políticas. Certamente um dos mais estusiasistas propagandistas do regime republicano no Paraná, fundando, em Paranaguá, o Clube Republicano e o jornal Pátria Livre - este com excelentes colaboradores, como Leôncio Correia e Emiliano Pernetta.

Faleceu aos 55 anos de idade, em Ponta Grossa, em 24 de junho de 1905. (WB)



NIEPCE DA SILVA

FUNDADOR

Nascido em Curitiba em 1º de outubro de 1876, passou a exercer a partir dos 10 anos de idade o ofício de tipógrafo, compondo os periódicos locais das cidades por onde passava sua família, tais como Paranaguá (Pátria Livre), Campo Largo (Escolar) ou Curitiba (Diabinho). Aluno aplicado do Instituto Paranaense, em 1893 inscreveu-se como voluntário do Batalhão Patriótico 23 de Novembro.

Em seguida mudou-se para o Rio. Lá, na Escola Politécnica, recebeu o diploma de engenheiro, com 23 anos de idade. Exerceu funções técnicas na Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande e na Leopoldina. Voltou ao Paraná em 1903, casando com Francisca, que lhe deu 11 filhos. Foi nomeado Comissário de Terras e, posteriormente, Chefe de Seção da Câmara Municipal de Curitiba. Continuou sua ascensão na vida burocrática, passando a Diretor de Obras e Viação do Paraná e, no biênio 1912-1913, chegou a Secretário de Estado dos Negócios de Obras Públicas, logo determinando a reabertura da estrada da Graciosa, por 30 anos abandonada. Iniciou o serviço de fundações de colônias nacionais no Irani. Protegeu os índios. E se fez pioneiro, no Brasil, em 1913, do aproveitamento do trabalho de sentenciados no serviço de conservação e construção de estradas. A partir de então, mudou-se para o Maranhão, como Diretor da Estrada de Ferro São Luís-Teresina. Adepto fervoroso da maçonaria, orador, polemista, ao lado de quatro irmãos fundou o Centro de Letras do Paraná. Em 1927, ingressou na Academia de Letras do Paraná, fazendo o elogio do Patrono, no caso seu pai, o abolicionista e republicano Albino Silva. Interessado pelos problemas e assuntos nacionais, grande autoridade em transportes ferroviários, deixou obras como *As Aves*, conferência (1906); *O Problema da Catequese* (1910); *Contribuição para o Estudo da Climatologia* (1910); *Através do Romanismo* (1911); *Aspectos do Norte* (1921); *Lauro Sodré* (1917) e *As Vias Estratégicas para as Fronteiras Meridionais* (1930).

Redator da revista *Ramo de Acácia*, presidente e orador do Clube Curitibano, somente nove anos após o seu falecimento, ocorrido no Rio em 26 de setembro de 1935, saiu sua obra histórica *Ecos da Revolução de 1893 no Paraná*. (WB)



CIRO SILVA

1º OCUPANTE

Nasceu em Campo Largo em 22 de agosto de 1881, numa casa onde funcionava uma pequena tipografia. Não poderia fugir ao destino. Assim, começou a traçar notícias, artigos e crônicas para as folhas que seu pai, Albino Silva, editava. E isto em localidades diferentes, tais como Paranguá, Curitiba, Morretes e Ponta Grossa. Interessante o fato de que só depois dos 35 anos de idade se lhe manifestaria a veia poética.

Boêmio, carnavalesco, secretário-geral do famoso bloco Clube dos Puritanos, orador popular, advogado, violonista, tocador de gaita de boca - executava até trechos operísticos de O Guarani - poeta, vereador, professor da Escola de Artífices do Paraná, cargo no qual se aposentou, mostrou-se um espírito irrequieto, sempre a carregar debaixo do braço ou nas mãos um livro ou um maço de jornais, alguma coisa que o impedisse de movimentar em excesso seus membros superiores, que trazia em constante gesticulação. Foi autor de várias letras para melodias de Bento Mossurunga e de Benedito Nicolau dos Santos, como *Pau da Gaita* (1920); *Na Terra da Prontidão* (1922); *O Diabo atrás da Porta e Rumo ao Catete* (1931). Legou pequena obra literária, com *Cantos do País das Araucárias* (versos, 1939 e 1979), *Estrada Sem Fim...* (versos, 1958); *Relicário* (trovas, 1968) e um livro relatando suas impressões de viagem pelo Egito, com o seu irmão Zeno, *Na Terra das Pirâmides* (1926).

Faleceu em Curitiba, em 21 de maio de 1968, saindo o féretro de sua residência, na Rua Visconde de Nacar. Sócio-fundador do Centro de Letras, secretário da Academia Paranaense de Letras por 15 anos, o seu amigo inseparável - o cachimbo - e a sua gaitinha de boca mereceram de Euclides Bandeira um soneto interessante, que termina assim:

*Teu cachimbo é, por certo,
quem inspira o teu estro adorável, ó poeta!
É quem cobre de louros tua lira...*

*E... ou brotam versos da tua alma louca
ou chora o coração mágoa secreta
pela voz de uma gaita em tua boca! (WB)*



FRANCISCO PEREIRA

2º OCUPANTE

Nasceu na Rua Treze de Maio, em Curitiba, no dia 21 de janeiro de 1908. Coursou os colégios Santo Amaro, Duílio Calderari e Ginásio Paranaense e, mesmo sem vocação, matriculou-se no curso de guarda-livros da antiga Escola de Comércio Avafred. Começou, assim, sua vida burocrática a se estender por 37 anos, chegando a inspetor Regional dos Correios e Telégrafos e, finalmente, a diretor

do Serviço Administrativo do Tribunal Regional Eleitoral, cargo no qual se aposentou. Só que essas atividades prosaicas não esmagaram a inspiração latente do poeta, sempre voltado para as coisas belas da vida. Entusiasta fervoroso da música, são muitas as suas crônicas e poesias exaltando não só a genialidade dos compositores como a grandiosidade das óperas. Constan da sua bibliografia o *Resumo Biográfico do Glorioso Taumaturgo Santo Antônio de Pádua*, 1936; *Razões Finais de Defesa, em colaboração*, 1937; *O Guarani*, teatro, alcançando o primeiro lugar no Concurso de Livros patrocinados pelo Centro de Letras, 1950; *Carlos Gomes, Sua Vida e Sua Obra*, 1951, e *As Mulheres na História, na Lenda e na Atualidade*, poesias, 1953.

Enveredou pelo teatro, escrevendo *Dom Pedro I, Almas Heróicas* (ou Cerco da Lapa), esta representada pelo elenco da Companhia Irmãos Queirolo em 15 de novembro de 1958, além, é claro, de *O Guarani*. Como poeta, foi assediado por compositores para ajustar letras em marchas e hinos, como os dedicados a São José dos Pinhais, Coronel Vivida, a Carlos Gomes, ao Centenário de Castro, ao General Carneiro, a Guaratuba, ao Soldado Combatente, ao Centenário do Paraná. Foi autor do poema épico, *Os Paraniá-das*, em doze cantos, trezentas e setenta e nove oitavas e três mil e trinta e dois versos, de feição camoneana, um hino de amor e de louvor ao Paraná.

Membro do Centro de Letras desde 1950, ocupou vários cargos em sua diretoria e na do Instituto Neopitagórico.

Falecido em Curitiba em 27 de maio de 1974, sua vasta produção literária, inclusive muitos trabalhos acobertados pelo pseudônimo de Saturnino do Sul, ainda está por ser coligiada, estando espalhada, principalmente, nos periódicos curitibanos Diário da Tarde, Gazeta do Povo e O Dia. Foi recepcionado por Leonardo Henke na Academia Paranaense de Letras, na Sessão Solene de 8 de outubro de 1970. (WB)

SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA

3º OCUPANTE



Jornalista e escritor, nasceu em Paranaguá, em 22 de dezembro de 1918, filho de Augusto Régis Pereira da Costa e Maria Tereza Guimarães da Costa.

Descendente de tradicional família, era tetraneto do patriarca Manoel Antônio Pereira, último Capitão-mor e primeiro prefeito de Paranaguá. Foi a influência do pai que o fez enver-

redar pelo jornalismo, depois de concluir o curso fundamental na Escola Paroquial e Escola Normal de Paranaguá. Fez o Ginásio Paranaense, em Curitiba.

Começou como repórter do jornal *Gazeta do Povo*, evoluindo para editorialista. Colaborou em diversos jornais e revistas. Simultaneamente, participou do movimento cooperativista no Estado. Criada a Federação das Cooperativas do Paraná, exerceu os cargos de assistente, superintendente e assessor do Conselho de Administração. Assessorou igualmente os ministros paranaenses Aramis Athayde e Bento Munhoz da Rocha Neto. Mais tarde foi requisitado para as mesmas funções pelos governadores Ney Braga e Paulo Pimentel, cuja Casa Civil chefou.

Em 1983, recebeu o título de Cidadão Benemérito do Paraná, outorgado pela Assembléia Legislativa. Manteve sempre atividade dinâmica e ininterrupta, tanto na área jornalística como presidente do Conselho de Ética do Sindicato classista ou vice-presidente da Associação dos Jornalistas em Economia e Finanças do Paraná, quanto na produção literária, como provam seus diversos livros publicados.

Pertenceu a instituições culturais, sendo destacáveis o Centro de Letras do Paraná, em cujo período de presidência promoveu a modernização da entidade, o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e o Centro de Letras Leônicio Correa, de Paranaguá. Da sua bibliografia devem ser assinalados: *Formação Democrática do Exército Brasileiro*, editada em 1957 pela Biblioteca do Exército Editora e Menção Honrosa do Prêmio Pandiá Calógeras; *Economia Ervateira*, 1958; *Estudos das Áreas Culturais como Fundamento da Educação*, 1965; *Paraná*, Edições Mercator, 1975; *Erva Mate no Paraná*, 1989; *O Último Capitão-Mor*, 1988; *As Quatro Faces da Geração de 22*, 1992; e *História Política da Assembléia Legislativa do Paraná*, na década de 90, além de esparsa produção de crônicas e artigos. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura.

Faleceu dia 14 de julho de 1997, em Curitiba. Foi recebido na APL pelo acadêmico Valério Hoerner Júnior, em 26 de setembro de 1991. (TV)

LUIZ GERALDO MAZZA

4º OCUPANTE



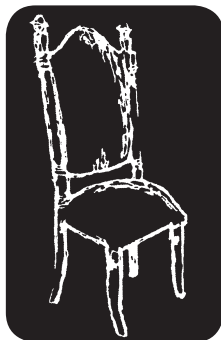
Nascido em Paranaguá, em 10 de fevereiro de 1931, deslocou-se para Curitiba em 1939, onde o aguardavam as escolas básicas de formação, Tiradentes, Prieto Martinez e o Ginásio Paranaense. Formado em Direito pela UFPR, em 1954, de sua turma constam os também acadêmicos Edilberto Trevisan, Léo de Almeida Neves, Leopoldo Scherner e Túlio Vargas. É essencialmente jornalista. Fez carreira no *Diário do Paraná* e na *Última Hora*. Exerceu as funções de

chefe de reportagem, chefe de redação e editor de opinião. Estilo objetivo e equilibrado, aliou estas características para percorrer outras redações, as do *Correio de Notícias*, *Folha de Londrina*, *Indústria e Comércio* e *Folha de São Paulo*. Dirigiu também, por dez anos, o telejornalismo da TV Paranaense Canal 12. Como colaborador, participou dos jornais *Diário da Tarde*, de Curitiba, *Diário do Comércio*, de Paranaguá, e de inúmeras revistas regionais.

Mazza é do tempo em que no colégio e nos bares se trocavam poemas e contos, análises e críticas; em que valiam o vigor de Castro Alves e a irascibilidade de Augusto dos Anjos, aliados à candura de Casemiro e à tristeza de Álvares de Azevedo. Essas experiências representavam uma certa celeridade diante de perspectivas futuras. Costumavam formar personalidades e acentuar conhecimentos. Era o costume cultivado com sabores de vida que significam fundamentos e estímulos de valor incalculável.

Essa circunstância ficaria expressa na revista da Faculdade de Direito, editada então, e nos conteúdos de divagações sobre o cotidiano das crônicas que Mazza publicou em *O Estado do Paraná*, enlevado, na época, mais pelo lado poético das coisas e menos pelo lado crítico. Hoje, no dia-a-dia de sua atividade, centraliza suas preocupações na análise política e de comportamento, empenhando-se na valorização do Paraná, na luta contra a cumplicidade dos meios de comunicação com os poderes em geral e, especialmente, na crítica à escassez de representatividade do Estado nas mais variadas áreas. Publicou, ao longo de mais de 60 anos de carreira, milhares de artigos de jornal, tornando-se o mais proífico jornalista paranaense de todos os tempos. Há muitos anos mantém coluna na *Folha de Londrina*. É, também, comentarista diário do programa CBN Curitiba. Em fevereiro de 2011 um grupo de jornalistas organizou uma festa na Sociedade Garibaldi, em Curitiba, para comemorar seus 80 anos, na qual estiveram presentes centenas de amigos, familiares e admiradores.

Foi recebido na Academia em 1998, em cerimônia no Centro de Convenções de Curitiba, antigo Cine Vitória, pelo acadêmico Lauro Grein Filho. (VHJ)



CADEIRA Nº 21

PATRONO

Cônego João Evangelista Braga
(1850 - 1913)

FUNDADOR

Leônidas Moura de Loyola
(1892 - 1938)

1º OCUPANTE

Milton Ericksen Carneiro
(1902 - 1975)

2º OCUPANTE

Ernani Simas Alves
(1914 - 2000)

3º OCUPANTE

Albino de Brito Freire
(1941 -)



CÔNEGO BRAGA

PATRONO

Nascido na Lapa em 17 de fevereiro de 1850, iniciou sua vida escolar na cidade natal, fazendo os estudos preparatórios no Liceu de Curitiba. Ingressou, aos 17 anos, no Seminário Episcopal de São Paulo onde recebeu, em 31 de março de 1874, as ordens menores. Nomeado Capelão da Catedral Metropolitana e da Santa Casa, ambas em Curitiba, em dezembro de 1875, aos 38 anos, foi distinguido

com o elevado título de Cônego. Na qualidade de membro destacado da Diocese de São Paulo, ocupou vários cargos de relevo, destacando-se a função de secretário da Câmara Eclesiástica, examinador sinodal, vigário das paróquias de Mogi Mirim e de Ponta Grossa e Vigário Geral forense do Paraná, na qualidade de visitador diocesano. Homem de grande cultura, professor de retórica, eloquência sagrada, teologia dogmática, filosofia, português e latim, lecionou várias cadeiras não só no seminário citado como no Ginásio Paranaense e na Escola Normal — nestas últimas, o idioma francês. Suas aulas, fato interessante, começavam silenciosas e a pouco e pouco iam-se tornando turbulentas, a ponto de ser necessária a intervenção do bedel a fim de amenizar o comportamento dos alunos. Como sacerdote, agia com liberalidade e tolerância, atraindo a simpatia dos fiéis. Como patriota, acompanhou com grande interesse todos os movimentos cívicos e políticos. Vernaculista de nomeada, pertenceu a várias instituições literárias e científicas. Jornalista militante, fundador do jornal A Pátria, colaborador em vários órgãos da imprensa do país, entre seus livros e monografias publicados devem ser citados: *Novo Mês do Sagrado Coração de Jesus*, prosa, São Paulo, 1880; *Discurso Pronunciado na Catedral de São Paulo*, São Paulo, 1893; *Ecce Homo*, poema religioso, Curitiba, 1900; *Os Cacetes*, latim macarrônico, humorismo; *Sonetos à Virgem Maria e Monografia Sobre o Pronome SE*, estudo, Curitiba, 1905. Vale frisar que esse último estudo sobre o *SE* lhe daria muita dor de cabeça.

Sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná, constantemente solicitado para dirimir dúvidas em questões filológicas, faleceu na capital paranaense em 8 de dezembro de 1913, coincidentemente a data consagrada à Imaculada Conceição. (WB)



LEÔNIDAS LOYOLA

FUNDADOR

Nascido em Curitiba em 8 de maio de 1892, estudou as primeiras letras com o próprio pai, Arthur Loyola, para depois se matricular em colégios particulares. No Ginásio Paranaense lançou, com outros colegas, o jornal quinzenal O Paraná, órgão destinado à defesa da classe estudantil. Fundou o Clube Literário Quinze de Novembro, colaborou na Nova Arcádia, no Centro Estudantil, no Centro Jurídico

do Paraná e atuou na antiga Liga Esportiva Paranaense. Seu nome está relacionado entre os primeiros vinte e nove alunos matriculados, em março de 1913, no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais de nossa Universidade, mas mudando-se para o Rio, lá formou-se em Direito, em 1918.

Jornalista, colaborou em jornais e revistas paranaenses, além de periódicos cariocas, baianos (Bahia Ilustrada) e mineiros (Diário de Minas). O seu talento como polemista vem à tona quando do lançamento de *Urupês* e de *Idéias de Jeca Tatu*, ambos de Monteiro Lobato, ao contradizer, energicamente, a existência de um Jeca Tatu como tipo representativo do sertanejo brasileiro.

Dentre seus trabalhos, além de embargos cíveis, ações ordinárias e apelações, convém ressaltar: *Primeiros Ensaios*, 1913 e 1915; *Urupês e o Sertanejo Brasileiro*, 1919; *Discurso de Recepção a Moisés Marcondes*, 1926; *Pequeno Manual da História do Brasil*, 1930 e 1933; *Trabalhos Forenses*, 1922; *Livro de Leitura*, 1934 e 1935; *Álbum de Figuras*, 1936 e *Estudos e Ensaios de Crítica*, este inédito. Casado com Edite, deixou apenas um filho, também advogado, José, vindo a falecer a 11 de novembro de 1938. Nos seus funerais, em nome do Centro de Letras, falou o acadêmico Martins Gomes. No trigésimo dia de seu falecimento, o Centro mais uma vez reverenciou a memória de seu ilustre membro, em Sessão Extraordinária, com saudação oficial por Martins Gomes, propondo este fossem as flores que ornamentavam a mesa levadas até ao túmulo do homenageado e, por fim, o agradecimento, em nome da família, do centrista Arion Niepce da Silva. (WB)



MÍLTON CARNEIRO

1º OCUPANTE

Nascido em Paranaguá no dia 16 de outubro de 1902, pertenceu a uma geração de condores que se destacaram na cátedra universitária e nas lides literárias, marcando, com notável presença, fecundo período de transbordamento intelectual em Curitiba. Eram-lhe parceria constante nas rodas do Café Belas Artes, no Círculo de Estudos Bandeirantes,

na redação da Gazeta do Povo, nos corredores da vetusta Faculdade ou nas frias madrugadas, enquanto a cidade dormia, entre outros, Léo Cobbe, Ernesto Luiz Oliveira, Júlio Teodorico Guimarães, Bento Munhoz da Rocha Neto e Homero Braga. Médico, professor, escritor, mistura de poeta e boêmio, criou linguagem própria, peculiar, entrecortada de chistes e blagues, com que escarpelava os costumes, a mediocridade e a hipocrisia. Essa virtuosidade humorística carregada de irreverência conferia aos seus textos um sabor ao mesmo tempo cáustico e delicioso, pelos lances pitorescos que suscitava. Desambicioso de bens materiais, considerava mesquinhas as ganâncias do mundo. Espírito superior, valia-se de autêntico e acurado senso crítico, o poder de liberdade de dizer sem medo a verdade e o que sentia. Detinha a comovente singularidade, centrada nos reclamos de uma vocação mobilizada para a compreensão da mente humana. Seu prestígio entre os alunos era incontestável. Essa circunstância se explica pela didática especial que aplicava para amenizar as disciplinas que lecionava: Parasitologia Médica e Anatomia Patológica, além de Biologia Geral. Seu mundo era o mundo dos livros, dos debates, da conversação.

O célebre *Discurso do Bugre*, que escreveu, mas não proferiu, na formatura dos médicos de 1933, da então Universidade do Paraná, cabendo ao pai, Petit Carneiro, fazê-lo, constitui magistral estudo da psicologia humana. A farta ressurreição de valores morais, a sobreposição do homem psíquico ao homem físico, deu-lhe a dimensão espiritual à altura do próprio talento descritivo. Incursionando também pela poesia, aliou-se aos movimentos de vanguarda, liberto da influência clássica ao produzir poemas nitidamente modernistas, de que são exemplos: *Procissão dos Eus*, *Sou e Jogo da Vida*, entre outros da mesma linha avançada.

Faleceu em Curitiba no dia 22 de janeiro de 1975. (TV)



ERNANI SIMAS ALVES

2º OCUPANTE

Nascido em Curitiba em 16 de fevereiro de 1914, filho de Manoel Claro Alves e de Hélia Simas Alves. Formou-se em Medicina pela Universidade do Paraná e exerceu os mais altos cargos da hierarquia magisterial. Foi diretor do Hospital das Clínicas, e vice-diretor da Faculdade de Medicina,

chefe do Departamento de Medicina Forense e Psiquiatria, diretor do Setor de Ciências da Saúde, diretor do Instituto Paranaense de Medicina, do Conselho Regional de Medicina, presidente da Sociedade Paranaense de Psiquiatria e Criminologia, da Liga Paranaense de Combate ao Câncer, membro do Conselho Penitenciário do Estado e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

Foi autor de uma das obras mais completas já publicadas no Brasil sobre Medicina Legal e Deontologia e de muitos outros livros, tanto no ramo médico quanto no literário. É difícil separar, na biografia deste mestre, o médico do professor ou o cientista do escritor, tal a conjunção desses atributos numa personalidade sempre movida de ímpetos e inquietações. Ora o médico que faz da profissão um destino, imolando a sua vocação sacerdotal a perseguir permanentemente o conhecimento humano e salvar vidas; ora o cientista inconformado, a mergulhar nos ensaios experimentais à procura das verdades imponderáveis; ora o professor, na pertinácia do estudo e do devotamento, a moldar inteligências; ora o escritor a registrar lições e indicar caminhos para erigir a cultura coletiva. Participando de diversos congressos e simpósios, neles apresentando seus trabalhos e suas teses, conferencista, professor universitário, homenageado com medalhas, placas e troféus durante sua intensa vida profissional, representa um exemplo para todos os que desejam vencer na carreira médica. Entretanto, dizia, *o talento só não pode fazer um escritor, nem professor, nem um médico, muito menos um cientista. Por detrás desses valores deve haver um homem*. E realmente ele existiu na larga dimensão dessas revelações do saber, da virtude e da honra.

Faleceu dia 19 de janeiro de 2000, em Curitiba. Tomou posse em 25 de outubro de 1984, recepcionado pelo acadêmico Ruy Noronha Miranda. (TV)



ALBINO FREIRE

3º OCUPANTE

Filho de Sabino Ferreira Freire e Alvina de Brito Freire, natural de Caculé (BA), nasceu no dia 8 de abril de 1941. Concluído o curso fundamental, veio para o Paraná formando-se em Direito e em Letras Neolatinas pela Universidade Federal. Lecionou no Colégio Estadual do Paraná e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranavaí, norte do Estado (Linguística Geral e Língua Portuguesa).

Em 1966 integrou os quadros da Assembléia Legislativa do Paraná como advogado, tendo sido Consultor Jurídico da Câmara de Ensino Superior do Conselho Estadual de Educação. Em seguida, aprovado em concurso para o magistério de 1º e 2º graus da rede pública como professor de Língua Portuguesa. Após, ingressou na magistratura, pela qual se aposentou. Lecionou, durante alguns anos, Linguagem Forense na Escola Superior da Magistratura do Paraná. É membro honorário da Academia Paranaense de Letras Jurídicas, da qual foi um dos fundadores.

Na área jurídica, publicou, em 1995, *Do Direito de Acrescer*, Paraná Judiciário, nº 49. No campo literário lançou em 1997 *Mercadores de Ilusões*, pela Editora Juruá. Em 2000, *Profissão Ex-Mulher*, pela JM Editora. Em 2005, o *Manual do Juridiquês*, pela Amapar. Em 2007 publicou *O Menino de Caculé*, novela de cunho autobiográfico. Dois anos após, *Poeta ou Poetisa*, em que defende a forma “poetisa” para a mulher que faz poesia.

Sabe construir o seu texto com rara habilidade e correção vernacular. Critica ou elogia, analisa ou julga os fatos com sutileza e segurança. Entende a alma humana e, por isso, a sua linguagem é repassada daquela emoção, cujo suporte conteudístico são o homem e a sociedade com seus conflitos universais.

Expõe seus pontos de vista pessoais, como num depoimento, desfilando as perplexidades, os paradoxos e as injustiças que compõem as mazelas diárias. E, com o escalpelo do verbo, castiga os costumes. Por outro lado enaltece os valores éticos e morais que estão desaparecendo. Eleito para a Academia, tomou posse em 7 de maio de 2001, saudado pela poeta Adélia Maria Woeller. (TV)

CADEIRA Nº 22

PATRONO

Monsenhor Manoel Vicente

Montepoliciano da Silva

(1851 - 1909)

FUNDADOR

Bispo Dom Alberto José Gonçalves

(1859 - 1945)

1º OCUPANTE

Carlos Stellfeld

(1900 - 1970)

2º OCUPANTE

Metry Bacila

(1922 -)



MONSENHOR MANOEL VICENTE

PATRONO

Nasceu em Antonina, em 8 de março de 1851. Na cidade natal realizou o curso de Humanidades. Por algum tempo trabalhou no comércio, mas sentindo vocação para os estudos superiores e para a carreira eclesiástica, matriculou-se no Seminário Episcopal de São Paulo. Aos 22 anos de idade passou a reger a cadeira de Retórica e de outras disciplinas e, posteriormente, a de Filosofia, na qual se aposentou após mais de duas décadas de serviços. Enviado ao Maranhão em missão religiosa, retornou a São Paulo para retomar seu lugar no seminário, acumulando as funções de professor e de vice-reitor.

Ainda moço, foi nomeado Cônego da Sé, ocupando mais tarde a cadeira de Chantre, a qual exerceu até a morte. Sempre voltado para o ensino, lecionou ainda no Colégio Moretzohn, sendo mais tarde seu diretor e proprietário, e dirige a Escola Normal. Vigário-geral de São Paulo, examinador sinodal do bispado, por seus indiscutíveis méritos de inteligência e probidade foi agraciado pela Santa Sé com o título de Protonotário Apostólico *ad intra participantium*. Certamente que a vida religiosa não lhe turvou o espírito para as artes em geral. Orador consumado, jornalista emérito, polemista, membro do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico de São Paulo, chegou à vice-presidência da Sociedade dos Homens de Letras.

Em princípios de junho de 1909, foi pregar o sermão de encerramento das festividades do Mês de Maria, em Cravinhos. Já andava doente. Não chegou a terminar o sermão. Com dificuldade retornou à capital paulista onde, rodeado de parentes, do prelado, de colegas e amigos, faleceu às 14 horas do dia 20 de junho. Seus restos mortais repousam no Cemitério da Ordem Terceira do Carmo.

Entre seus trabalhos, podem ser citados: *Discursos* (quando da abertura das aulas do Seminário Episcopal, 1882/1888); *Círculo Mocidade São Luís* (alocução proferida na Igreja da Boa Morte, 1894); *Crítica-Prefácio* (1896); *A Sublimidade Moral de Anchieta* (1897); *Eduardo Prado* (1901); *O Protestantismo* (1903); *Sermão de São Bento* (1905); *Oração Fúnebre* (1906) e *Discurso* (1908). (WB)



DOM ALBERTO GONÇALVES

FUNDADOR

Nasceu na cidade de Palmeira, em 20 de junho de 1859. Quase todas as manhãs, em meio a um grupo reunido à porta da antiga Casa Abreu, na Rua XV, em Curitiba, destacava-se a figura imponente do religioso. De porte elevado, alto, robusto, veste preta debruada de roxo, chapéu de aba larga rematado por um cordão da mesma cor, impunha, sem o querer, respeito e admiração. Na roda, representava o centro do bate-papo, agitado, gesticulando, rindo ou falando alto. Mas não se pense que ele só se interessasse por assuntos ligados à sua vocação sacerdotal. Foi relevante o seu papel no panorama político-social paranaense. Assim, membro da primeira Constituinte, foi deputado provincial por duas vezes, presidente da Assembléia Estadual e senador da República, com 36 anos de idade, além de diretor da Instrução Pública. Foi autor de inúmeros atos beneméritos, empenhando-se na inauguração de nossa Catedral, na ampliação da Santa Casa de Misericórdia e na fundação do Asilo de Nossa Senhora da Luz.

Membro da extinta Academia de Letras do Paraná, nela foi recebido em sessão de outubro de 1923 por Alcides Munhoz, coincidentemente seu antigo aluno no Seminário Episcopal de São Paulo, educandário em que, à época, Dom Alberto lecionava Geografia, História, Geometria e Latim. Colaborador em diversos periódicos paranaenses, redator da revista Clube Curitibano, deixou um legado de obras interessantes como *Gramática Latina* (em duas edições, 1885 e 1887); *Elementos de Geometria*; *O Divórcio* (discurso, 1896); *A Igreja e o Estado*, em colaboração (1900); *Carta Pastoral*, num total de cinco (de 1909 a 1944); *O Espiritismo* (1916); *A Religião e a Política* (1933) e *Carta do Bispo de Ribeirão Preto* (1940).

Não se limitava ao âmbito do púlpito. Foi às massas, procurando, nas espeluncas e nos botecos, horas mortas da noite, os incrédulos, os transviados, reconduzindo-os a seus lares ou até mesmo levando-os para sua casa, conduta que lhe traria aborrecimentos junto às autoridades eclesiásticas.

Finalmente, nomeado primeiro titular da Diocese de Ribeirão Preto, transferiu-se para lá, onde faleceu em 6 de maio de 1945. (WB)



CARLOS STELLFELD

1º OCUPANTE

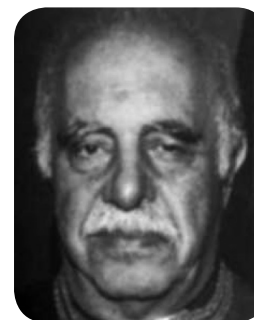
Nasceu em Curitiba em 26 de junho de 1900, filho do também farmacêutico Edgar Stellfeld e de Clara Alvina Kalckmann, proprietários da Farmácia Alemã.

Diplomado aos 19 anos pela Faculdade de Farmácia da Universidade do Paraná, dedicou sua vida à pesquisa científica, sem deixar de trabalhar na farmácia fundada por seu avô, Carlos Augusto Stellfeld, inicialmente denominada Botica Alemã.

Professor catedrático de Farmacologia na Faculdade de Medicina e de Botânica no Curso de História Natural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, seria o primeiro diretor da Faculdade de Farmácia e fundador da Associação Paranaense de Farmacêuticos. Durante 10 anos foi importante a sua atuação como diretor honorário da Seção de Botânica do Museu Paranaense, com trabalhos publicados nos arquivos dessa instituição.

Conceituado nos círculos médicos e farmacêuticos, modesto, atencioso, figura de destaque no nosso cenário social, rotariano, cientista, historiógrafo e didata, membro do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, fundador em 1932 da conceituada revista *Tribuna Farmacêutica*, ainda encontrava tempo para escrever e publicar não só monografias voltadas para a sua especialidade como ensaios, biografias e discursos, sempre enaltecendo figuras que desenvolveram o estudo da Botânica. Assim, merecem destaque: *Os Mescaleros*, romance de aventuras, 1925; *Antônio Luís Patrício da Silva Manso*, 1ª e 2ª séries, ensaio biobibliográfico, 1946 e 1947; *Sesquicentenário Natalício de Freire Alemão*, discurso, 1947; *Frei Veloso, Dr. Veloso, Antônio Luís da Silva Manso*, 1948; *O Primeiro Centenário do Assassinato de Silva Manso*, palestra proferida na Academia Nacional de Farmácia, 1948; *Os Dois Veloso*, biografia de Frei Veloso e do Padre Dr. Joaquim Veloso de Miranda, 1950; *Cem Anos no Brasil*, subsídios para a biografia de Augusto Stellfeld, 1953; *Primeiro Centenário (07 abril 1857-1957)*, em colaboração, 1957.

Mestre muito querido e respeitado, chegando a se estender sobre assuntos de sua matéria após a hora regulamentar, eliminando dúvidas de seus discípulos do Ginásio Paranaense, faleceu em Curitiba em 22 de outubro de 1970. (WB)



METRY BACILA

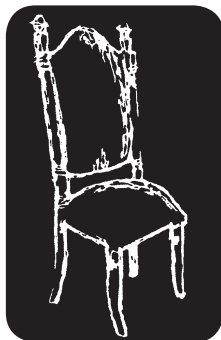
2º OCUPANTE

Nasceu em Palmeira, no dia 22 de junho de 1922. Filho de Amin Bacila e Victoria Bacila. Fez as primeiras letras em sua terra natal e os estudos de humanidades e pré-universitários no Liceu Rio Branco e no Colégio Estadual do Paraná. Formou-se em 1946 pela Universidade do Paraná, tendo obtido o título de Doutor em Medicina em defesa de tese.

Revelou vocação para o estudo e para a pesquisa. É dos cérebros privilegiados que, no campo universitário, impõem-se pela inteligência e pela cultura.

Dedicou-se principalmente à Bioquímica. Galgou todos os degraus do magistério superior, por concurso, culminando com a conquista da Cátedra de Química Orgânica e Biológica da antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná e de Bioquímica e Biofísica da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP. Em 1948, instalou o Serviço de Química Biológica do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do Estado do Paraná, introduzindo também, mais tarde, a disciplina de Bioquímica na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica do Paraná. Instalou, ainda, o curso de Fisiologia de Microorganismos, do mais elevado padrão, despertando a comunidade acadêmica de todo o país para a importância do desenvolvimento de projetos e para implantação de centros de pesquisa. Fez pós-doutoramento na Universidade de Chicago, em 1952. Sob a sua inspiração, foi criado, em 1958, o Instituto de Bioquímica da Universidade Federal do Paraná. Dirigiu, mais tarde, a Faculdade de Medicina de Jundiaí. Retornando à Universidade Federal do Paraná em 1978, coordenou a implantação do Centro de Biologia Marinha localizado em Pontal do Sul. Com este fim, visitou instituições de pesquisa na Europa. Diretor do setor de Ciências Biológicas da UFPR, procedeu a inauguração do Centro de Biologia Marinha. Retornou, então, à sua antiga Escola de Veterinária, onde instalou o curso de pós-graduação em Ciências Veterinárias. Integra, atualmente, o Programa Antártico Brasileiro, tendo participado de diversas expedições científicas ao continente antártico. Dessa experiência tem publicado importantes trabalhos. Devota-se a pesquisas básicas com organismos aquáticos no Laboratório de Piscicultura da UFPR.

Sua bibliografia é rica também em títulos literários. Publicou, recentemente, expressivo estudo sobre o poeta Augusto dos Anjos, excedendo-se em perspicácia crítica e sensibilidade. Foi recebido na Academia em 19 de junho de 1991. (VHJ)



CADEIRA Nº 23

PATRONO

Fernando Machado Simas
(1851 - 1916)

FUNDADOR

Ernesto Luiz de Oliveira
(1874 - 1938)

1º OCUPANTE

Hugo Gutierrez Simas
(1883 - 1941)

2º OCUPANTE

Arthur Ferreira dos Santos
(1894 - 1972)

3º OCUPANTE

Odilon Túlio Vargas
(1929 - 2008)

4º OCUPANTE

Jeorling Cordeiro Cleve
(1932 -)



FERNANDO SIMAS

PATRONO

Nasceu em Paranaguá, dia 24 de abril de 1851, filho de Manoel Inácio de Simas e Helena Gutierrez de Simas.

Após o curso de Humanidades, formou-se em Farmácia pela Faculdade do Rio de Janeiro. Exerceu a profissão em Antonina, indo mais tarde para Paranaguá. Em 1887 mudou-se para Petrópolis e a seguir para o Rio de Janeiro. Estabelecido sempre com farmácia, ganhou enorme prestígio

profissional. Regressou a Paranaguá para intensificar a campanha pela Abolição e pela República. Ocupou as posições de liderança desse movimento no litoral. Fundou o jornal *Livre Paraná*, órgão de luta por essas duas nobres causas. Arremeteu contra a política dominante com rara coragem. Respondeu a ruidoso processo político, do qual foi absolvido. Ainda assim, aprofundou seu desempenho na militância.

Seus artigos continham tamanha força de expressão, beleza condoreira e singular picardia que, inevitavelmente, haveriam de exercer poderosa influência no espírito popular. Em 1887 instalou, com outros companheiros, o Clube Republicano e manteve-se no movimento revolucionário até a instauração do novo regime, pelo qual dera tanto de si próprio. Da sua ilustre descendência, importa destacar a figura de Hugo Simas, seu filho, que se tornaria dos maiores juristas brasileiros, primeiro ocupante da Cadeira 23 desta Academia. Vitoriosos os dois movimentos, Fernando Simas elegeu-se deputado à Constituinte republicana estadual. Liberal por excelência, incorporou-se, mais tarde, à Campanha Civilista de Rui Barbosa. Voltou às colunas da imprensa para dar à mocidade vacilante e à velhice indecisa o exemplo da sua perseverança cívica. Pioneiro da propaganda, nunca lhe morreu o ideal do passado, conservando-o, em verdade, mais revitalizado à medida que via perigar a República. Antecipou-se às previsões dos demais, tornando-se modelo de político republicano. Dado seu grande preparo em Física, Química e Botânica, foi nomeado auxiliar do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde faleceu dia 17 de setembro de 1916. (TV)



ERNESTO DE OLIVEIRA

FUNDADOR

Paranaense, nasceu na Lapa, dia 24 de março de 1874. Pela sua inteligência e sabedoria foi cognominado, por Ulysses Vieira, *O Sábio do Paraná*.

Iniciou os estudos em Curitiba, na Escola Normal, sendo contemporâneo de Júlia Wanderley, Veríssimo e Lourenço de Souza. Terminado o curso de magistério, mudou-se para Campinas, São Paulo. Matriculou-se no Seminário Presbiteriano, curso superior. Tornou-se mais tarde, catedrático de Física Experimental e de Engenharia Mecânica. Em 1894 envolveu-se na Revolução Federalista de Curitiba. Fracassada esta, asilou-se na Argentina. Com a anistia voltou ao Paraná. Em 1913 foi nomeado secretário de Estado da Agricultura no governo de Carlos Cavalcanti. Iniciou a importação de aves e animais estrangeiros, implantou várias colônias agrícolas e desenvolveu o comércio de madeira e erva-mate. Desencadeou campanha educativa pelo reflorestamento, pois já àquela época a erosão sacrificava as terras paranaenses. Inaugurou o *marketing* do Paraná no exterior, mediante remessa de fotografias e painéis de riquezas naturais da terra para exposição em feiras internacionais.

Pastor evangélico, tornou-se célebre por seus sermões e polêmicas. Era poliglota. Foi tradutor e conferencista. Publicou mais de 30 obras de alta qualidade literária e científica, entre as quais *Postulado de Euclides Bandeira*, *Roma*, *A Igreja e o Anti-Cristo*, *Moinhos de Vento*, *O Ensino Público*, *Elogio da Bosta*, entre outros. Polemista por excelência, travou debates famosos com alguns religiosos a propósito de questões teológicas. Uma delas ocorreu com o monsenhor Leonel Franca; outra com o Reverendo Taylor, dando ensejo à publicação de um livro. Saiu-se airoso de todas, pois seus conhecimentos alcançaram notáveis altitudes. Defendeu sempre com veemência a tese do ensino público gratuito e propôs ao governo da República a criação, em todas as capitais, de escolas de nível superior. Por sua iniciativa, ainda no governo Carlos Cavalcanti, deu-se a primeira demonstração pública de rádio em longa distância, tornando-se o Paraná vanguardeiro nesta área.

Quando moço, de família pobre, prestou serviço de cocheiro ao Dr. Victor do Amaral, para sobreviver. Anos mais tarde, tornou-se seu colega na Universidade. Faleceu dia 9 de novembro de 1938, no Rio de Janeiro. (TV)



HUGO SIMAS

1º OCUPANTE

Nasceu em Paranaguá, dia 23 de outubro de 1883, filho do republicano Fernando Simas e Helena Gutierrez Simas. Depois dos estudos preliminares em Paranguá, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito. Ao retornar, exerceu a Promotoria Pública em Antonina.

Foi dos fundadores da Universidade do Paraná em 1912.

Mais tarde, catedrático, lecionou várias disciplinas. Dirigiu a Biblioteca e o Instituto de Assistência Judiciária. Militou no jornalismo político redigindo artigos para o Diário da Tarde e Diário do Comércio. Elegeu-se deputado estadual, porém, não se adaptando às injunções políticas, renunciou ao mandato para voltar à carreira jurídica.

Em 1921, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde praticou intensa advocacia e exerceu o cargo de consultor jurídico do Lloyd Brasileiro.

Em 1931, foi chamado para integrar a Comissão Legislativa na 7ª Sub-Comissão de Direito Marítimo, quando redigiu os Livros II e III do *Projeto do Código Marítimo*, obra de fôlego. E *Comentários ao Código de Processo Civil*. Em 1938 publicou o *Compêndio de Direito Marítimo Brasileiro* e, no ramo de Direito Aéreo, elaborou o *Código Brasileiro do Ar*, em 1939. Antes porém, em 1932, retornara a Curitiba, quando fora nomeado Procurador Geral do Estado. No ano seguinte, desembargador do Tribunal de Justiça, então Tribunal de Apelação. Ocupou a presidência do Tribunal Regional Eleitoral em 1937. Além de publicações na área do Direito, foi autor de obras literárias, tais como *Na Festa de Clóris* (1913); *O Crime do Hotel Biela* (1915); *Olavo Bilac* (1919); *Paranaguá e a República* (1940); *Romance de Amor do Poeta* (1941); *O Comando de Caxias na Guerra do Paraguai* (1951).

Conferencista, suas crônicas andam espalhadas pelos nossos periódicos acobertadas sob alguns dos seus pseudônimos, como Clódio de Toledo, Mnesarcho de Samos, Poty Veniero e Santos Gomes. Redigiu, a pedido do ministro da Justiça, o anteprojeto da Lei Orgânica dos Transportes. Foi jurista da mais alta expressão e prestígio.

Faleceu no Rio de Janeiro, dia 27 de outubro de 1941. (TV)



ARTHUR SANTOS

2º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba, dia 7 de fevereiro de 1894, filho de Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos e Elvira Ferreira dos Santos. Depois de cumprir os cursos fundamentais, bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Ingressou na carreira do Ministério Público em 1912. Mais tarde, Curador de Menores e Chefe de Polícia do Estado. Exerceu constante atividade política.

Com a Revolução de 30 caiu no ostracismo, mas elegeu-se deputado em 1934. Com o golpe do Estado Novo, cerradas as portas do Parlamento, voltou à atividade advocatícia. Fundou com outras lideranças a União Democrática Nacional, de oposição frontal à ditadura. Em 1947, já no regime democrático restabelecido, elegeu-se senador. Teve ativa participação nos trabalhos parlamentares e representou o Brasil em várias conferências internacionais. Atuante no jornalismo, dirigiu o Diário da Tarde, no qual publicou inflamados artigos contra a política dominante. Dedicado ao magistério superior, lecionou Economia Política na Universidade Federal do Paraná.

Orador vibrante, dos mais eloquentes de seu tempo, sua presença na tribuna era segurança de mensagens clarividentes. Presidiu por longos anos o diretório regional, inclusive o nacional, da UDN, correligionário de Carlos Lacerda, Adauto Lúcio Cardoso e outros talentos daquela geração.

Foi advogado, depois presidente do Banco do Brasil, cargo em que se aposentou. Integrou, como embaixador do Brasil, a delegação à IX Conferência Interamericana de Bogotá, Colômbia, da qual resultou a Carta da Organização dos Estados Americanos. Foi quem saudou, em nome do Congresso, o presidente Harry Truman, este em vista ao Brasil. Concluído o mandato de senador, voltou ao Congresso Nacional em 1952 como deputado federal, intensificando sua profícua ação parlamentar. Foi de sua autoria o projeto de lei que permitiu a federalização da Universidade do Paraná, cuja congregação conferiu-lhe o título de Professor Benemérito.

Recebeu igual título de cidadania concedido pela Assembléia Legislativa do Estado. Sobre a sua biografia, leia-se *O Tribuna da Liberdade*, edição de Torre de Papel, 2004. Faleceu no Rio de Janeiro em novembro de 1972.

Saudou-o, por ocasião do seu ingresso na APL, em 17 de março de 1945, o acadêmico Laertes Munhoz. (TV)



TÚLIO VARGAS

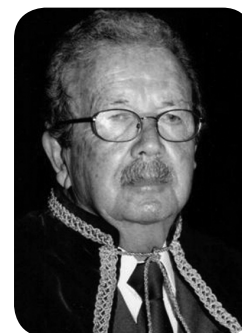
3º OCUPANTE

Bisneto do célebre sertanista e político Telêmaco Borba e filho do deputado Rivadávia Vargas e Dalila Rolim Vargas, nasceu em Pirai do Sul, Paraná, dia 28 de junho de 1929. Fez o curso fundamental em cidades do Estado de São Paulo, concluindo-o em Curitiba.

Realizou intensa atividade político-estudantil como presidente da União Paranaense de Estudantes Secundários. Graduou-

se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná em 1954, tendo ocupado cargos diretivos do Centro Acadêmico Hugo Simas. Paralelamente, atuou com destaque no jornalismo e radiofonia, nos campos da política, esporte e sindicalismo. Após formado, radicou-se em Maringá, norte do Paraná, onde se elegeu presidente da Associação dos Advogados. Inclinado às lides políticas, fundou naquele município o Partido Democrata Cristão, por cuja legenda disputou, com sucesso, em 1961, uma cadeira de deputado estadual. Reelegeu-se na legislatura seguinte. Em 1970, ascendeu à Câmara Federal, obtendo a reeleição no pleito subsequente. Em ambas as Casas Legislativas, exerceu funções de liderança. Integrou delegações da Câmara dos Deputados em visita oficial ao Japão e Estados Unidos na condição de membro do Grupo Brasileiro da União Interparlamentar e presidiu a Comissão Interestadual Parlamentar dos Estados do Extremo Sul. Foi nomeado, em 1974, no governo Canet Júnior, Secretário de Estado da Justiça e confirmado, posteriormente, nos governos de Ney Braga e Hosken de Novais. Ocupou a presidência do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, por consenso dos governadores dos três estados. Em seguida, nomeado Procurador-Geral do Estado junto ao Tribunal de Contas do Paraná, cargo em que se aposentou. Essa intensa atividade pública não o afastou do gosto pela história, notadamente na área biográfica, gênero em que se especializou. Publicou mais de 20 títulos, entre os quais *O Indomável Republicano*; *A Última Viagem do Barão do Serro Azul*, que foi também levado ao cinema com o título *O preço da Paz* e premiado no Festival de Gramado; *Discursos Parlamentares*; *Memórias do Lions Clube*; *Tempo de Secretaria* (2 vols.); *Senhor Senador*; *Senhor Ministro*; *O Conselheiro Zacarias*; *Começo de um Novo Humanismo*; *O Tempo de Meu Pai*; *O Juiz Integral*, em parceria; *Pé Vermelho*; *Sérgio de Castro*, em parceria; *Porta-retrato* (5 vols.); *História Biográfica da República no Paraná*, em parceria com David Carneiro, *O Maragato*, *O Tribuna da Liberdade*, *Radiografia da Ética* e *O Mestre Sublime*.

Cidadão Benemérito do Paraná, conforme a Lei nº 12.986, de 24 de novembro de 2000, pertenceu a várias instituições culturais no país. Presidiu a APL por 14 anos, notabilizando-se pela criação de inúmeras academias de letras no interior do estado, uma das quais, a Academia Parano-Catarinense, de Rio Negro/Mafra, deu-lhe o título de Presidente de Honra. Foi recebido na APL em 1974, saudado pelo acadêmico Faris Michael, tendo falecido em Curitiba em 27 de março de 2008. (VHJ)



JEORLING CORDEIRO CLEVE

4º OCUPANTE

Jeorling J. Cordeiro Cleve nasceu em Guarapuava em 31 de julho de 1932, filho de Aloísio Guimarães Cleve e Henriqueta Cordeiro Cleve. Casado com Dirce Doroti Merlin Cleve, é pai de quatro filhos. Estudou no Grupo Escolar Visconde de Guarapuava, no Colégio Nossa Senhora de Belém e no Ginásio Estadual Professor Francisco Carneiro Martins, todos na cidade em que nasceu.

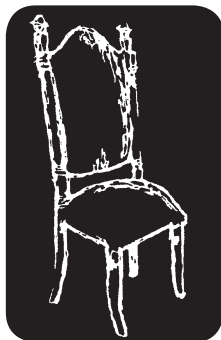
Formado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, em 1957, ficou-se após a formatura em Pitanga, cidade da qual é Cidadão Honorário e onde foi advogado, promotor público interino e professor. Em Pitanga, foi um dos responsáveis pela instalação e funcionamento do ginásio estadual, durante a década de sessenta do século passado.

Em 1966, mediante concurso público, ingressou na magistratura. Foi juiz substituto em Foz do Iguaçu, União da Vitória e Pato Branco. Como juiz de direito, exerceu suas atividades profissionais em Pirai do Sul, Ivaiporã e Guarapuava. Promovido para a capital, foi titular das 3ª e 11ª Varas Cíveis. Ascendeu ao Tribunal de Alçada e, mais tarde, ao Tribunal de Justiça, como desembargador, atuando sempre na área cível.

Foi professor de Direito Processual Civil, na Escola Superior de Magistratura do Paraná. Produziu pesquisas históricas, como a descrita no livro *Cel. Luiz Daniel Cleve – Memória Histórica*, sobre a vida de seu bisavô paterno, imigrante dinamarquês, quando da comemoração dos 150 anos da sua chegada ao porto de Paranaguá. Publicou também *Povoamento de Guarapuava – Cronologia Histórica*, em que se refere à conquista e a saga do povoamento do terceiro planalto paranaense, *Pensamentos de todos os tempos – Lições de Sabedoria*, em três volumes, e o opúsculo *Antônio de Sá Camargo, Visconde de Guarapuava*. Integrou a comissão que elaborou e fez publicar, em 2003, o livro *O Poder Judiciário e a Emancipação Política do Paraná: Memória Histórica, em comemoração ao sesquicentenário paranaense*.

É Cidadão Benemérito de Guarapuava, tendo recebido também Voto de Louvor concedido pela Câmara Municipal de Curitiba. Seu nome batiza o Núcleo de Práticas Jurídicas do Curso de Direito das Faculdades Unibrasil, em Curitiba, e do Centro Acadêmico do Curso de Direito das Faculdades Campo Real, de Guarapuava.

Faz parte do Centro de Letras do Paraná e é membro benemérito da Academia de Artes, Ciências e Letras de Guarapuava. Foi eleito em 26 de agosto de 2010 e recebido na APL por René Dotti, em 22 de fevereiro de 2011, em sessão solene do Instituto dos Advogados do Paraná. (VHJ)



CADEIRA Nº 24

PATRONO

Luiz Ferreira França
(1852 - 1921)

FUNDADOR

Serafim França
(1888 - 1967)

1º OCUPANTE

Assad Amadeu Yassim
(1935 - 1985)

2º OCUPANTE

Chloris Casagrande Justen
(1923 -)



LUIZ FRANÇA

PATRONO

Nasceu em Curitiba, em 6 de junho de 1852, pai do acadêmico Serafim França. Na ânsia por maiores vãos, mudou-se para São Paulo, onde cursou o seminário, completado aos 18 anos de idade. Desejoso por realizar uma das vontades de sua mãe Florência, matriculou-se na Escola Militar, sediada no Rio. Mas após três anos de caserna, de inquietudes e de saudades, abandonou a carreira das armas, retornando aos seus pagos.

Ingressou na imprensa, ao fundar o semanário dominical Íris Paranaense. Enquadrado como pertencente à geração gloriosa, no entender de Rodrigo Júnior, foi festejado como um pensador de idéias avançadas, porém modesto.

Por ocasião da visita do imperador D. Pedro II, em 1880, Curitiba se engalanou. O baile de gala, nos salões do Museu Paranaense, deveria ser precedido de uma apresentação de nossa cultura, um torneio de poesias. Para tanto, foram convocados Luiz França e o poeta Gabriel Pereira, este na época considerado um dos mais aplaudidos declamadores. E Luiz França brilharia com o seu poema *Cidade Luz*, um sonho onde a civilização ocidental se resumia em Paris. Apaixonado pela leitura, conhecedor de vários idiomas, lia Byron, Tennyson, Longfellow, todos no original, deixando muitos livros por editar. Dedicado à família, na sua casa modesta da Rua Ébano Pereira reunia, na sala da frente, a fina flor da sociedade. Governadores, secretários de Estado, militares, toda a roda palaciana e social lá se concentrava para confabular e solucionar problemas, todos ao redor de um homem simples, sem poderes de mando, mas respeitado por suas sábias decisões, fruto de uma consciência iluminada e serena. daquelas reuniões saíram os decretos mais judiciosos e prudentes do passado republicano paranaense. Faleceu em Curitiba a 26 de março de 1921. Seu filho, Serafim, deixaria essa linda página de saudade, um hino de louvor, o soneto *Meu Pai*, recordados aqui os seus tercetos:

*Nunca lhe vi faltar a fonte estuante
de uma heróica bondade vigilante.
Bela herança de que me glorifico!*

*O seu lar foi modesto, quase pobre,
Mas, nos exemplos, nunca vi um mais nobre
E, nas virtudes, nunca vi um mais rico. (WB)*



SERAFIM FRANÇA

FUNDADOR

Nasceu em Curitiba, em 17 de agosto de 1888, cursando o primário na Escola Oliveira Belo e o secundário no Ginásio Paranaense. A seguir, foi para o Rio de Janeiro, formando-se advogado pela Faculdade Livre de Direito, após o que retorna a Curitiba.

Irrepreensível no trajar, janota, *poseur*, charuto à boca, gravata borboleta, sempre com uma anedota na ponta da língua, temperamento extrovertido, agudo espírito de observação, freqüentador assíduo da Rua XV, procurava nos transeuntes inspiração para suas deliciosas historietas.

Poeta, fabulista, jornalista, teatrólogo, conferencista, autor de novelas, de recitativos infantis, humorista, escreveu praticamente para todos os periódicos paranaenses, sendo o fundador e proprietário da melhor revista humorística circulante em nosso estado, O Olho da Rua. Como teatrólogo assinou as revistas: *De Porto Alegre a Curitiba*, *Colcha de Retalhos* (com José Gelbecke, Generoso Borges e Luís Bastos), *Curitiba em Cinematógrafo* (com José Gelbecke), *A Crise* (com Francisco Leite) e o sketch *Agência de Noivados*.

Lançou uma série de bons livros, como *Canção da Terra dos Pinheirais* (versos), *Senhorita Mistério* (novela), *Barra Velha* (contos, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras) e fábulas, no que era mestre — entre outros *Rindo e Filosofando*, *Arca de Noé* e *Roda-Viva*.

Foi sócio-fundador do Centro de Letras e da Academia de Letras do Paraná.

Dicesar Plaisant, em *Tocaia da História*, assim descreve o andar original do nosso retratado: *Tem-se a impressão de que, na passada, ele vai recuar e, quando a vence, que dispense um enorme esforço, assentando, no chão, o pé.*

Quando de seu falecimento em Curitiba, em 14 de novembro de 1967, Durval Borges choraria a perda do amigo num belo soneto: *Assim da vida foi até ao fim, bondoso e puro, o nosso Serafim, vinculado à Arte, em sonhos e alvoradas. Chorem as Musas quem não volta mais: morto é o cantor dos nossos pinheirais, morto é o poeta das fábulas rimadas.*

Foi recebido na APL por José Gelbecke em 26 de setembro de 1940. (WB)



ASSAD AMADEU

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba em 1935. De textura sensível, sua poesia é romântica e melancólica. Formado em 1958, ingressou na magistratura, onde fez carreira a partir do ano seguinte. Desempenhou as funções de juiz nas comarcas de São José dos Pinhais, Paranaguá, Morretes, Antonina, Rio Negro, Colombo e, finalmente, Curitiba, onde passou por varas criminais, cíveis e de Auditoria

Militar, culminando com o Tribunal de Alçada.

Costumava dizer que a vida lhe fora boa, embora dura, obrigando-se a ajudar desde cedo o pai no célebre Armazém Amadeu, de secos e molhados, por muitos anos localizado na Praça Zacarias. Isso acontecia geralmente nas férias porque o pai não abria mão dos estudos do filho. - *Primeiro a escola!* - afirmava o velho Amadeu. Tudo muito relativo, porque, na época de estudante de Direito, Assad era encontrado com frequência atrás do balcão, às voltas com cereais, banha e margarina a granel, pesando e servindo a fregueses e amigos. Jornalista *ex-officio*, foi muito tempo, na década de cinquenta, responsável pela coluna Direito & Averso, no jornal O Estado do Paraná. Data dessa época a edição de seu primeiro livro de poesias, *Pó do Deserto*.

Lançou depois *Terra Abandonada*, *Miragem* e *O Livro de Nós Dois*.

Em 1968 editou *Poesia*, juntamente com outros autores do Paraná. Na década de setenta, publicou dois livros de Direito: *Embargos do Devedor e Ação de Consignação em Pagamento*. Pouco antes de morrer, editou *Lua Branca de Setembro*. O último poema deste livro, curiosamente intitulado Testamento do Poeta, diz: *Deixarei tudo aí - o meu silêncio, a minha música, o meu poema, / a solidão e a melancolia, / para que tenhas estrelas/ e a lua branca em teu céu. (...) para que possa encontrar/ o infinito do meu sonho/ e me ajoelhar diante de Deus*.

Faleceu, prematuramente, aos 50 anos de idade, no dia 7 de julho de 1985.

Foi recebido na Academia em 25 de fevereiro de 1971, pelo acadêmico Francisco Pereira da Silva. (VHJ)



CHLORIS JUSTEN

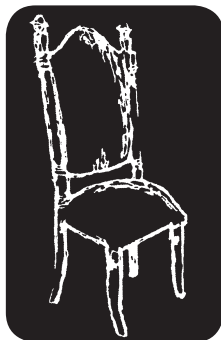
2º OCUPANTE

Curitibana, filha de José Casagrande e de Isaura, levou uma infância despreocupada, cercada de carinho e de esperanças, a correr pela chácara de seus familiares no Cajuru, à cata de borboletas azuis, a surpreender o canto estriduloso das cigarras e a extasiar-se com a luz prateada da lua. Adolescente, aluna exemplar, já demonstrando por essa época sua decidida vocação para as letras, seria a normalista es-

colhida, após renhido pleito, a oradora da turma, ao término do curso, aplaudida de pé pelos colegas e pela platéia presente ao magno acontecimento social. Professora, passou a lecionar, ainda muito jovem, por diversos educandários, a eles distribuindo a semente de seu conhecimento profissional. Vice-presidente da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, oradora de amplos recursos, sua atuação marcante como administradora se materializou na imponente obra que é a sede do Centro Paranaense Feminino de Cultura, fruto de muito esforço, força de vontade, renúncia, prestígio, habilidade e disciplina, tornando realidade antigo sonho das associadas da instituição.

Diretora-geral do Instituto de Educação por sete anos, vice-presidente do Conselho Estadual durante um decênio, pioneira na implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente no Paraná e em outros Estados, participou, como conferencista, de inúmeros congressos, seminários e encontros sobre o referido estatuto, ministrando cursos sobre os direitos da criança e do adolescente e a proposta pedagógica da Escola e do Professor. E, ainda, sobre Ética, Direitos Humanos e Direitos da Mulher. Fundadora do Conselho do Magistério do Paraná, pedagoga, possuidora de vários cursos de especialização no país e no exterior, sua cultura se faz presente também no Centro de Letras do Paraná, na Academia Feminina de Letras, no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, na Sala do Poeta e no Templo das Musas. Ativa participante das sessões acadêmicas, sempre apresentando sugestões e propostas de amplo alcance cultural, é de justiça evidenciar o belíssimo trabalho desenvolvido por nossa acadêmica como presidente da Comissão de História e Geografia do Paraná. Possuidora de diversos títulos honoríficos, dentre eles o de Vulto Emérito de Curitiba, soroptimista atuante, publicou *O Estatuto da Criança e do Adolescente e a Instituição Escolar*, o livro de versos *Jogo de Luz*, as crônicas *Conversando Sobre o Soroptimismo*, sendo ainda a organizadora das obras *Mulheres Escrevem*, *Com Justiça e Com Afeto* e *O Soroptimismo em Minha Vida*.

Na Academia, foi eleita em 9 de dezembro de 1996, com posse no Palácio Avenida, em 20 de maio do ano seguinte, recepcionada por mim. (WB)



CADEIRA Nº 25

PATRONO

Vicente Machado da Silva Lima
(1860 - 1907)

FUNDADOR

João Cândido Ferreira
(1864 - 1948)

1º OCUPANTE

Bento **Munhoz da Rocha Netto**
(1905 - 1973)

2º OCUPANTE

Ruy Noronha Miranda
(1914 - 2010)

3º OCUPANTE

Paulo Vítola
(1947 -)



VICENTE MACHADO

PATRONO

Nasceu em Castro, em 9 de agosto de 1860, filho do capitão José Machado da Silva Lima. Completou seus estudos fundamentais em Curitiba, formando-se mais tarde pela Faculdade de Direito de São Paulo. Estudante, não deixou de ser líder de ruidosas agitações boêmias. Destacou-se, nesse sentido, na campanha abolicionista, deixando entrever seu republicanismo em floração. Ao voltar ao Paraná iniciou a

vida profissional como Promotor Público da Capital, em 1881. No ano seguinte serviu como secretário do governo de Brasília Machado, presidente da Província. Casou-se, em seguida, com Antônia Moreira Lima, de tradicional família curitibana. Enveredou pelo magistério, ensinando filosofia. Atuou no jornalismo também. Teve breve passagem por Ponta Grossa, como juiz municipal. Em 1886, elegeu-se deputado pelo Partido Liberal. Era já uma revelação tribuniária. Dois anos após, manifestava suas idéias republicanas, reunindo adeptos em torno do semanário A República. Com o advento da República foi, inicialmente, nomeado Chefe de Polícia. Em seguida presidente da Câmara Municipal de Curitiba. Não demorou a ser superintendente da Instrução Pública. Eleito deputado à Constituinte estadual de 1892, foi relator e líder incontestado no Congresso Legislativo. Nas primeiras eleições diretas para governador, figurou como vice na chapa de Francisco Xavier de Silva. Adoentado este, assumiu interinamente o governo, notadamente durante o período em que os revolucionários de Gumercindo Saraiva exerceram predomínio em território paranaense. Foi obrigado a retirar-se para São Paulo e Rio, após transferir a capital para Castro. Voltou depois à frente da contra-ofensiva florianista, recuperando o cargo. Eleito senador em 1895, tornou-se líder do governo Campos Salles, que lhe reconheceu o valor parlamentar. Discursou várias vezes para defender-se das acusações de responsabilidade pelos fuzilamentos na Serra do Mar, cuja paternidade nunca admitiu. Jamais se provou a sua conivência.

Elegeu-se governador do Estado em 1904, sucedendo a Xavier da Silva. Doente, licenciou-se diversas vezes do governo para tratamento de saúde, até sua morte em 3 de março de 1907, sendo sucedido por João Cândido Ferreira.

Deixou enorme acervo de realizações e exemplos de liderança, notadamente como expressão da fé republicana. (TV)



JOÃO CÂNDIDO

FUNDADOR

Nasceu na Lapa, dia 21 de abril de 1864, filho do capitão do mesmo nome e de Leocadia Ferreira. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, voltou à Lapa para começar a vida profissional. Embora não desejasse envolver-se em política, viu-se de repente engajado no Partido Republicano e elegeu-se prefeito. Enquanto a cidade foi sitiada pelos revolucionários federalistas, em 1894, chefiou o corpo médico das forças do governo. Abrigou o coronel Gomes Carneiro, acompanhando-o, impotente, nos seus momentos derradeiros, mortalmente atingido que fora o bravo comandante no combate de 7 de fevereiro. Adquiriu tal prestígio e conceito profissional que se elegeu deputado estadual e depois federal. Mas, sempre preferiu as atividades da clínica médica e as pesquisas de laboratório. Nas eleições de 24 de agosto de 1903 concorreu à vice-presidência do Estado na chapa encabeçada pelo republicano histórico Vicente Machado e assumiu a presidência várias vezes nos impedimentos do titular. Mas, em 1907, com a morte de Vicente Machado, coube-lhe concluir o mandato governamental. Candidato natural à reeleição, agora à presidência, venceu sem adversários. Antes da sua posse, porém, antagonistas seus, inclusive correligionários, tramaram o seu impedimento constitucional sob argumentos inconsistentes. Firmou-se uma aliança entre os antigos maragatos e os republicanos históricos, até então inimigos figadais, para obstar-lhe a investidura com manobras no Congresso Legislativo. Desgostoso e desejando manter a unidade do partido, renunciou. Voltou ao clima que lhe apetecia, a cátedra na Universidade, onde se tornou consagrado pela alta sabedoria de seu magistério. Escritor de estilo fulgurante, é densa a sua bibliografia médica e literária. Suas obras refletem um espírito voltado para as especulações científicas e temas ecléticos. Abatido pela morte de seu filho, Murilo, com quem tinha extraordinária afinidade, não resistiu a esse tremendo golpe e faleceu, em Curitiba, dia 10 de fevereiro de 1948. (TV)

BENTO MUNHOZ DA ROCHA

1º OCUPANTE



Nasceu em Paranaguá, no dia 17 de dezembro de 1905, filho de Caetano Munhoz da Rocha e Olga Carneiro de Souza Munhoz da Rocha. Fez o curso de Humanidades no Colégio São José, de Paranaguá, e no Colégio Diocesano, dos Padres Lazaristas, de Curitiba.

Diplomou-se pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná. Exerceu os mais diferentes cargos: engenheiro-chefe da Divisão de Engenharia da Caixa Econômica Federal, professor de História das Américas e de Sociologia, Economia Política e Ciências das Finanças, Geologia, Mineralogia e Metalurgia, Psicologia e Lógica, Problemas Brasileiros e Teologia e Altos Estudos da Administração Internacional, em nível superior. Elegeram-se deputado federal por duas vezes, tendo inclusive sido 1º secretário da Câmara dos Deputados. Como seu pai, que governou o Estado duas vezes, também foi eleito governador. Durante sua gestão transcorreram as festividades comemorativas do 1º Centenário de Emancipação Política do Paraná. Foi nomeado ministro da Agricultura durante o governo de Café Filho. Viveu intensamente a cultura, tendo publicado os livros seguintes: *Uma Interpretação das Américas; Presença do Brasil; Perfis; Radiografia de Novembro; Itinerário; Imprensa; Mensagem da América; Tingüis; Ensaio*. Além dessas obras, prefaciou outras tantas: *Joaquim Nabuco e a Eloquência Parlamentar; Introdução aos Discursos Parlamentares; Pinheiro Machado; Introdução ao Estudo de Barbosa Lima; Pinheiro Machado e Seu Tempo; O Sociólogo na Correnteza Política; Introdução ao Livro de Gilberto Freire; Introdução ao Livro de Café Filho; Das Roças ao Catete; Da Necessidade da Divulgação da História Paranaense*, entre outras. Existem ainda diversas publicações avulsas. Destacamos: *Discurso de Orador da Turma de Engenheiros; Paranaguá Agradecida; Inauguração da Estátua do Presidente Caetano Munhoz da Rocha; Discurso de Parainfo; Variações e Unidades Americanas*. São muitos os títulos, impossível relacioná-los neste espaço restrito.

Fluente orador, dos maiores de sua geração, estão bem vivas as marcas de seu itinerário luminoso de intelectual e homem público.

Faleceu em 12 de novembro de 1973, em Curitiba. Recepcionou-o, por ocasião da posse na APL, em 24 de fevereiro de 1967, o acadêmico Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. (TV)

RUY MIRANDA

2º OCUPANTE



Nasceu em Porto Alegre (RS), dia 29 de julho de 1914, filho de Alcebíades Miranda e Paulina de Noronha Miranda.

Após os estudos básicos, formou-se em Medicina pela Universidade do Paraná, em 1938. Fez diversos cursos de pós-graduação em Saúde Pública, Leprologia, Dermatologia, Medicina Militar e Cancerologia. Ocupou vários cargos administrativos, entre os quais o de diretor da Divisão de

Lepre do Estado do Paraná. Exerceu a presidência da Sociedade Brasileira de Dermatologia e a vice-presidência da Associação Médica Brasileira. Ingressou na carreira do magistério superior em 1941.

Docente livre da cadeira de Doenças Tropicais e catedrático da disciplina de Dermatologia e Sifilograma. Fundador da cadeira e primeiro professor de Dermatologia da Faculdade de Ciências do Paraná.

Transformou-se em verdadeiro cientista pelo empenho demonstrado na pesquisa do mal de Hansen. Legou à medicina 19 novas e originais contribuições nesse campo. Dedicou-se simultaneamente à literatura, poesia e jornalismo, mantendo durante muito tempo na Gazeta do Povo, aos domingos, uma apreciada coluna sobre temas diversificados. Publicou 15 livros, 200 trabalhos científicos e 43 relatórios de observações sobre a atividade profissional. Fundou dois periódicos científicos: *Publicações do Centro de Estudos Leprológicos e Divulgação Científica*.

Em 1967, foi contemplado com o Prêmio Nacional de Leprologia do Brasil e, em 1971, com a medalha de ouro da Ordem do Mérito da Polônia. Escritor fecundo, suas produções revelam toda a profundidade do seu espírito arguto. Suas crônicas são repassadas de humanismo. De sua bibliografia, destaca-se: *Em Viagem Pela Europa*, 1953; *Viagem a Antártida*, 1978; *Viagem Através da Vida*, 1981; *Quatro Pequenos Estudos*, 1981, além de outros títulos de natureza científica. Instituidor e presidente da Fundação Pró-Hansen e Cidadão Benemérito do Paraná. Tomou posse de sua cadeira na APL em 26 de setembro de 1978, saudado por Apollo Taborda França.

Faleceu em Curitiba em 27 de maio de 2010. (TV)



PAULO VÍTOLA

3º OCUPANTE

Paulo Francisco de Souza Vitola nasceu em Curitiba, em 13 de abril de 1947. Fez o Primário no Grupo Escolar 19 de Dezembro e no Instituto de Educação, completando o Curso Clássico no Colégio Medianeira. Coursou Direito na UFPR. Compositor desde jovem, criou sambas-de-enredo para a Escola de Samba Não Agite, e participou como letrista, em parceria com Palminor Ferreira, o Lápis, dos festivais O Brasil

Canta no Rio, da TV Excelsior, Internacional da Canção, da TV Globo e do Festival de Músicas de Carnaval da TV Tupi. Fez parte do grupo que produziu o Show de Jornal, na TV Iguaçu.

Em 1972, criou as canções da peça *Cidade Sem Portas*, de Adherbal Fortes, encenada no Teatro Paiol e nos bairros de Curitiba e, dois anos depois, as canções de *Paraná, Terra de Todas as Gentes*, também de Adherbal Fortes, para a inauguração do Grande Auditório do Teatro Guaíra. Autor do auto de Natal *Canto de Paz*, encenado na Catedral de Curitiba. Com Marinho Gallera, apresentou o show *Diário de Bordo*, no Paiol, trazendo músicas criadas por ambos, e gravou o LP *Onze Cantos*. As canções, editadas pela Fundação Cultural de Curitiba, foram utilizadas como trilha sonora do filme *A Escala do Homem*, de Silvio Back, a exemplo de diversos temas musicais que criou com o mesmo Marinho Gallera para o espetáculo *Ó Curitiba, Nossa Tribo, Salve, Salve*, que inaugurou o Teatro de Bolso. Essas canções compuseram a trilha sonora do documentário *Curitiba, Uma Experiência em Planejamento Urbano*, do mesmo cineasta.

Ainda com Marinho Gallera gravou o álbum duplo *Cidade da Gente* e, com Reinaldo Godinho, o CD *Cantares*. Em 2008, foi responsável pela curadoria da programação de reabertura do Teatro do Paiol.

Na publicidade trabalhou na P.A.Z., Múltipla, Exclam e OpusMúltipla, assim como foi sócio-diretor de criação das empresas Casulo e Bits, até criar a PauloVitola Scriptorium. Coordenou a área de publicidade e propaganda do governo do Paraná. Ao longo da carreira, recebeu mais de cem premiações publicitárias, regionais e nacionais.

Foi redator de programas audiovisuais no Rio de Janeiro, consultor de comunicação do Ministério da Agricultura e conselheiro estadual de Cultura do Paraná. É conselheiro da Fundação Criança Renal.

Publicou as colunas semanais *Balas Perdidas*, com Luiz Antonio Solda, e *Chope Duplo*, com César Marchesini, ambas em O Estado do Paraná. É roteirista da coluna *Casos e Causos do Paraná* da Revista RPC (Rede Globo/PR). Seu livro autobiográfico *Chucrute & Abacaxi com Vinavuste*, traz encartada uma coletânea das canções de *Cidade Sem Portas* e *Terra de Todas as Gentes* e as canções inéditas de *Velhos Amigos*. É Diretor-Presidente da Rádio e TV Educativa do Paraná. Tomou posse na APL no Teatro Paiol, em 27 de junho de 2011, saudado por René Dotti. (EB)

CADEIRA Nº 26

PATRONO

Joaquim **Dias da Rocha Filho**
(1862 - 1895)

FUNDADOR

Francisco Heráclito Ferreira **Leite**
(1889 - 1982)

1º OCUPANTE

Wilson da Silva **Bóia**
(1927 - 2005)

2º OCUPANTE

Léo de Almeida Neves
(1932 -)

DIAS DA ROCHA FILHO

PATRONO



Curitibano nascido em 18 de agosto de 1862, ainda pequeno deixou sua terra natal, fixando-se com a família na cidade fluminense de Paraíba do Sul.

Aos onze anos de idade, no Rio, matriculou-se no famoso Colégio Abílio. Chegando à maioridade, entrou para a Escola Militar da Praia Vermelha. Mas sem vocação para a vida militar, abandonou-a. Na capital paulista, estudante de Direito, abolicionista e republicano, tornou-se o mais notável poeta da Academia, festejado entre seus colegas.

Espírito melancólico e contemplativo, boêmio, lendo ou estudando muito pouco, fumando e meditando horas a fio, perambulando pelas ruas da cidade, em noites consumidas no ambiente esfumado das cervejarias, sua saúde começou a sentir os efeitos de uma vida irregular, com noites mal dormidas. Cético, sem ambições na vida, rosto descorado e magro, seus versos corriam anonimamente de boca em boca pela estudantada. Já casado em dezembro de 1887 com Isabel Bezerra, em maio de 1894 o escritor Valentim Magalhães o encontrou no trem mineiro com destino à Paraíba do Sul, para onde levava a viúva e os órfãos de um seu irmão, falecido em Juiz de Fora, vitimado pela tuberculose da laringe. Confessou ao amigo a certeza de que sua sorte já estava lançada, atacado do mesmo mal. Procurou novos ares, retornando ao sítio do sogro. No primeiro dia de fevereiro de 1895, aos 32 anos, morreu em Paraíba do Sul. Sua bibliografia, pequena, consta de duas traduções byronianas, *Parisina* (1880); e *A Noiva de Abidos* (1881), um romance, *O Vestido Carmesim* (1886), além de trabalhos jurídicos e históricos, e, postumamente, graças à iniciativa do Centro de Letras do Paraná, o lançamento de *Poesias*.

Alguns autores estudaram-lhe a obra e a vida, recordando-se as crônicas de Gilberto Beltrão (março de 1917), de Otávio Secundino (julho de 1941), de Durval Borges (outubro de 1941), de Araci Martins (dezembro de 1951) e o longo estudo de Raul Faria, publicado pelo Comércio do Paraná a partir de agosto de 1918. (WB)

FRANCISCO LEITE

FUNDADOR



Curitibano de 8 de outubro de 1889, ainda pequeno seus irmãos corriam a copiar-lhe os versos improvisados. Embora freqüentasse, já crescido, duas escolas primárias, abandonou-as a seguir, sem prestar exames finais. Sem ter diplomas, sem curso superior, nem por isso deixou de se firmar no cenário intelectual e principalmente educacional do Paraná. Participou de todas as manifestações literá-

rias da acanhada Curitiba do início do século XX e, como autor didático, publicou *Canções de Infância*, *No Lar* e *Na Escola e Reino Infantil*, poemas e contos infantis. Como explicar que alguém que não freqüentou os bancos escolares chegasse a diretor-geral de Educação? Certamente herdara do pai, João, o gosto pelas letras e artes em geral, a vocação para o teatro, pela boemia, a andar pelas madrugadas dedilhando o pinho e, de seu avô materno, o Professor Brandão, o envolvimento com o mundo da petizada. Paranista consciente, não deixou de reverenciar o símbolo augusto do Paraná, o pinheiro, no seu *Reino dos Pinheirasis* e, fixando residência no Rio a partir de 1938, foi o representante máximo da política paranaense durante seis anos seguidos, acompanhando o interventor Manoel Ribas em suas visitas, reuniões e audiências oficiais no Rio de Janeiro. Foi um verdadeiro embaixador da cultura paranaense.

Poeta, revistógrafo (*A Crise*, no Teatro Hauer; *O Diabo em Curitiba*, no Mignon; e *A Magia do Ouro*, no Guaíra), músico, conferencista, jornalista, o nosso embaixador cultural. É extensa a sua bibliografia, destacando-se *Horas*; *Poentes de Outono*; *Vaticínios* (crônicas); *A Hora da Mulher* (ensaio) e *Em Louvor do Paraná* (discurso).

Em 1982, com mais de 90 anos, faleceu no Rio de Janeiro o *menestrel insólito do bandolim, dissolvendo as energias em cantar madrigais quentes, por debaixo dos balcões, disputando sorrisos de castelãs a golpes de florete*. (WB)

WILSON BÓIA

1º OCUPANTE



Wilson da Silva Bóia nasceu no bairro da Glória, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 15 de junho de 1927. Após o curso primário em várias escolas, cursou o ginásio no Externato São José e o científico no Colégio Vera Cruz. Formou-se em Medicina em dezembro de 1950. Como orador da turma, pronunciou na solenidade de formatura a oração *Ciência e Arte em Medicina*, mais tarde publicada em livro.

Durante o período acadêmico trabalhou como *copy-writer* de A Exposição, escrevendo um programa diário para a Rádio Jornal do Brasil. Frequentou o Curso de Teatro da Prefeitura do Distrito Federal sob a direção de Renato Viana, participando como galã do elenco de teatro das rádios Tupi e Tamoio, da cadeia Emissoras Associadas. Publicou seu livro de estréia, *A Lira Selvagem*, diplomando-se em seguida em Química Orgânica e Higiene Industrial. Como médico, ingressou nos quadros da Polícia Militar e, depois, já como oficial-médico do Exército, exerceu as funções de chefe do Pavilhão de Clínica Médica do Hospital Central do Exército, sub-diretor da Policlínica Central do Exército e diretor do Hospital Militar de Fortaleza. No Ceará, escreveu para os jornais locais, fez conferências na Academia Cearense de Letras, na Casa de Juvenal Galeno e no Instituto Histórico. Lançou também três livros: *Antonio Sales e Sua Época*, *Ao Redor de Juvenal Galeno* e *Associações Literárias de Fortaleza - 1ª Série*. Em 1987, mudou-se para Curitiba. Logo ao chegar, viu-se premiado com o 1º lugar no concurso Gralha Azul de Literatura, com *David, o Gigante*. Em sequência, outros trabalhos seus foram contemplados pela Secretaria de Cultura, como *Rodrigo Júnior, o Poeta*, *Alceu Chichorro, o Chargista*, *Newton Sampaio, o Escritor* e *Plácido e Silva*.

Pesquisador incansável, foi membro do Centro de Letras do Paraná, do Círculo de Estudos Bandeirantes, da Academia Brasileira de Médicos Escritores e do Instituto de História da Medicina do Paraná.

Escreveu ainda as crônicas que compõem o volume *Do Fundo do Baú*, editado postumamente. Permanecem inéditos os perfis biográficos *Raul Gomes*, *Percival Charquetti*, *Padre Cícero*, *Ingênuo ou Mistificador?*; *Maupassant, Um Gênio Atormentado*, *Dicionário de Pseudônimos*, *Cadilhe* e a *História da Academia Paranaense de Letras*, na qual foi recebido, em sessão solene, no dia 16 de maio de 1994, pelo acadêmico Túlio Vargas. Faleceu em Curitiba em 11 de junho de 2005. (VHJ)

LÉO DE ALMEIDA NEVES

2º OCUPANTE



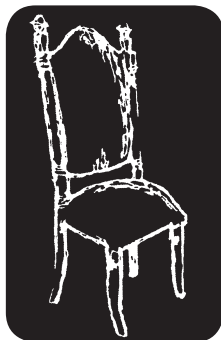
Léo de Almeida Neves nasceu em Ponta Grossa em 22 de março de 1932, filho de Francisco Fay Neves e Noêmia Almeida Neves. Economista formado pela Faculdade de Ciências Econômicas do Paraná, em 1953, e advogado pela Faculdade de Direito da UFPR, em 1954. Dessa turma da Faculdade de Direito, cinco integrantes fizeram parte da APL: Túlio Vargas, Leopoldo

Scherner, Edilberto Trevisan, Luiz Geraldo Mazza e Léo.

Elegeram-se deputado estadual pelo PTB, em 1958, e deputado federal mais votado pelo MDB, em 1966. Teve o mandato cassado pelo regime militar (AI-5) em 13 de março de 1969. Suplente de deputado federal pelo PMDB em 1982, assumiu o mandato três anos depois. De 1995 a 2003, foi suplente do senador Roberto Requião. Exerceu os cargos de vice-presidente e secretário geral da Executiva Nacional do antigo PTB e foi fundador e presidente do MDB de Curitiba. Procurador Federal aposentado, ex-diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil e ex-presidente do Banestado. Foi Delegado Regional no Paraná do Instituto Nacional de Previdência Social e Diretor de Produção do Instituto Brasileiro do Café. Presidiu o Conselho de Administração da Copel. Desde 1970, é funcionário da Cia. Cacique de Café Solúvel, tendo sido presidente da Cia. Cacique de Armazéns Gerais. Atualmente, presta assessoria à presidência e à área jurídica e tributária da empresa.

Na juventude, exerceu o jornalismo no Diário do Paraná, colaborando ainda com inúmeros órgãos da imprensa como Gazeta do Povo, Jornal do Brasil, Gazeta Mercantil, Diário do Comércio e Indústria, O Estado do Paraná, Jornal do Estado, Indústria & Comércio, O Paraná, Folha de Londrina, Tribuna do Norte, Diário dos Campos e Jornal da Manhã, entre outros. Autor das obras *Destino do Brasil: Potência Mundial* (Ed. Graal, RJ, 1995, 270 páginas), prefácio do ex-deputado federal Fernando Gasparian, apresentação de Samuel Guimarães da Costa e orelha assinada pelo ex-presidente da Câmara de Deputados Paes de Andrade; *Vivência de Fatos Históricos* (Ed. Paz e Terra, SP, 2003, 534 páginas), prefácio de René Ariel Dotti, apresentação do ex-presidente do Banco do Brasil Camilo Calazans e orelha assinada por Luiz Geraldo Mazza; *Segredos da Ditadura de 64* (Editora Paz e Terra, SP, 2010, 356 páginas), prefácio do ex-governador Roberto Requião e orelha assinada por José Carlos Veiga Lopes; *Privatizações de FHC, A Era Vargas Continua* (Edição do Autor, 2010, 374 páginas), prefácio de Jorge Samek, diretor-geral de Itaipu, e orelha assinada por Valmor Stédile, do Diretório Nacional do PDT.

Sua posse na APL ocorreu na Assembleia Legislativa do Paraná, saudado por Belmiro Castor, em 18 de setembro de 2006, na última sessão solene presidida por Túlio Vargas. (EB)



CADEIRA Nº 27

PATRONO

Domingos Virgílio do Nascimento
(1862 - 1915)

FUNDADOR

Omar **Gonçalves da Motta**
(1910 - 1972)

1º OCUPANTE

Noel Nascimento
(1925 -)



DOMINGOS DO NASCIMENTO

PATRONO

Nascido em Guaraqueçaba, em 31 de maio de 1862, foi um dos fundadores do Centro de Letras do Paraná e membro também da antiga Academia de Letras. Nas sessões do Centro de Letras, sempre comunicativo, risonho e franco, não lembrava o severo militar da Arma de Artilharia. Filho de pais pobres, pescadores, fez as primeiras letras em Paranaguá.

Em Curitiba, matriculou-se no Instituto Paranaense, onde completou com destaque o curso de Humanidades. Daqui partiu para a Escola Militar da Praia Vermelha. Do Rio foi para o Rio Grande do Sul, onde se colocou a serviço da propaganda abolicionista e republicana, ao lado de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e outros. Proclamada a República, regressou vitorioso à terra natal, com o curso das Três Armas, como tenente.

Militar, poeta, prosador, jornalista, político, inventor e industrial, suas crônicas se encontram nas páginas amareladas de todos os jornais e revistas curitibanos. A sua obra publicada não é pequena e vale aqui ser citada: *Revoadas* (versos, 1883); *Trenós e Arruídos* (versos, 1887); *O Sul* (prosa, 1895); *Em Caserna* (contos militares, 1901); *Pelo Dever* (discurso, 1902); *Flora Têxtil* (prosa, 1908); *A Hulha Branca no Paraná* (estudo, 1914); *Dr. Vicente Machado* (estudo político-social, em colaboração, sem data).

A turrice de um superior hierárquico, General Comandante do Distrito Militar, que o puniu por indisciplina, e uma prisão injusta, obrigou-o a ensarilhar as armas. Dias depois, em humorísticos alexandrinos, convidou José Raposo, da revista A Semana, a visitá-lo na jaula: *Um animal feroz, um redator deposto!* Tal incidente redundaria em consequências perduráveis para a sua carreira militar. Grande coração, dono de uma bondade extrema, com carinho atendia os pedintes, os pobres que o procuravam em sua residência. Trabalhava muito em seu gabinete de estudo, folheando livros de sua biblioteca pequena e selecionada. Apreciador da música, era comum vê-lo rodeado dos filhos, a tocarem violino, violoncelo e piano. Até no último instante da vida teve a energia de exclaimar: *Eu sei que morro, mas protesto contra esta morte*. Faleceu em Curitiba em 30 de agosto de 1915. (WB)



GONÇALVES DA MOTTA

FUNDADOR

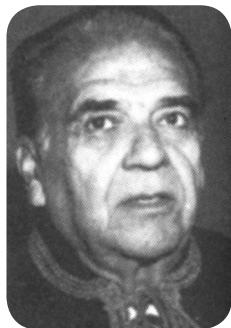
Nasceu em Curitiba no dia 6 de dezembro de 1910, filho de Joaquim Gonçalves da Motta e Guilhermina Borges da Motta.

Bacharel em Direito pela Universidade do Paraná. Foi promotor público e professor universitário das disciplinas de Direito do Trabalho, Ciência das Finanças e Direito Financeiro. Lecionou na faculdade em que se formou e na correlata da Universidade do Brasil. Atuou na empresa privada e na política, tendo, por diversas vezes, desempenhado funções de assessoria de congressos e comissões internacionais.

No Paraná, foi promotor-geral da Justiça e secretário de Estado do Interior e Justiça, assumindo também, interinamente, a interventoria do Estado, durante o impedimento do interventor Manoel Ribas. Foi assessor civil do governo brasileiro no Colégio Interamericano de Defesa, Washington, EUA.

Autor de *O Sindicato e a Realidade Brasileira* e *O Salário Mínimo no Brasil*. Personalidade forte, era tido como político envolvente. Grande entusiasta da cultura, suas ações políticas tiveram significativa importância para a criação da primeira Faculdade de Filosofia paranaense. Aliado de Loureiro Fernandes, Milton Carneiro e os demais envolvidos no objetivo da instalação da faculdade, todos ligados ao Círculo de Estudos Bandeirantes, foram de extrema valia seus esforços para obter, junto a Manoel Ribas, a concessão de uso do prédio da Assembléia Legislativa - então às moscas, dado o regime de exceção vigente - para a Faculdade, que não possuía imóvel próprio.

Desentendendo-se, mais tarde, com o interventor, viu-se no ostracismo e desamparado no Paraná, sendo obrigado a afastar-se do Estado. Radicou-se, então, por definitivo, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 11 de dezembro de 1972. É considerado fundador da APL. (VHJ)



NOEL NASCIMENTO

1º OCUPANTE

Nasceu em Ponta Grossa, em 2 de novembro de 1925, filho de Sebastião Nascimento e Maria Claudina Bittencourt de Castro Nascimento.

É, ao mesmo tempo, romancista, ensaísta e poeta. Autor de *Casa Verde*, recriação ficcional da *Guerra do Contestado*; *Nova Estética*, defesa de um realismo humanista; *A Revolução Brasileira e as Lutas Sociais no Paraná*, radiografia de

conhecidos movimentos rebeldes; e *Coreto de Papel*, coletânea de poesias repassadas de impressionismo autêntico e profundo, que João Manuel Simões chamaria de lirismo impressionista, além de outras obras, percebe-se nele, desde logo, um pensador inconformado com a realidade que o rodeia, indignado com as contradições sociais que atormentam a humanidade, principalmente o terceiro mundo. Expressa as suas emoções sem disfarçar essa revolta íntima.

Em *A Justiça e o Fim da Repressão*, aborda atualíssimos temas sociais e jurídicos. Não é só um trabalho erudito, como é, também, primoroso trabalho de arte literária. A expressão perfeita e fluente, por vezes poética, torna a leitura atraente, ao mesmo tempo que nos conduz a refletir sobre as verdades que o livro apresenta. O autor adentra, com segurança de conhecedor, os terrenos das mais variadas ciências. Discute diversas teorias com argumentos de mestre habituado a considerar todos os ângulos de uma questão.

Nessa obra faz abordagem sobre a violência, o humanismo, a sociologia do direito, a legislação e a justiça. Pretende um sistema protecional mediante o exercício da não-violência, a persuasão, o apaziguamento, a solidariedade e a educação. Uma certa utopia, é verdade, mas passível de reflexões. Levado para o campo da filosofia jurídica, esse novo humanismo seria representado, principalmente, por dois princípios fundamentais: anti-violência e o direito de proteção. Em toda sua obra, Noel abomina o enjaulamento do homem, tanto quanto a forma de violência, ao contrário, porém, de Montero que, às vezes, transige com a pena corporal, se isso for recomendado pela pedagogia correcional. Esta posição mais se aproxima da de Roberto Lyra, que só cede ao ímpeto de demolir as prisões diante do interesse público da segurança, reservando-as apenas para os casos de internação e custódia. Noel detém uma visão moderna dos problemas que afetam a sociedade e faz da literatura um veículo hábil para propagar suas idéias, em forma de poesia ou de prosa. Obteve em 1995 o primeiro lugar no Concurso Nacional de Romances com *Arcabuzes*, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, o que lhe confirma o talento criativo.

Foi recepcionado em sessão de posse da APL, em 23 de maio de 1979, pelo acadêmico Vasco Taborda Ribas. (TV)

CADEIRA Nº 28

PATRONO

Francisco Carvalho de Oliveira
(1863 - 1927)

FUNDADOR

Rodrigo Júnior
(João Baptista Carvalho de Oliveira)
(1887 - 1964)

1º OCUPANTE

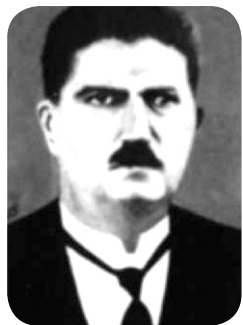
Leonardo Henke
(1905 - 1986)

2º OCUPANTE

Helena Kolody
(1912 - 2004)

3º OCUPANTE

Belmiro Valverde Jobim Castor
(1942 -)



FRANCISCO CARVALHO

PATRONO

O comerciante português João Carvalho de Oliveira, natural de Minho, chegou ao Brasil em 1849, com 21 anos de idade. Casou com Francisca Rosa e esta, ao dar à luz um menino, Francisco, em 28 de agosto de 1863, morreu logo após o parto.

Francisco Carvalho de Oliveira, órfão de mãe, logo se viu amparado pelos carinhos de sua madrinha, Maria do Céu Taborda Munhoz, que lhe ensinou as primeiras letras. Aos 14 anos de idade, a contragosto, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se empregou como caixeiro, por imposição paterna. Após muito empenho junto ao pai, conseguiu deste permissão para iniciar os estudos, preparando-se para enfrentar os exames do Curso de Farmácia. Tornou-se farmacêutico aos 21 anos de idade, após brilhante curso. Ainda no Rio, no convívio com o poeta paranaense Antônio Camargo Pinto, tornou-se abolicionista e republicano, passando a colaborar para diversos jornais, fundando ainda a Gazeta Farmacêutica, de curta duração. Em 1885, Francisco abriu em Curitiba, precisamente em 1º de setembro, a Farmácia Carvalho. Cinco anos depois, em maio de 1890, cerrou as portas de seu estabelecimento comercial para se tornar farmacêutico adjunto do Exército. Exerceu, ainda, o magistério, como lente catedrático de Física e de Química do Instituto Paranaense e da Escola Normal. Em 20 de novembro de 1886 casou com Amélia Augusta Ribeiro, que lhe deu dois filhos, Ismênia e João Baptista — este, o conhecidíssimo Rodrigo Júnior.

Durante 15 anos transmitiu a várias gerações de estudantes os seus conhecimentos até que em 15 de maio de 1906, portador de catarata, viu-se obrigado a aceitar a aposentadoria. Aos 64 anos, em 27 de setembro de 1927, faleceu o mestre acatado e querido por inúmeras levas de alunos do Ginásio Paranaense, vítima de doença cardíaca. Seus funerais saíram, às 17 horas daquele dia, da Rua Marechal Deodoro, nº 5, com destino ao Cemitério Municipal. (WB)



RODRIGO JÚNIOR

FUNDADOR

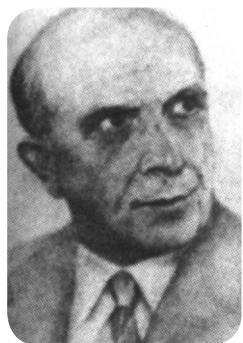
Filho do poeta Francisco Carvalho de Oliveira - a quem, em 1936, escolheu para Patrono da Cadeira 28, que fundava - e de Amélia Ferreira Ribeiro Carvalho de Oliveira, nasceu em 10 de setembro de 1887, em Curitiba.

Dos preparatórios no Ginásio Paranaense, ingressou no Curso Odontológico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Curiosamente, sem aptidão para o ofício, desdenhou a única prova oral que lhe faltava para pôr as mãos no diploma de cirurgião-dentista. Em 1910, na mesma faculdade, formou-se em Farmácia, estabelecendo-se em Curitiba. Com intenções de abandonar o ofício de boticário, houvera, em 1926, começado o Curso de Direito, no qual acabou por bacharelar-se em 1930. Rodrigo Júnior soube aproveitar a vida na capital federal, que ainda guardava resquícios da velha corte imperial, numa *belle époque* bem brasileira. Frequentando rodas boêmias sem ser propriamente um boêmio, conviveu com Emílio de Menezes e Emiliano Pernetta, seus conterrâneos.

Sua bibliografia apresenta, em poesia e prosa: *Estrela d'Alva* (1905); *Torre de Babel* (1906); *Alô, Alô, Curitiba - Revista em um ato levada à cena no Teatro Guaíra* (1912); *Cânticos e Baladas* (1913); *Sonatinas Amorosas* (1922); *Pela Noite da Vida* (1923); *Um Caso Fatal* - novela (1926); *O Feminismo Avança - burleta*, com a colaboração de Maria Nicolas (1937); *Juvenília* (1938); *Antologia Paranaense* - colaboração de Alcebíades Plaisant (1938); *Palavras, Leva-as o Vento* (1952); *Sonetos do Paraná* - colaboração de Léo Júnior (1953); *Sonetos de Minha Terra* (1953). Rodrigo Júnior foi o grande incentivador dos jovens. O movimento futurista do início da década de vinte, englobado pelo Modernismo de 1926, pela amizade que mantinha com os participantes, contou com a compreensão do poeta, já então um veterano. A publicação *Letras Paranaenses* 1970, assim se refere ao poeta: *...reuniu, em seu redor, diversas gerações de jovens e velhos literatos, alguns dos quais devem a ele sua iniciação artística.*

Dalton Trevisan e Helena Kolody, entre muitos, frequentavam a casa do poeta. Sobre Rodrigo Júnior, duas obras biográficas são encontráveis em bibliotecas do Estado: *Rodrigo Júnior*, de Wilson Bóia, e *Rodrigo Júnior: Poeta e Prosador*, de Valério Hoerner Júnior, livro este destacado com o primeiro lugar no Concurso Nacional de Ensaios. Acometido de um derrame cerebral, faleceu em Curitiba no dia 8 de junho de 1964. Foi fundador da APL. (VHJ)



LEONARDO HENKE

1º OCUPANTE

Descendente de austríacos e italianos, nasceu em Curitiba no dia 14 de dezembro de 1905. Poeta por vocação, natural e equilibrado, Henke traz de Bocage a retórica e a sensibilidade. Construiu, durante a vida um castelo de versos tecnicamente perfeitos. Não se encontra vulgaridade em sua obra, que se caracteriza pela filosofia, erudição e bondade: um de seus últimos livros é *Prelúdios e Oferendas*, no qual,

fazendo uso do acróstico, técnica que desenvolveu com amor e com a intenção de homenagear os amigos, são encontráveis quase uma centena de sonetos do tipo. Curioso e pesquisador, foi um experimentalista, percorrendo, com sucesso, todos os gêneros que a poesia lhe pôde oferecer: é autor de *Duas Coroas de Sonetos* - composição poética clássica totalizando 15 sonetos, sendo que os quatorze versos que formam o primeiro soneto constituem subsequente o último de cada soneto seguinte. Um malabarismo!

Dono de ouvido absoluto (aquele que identifica e determina prontamente a nota musical de qualquer som), foi violinista concertino e tratava a poesia igual à música, daí a mestria com que rimava e metrificava — técnica de artista, sentimento e melodia, coração e ouvidos: pura harmonia. Romântico dentro do gênero clássico, não há temor em dizer que sua formalística é a neoparsiana.

Descobriu a poesia através de Bocage e impressionado com a forma do vate português, costumava afirmar: *Bocage mostrou-me o mundo por meio dos caminhos da poesia. Acabei concluindo por mim mesmo que o verdadeiro poeta é aquele que escreve espontaneamente em versos — música falada*. Amigo de Guilherme de Almeida, correspondiam-se amiúde. O poeta paulista acenou-lhe com seu apoio se, eventualmente, se candidatasse à Academia Brasileira de Letras. Sua bibliografia mostra: *Primeiras Rimas, Poemas da Terra e do Homem, Pedras do Meu Garimpo, Cântico das Horas, Cantigas do Entardecer*.

Sucedeu a Rodrigo Júnior como Príncipe dos Poetas Paranaenses, bem como na Cadeira 28 da Academia Paranaense de Letras. Helena Kolody, princesa da poesia paranaense, que o sucedeu na Academia, afirmou em seu elogio ao antecessor: *Sua poesia foi disciplinada e elaborada num padrão de dignidade e de perfeição técnica*. E João Manuel Simões: *... é poeta clássico pela forma, clássico pelo espírito*.

Aparentando estar cheio de saúde, faleceu repentinamente aos 80 anos de idade, no dia 23 de abril de 1986. Foi recebido na Academia em 13 de Abril de 1957. (VHJ)



HELENA KOLODY

2º OCUPANTE

Primogênita de Miguel e Vitória Kolody, que se conheceram e casaram no Brasil, Helena foi a primeira criança nascida, em 12 de outubro de 1912, no recém-criado núcleo colonial de Cruz Machado.

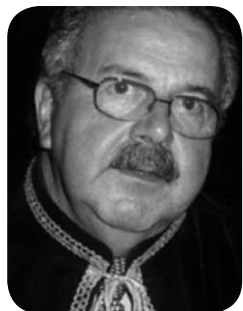
Estudou em Três Barras, Mafra, Rio Negro e em seguida em Curitiba, aluna do Colégio da Divina Providência e da antiga

Escola Normal, diplomando-se em 1931. São de 1924 seus primeiros versos, época em que estudava piano e pintura, em Mafra. Transferindo-se para Curitiba em 1927, teve, já no ano seguinte, seu primeiro poema publicado: *A lágrima*. A partir de 1930, viu seus versos em jornais e revistas, especialmente na revista parnanguara *Marinha*, grande estimuladora de suas letras.

Nomeada, por concurso, professora do Estado, subsequente lecionou em Rio Negro, Ponta Grossa e Curitiba. Finalmente, em 1937, foi designada para a Escola Normal da capital paranaense, ali permanecendo 23 anos, até aposentar-se, em 1962. Exerceu ainda as funções de Inspectora Federal do Ensino Médio.

Em 1941 publicou seu primeiro livro, *Paisagem Interior*, dedicado ao pai e preparado em segredo, visando bela surpresa. Por ironia do destino, faleceu-lhe o pai sem a ventura de apreciar o seu trabalho. Apesar disso e compensando de certo modo seu sentimento de frustração, o livro mereceu o segundo lugar em Concurso de Poesia, no Rio de Janeiro. Em 1945, apareceu o segundo livro, *Música Submersa*. E em 1949, em Concurso de Livros, promovido pelo Centro de Letras do Paraná, *A Sombra no Rio* obteve o terceiro lugar e a publicação pela Prefeitura Municipal. Em seguida vieram *Trilogia e Poesias Completas*. A aposentadoria, em 1962, permitiu-lhe maior tempo e dedicação aos versos. Prova disso são os rebentos *Vida Breve, 20 Poemas, Era Espacial, Trilha Sonora, Antologia Poética, Tempo, Correnteza e Infinito Presente*. Em 1983, escolheu 22 de seus poemas e publicou-os com o título *Poesias Escolhidas*. Em 1985 apareceu *Sempre Palavra* e em 1988 *Viagem no Espelho*. Helena Kolody é detentora do Diploma de Mérito Literário e do título de Cidadã Honorária de Curitiba. Em 1991 foi a segunda mulher (a primeira foi Pompília Lopes dos Santos) a ser eleita para a Academia Paranaense de Letras, Cadeira nº 28, anteriormente ocupada pelos notáveis poetas Leonardo Henke e Rodrigo Júnior, este - segundo Helena - *Um mestre inesquecível!* Em 1992, quando completou 80 anos, a poeta foi personagem única de filme curta-metragem de Sílvia Back.

É, com certeza, a maior expressão feminina da poesia paranaense, em todos os tempos. Foi recebida na Academia em 25 de março de 1992 pelo acadêmico Leopoldo Scherner. Faleceu em Curitiba em 15 de fevereiro de 2004. (VHJ)



BELMIRO CASTOR

3º OCUPANTE

Nasceu em Juiz de Fora (MG) em 26 de abril de 1942, filho de Carlos Castor de Menezes e Maria da Glória Jobim Valverde Castor. Aos três anos, seu pai, militar, foi transferido para o Batalhão Ferroviário de Rio Negro. Estudou no Grupo Escolar General Rabelo e, em 1951, foi viver com os avós, Belmiro e Glorinha Valverde, no Rio de Janeiro, estudando no Colégio Santo Agostinho.

Formado em Direito pela Universidade do Estado da Guanabara. Fez o Curso da CEPAL/BNDE (1966) em planejamento do setor público, aprovado com distinção. Graças à Madame Hélène Garfunkel, diretora da Aliança Francesa, em Curitiba, obteve bolsa do governo francês para se especializar em Méthodes Modernes de Gestion na França, em 1967. Entre 1979 e 1982 estudou na USC de Los Angeles, recebendo o grau PhD in Public Administration, With Distinction. Sua tese de doutoramento, que aplicava os modelos de organização social do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, ganhou em 1982 o Prêmio Henry Reining, atribuído à melhor dissertação anual sobre administração pública.

Foi Secretário de Planejamento nas gestões Emílio Gomes, Jayme Canet e em parte do governo José Richa. Foi Secretário da Educação, durante 18 meses, na gestão Alvaro Dias. No grupo Bamerindus foi Diretor de Planejamento e Controle Empresarial, da Área Internacional e Diretor Superintendente. Deixou o Banco em 1996.

Professor Titular de Administração da UFPR, aposentou-se em 2004. Desde 2007 é Professor do Doutorado em Administração da PUC-PR e Professor Colaborador do Mestrado em Organizações e Desenvolvimento da UnifAE.

Seu livro *O Brasil Não É Para Amadores: Estado, Governo e Burocracia na Terra do Jeitinho* (2000; 2ª edição, 2004) foi publicado nos Estados Unidos sob o título *Brazil Is Not For Amateurs: Patterns of Governance in the Land of "Jeitinho"*. Publicou ainda os livros *Tamanho Não É Documento: Estratégias para a Pequena e a Microempresa* (Ebel, 2007), e *Estratégias para a Pequena e Média Empresa Brasileira* (Atlas, 2009).

Publicou o *Dicionário de Termos de Planejamento Estratégico* (com Fabio Zugman, 2008), *Para o Brasil Voltar a Crescer* (com John Henry Schulz et al, 2006), *Planejamento Estratégico Municipal: Empreendedorismo Participativo nas Cidades, Prefeituras e Organizações Públicas* (com Denis Alcides Rezende, 2005); e *Estado e Administração Pública: Reflexões* (com Célio Francisco França, Simon Schwartzman, José Augusto de Souza Peres e Walter Costa Porto, 1987).

É colunista da Gazeta do Povo e comentarista da Rádio CBN. Preside o Centro de Educação João Paulo II, organização sem fins lucrativos para educação a grupos de baixa renda. É membro do Conselho Superior da Associação Comercial do Paraná.

Tomou posse em 30 de maio de 2005, saudado pelo acadêmico René Dotti. (EB)

CADEIRA Nº 29

PATRONO

Leônidas Fernandes de Barros

(1865 - 1926)

FUNDADOR

Adolpho Jansen Werneck de Capistrano

(1879 - 1932)

1º OCUPANTE

Alcindo Lima

(1902 - 1945)

2º OCUPANTE

Carlos Alberto Teixeira **Coelho Júnior**

(1894 - 1969)

3º OCUPANTE

Ladislau **Romanowski**

(1902 - 1997)

4º OCUPANTE

Leonilda Hilgenberg Justus

(1923 -)



LEÔNIDAS BARROS

PATRONO

Nasceu em Curitiba em 15 de janeiro de 1865. Coincidentemente, seu pai, Bento Fernandes de Barros, desembargador cearense, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, também seria Patrono de uma das cadeiras da Academia, a de nº 7. Iniciou-se nas letras em Joinville, aos 23 anos, cidade em que nasceria sua irmã, a pintora Maria Amélia, de forte presença artística em Curitiba. Leônidas de Barros é quase desconhecido pelas novas gerações. E, certamente, suas poesias continuariam esquecidas e sepultadas nas folhas de nossos periódicos, não fosse o esforço congregado dos acadêmicos Valfrido Pilotto e Rodrigo Júnior para publicar, em 1940, o seu único livro, *Ascensão*, reunião de seus trabalhos poéticos elaborados entre 1884 e 1926. A obra recebeu críticas elogiosas no Diário da Tarde, por parte de José Cadilhe e Euclides Bandeira, chegando a impressionar também intelectuais do porte de Afrânio Peixoto e Pedro Calmon. Outras duas obras suas, *Moisés e Alegorias*, extraviaram-se. A Academia Paranaense de Letras, em sessão de 19 de maio de 1945, em gesto de reconhecimento aos altos méritos intelectuais de Leônidas de Barros, resolveu lembrá-lo o nome para um de seus patronos.

Alto funcionário do Banco do Brasil, por força de sua profissão foi transferido para o Rio ainda que, sempre que possível, visitasse Curitiba, para matar saudades da terra e dos amigos. Euclides Bandeira contou que Leônidas de Barros, *bom curitibano, sempre que lhe era dado arredar o pé da Guanabara fascinadora vinha mitigar a nostalgia. Chegava mais álcere que os pardais primaveris de Junqueiro.*

Faleceu em 13 de setembro de 1926, em Petrópolis, legando um passado glorioso, ele que participou dos mais importantes movimentos políticos e sociais de sua época, ajudando com a força de seus artigos a arrancar as algemas dos escravos e a quebrar lanças em favor de seus ideais republicanos. (WB)



ADOLPHO WERNECK

FUNDADOR

Ao escrever o soneto *Morretes*, em seu primeiro quarteto, Adolpho Werneck já deixaria registrado o local e o mês de seu nascimento:

*Morretes, meu torrão, solo fecundo
regado pelo manso Nhundiaquara,
terra em que os olhos eu abri ao mundo,
ao calor de Dezembro, em tarde clara.*

Nascido em 3 de dezembro de 1879, após os estudos preparatórios ingressou como funcionário público do Ministério da Fazenda onde, por muitos anos, serviu na Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional de Curitiba.

Jornalista e cultor do humorismo, deixou, no entanto, vasta colaboração em jornais e revistas paranaenses, ainda não catalogada, contrastando com a sua pequena bibliografia: *Dona Loura* (versos, 1903); *Bizarrias* (sonetos, 1908); *Insônia* (poemeto, 1921); *Minha Terra* (poemeto, 1922); *Arco-íris* (versos, 1923) e a revista teatral em 1 prólogo e 2 atos, *O Jornal*. Poeta acima de tudo, a sua lírica revela o seu estado de espírito, suas fantasias, visões sangüíneas, rubras, como em *Bizarrias*, onde predomina o satanismo já que ele, autor, roga ao diabo proteção para o seu livro.

A sua verve e o seu chiste podem ser comprovados na série *Caricaturas*, sonetos publicados no Diário da Tarde, escondidos sob os pseudônimos de Mello Dias e Companhia (no mês de fevereiro, com Helvídio Silva) e de Mostarda e Companhia (no mês de março), satirizando figuras conhecidas no mundo político, social e literário, dentre elas De Sá Barreto, Marins Camargo, Lamenha Lins, Emiliano Pernetta, Cônego Braga, Monsenhor Celso e Marechal Bormann. Emérito charadista, no Almanach Paranaense para 1900, na seção de Charadas, recebeu bela homenagem na Página de Honra, com retrato, como decifrador de todos os trabalhos publicados no referido almanaque do ano anterior. Presidente do Cassino Curitibano em 1922, redator-chefe da revista O Sapo, encontram-se pelas páginas desbotadas de nossos periódicos suas crônicas e poesias assinadas por Ad. Janwer, Bingue, Hugo, Jansen de Capistrano, Nelson de Andrade e Plutão.

Viúvo de Maria Antonieta que lhe deu nove filhos, falecida em agosto de 1922, casou novamente com Alice Taborda. Por pouco tempo. Faleceu, em Curitiba no dia 18 de agosto de 1932. (WB)



ALCINDO LIMA

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba, dia 11 de janeiro de 1902, filho de Francisco Lourenço de Lima e Flora Lopes de Lima. Exerceu na adolescência o cargo de oficial dos Correios e Telégrafos, mas sua inclinação foi sempre pela poesia que cultivava nas horas de lazer. Usava nas publicações os pseudônimos Aldo Junior, Olavo Junior e Capremonte Zinkofrewsky. Pertenceu à geração literária surgida em

1922, com a revista Flâmula, da qual faziam parte, entre outros, De Sá Barreto, Alceu Chichorro, Correia Júnior e Quintiliano Pedroso.

Despreocupado, pois tinha hábitos boêmios antes de casar-se, escrevia nas redações dos jornais, nas mesas dos cafés ou confeitarias, não ligando importância aos produtos de sua pena. Assim se explica o fato de haver dado à estampa um único livro de versos, *Coração... Minha Vida!* e, se tal ocorreu, foi em grande parte devido à dedicação afetuosa e diligente de amigos seus. Aprazia-lhe colaborar em todos os periódicos que lhe requisitavam a verve poética. Assim colaborou regularmente na imprensa e nas revistas da época, tais como *Gazeta do Povo*, *A Flâmula*, *Revista do Sul*, *Sonetos Paranaenses*, *Jazz*, *a Farofa*, *Ilustração Paranaense*, *Prata de Casa*, *Correio dos Ferroviários*, *O Mensageiro do Natal*, *O Itiberê*, *Diário da Manhã* e *Jornal dos Poetas*.

Incursionou, também, pela arte cênica, escrevendo a comédia *O Fumaça em Morungava* e o drama, em dois atos, *O Natal do Bombeiro*, ambas encenadas pela Sociedade Teatral Renascença, em 30 de dezembro de 1931, no Teatro Guaíra.

Dos seus sonetos selecionados, vale destacar *Há Uma Coisa Qualquer*, nos seguintes versos: *Há uma coisa qualquer por esse mundo afora / Um ideal, talvez, que é novo para mim./ Alvares de manhã, cintilações de aurora/ Um perfume, uma flor, alguma coisa enfim/ Qualquer coisa há de haver, pois minh'alma se enflora / Em convulsões de sonho, estranhas e sem fim/ E dentro do meu ser sinto espontar-me agora/ Orquestrações de amor em flautas de marfim./ E que anseio me vem, e que anseio de luz/ Canta dentro de mim qual rouxinol festivo/ Que o festivo luar arrebatava e seduz./ Pois em tanta emoção há uma coisa qualquer/ Que me obriga a sentir a glória de estar vivo/ Um perfume... uma flor... um beijo... uma mulher...*

Faleceu em 29 de outubro de 1945, deixando viúva e dois filhos.

No sepultamento, a oração de despedida foi proferida de maneira inflamada pelo amigo e companheiro — de boêmia e Academia — Alceu Chichorro. (VHJ)



COELHO JÚNIOR

2º OCUPANTE

Dois meses depois da chegada do filólogo Carlos Alberto Teixeira Coelho ao Brasil, vindo do Porto, nasceu em Curitiba, em 2 de novembro de 1894, Coelho Júnior, no Alto do São Francisco, no solar do tio-avô, o comerciante José

Natividade Teixeira de Meireles. Foi iniciado nas primeiras letras por sua tia, Mariana Coelho, que com eles também viera, pioneira da emancipação feminina, autora de um livro premiado pela Academia Brasileira de Letras, *Paraná Mental*.

Com o término da guerra civil no Paraná, seu pai se estabeleceu com uma farmácia em Ponta Grossa e para lá foi toda a família. Foi aluno do professor, historiador, matemático, ex-oficial do Exército argentino João Becker, um dos fundadores do Instituto Dr. João Cândido. Terminou o secundário na cidade natal.

Em 1910, com o regresso definitivo da família para Curitiba, Coelho decidiu enfrentar o vestibular para o curso de Engenharia no Mackenzie College, em São Paulo. Mais tarde foi para o Rio, mantendo contato com Lopes Trovão e Lima Barreto, hospedado em casa de sua prima, Biluca. Nessa altura, em 1918, trabalhava para os jornais cariocas *O País* e *A Rua*, ganhando por mês, duzentos e cinquenta mil réis.

Com a mudança dos primos para Paquetá, ele passou a dividir quarto com o jornalista português Campos Júnior, à Rua Evaristo da Veiga, bem no centro do Rio. Por indicação de seu colega Monteiro Neto ganhou o cargo de topógrafo para desenho e fixação de pranchas de um projeto do ramal na Baixada Fluminense, agora com o ordenado de quinhentos mil réis. Recebendo melhor salário, alugou sozinho um quarto de pensão na Rua Dona Luísa. Ao andar pelos cabarés do Rio e se encontrar com Edmundo Mercer, resolveu retornar ao Paraná, já que o amigo estava encarregado de grandes trabalhos topográficos no nosso Oeste. Coelho Júnior tornou-se um bandeirante, percorrendo milhares de quilômetros a pé, a cavalo, de canoa, com o teodolito em punho, a medir e demarcar terras. Sertanista nato, viveu na selva momentos de aventuras, narrando-as em *Perfis e Panoramas*, 1940. Em 1946 surge *Pelas Selvas e Rios do Paraná*, memórias de sua estada em sertões paranaenses.

Cronista, poeta e contista pouco divulgado, eleito para o Centro de Letras do Paraná em 21 de novembro de 1944, faleceu em Curitiba em 21 de junho de 1969. (WB)

LADISLAU ROMANOWSKI

3º OCUPANTE



Nascido em Mallet, no dia 8 de janeiro de 1902, em berço humilde, estava predestinado a perلustrar o fascinante roteiro das letras. Foi desses intelectuais singulares, cujo ofício tem sido morar, dormir, sofrer e alegrar-se com a literatura. O escritor é aquele que forma a consciência, elabora uma terminologia, uma técnica de trabalho, dedica à obra todas as meditações, adquire-lhe o domínio dos segredos e devassa-lhes mistérios e problemas. Segundo um ator russo, a criação literária é um moinho. Engenho composto de mós sobrepostas e giratórias, movidas pelo vento, que gira sempre em torno do seu eixo de sustentação que é a realidade. Daí a sua relação com a história. Romanowski interceptou o movimento do moinho para fornecer subsídios culturais ao seu tempo. Procurou, pelo romance, analisar a condição humana pelas reações dos seus personagens diante da vida. Através de peças para o teatro captou os paradoxos existenciais e soube transmiti-los com delicadeza e simplicidade descritiva. Na sua temática infantil, lembrou Monteiro Lobato ao concluir ser mais belo e gratificante escrever para crianças. Tem sido permanente a sua renovação conceitual e metodológica ao retirar das experiências vividas uma perspectiva poética do seu mundo interior.

Soube recolher do cotidiano a essência dramática dos seus desenlaces, fundindo com habilidoso senso crítico o verossímil e a fantasia. Sua obra contém uma poderosa carga telúrica ao mesmo tempo em que se mistura à índole pedagógica das estórias para crianças. Tornou-se versátil ao explorar gêneros literários diversificados, incursionando com naturalidade pelas infinitas dimensões da alma humana. Sua atividade mental intensa, ampla e fecunda, quase sempre foi dirigida às questões subjetivas, a revelar original pensamento crítico calcado na psicanálise ou na pedagogia que abastecem os tipos e figuras que movimentam seus dramas passionais ou suas estórias ingênuas. Da sua vasta bibliografia, entre outras, constam: *Ciúme da Morte*; *O Retrato de Wlade*; *E os Trigais Ondulavam* e *O Anãozinho de Paletó Verde*.

Faleceu em Porto Alegre, dia 5 de Outubro de 1997. (TV)

LEONILDA JUSTUS

4º OCUPANTE

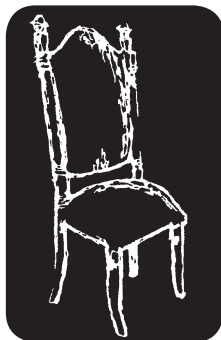


Nascida em Ponta Grossa, em 19 de maio de 1923, filha de David Hilgenberg Júnior e de Laura Hilgenberg, sua atuação se faz sentir em várias áreas de nossa cultura, no jornalismo, na literatura e na música.

Apresentada por ilustres acadêmicos, sua obra literária pode ser conhecida por meio das suas seguintes publicações: *Versos Para Você* (1981), *Se Me Amasses* (1983), *Chamas Erradias* (1985), *Naquelas Horas* (1986), *Ponte Terra Infinito* (1988), *Hipocrene* (1992), *Abstratos Concretos* (1994) e *Lampejos*. Em 2006, publicou *Sobre a Leitura*.

Dinâmica, dona de forte poder de aglutinação, participa, com sucesso, de antologias e coletâneas, nacionais e internacionais. Seus trabalhos, especialmente os voltados para a arte poética, são apreciados e aplaudidos pela nossa crítica especializada. Por essa razão, têm alcançado, nos diversos concursos em que se inscreve, medalhas de ouro, placas de prata, diplomas, menções honrosas e especiais. Pertence a várias instituições culturais, dentre elas o Centro Cultural Euclides da Cunha em Ponta Grossa, Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana (RS), Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (seção do Paraná), União Brasileira dos Trovadores (seção Paraná), além das associações com sede em Curitiba, como Centro de Letras, Centro Feminino Paranaense de Letras, Sala do Poeta e Academia de Letras José de Alencar. Deve-se destacar sua atuação como fundadora e presidente do Centro Cultural Faris Michael, em Ponta Grossa. Figura feminina de prestígio também no mundo social, tem recebido várias homenagens oficiais, reconhecida como uma das dez mulheres de destaque do Paraná, proclamada em 1994 a Embaixatriz da Poesia do Brasil. Responsável há anos pela coluna Hipocrene, no periódico pontagrossense *Jornal da Manhã* - na qual analisa as obras que lhe chegam às mãos - prefaciadora requisitada pelos escritores da nova geração, foi idealizadora e primeira presidente da Academia de Letras dos Campos Gerais, acontecimento de grande repercussão cultural.

Toda sua atividade foi reconhecida e recompensada com a entrada para a Academia Paranaense de Letras, em 14 de junho de 2000, tomando posse no ano seguinte, com saudação proferida pelo acadêmico Marino Braga. (WB)



CADEIRA Nº 30

PATRONO

Emiliano David Pernetta

(1866 - 1921)

FUNDADOR

José Henrique de **Santa Ritta**

(1872 - 1944)

1º OCUPANTE

Octávio **De Sá Barreto**

(1906 - 1986)

2º OCUPANTE

Oldemar Justus

(1922 - 2006)

3º OCUPANTE

Adherbal Fortes de Sá Júnior

(1939 -)



EMILIANO PERNETTA

PATRONO

Nasceu em Pinhais, em 3 de janeiro de 1866. Já no Instituto Paranaense, demonstrava o seu vigor físico, ao se exibir com rara habilidade nos aparelhos de ginástica, executando saltos mortais. Aos 16 anos de idade, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Sua vida como acadêmico foi consagrada à boemia. Vibrou pela causa abolicionista a ponto de, no dia da abolição da escravidão, escrever uma carta dirigida à Princesa Isabel. Lançou, então, seu primeiro livro, de feição parnasiana, *Músicas*. Mesmo abusando do álcool, das noites mal dormidas, formou-se em Direito em 15 de novembro de 1889, coincidentemente, a data em que a monarquia, por ele tão combatida, ruía. Foi, a seguir, para o Rio, lançando-se no jornalismo ao lado de Bilac, Pardal Mallet, Murat e outros. Mas foi o encontro com Cruz de Sousa que alterou profundamente o rumo de sua poesia.

Mudou-se para Minas Gerais, iniciando sua curta carreira na Magistratura. Seriadamente doente, em fins de agosto de 1896 retornou ao Paraná. Durante um ano ficou sob os cuidados do irmão Júlio e da dedicação da cunhada Júlia, até o total restabelecimento. De Curitiba nunca mais sairia.

Lançou *Alegorias*. Por concurso, conquistou a cadeira de Português do Ginásio Paranaense. Em seguida publicou *Ilusão*, ocasião em que recebeu a consagração popular, no Passeio Público. Em 20 de agosto de 1911 foi ali coroado Príncipe dos Poetas Paranaenses. Figura pequenina e azougada, palestrador incomparável, conversava como ninguém quando, na saleta da pensão, à noite, reunia amigos, discípulos e admiradores, andando de um lado para outro, inquieto, vibrátil, a fronte erguida, rindo e gesticulando, os braços sempre em movimento compassado, pisando ou saltitando no bico dos pés, de quando em quando a soltar gostosas gargalhadas e repetindo a frase: *Imaginem vocês... Imaginem vocês...* O autor dos libretos *Papilio Innocentia* e *A Vovozinha*, da *Pena de Talião* e de *Setembro*, fundador do Centro de Letras do Paraná, no fim da tarde da quarta-feira, 19 de janeiro de 1921, conversando com o médico Alegretti Filho, ao lavar as mãos na pensão em que morava, sentiu-se mal. Levou a mão à fronte, cambaleou, amparando-se à parede. Foi levado para a cama, já morto. Desaparecia, assim, uma das maiores figuras da história literária do Paraná. (WB)



SANTA RITTA

FUNDADOR

Das mais fulgurantes inteligências de sua época. Orador primoroso, crítico, novelista e poeta, foi incomparável no talento e no poder criativo. Admirador de Eusébio da Motta, escreveu sobre esse notável pensador ensaio crítico denominado *Solitário da Luz*, no qual lhe enaltece os predicados de mestre. Autor da novela *Emy*, que alcançou

enorme repercussão na dramaturgia paranaense, revela a faceta singular do ficcionismo requintado. Poeta admirável, seus sonetos alexandrinos constam da Antologia de Rodrigo Júnior e Alcebíades Plaisant, como expressões de lucidez poética.

Nascido em Paranaguá, no dia 23 de dezembro de 1872, estudou inicialmente na escola do professor José Cleto da Silva, seu primeiro mestre. Muitos anos depois, em janeiro de 1914, quando se inaugurou, num jardim de Paranaguá, o busto em bronze do notável professor, Santa Ritta produziu fulgurante página sob o título de *Um Homem*. Concluiu os preparatórios no Ginásio Paranaense e formou-se pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1895.

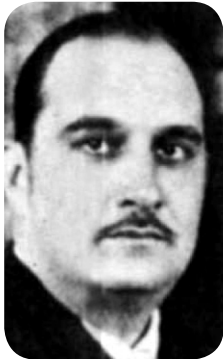
Exerceu os cargos de Juiz Municipal de Cerro Azul, Campo Largo e Lapa. Depois Juiz de Direito da Capital e Procurador da República. Nomeado desembargador em 1919, cargo em que se aposentou.

É um dos fundadores do Centro de Letras e da Academia Paranaense de Letras, em cujas instituições desempenhou funções eminentes, inclusive as de presidente. Admirador de Emiliano Pernetta, Santa Ritta elaborou inteligente estudo crítico sob o título *Ao Redor da Ilusão*, em que analisa a temática do festejado autor. Deixou publicadas obras jurídicas e literárias de extremo bom gosto e profundidade.

Casado em 1900 com Helena Azorin Joaquina de Carvalho, não deixou descendentes. Faleceu em Curitiba no dia 20 de julho de 1944. É fundador da APL. (TV)

DE SÁ BARRETO

1º OCUPANTE



Nasceu em Curitiba no dia 22 de novembro de 1906. Frequentou os antigos Colégio Renascença, Escola Republicana e Ginásio Paranaense, formando-se em Direito em 1930. Em 1920, começou a trabalhar no jornal A República e seus primeiros sinais literários possuíam a forma acadêmica. A amizade que o prendia aos *desmiolados* do Futurismo, porém — Alceu Chichorro, Valfrido Pilotto, Laertes Munhoz e

Correia Júnior — deixava-o à vontade quanto à forma e à temática, compreendendo e apoiando os companheiros, mas distante de cometimentos semelhantes.

Já em 1922, entusiasmou-se com o movimento Modernista de São Paulo, mas só em 1926, com o manifesto de Jurandir Manfredini em prol do Modernismo, quatro anos tardio, desabrocharam-lhe os versos sob a égide da liberalidade e, portanto, do cunho pessoal do artista, solto das amarras acadêmicas convencionais. Nem por isso atordoou-se, como aconteceu amiúde, aqui e acolá. Manteve-se fiel ao seu poder de expressão e, dentro de irretocável lirismo, deu à literatura paranaense momentos incomparáveis de qualidade poética. Estreou com *Nuvem Que Passa*, em 1922, e, logo em 1924, publicou *Este Livro*. Dirigiu a *Novela Paranaense* ao lado de Rodrigo Júnior, que editou *O Automóvel nº 117*, novelas e contos. Entre a infinidade de publicações que possui sob diversas formas, há, ainda, a noveleta *Palavra, Que É Certo!*; *Emílio de Menezes, Figura Marcante do Parnasianismo Brasileiro*; *Realejo dos Enlevos*, poemas de várias épocas.

O livro *Pássaro Sem Asas* foi sua última publicação em vida, constando existir expressiva produção inédita.

O poeta, escritor, jornalista, teatrólogo, crítico de arte, orador e conferencista, faleceu em 22 de outubro de 1986, um mês antes de completar 80 anos. É considerado fundador da APL. (VHJ)

OLDEMAR JUSTUS

2º OCUPANTE



Nasceu em Ponta Grossa, dia 29 de junho de 1922, filho de Felipe e Tereza Justus. Passou a residir em Curitiba a partir de 1957. Bacharel em Ciências Contábeis, Economista e Auditor, foi também compositor, poeta e escritor. Pertenceu a diversas Academias e Clubes Literários do País.

Sua poesia é uma mistura entre o romântico e o filosófico. Ela faz parte da sua vida como uma espécie de linguagem inter-

mediária entre este tempo e outro, desconhecido, mas vislumbrando através da arte em toda sua grandiosidade e beleza. Considera este mundo e o outro uma coisa só.

Na sua obra destacam-se, entre outras, *Feito Pássaro*, 1984; *Um Novo Canto*, 1985; *Volúpia*, 1987; *Ecossilêncios*, 1989; *A Alma e o Tempo*, 1991; *Tempo Breve*, 1993, *Além das Estrelas*, 1995 e *Folhas Soltas*, 1995, além de várias participações em antologias poéticas, o que o consagrou pela crítica literária e jornalística, levando-o a ser publicamente reconhecido, face à qualidade estética da sua obra criativa.

Rosário Farani Mansur Guérios, insuspeito filólogo e erudito acadêmico, de saudosa memória, escreveu, certa vez: *Há nos seus poemas muita imaginação, muita filosofia, muita psicologia. O poeta, de certa maneira manifesta com suas produções a saudade do paraíso que perdeu, e não repousa enquanto não alcançar a plenitude da felicidade em outra vida. A poesia de Oldemar busca esses altiplanos. Não tenho receio de errar, ele é dos maiores poetas paranaenses da atualidade.*

Os principais personagens de um poema são a suavidade e o vigor dos versos, na opinião de Paul Valéry. Pois tais ingredientes emanam da paisagem interior deste artista eclético, professor de esperança e vendedor de sonhos, cujo mister foi acender estrelas e espalhar luz. Diretor-presidente das empresas Justus Auditores Independentes e Justus Consultores Associados S.A., dividiu sua criatividade entre atividade profissional e as cogitações do espírito.

Faleceu em Curitiba em 19 de maio de 2006. Tomou posse da cadeira 30 da APL no dia 11 de junho de 1993, saudado pelo acadêmico Túlio Vargas. (TV)



ADHERBAL FORTES DE SÁ JÚNIOR

3º OCUPANTE

Adherbal Fortes de Sá Júnior é curitibano, nascido em 9 de maio de 1939, filho de Adherbal Fortes de Sá e Carmem Borba Fortes. É casado com Rita Astrid Calderari Figueiredo, pai de Adriana, Bruno e Mariana.

Estudou no antigo Colégio Santa Maria da Praça Santos Andrade, na Escola de Cadetes de Porto Alegre e cursou a Academia Militar de Agulhas Negras. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba, em 1962. Recebeu a medalha de ouro do Instituto dos Advogados do Paraná pela tese *“Da Propriedade Horizontal”*.

Sua vocação para o jornalismo levou-o ao Diário do Paraná, nos anos 50. Passou pela revista Panorama e pelo jornal Última Hora, do qual foi o principal colunista, o que lhe rendeu um processo instaurado pelo regime militar, depois arquivado pelo Supremo Tribunal Federal. Contratado pelo O Estado do Paraná, passou depois para a TV Iguaçu, para escrever e dirigir o Show de Jornal, com Renato Schaitza, a partir de 1968.

Escreveu com Paulo Vítola os espetáculos teatrais *Cidade sem Portas*, em cartaz de 1973 a 1975, e *Paraná, Terra de Todas as Gentes*, para a inauguração do Grande Auditório do Teatro Guaíra, em dezembro de 1974. Trabalhou também nos jornais Correio de Notícias e Indústria & Comércio, em emissoras de televisão e em emissoras de rádio. Foi assessor de comunicação dos governos Canet Jr., Ney Braga, José Richa e Jaime Lerner. Com J. Pedro Correia e Solange Fusco elaborou o *Plano de Comunicação da Volvo do Brasil* para a década de 90, premiado pela ABERJE, Associação Brasileira de Comunicação Empresarial. Coordenou a comunicação do Sindicato da Construção Civil do Paraná e participou da elaboração da Carta de Belo Horizonte, que denunciou a corrupção no Governo Collor, e idealizou a Greve do Fumo e a Meia Maratona de Curitiba. Criou o *Band Pé no Rio*, programa de caráter educacional destinado à preservação ambiental, premiado pela Câmara de Vereadores de Curitiba e pela Associação Brasileira de Engenharia Sanitária.

Em 1997, publicou o livro *Ney Braga – Tradição e Mudança na Vida Política*. Estudioso da produção musical curitibana, escreveu *Vestido Branco – Uma Aventura Musical*, publicada em formato digital. Como diz o autor, *“Vestido Branco, como todo retrato, mostra só um ângulo. O nosso é o ângulo da música, que explodia nas bocas da Rua Cabral, nos clubes sociais (porque existiam clubes anti-sociais), nos muquifos do Parolin, onde tocava Zé Pequeno e seu maravilhoso regional”*.

Recebeu em 2006 o título de Vulto Emérito de Curitiba, concedido pela Câmara Municipal. Foi eleito para a APL em 18 de março 2007, tomando posse em 2 de outubro do mesmo ano, saudado por Ernani Buchmann. Escreve o *blog* www.cidadesempertas.com.br e é editor executivo do site www.canalgua.com.br, da ABES. (EB)

CADEIRA Nº 31

PATRONO

Emílio Correia de Menezes
(1866 - 1918)

FUNDADOR

Helvídio da Silva Pereira
(1883 - 19..)

1º OCUPANTE

Lauro Grein Filho
(1921 -)



EMÍLIO DE MENEZES

PATRONO

Curitibano, nascido no Largo da Matriz em 4 de julho de 1866, após o aprendizado das primeiras letras, com o professor Brandão, matriculou-se no Instituto Paranaense. Já rapaz, empregou-se numa farmácia, publicando seus primeiros versos no 19 de Dezembro e participando das atividades do Clube Abolicionista Paranaense. Aos 21 anos de idade embarcou para o Rio, dedicando-se daí por

diante ao jornalismo. Casou com Maria Carlota, casamento que lhe deu um filho. Foi freqüentador das rodas boêmias cariocas.

Com o Encilhamento, ganhou muito dinheiro, mudando o padrão de vida. Abandonou a esposa, comprou carruagens, manteve palacete na região serrana de Petrópolis, passou a vestir-se como um dândi. Envolveu-se no célebre bendegó do sal e ficou milionário. Mas terminada a aventura, passou a sentir o gosto amargo da pobreza. Antigo freqüentador da Confeitaria Pascoal, mudou seu quartel-general para a Colombo.

Conheceu Rafaelina, com quem passou a viver. Acentuados pela vida desregrada que levava então, passou a sofrer problemas de saúde. Voltou a Curitiba à procura de novos ares. Durante sua estada foi tirada a foto bem conhecida em que o poeta aparece aboletado num fordeco ao lado de Dario Vellozo, Emiliano Pernetta, Serro Azul e Zeno Silva, no Retiro Saudoso. Candidato à ABL na vaga de Raimundo Correia e derrotado pelo cientista Osvaldo Cruz, ao ser estimulado por Bilac, Graça Aranha e Medeiros de Albuquerque, bateu novamente às portas do *Petit-Trianon*, na vaga de Salvador de Mendonça - desta vez com sucesso. Mas seu discurso acadêmico não obteve aprovação da mesa do Silogeu por conter alusões ferinas a Oliveira Lima e a Afrânio Peixoto, ambos imortais. Preferindo sempre o convívio das redações dos jornais e dos lugares públicos onde se reunia a *jeunesse dorée* da época, sempre se destacava pela agudeza dos seus conceitos, a fereza dos seus epigramas, a intenção de sua sátira mordaz. Parnasiano, o seu verso era como que gravado a buril, tal a perfeição da forma e o rendilhado das idéias. No soneto, rivalizava com Luiz Delfino. Na sátira, com Gregório de Mattos. O satírico inesgotável dos *Deuses em Ceroulas* e o lírico da *Marcha Fúnebre* e *Dies Irae*. Faleceu no Rio em 8 de junho de 1918. Nove anos depois, seu corpo foi transladado do Cemitério de São João Batista para Curitiba. (WB)



HELVÍDIO SILVA

FUNDADOR

Nascido em Curitiba em 25 de novembro de 1883, fez seus estudos primários em colégios particulares e os exames preparatórios no Ginásio Paranaense.

Passou a colaborar, ainda jovem, pelos seus 17 anos de idade, em A República e depois, com mais assiduidade, no

Diário da Tarde. Lançou seu primeiro e único livro de sonetos, *Grinaldas*, em 1904, época em que integrava o Clube da Luta Romana como seu primeiro orador. Em 14 de abril de 1906 partiu para Recife, nomeado escriturário da Delegacia Fiscal. No ano seguinte, casou com Ermelinda, que lhe deu três filhos, Nilton, Hudson e Harvey. Ainda na capital pernambucana formou-se em Direito, em 16 de março de 1912. De lá, de tempos em tempos, embora os múltiplos afazeres de funcionário público e acadêmico, enviava colaborações para o vespertino Diário da Tarde com a seção de crônicas Do Norte. Andou pela Amazônia e, ao voltar ao Paraná, exerceu os cargos de magistrado na Comarca de Ponta Grossa e o mandato de deputado à Assembléia Legislativa do Estado. Membro da Ordem dos Advogados do Brasil e da União Brasileira de Juristas, consultor jurídico da Companhia Prada de Eletricidade e da Associação Beneficente 26 de Outubro, advogado da Prefeitura de Curitiba e dos Bancos do Brasil e Nacional do Comércio, afastou-se da política por ocasião do golpe de estado de 10 de novembro de 1937. Mudou-se para o Rio, reiniciando sua vida burocrática ao ingressar na Procuradoria-Geral da Fazenda, no gabinete do Dr. Francisco de Sá Filho.

Jornalista, diretor-presidente da Companhia Cervejaria Adriática, professor, homem de variadas atividades, as suas produções poéticas espalhadas por jornais e revistas de Curitiba, de Recife, de Ponta Grossa e de Paranaguá, impregnadas de dor, sofrimento e morte, bem que mereciam ser coligidas e publicadas para estudo e conhecimento das novas gerações. Infelizmente, por mais que indagássemos de velhos acadêmicos informações sobre Helvídio Silva, pelo menos a data e o local de seu falecimento, nada conseguimos, pairando sobre ele uma névoa de mistério e de esquecimento. (WB)



LAURO GREIN FILHO

1º OCUPANTE

Médico, professor e escritor, nasceu em Rio Negro, no dia 9 de agosto de 1921, filho de Lauro Grein e Maria da Conceição Sabóia Grein. Após os estudos preliminares, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, colando grau em 1943 e sendo distinguido com o Prêmio Ramar por haver obtido o primeiro lugar em Clínica

Médica. Radicado em Castro, dirigiu o jornal e a emissora de rádio locais, inclinando-se nitidamente para o campo das letras, a par das atividades profissionais da medicina. Atraído pela política, elegeu-se, ainda em Castro, vereador e presidente da Câmara Municipal. Do primeiro conto que publicou na revista Fon-Fon aos demais que lhe ampliaram o horizonte criativo, revelou-se o escritor primoroso que iria desdobrar a vocação em festejados livros de memórias. Ao transferir-se para Curitiba, ampliou a área de atuação intelectual como integrante da Academia Paranaense de Medicina, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores e do Centro de Letras do Paraná, dos quais foi operoso presidente. Neste último, por exemplo, introduziu inovações modernizantes e programas atraentes, elevando o conceito da entidade junto à sociedade cultural do Estado. Tem exercido atuante atividade comunitária, ocupando a presidência do Lions Club Curitiba - Centro e do Clube 21 Irmãos Amigos. Portador da Ordem da Bandeira por assinalado destaque no campo do civismo, científico, cultural e humanista. Coleciona diversos títulos de relevância, tais como Grã-Cruz de Cavaleiro da Ordem Soberana de Malta, Comendador da Honorífica Ordem de Cultura da Academia de Cultura de Curitiba, Medalha Dourada da União Brasileira dos Trovadores, Comenda Honorífica da Ordem da Filantropia e diploma de Mérito Ético-Profissional do Conselho Regional de Medicina do Paraná. Como presidente da Cruz Vermelha do Paraná tem desenvolvido administração altamente profícua. Nessa condição, visitou países das Américas e da Europa, em observação e estudos, com o que tem aperfeiçoado os serviços essenciais da instituição. Dos livros publicados, com inegável repercussão, *Hora de Lembrar* e *Fatos que Ficaram*, repositórios de recordações, ressaltam-lhe as qualidades de memorialista; *O Estetoscópio*, série de crônicas no livro *Escritores do Brasil*, de Aparício Fernandes, constitui outra fonte reveladora de seu talento. Em 2005, lançou *Painel de Realidades*, coletânea de crônicas. Vice-presidente da APL durante 14 anos, sucedeu o acadêmico Túlio Vargas quando de seu falecimento, em março de 2008, exercendo a presidência da Academia até o final do mandato daquela diretoria, em dezembro do mesmo ano. Foi recebido em sessão solene no dia 26 de setembro de 1986 - aniversário de 50 anos da Academia - pelo acadêmico Túlio Vargas. (TV/EB)

CADEIRA Nº 32

PATRONO

Joaquim Procópio Pinto **Chichorro Júnior**
(1866 - 1926)

FUNDADOR

Alceu Chichorro
(1896 - 1977)

1º OCUPANTE

Emílio Leão de Mattos Sounis
(1913 - 1999)

2º OCUPANTE

José Wanderley Resende
(1938 -)



CHICHORRO JÚNIOR

PATRONO

Nasceu em Antonina, no dia 20 de outubro de 1864. Na terra natal, fez os estudos de primeiras letras e, em São Paulo, no Seminário Episcopal, as diversas matérias do curso secundário, prestando exames preparatórios para a Faculdade de Direito. Retornando ao Paraná, casou-se, em Piraquara, com Francisca, que viria a ser popularizada por seu filho Alceu como Dona Chiquinha. Deste casamento, realizado em 1887, adveio numerosa prole.

Ocupou cargos importantes na administração pública paranaense, destacando-se o de procurador da Fazenda, o de secretário do Interior e Justiça e Instrução Pública e o de secretário das Finanças, Comércio e Indústria, este por dois quadriênios.

Revelou-se administrador acurado e de largos conhecimentos financeiros. Alterou o sistema da apresentação dos orçamentos.

Foi também deputado estadual em duas legislaturas, administrador dos Correios e diretor-presidente do Banco de Curitiba. Apesar dessa intensa atividade, conseguia dispor de tempo para lecionar, pois era professor do Ginásio Paranaense, titular das cadeiras de Pedagogia, Lógica e História Natural. Em 1896, no concurso aberto para preenchimento do cargo de lente de Aritmética e de Álgebra do Ginásio e Escola Normal, conquistou o primeiro lugar na classificação geral. Muito o desagradou, no entanto, a anulação do concurso, atribuída a pressões políticas da época.

Enfrentando problemas financeiros e de saúde, sem um teto próprio onde morar, dirige-se ao amigo industrial Xavier de Miranda solicitando-lhe, sob empréstimo, a importância de duzentos mil réis para pagamento do aluguel da casa em que residia.

Foi notável sua atuação nos cenários literário, filosófico e político. Homem de letras, polemista vigoroso, comentarista, poeta e jornalista, pianista exímio, sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná, chegou a publicar *Vozes Livres*, versos, 1886; *O Deus Social*, prosa, 1889; e diversas conferências.

Ao lado de Menezes Dória, Claudino dos Santos e Cunha Brito, colaborou no jornal Federação (1892), como que a prosseguir sua meta quando, à frente da redação de A República, tudo fizera para a queda do regime monárquico e consolidação dos princípios republicanos. A morte colheu-o em plena atividade mental, em Curitiba, numa sexta-feira, 31 de agosto de 1926, deixando viúva e 12 filhos, entre eles o acadêmico Alceu Chichorro. (WB)



ALCEU CHICHORRO

FUNDADOR

Nascido em Curitiba em 21 de junho de 1896, Alceu Chichorro era filho do também acadêmico Chichorro Júnior.

Teve apenas três livros editados, o que não traduz o prestígio, a popularidade e a ascendência por ele exercida numa roda em que fulguravam as inteligências de Barros Cassal, Ciro Silva, Correia Júnior, Alcindo Lima, Léo Cobbe, Otávio

Sidney e Ildefonso Serro Azul. Suas melhores produções, entre contos, crônicas e poesias, estão nas colunas de velhos jornais, como a Gazeta do Povo, O Dia e a Tribuna.

Dono de uma verve exuberante, boêmio inveterado, suas charges eram apreciadas diariamente, bem cedinho, na primeira página dos diários, por meio dos personagens Eloy, ou Eloy de Montalvão, ou ainda Jota, desfilando os seus calungas Tancredo, Minervino, Tia Marcolina e o sempre lembrado Chico Fumaça. Tanto assim que os problemas do dia-a-dia, comentados nas rodas dos cafés, nas esquinas, nos bancos, nas redações dos jornais, nas repartições, passavam pelo crivo, especialmente os de caráter político ou econômico, do Chico Fumaça, figura traquinas e simpática que, pouco e pouco, tomaria conta da própria vida curitibana. Face à natureza de suas charges, sempre ferinas, chegou a ser advertido, tolhido em suas ações, proibido de desenhar os seus bonecos, chamado às falas, enfim, pelas autoridades policiais. Intransigente defensor da liberdade de pensamento, nunca se omitiu diante de todo e qualquer acontecimento do Paraná e do Brasil.

Durante oitenta anos espalhou entre nós a malícia, a galhofa, a pândega, quer nas suas crônicas irreverentes, quer nos seus contos apimentados. Por outro lado, manifestava terna emoção quando, durante muitos e muitos anos, no mês de março, em longos poemas, lembrava sua querida mãe, Dona Chiquinha.

Fez parte, com Valfrido Pilotto, Correia Júnior e Laertes Munhoz, do movimento Futurista que assustou os intelectuais por volta dos anos vinte.

Faleceu no dia 30 de abril de 1977, na Estância Lar Dona Ruth, em Curitiba, para onde se recolhera, vítima de problemas cardiopulmonares. (WB)



EMÍLIO SOUNIS

1º OCUPANTE

Filho do General Jorge Augusto Sounis e Angelina de Mattos Sounis, nasceu em Curitiba no dia 19 de janeiro de 1913.

Doutor em Medicina pela Universidade Federal do Paraná, professor universitário das cadeiras de Microbiologia e de Higiene, sanitarista por especialização, lecionou por cerca de quarenta anos. Ao concluir o curso de Medicina, conquistou o cobiçado Prêmio Nilo Cairo, conferido ao candidato melhor classificado.

Membro do Centro de Letras do Paraná, da Academia Paranaense de Medicina, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, do Instituto Histórico e Geográfico, da Sala do Poeta, é nome freqüente em diversas antologias poéticas. Conquistava amiúde destacada posição em concursos literários.

Além de seus trabalhos voltados para a área profissional, como *Bioestatística*, *Serviço de Arquivo Médico e Estatística*, *Manual de Higiene e Medicina do Trabalho*, *Microbiologia: Curso Prático*, *Epidemiologia*, dois volumes, e duas teses de concurso, ofereceu acréscimo a já volumosa bagagem literária com expressivas manifestações do sentimento, a poesia: *A Sombra das Araucárias*, *Cantigas da Saudade*, *Quando o Coração Floresce...*, *Cantigas de Minha Terra*, *Devaneios*, *Momentos de Ternura*, *Sete Poetas e Tardes de Garoa*.

Sua última obra, *Vida e Obra do Engenheiro Leão Sounis*, focalizou a ação heróica de seu avô, registrando uma determinada passagem pela pena do ilustre historiador Túlio Vargas: *Florianista e republicano, teve relevante participação na Revolução Federalista. Seus gestos de nobreza impediram, em várias ocasiões, atos de vindita contra os vencidos. Designado pelo General Pêgo Júnior para dinamitar algumas pontes na Serra do Mar, quando do avanço dos rebeldes em direção ao primeiro planalto, negou-se a fazê-lo de imediato, consciente da importância daquelas obras de arte, até que o comando militar reconsiderasse a ordem*.

Faleceu em Curitiba, no dia 26 de setembro de 1999. Foi recebido na APL pelo acadêmico Ruy Miranda, em 27 de agosto de 1985. (WB)



JOSÉ WANDERLEY

2º OCUPANTE

Nasceu na fazenda Santa Helena, município de Jacarezinho, em 18 de setembro de 1938, filho de Agenor Lopes de Resende e Lúcia Miranda de Resende. Iniciou os estudos no Grupo Escolar Generoso Marques, em Cambará, a seguir nos Colégios Cristo-Rei e Ruy Barbosa, de Jacarezinho.

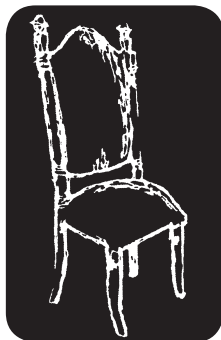
Concluiu o curso jurídico na Faculdade de Direito de Curitiba e optou pela carreira judiciária. Começou como juiz de direito substituto em Guara-puava, depois já titular em Reserva, em Laranjeiras do Sul, Arapongas e finalmente Curitiba. Promovido ao Tribunal de Alçada em 1990. Membro efetivo do Tribunal Regional Eleitoral, dedicou-se igualmente ao ensino lecionando direito penal, legislação complementar e direito do menor, na escola superior da Magistratura.

Sua ascensão ao Tribunal de Justiça do estado foi coroamento de um itinerário devotado ao trabalho e ao estudo. Intelectual qualificado, sua vertente literária direcionada à poesia revelou, desde cedo, uma vocação sensível à criação artística.

A publicação de seus poemas e sonetos, em antologias e lançamentos individuais, tem merecido a aprovação da crítica.

Argus Cirino, da Academia Mato-grossense de Letras, afirma que *o autor é um arauto da paz, que sabe transformar os instantes e vida conturbados em sublimes canções de alegria*. Foi sempre um observador metuculoso que soube trabalhar as vicissitudes e fraquezas humanas em versos carregados de emoção. *Folhas Caídas*, *Grilo Mudo* e *Caminhos*, entre outros, são títulos que destacam a sua bibliografia. Além disso, participou de diversas antologias, tais como: *Segunda Antologia de Contos e Crônicas*, 1995; *Terceira Antologia de Contos e Crônicas*, 1997; *Antologia de Poesias Contos e Crônicas* (vol. I e II), 1997; *Antologia de Poesias Contos e Crônicas do ano 2000*; *Antologia de Poesias Contos e Crônicas - Encontro com a Palavra*; *Antologia dos Acadêmicos* - edição comemorativa dos 60 anos da Academia de Letras José de Alencar, 2001; *Discursos de Posse*, 2000. Publicou, em seguida, *No Mundo das Idéias: Pensamentos*; e *Retalhos da Vida*, contos e crônicas que recebeu 2ª edição em 2008.

Deixa falar mais alto a linguagem espontânea sobrepondo-se aos rígidos parâmetros do formalismo. Pertence à UBE - União Brasileira de Escritores; Centro de Letras do Paraná; Academia de Letras José de Alencar; Sala do Poeta; Academia de Cultura do Paraná; Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. É cidadão honorário dos municípios de Arapongas e Curitiba. Foi recebido na Academia Paranaense de Letras, em 18 de setembro de 2000, pelo acadêmico Noel Nascimento. (TV)



CADEIRA Nº 33

PATRONO

Nestor Pereira de Castro
(1867 - 1906)

FUNDADOR

Samuel César de Oliveira
(1896 - 1932)

1º OCUPANTE

Alfredo **Romário Martins**
(1874 - 1948)

2º OCUPANTE

José **Loureiro** Ascensão **Fernandes**
(1903 - 1977)

3º OCUPANTE

Edwino Donato **Tempski**
(1913 - 1995)

4º OCUPANTE

Edilberto Trevisan
(1923 - 2010)

5º OCUPANTE

Roberto Muggiatti
(1935 -)



NESTOR DE CASTRO

PATRONO

Nasceu no dia 18 de maio de 1867, em Antonina. Órfão muito cedo, de pai e de mãe, foi criado e educado por duas tias, que o matricularam num seminário em São Paulo. Os estudos, porém, concluiu-os no Colégio Moretzsohn, depois de ter abandonado o seminário que o havia iniciado nas belas letras.

Retornou a Antonina em 1886, iniciando-se no comércio.

Fracassou. Casou em 1887 com Arminda Pinheiro de Castro, com quem teria 12 filhos. Não encontrando ambiente na cidade natal, transferiu-se para Curitiba, onde experimentou dificuldades.

Começou a trabalhar no 19 de Dezembro. Fez, paralelamente, teatro dramático, convivendo com Teóphilo Soares Gomes, Bento Munhoz da Rocha, Chichorro Júnior e Jayme Ballão, com quem escreveu uma revista de costumes musicada por Augusto Stresser. Levada à cena, fez grande sucesso.

Envolvido na Revolução Federalista de 1893, fez parte das tropas de Gumerindo Saraiva, extraindo dessa vivência um drama que nunca foi levado à cena. Em contrapartida, foi nomeado secretário de Estado do efêmero governo provisório em 1894, obrigando-o, após a retomada legalista, a asilar-se no Rio de Janeiro.

Vinculou-se ao jornal A Cidade do Rio, pouco permanecendo no posto. Embora colaborasse intensamente em revistas e publicações da capital federal, passou dificuldades. Retornou, então, a Curitiba. Em 1899, conforme depoimento de Leocádio Cisneiros Correia, o Léo Júnior, gerente da livraria da Imprensa Paranaense e editor do Almanach Paranaense, foi convidado a elaborar, desta vez (já havia participado da feitura do Almanach em 1897), a biografia do pai de Léo Júnior, o humanitário médico parnanguara Dr. Leocádio José Correia, que abria a publicação do utilíssimo almanaque anual. Fê-lo com brilho, surtindo daí efeitos para minorar suas agruras. Vicente Machado levou-o, então, para A República, reconhecendo-lhe os méritos, apesar de adversário político. Nestor de Castro, porém, fazendo questão de reafirmar o antagonismo, deixa claro que aceita a responsabilidade exclusivamente face à sua penúria. Não havia lugar para a soberba. Dá-se bem, por fim, no trabalho, e é certo que tenha vivido, finalmente, relativa estabilidade financeira. Pouca coisa dera certo na vida de Nestor de Castro. Publicou *Brindes*, 1899, coletânea de contos; *Bento Cego*, *Poeta e Cantor de Antonina*. Rodrigo Júnior o via como talvez o maior prosador simbolista do Paraná.

Faleceu em 14 de agosto de 1906, no momento em que deixava o expediente do jornal: sentindo-se mal, foi atendido ainda numa farmácia próxima, sem sucesso. (VHJ)



SAMUEL CÉSAR

FUNDADOR

Mineiro de Belo Horizonte, nasceu em 6 de setembro de 1896. Veio para Curitiba ainda pequeno, cursando aqui o Ginásio Paranaense, onde participou da diretoria do Centro Estudantil. Em 19 de dezembro de 1917 concluiu com brilhantismo o curso de Direito da Universidade do Paraná, escolhido orador do Centro Acadêmico.

Dono de privilegiada inteligência, acumulou um cabedal de conhecimentos de causar inveja aos seus contemporâneos. Ansioso por desvendar novos horizontes, orador fluente e arrebataador, imaginoso, interessado pelos estudos sociais, crítico de arte, admirável pianista, jornalista respeitado e temido, sempre vencedor, os que não lhe conheciam bem a superioridade tachavam-no de vaidoso, já que detestava a vulgaridade. Falava, doutrinaava como mestre. Membro do Centro de Letras do Paraná, foi um dos fundadores do Círculo de Imprensa do Paraná, agremiação de jornalistas de efêmera duração.

Cultor da arte teatral, escreveu as comédias *A Vida Vence*, encenada em 1920, *O Grande Amor e César*, estas duas em três atos. Um dos fundadores da Academia de Letras do Paraná, teve por patrono de sua cadeira o jornalista Nestor de Castro. Seu elogio regulamentar, proferido em Sessão Solene de 24 de janeiro de 1927, é uma peça de alto valor biográfico. Falante, voz alta, sorridente, pasta de advogado em uma das mãos, vítima de uma moléstia que lhe fora deformando uma das pernas e sem a visão em um dos olhos, vivia a andar aos pulos, com a sua resistente bengala, castão de ouro, luvas e um indefectível monóculo, preso a um cordel de seda. Agravando-se o seu estado de saúde, transferiu-se para Antonina, em busca de melhoras. Ali ocupou as funções de 1º Suplente de Juiz de Direito em exercício. Casou com Fredolina Cercal em 7 de outubro de 1926. Do casamento, nasceu a menina Sael, nome curiosamente formado da primeira e última sílaba do nome Samuel. Seis anos mais tarde, faleceu em Antonina, em 3 de junho de 1932, com 37 anos de idade. (WB)



ROMÁRIO MARTINS

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 8 de dezembro de 1874. Diante das dificuldades financeiras da família fez apenas o curso primário, já que, com a morte do pai, foi obrigado a abandonar os estudos. Aos 15 anos já estava empregado como aprendiz de tipógrafo, começando no Dezenove de Dezembro, passando depois para A República, Correio Oficial, Fo-

lha Nova e Federação. Das oficinas passou para as redações, de tipógrafo a jornalista. Mas nunca esqueceria a sua humilde condição, como lembrou: *...quando a merenda que eu levava para o trabalho era posta a aquecer na caldeira do motor da oficina, tinha o sabor dos mais finos manjares.*

Desempenhou vários cargos públicos, como o de Oficial da Secretaria de Obras Públicas e Colonização, Diretor do Museu Paranaense durante 26 anos, Delegado Fiscal do Governo Federal junto ao Ginásio Paranaense e Diretor do Departamento de Agricultura. Fundou a União Rural Paranaense, a Granja do Cangüiri, o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Desenvolveu o reflorestamento e a silvicultura. Realizou a Cruzada do Trigo. Foi secretário do Diário do Comércio, da República e da Tribuna. Tomou parte ativa na questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, publicando nessa área cerca de 14 trabalhos bem documentados, mas que não mereceram, infelizmente, a devida atenção das autoridades. Camarista, presidente da Câmara Municipal de Curitiba, eleito deputado ao Congresso Legislativo em dez legislaturas, foi autor de vários projetos, entre os quais o da criação da Escola Agrônômica do Paraná. Historiador, escritor, indianista, folclorista, sócio benemérito do Círculo de Estudos Bandeirantes, fundador do Centro de Letras do Paraná, presidente de honra da Associação Paranaense de Imprensa, dono de uma bibliografia extensa, senhor de inesgotável anedotário, de verve repentista, tinha como seu ponto a porta da livraria da Gazeta do Povo. Tio de Serafim França, de Oscar Martins Gomes e de Arthur Pajuaba, foi considerado o Príncipe dos Jornalistas Paranaenses. Faleceu na sexta-feira, 10 de setembro de 1948, saindo o féretro de sua residência na Rua Cruz Machado, 253, às 16 horas, para o Cemitério Municipal de Curitiba. Otávio Secundino, abalado com a perda do amigo, afirmava que *Romário não morreria, imortalizara-se.* (WB)



LOUREIRO FERNANDES

2º OCUPANTE

Nasceu em Portugal em 12 de maio de 1903. José Loureiro Fernandes foi a alma do Círculo de Estudos Bandeirantes. Sua figura cresceu e se agigantou no esforço da promoção da continuidade daqueles debates e tertúlias, cuja efervescência sacudia as inteligências marcantes de uma geração inquieta e indagativa, mergulhada em cogitações filosóficas.

Foi tão paranaense ou paranista quanto Alcântara Machado se denominava paulista. Seu apego pelas coisas do passado, antropólogo minudente e tradicionalista por vocação, profeta às avessas de um velho mundo que desapareceu, deve-lhe o Paraná a criação do Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, onde se devotou à reconstituição dos lineamentos históricos da civilização tingüi.

Nas lides do magistério superior soube aplicar os conhecimentos hauridos em pesquisas de campo e outras observações diligentes, notadamente quanto à antropometria e a hematologia dos caingangues, os sepultamentos no sambaqui de Matinhos, o interesse da investigação lingüística nos domínios do folclore do mar, além de outros de cunho científico. Da bibliografia registrada no Círculo, constam ainda várias conferências e monografias reveladoras de uma rara capacidade de produção científica e literária, própria de um polivalente. Quando escreveu sua *Contribuição à Geografia de Praia de Leste*, em 1947, escapou milagrosamente de morrer afogado, perto de Matinhos. Numa canoa, ele e mais alguém faziam pesquisas de fundo do mar em dia de vento. Súbita onda virou a embarcação. Felizmente os dois conseguiram, depois de muitas horas, ser salvos por pescadores. É bem da verdade que muitos dos grandes homens permanecem mais ou menos ignorados do grande público por uma razão muito simples: sua obra não se pode avaliar em termos publicitários, por ser uma luta subterrânea. Muitos dos grandes empreendimentos que elevam a nossa cultura ou que exercem um fim social de valor, sendo-os em plena função, como que de rotina, aceitos ou louvados, mas sempre encarados como decorrência normal do progresso. Entretanto, poucos sabem o que custou, muitas vezes, a sua realização, principalmente aquele salto inicial e heróico que vai da idealização ao primeiro passo da conquista. Loureiro Fernandes situa-se entre esses heróis anônimos. Faleceu em Curitiba, dia 16 de fevereiro de 1977. (TV)



EDWINO TEMPSKI

3º OCUPANTE

Nasceu em Erechim (RS), no dia 22 de setembro de 1913. Veio com os pais, em 1919, conhecer o Paraná e aqui plantou raízes. Fez o curso de Humanidades no Colégio Sagrada Família, na Escola Henryk Sienkiewicz (então dirigida pelo professor Modesto Falarz) e Colégio Santa Maria. Ingressou no Curso de Pedagogia da Escola de Professores (antiga Escola Normal) e na Faculdade de Medicina do Paraná, na qual diplomou-se em 1935.

Ele já trazia uma considerável bagagem editorial de louváveis publicações no Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, de que são exemplos o *Estudo Referente ao 1º Centenário da Imigração Polonesa* e a *Biografia de João Zaco Paraná*, este no volume 19 da Estante Paranista, também daquela instituição literária.

Afirmava Bento Munhoz da Rocha Neto, que *conhecer as raízes e a gente polonesa era serviço de alto valor que Tempski prestava ao Paraná e ao Brasil*. Sobre o livro bibliográfico acerca do imortal escultor, diria Valfrido Pilotto que *foi concebido em lances de obra-prima*. Todavia, Edwino Donato Tempski superou a si próprio com uma obra que, na definição do admirável Mansur Guérios, *há de postar-se indiscutivelmente, ao lado de todo o já incorporado edifício lingüístico caingangue, e o qual, para os futuros investigadores, servirá para a formação da gramática histórico-comparada, cujo fim último é contribuir para a solução do problema das origens do homo americanus*. Referimo-nos ao volume XLIV do Boletim do Instituto Histórico, já reportado sob o título *Cainganges - Gente do Mato*. Ele diz mais: *Tempski se comporta como um Telêmaco Borba moderno a recolher vocábulos indígenas e a elaborar, pacientemente, ao longo de sete anos no meio dos silvícolas, o registro de todos os fonemas e a sistematizar seu vocabulário de forma a ressuscitar, em definitivo, a língua caingangue*.

Percorreu, para tal fim, custoso itinerário nos confins das aldeias espalhadas às margens do médio Rio Uruguai, no Rio Grande do Sul. Além de armazenar elementos historiográficos, desenvolveu a parte etnográfica e praticou exercícios elementares de gramática e versões das corruptelas, de modo a confrontar o material lingüístico com outros autores de renome. Faleceu no dia 21 de março de 1995, em Curitiba.

Foi saudado na Academia por De Sá Barreto, em 30 de novembro de 1982. (TV)



EDILBERTO TREVISAN

4º OCUPANTE

Filho de Bortolo Trevisan Filho e de Maria do Rosário Pereira Trevisan, nasceu em Morretes, em 5 de outubro de 1923.

Fez o curso primário em Paranaguá, para depois, em Curitiba, preparar-se, com os padres lazaristas do Seminário São José e no Colégio Estadual do Paraná e Colégio Novo Ateneu,

para o curso de Direito da Universidade Federal do Paraná, que concluiu em 1954. Recebeu, entre outras láureas acadêmicas, o Prêmio Hugo Simas, concedido pela Prefeitura Municipal, por ter tirado o 1º lugar em todo o curso.

Profissionalmente, exerceu a advocacia e integrou o quadro de advogados da Rede Ferroviária Federal até o momento em que se aposentou, em 1984. Enquanto desempenhava essas funções, incumbiu-se, paralela e graciosamente, de coordenar e organizar o acervo destinado ao Museu Ferroviário de Curitiba, hoje uma realidade.

Literariamente, estreou na revista O Livro, em 1944. Como colaborador, percorreu as redações do Correio dos Ferroviários, da Notícia Bibliográfica e História, de Campinas, e da Gazeta do Povo, de Curitiba, por meio do qual publicou mais de uma centena de artigos sobre a história do Paraná. Pertenceu aos institutos históricos de Paranaguá e do Paraná. Sua bibliografia é inteiramente paranista: *Do Litoral ao Planalto*, 1965; *A Gênese do Museu Paranaense*, 1976; *Ao Apito do Trem*, 1996; *Quando a Província Nasceu*, 1998; e *Curitiba na Província*, com ilustrações de Euro Brandão, 2000.

Entre suas preocupações literárias encontram-se algumas curiosas e significativas traduções: *Os Índios Héta: Peixe em Lagoa Seca*, de Vladimir Kozak e outros, 1981; *40 anos no Interior do Brasil: Aventuras de Um Engenheiro Ferroviário*, de Robert Helling e *As Odes de Horácio*, os dois últimos ainda inéditos.

Foi recebido na Academia em 29 de outubro de 1999, pelo acadêmico José Carlos Veiga Lopes, falecendo em Curitiba em 15 de março de 2010. (VHJ)



ROBERTO MUGGIATTI

5º OCUPANTE

Roberto Muggiatti nasceu em Curitiba em 1935. É jornalista desde 1954, quando começou na Gazeta do Povo, jornal em que exerceu a crítica literária e musical. Foi, em seguida, correspondente da Associated Press, no Paraná. Curso Jornalismo no *Centre de Formation des Journalistes*, em Paris, como bolsista do governo francês e trabalhou na BBC de Londres, nos anos 1960.

A partir da década seguinte, atuou como repórter especial, redator, editor e diretor da revista Manchete; editor assistente de Veja; diretor da revista Fatos & Fotos e chefe de redação da revista Ela, além de colaborador de O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, Diário Carioca, revista Senhor, revista Realidade, do suplemento do jornal Valor Econômico e das revistas Bizz e Nossa História. Responsável também por inúmeras outras publicações, como a série de 52 fascículos História do Brasil. Foi cronista e roteirista de televisão.

Publicou os livros: *Mao e a China* (Record, 1968); *Rock/O Grito e o Mito* (Vozes, 1973); *Rock/El Grito y el Mito* (Siglo Veintiuno Editores, 1975); *O Que É Jazz* (Brasiliense, 1983; atualmente, no Círculo do Livro); *Rock/Do Sonho ao Pesadelo* (L&PM, 1984); *Rock/De Elvis à Beatlemania* (1954-1966) (Brasiliense, 1985); *Rock/Da Utopia à Incerteza* (1967-1984) (Brasiliense, 1985); *Jazz/Uma História em Quatro Tempos* (L&PM, 1985); *Blues/Da Lama à Fama* (Editora 34, 1995); *A Revolução dos Beatles* (Ediouro, 1997); *New Jazz: De Volta para o Futuro* (Editora 34, 1999); *A Contorcionista Mongol* (Editora Record, 2000); *Improvizando soluções: o jazz como exemplo para alcançar o sucesso* (Editora Best Seller, 2008.). Traduziu *A Selva do Dinheiro* (Record, 2002); *A Selva do Amor* (Record, 2003) e *Caminhando*, de Henry David Thoreau (José Olympio, 2006), dos quais também foi editor, e obras de Ian Fleming, Henry Miller, Kurt Vonnegut Jr, Irving Wallace, John Le Carré (O jardineiro Fiel), Michael Chabon, E.L. Doctorow, Tariq Ali, romances de John Fante e Henry Miller para a José Olympio (2003), as biografias dos músicos Chet Baker (Companhia das Letras, 2002), Billie Holiday (Zahar, 2003), Charles Mingus (Zahar, 2005), a versão reconstituída e autorizada de O Grande Gatsby, de F. Scott Fitzgerald (Record, 2003) e The Dark Side of the Moon/O nascimento da obra-prima do Pink Floyd, de John Harris (Zahar, 2006). Seus textos também constam de diversos livros em co-autoria. Entre suas memórias curitubanas destacam-se *Nós em busca da província perdida – Revista Nicolau*, 1992, e *Jazz: boemia musical na madrugada – Revista Panorama*, 1960. É colunista de jazz de O Estado de São Paulo e colaborador do Caderno G da Gazeta do Povo.

Tomou posse em 9 de maio de 2011, no Paço da Liberdade, saudado pelo acadêmico Adherbal Fortes. (EB)

CADEIRA Nº 34

PATRONO

Júlio David Pernetta

(1869 - 1921)

FUNDADOR

João David Pernetta

(1874 - 1933)

1º OCUPANTE

Raul Rodrigues Gomes

(1889 - 1975)

2º OCUPANTE

Antônio Celso Mendes

(1936 -)



JÚLIO PERNETTA

PATRONO

Nasceu em Curitiba no dia 27 de dezembro de 1869. Filho de Francisco David Pernetta e de Christina Maria Pernetta. Teve por irmãos, Emiliano, o Príncipe dos Poetas Paranaenses, o deputado federal João Pernetta, o poeta Manoel Pernetta e o chefe de seção dos Correios, Evaristo Pernetta. Casou-se duas vezes, Júlia e Carolina, as esposas.

Grande coração, pai extremo, franco à ternura, ao sair de sua repartição nunca se esquecia de passar pelo comércio e comprar frutas, biscoitos, qualquer coisa, atitude natural nele, à guisa de mimo para os seus pequeninos.

Escritor filiado à corrente simbolista, poeta, conferencista, jornalista, fundador de periódicos, adversário intransigente do clericalismo, da igreja romana e do jesuitismo, deu-lhes combates memoráveis que aí ficaram registrados, atestando o vigor de sua pena e de suas convicções. Alguns de seus livros: *Razão Porque...* (1896), *Os Chacais* (1898), *A Igreja de Roma* (1901), *Missões Jesuíticas no Brasil* (1903), afora artigos nas revistas *Jerusalém*, *Acácia* e *A Pena*. Ainda moço, por ocasião da revolução de 1893, prestou serviços à República como oficial do Batalhão Patriótico. Atuou em Antonina como delegado de polícia e secretário da Câmara Municipal; em Morretes, como promotor público, e em Curitiba desempenhou as funções de chefe de Seção da Secretaria da Agricultura e, interinamente, a da secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública. Pertenceu à plêiade brilhante dos que escreviam nas seguintes revistas: *O Cenáculo*, *Revista Azul*, *A Evolução*, *Jerusalém*, *O Futuro*, *Victrix*, *A Pena* e *Clube Curitibano*. Redator do *Boletim Colonial e Agrícola* e de *A Casa do Lavrador*. Assíduo colaborador do *Correio da Manhã*, *A Noite*, *A Tribuna*, *A República*, *Diário da Tarde*, *Comércio do Paraná* e *Diário dos Campos*.

Vítima de pneumonia, apesar da compleição forte e do pronto atendimento médico, faleceu em Curitiba, à meia-noite de 22 julho de 1921, saindo o féretro de sua residência, na Rua Marechal Deodoro.

Com o seu desaparecimento rompia-se o primeiro elo da corrente simbólica que o unia aos outros membros do Cenáculo, Dario Vellozo, Silveira Netto e Antônio Braga. À beira da sepultura, falaram os amigos José dos Passos, Dario Vellozo e, representando o Centro de Letras do Paraná, Ciro Silva. (WB)



JOÃO PERNETTA

FUNDADOR

Nasceu em Curitiba em 27 de julho de 1874, quarto filho da família Pernetta, Emiliano, Júlio, Manoel, João e Evaristo. Fez os preparatórios no Parthenon e prestou exames no Liceu Paranaense. Em 1890 seguiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola Politécnica. Ao mesmo tempo, empregou-se nos Correios. Nessa ocasião, ensinou matemática aos empregados da Casa da Moeda e se tornou topógrafo da prefeitura do antigo Distrito Federal. Trabalhou na construção da Estrada de Ferro Vitória-Cachoeiro de Itapemirim, quando adoeceu de beribéri. Transferiu-se então para o Rio de Janeiro e, graças aos cuidados de um médico positivista, se restabeleceu, concluindo o curso de Engenharia e colando grau em 7 de março de 1898.

Retornou ao Paraná e casou-se com Laura Beltrão. Nasceram-lhe os filhos. Como comissário de terras em São João da Boa Vista, sobrou-lhe tempo para se entregar à leitura da filosofia e da política positivista. Já em Curitiba, iniciou-se na política, eleito deputado estadual. De 1915 a 1922, deputado federal. Realizou na Câmara trabalhos de alto valor. Didata extraordinário, dava aulas de Cálculo na Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná e, quando solicitado, de Mecânica e de Astro-nomia, além das aulas de Máquinas e de Termodinâmica.

João costumava ler e comentar com seus filhos, aos domingos, o Catecismo Positivista e, a partir de 18 de março de 1923, resolveu tornar públicas suas exposições doutrinárias. Somente quatro anos depois fundou, em sua própria residência, o Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná.

A revolução de 30 encontrou-o pronto a contribuir para a restauração do regime republicano. Durante um mês e um dia governou, interinamente, o Paraná entregando o cargo no dia 30 de janeiro de 1932 ao interventor Manoel Ribas. Sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná.

João costumava ler e comentar com seus filhos, aos domingos, o Catecismo Positivista e, a partir de 18 de março de 1923, resolveu tornar públicas suas exposições doutrinárias. Somente quatro anos depois fundou, em sua própria residência, o Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná.

A revolução de 30 encontrou-o pronto a contribuir para a restauração do regime republicano. Durante um mês e um dia governou, interinamente, o Paraná entregando o cargo no dia 30 de janeiro de 1932 ao interventor Manoel Ribas. Sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná.

A obra mais importante da sua bibliografia é *Os Dois Apóstolos*, publicada entre 1927 e 1929. Faleceu em Curitiba em 3 de setembro de 1933, vitimado por um edema pulmonar, deixando dois filhos, o engenheiro civil e advogado Augusto Pernetta e o pediatra de fama internacional César Pernetta. (WB)



RAUL GOMES

1º OCUPANTE

Filho de Joaquim Rodrigues Gomes e Guilhermina Negrão da Costa Gomes, nasceu em Piraquara, no dia 27 de abril de 1889, figurando entre seus ascendentes Ricardo Negrão e João Negrão.

Professor, jornalista, pesquisador, paranista extremado, *sem nunca temer esfinges, nem dragões*, ele foi dessas exuberâncias espirituais que marcaram gerações e abriram caminhos,

cujas memórias tem sido reverenciadas após décadas de seu passamento.

Traço marcante do seu espírito: a proverbialidade. Recebia os alunos e os iniciados nas letras com palavras de amizade. Eliminou as fronteiras que separavam o corpo docente da cátedra universitária. Democratizou esse relacionamento, antes formal e distante, através de convívio salutar e proveitoso. Participante de todas as campanhas de interesse cultural ou comunitário, encontra-se entre os fundadores da Academia Paranaense de Letras, Centro de Letras e outras associações congêneres. Ao lado de Euclides Bandeira, liderou movimentos cívicos e políticos na fase áurea do Diário Tarde.

Criou a Opala, órgão destinado a erradicar o analfabetismo, antecipando-se às semelhantes iniciativas modernas. O Gerpa foi outra entidade da sua inspiração com objetivo de publicar obras de autores paranaenses.

Formado pela Escola Normal, lecionou em escolas públicas de Morretes, Rio Negro e Curitiba. Diplomando-se mais tarde, pela Faculdade de Direito, dedicou-se aos estudos aprofundados da ciência jurídica, habilitando-se em 1947, por concurso, à cadeira de Economia Política. Disseminou bibliotecas nos educandários do interior, implantou escolas de arte infantil, promoveu exposições de artes plásticas, gestionou junto ao deputado constituinte Rivadavia Vargas, para incluir nas Disposições Transitórias da Constituição Estadual de 1947 emenda criando a Casa de Alfredo Andersen; enfim, desenvolveu ação abrangente e benéfica em todas as áreas de interesse público. A Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê foi outra de suas lucubrações permanentes.

Faleceu em Curitiba em 12 de novembro de 1975. (TV)



ANTÔNIO CELSO MENDES

2º OCUPANTE

Seu gosto pela filosofia não é de agora. Desde adolescente deixava-se dominar por reflexões espirituais na busca de explicação para as leis da sociedade e da natureza. Aprofundou-se na análise das teorias científicas modernas e apurou o senso crítico para defrontar-se com os paradoxos de experiências amadurecidas no estudo das realidades imanentes e transcendentais. Certa vez, em visita ao então presidente

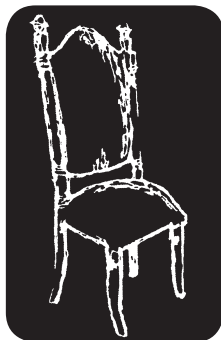
do Tribunal de Justiça do Paraná, desembargador Lacerda Pinto, na companhia de um diplomata, este ficou impressionado com a intervenção em temas filosóficos desse jovem oficial da Polícia Militar do Estado, investido no cargo de ajudante-de-ordens. Desde que chegou ao Paraná, vindo das Minas Gerais, de onde é natural — nasceu na cidade de Elói Mendes, em 18 de fevereiro de 1934 — seu itinerário tem sido marcado por abrangente atividade no campo das idéias. Ingressou na Polícia Militar em 1953 com o galardão de primeiro classificado por força de uma precoce preparação intelectual que o distinguia entre os demais.

Com tais predicamentos, despertou a atenção do saudoso coronel Amílcar de Medeiros Crespo, que o designou para servir na Casa Militar do então governador Moisés Lupion, para a qual se recrutava a elite da tropa.

Depois, galgando rapidamente todos os postos da hierarquia da corporação, serviu, na condição de chefe do Gabinete Militar, ao governo Ney Braga, no segundo período de governo, em cujo convívio aprendeu a admirar a forte personalidade daquele líder popular. Mesmo no exercício dessa atividade burocrática, nunca disfarçou seu pendor pedagógico, literário e filosófico. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba, mestre em Direito Público pela Universidade Federal do Paraná, é professor de Filosofia do Direito e de Hermenêutica Jurídica da PUCPR, membro do Centro de Letras do Paraná, do Círculo de Estudos Bandeirantes e da Academia Brasileira de Ciências Morais e Políticas (RJ), está sempre a publicar artigos e a realizar palestras em entidades culturais. Vem contribuindo com sucessivas diretorias da Academia, revelando desprendimento e contribuindo para sua divulgação em todas as áreas.

Obras publicadas: *Anotações Filosóficas* (1982); *Ciência, Filosofia e Política* (1990); *Caminhos do Espírito* (1991); *Filosofia Jurídica no Brasil* (1992); *Direito, Linguagem e Estrutura Simbólica* (1994) *Filosofia em Forma de Poesia*, três volumes (2004, 2005 e 2008); *Dimensões Conceituais do Direito* (2005 e 2008, 2ª edição); *Introdução ao Universo dos Símbolos* (2009) e *Veredas Espirituais* (2011).

Em sua posse na APL, foi saudado, em 29 de novembro de 1993, pelo acadêmico Noel Nascimento. (TV)



CADEIRA Nº 35

PATRONO

Nilo Cairo da Silva
(1874 - 1928)

FUNDADOR

José **Pereira de Macedo**
(1883 - 1965)

1º OCUPANTE

Mário Braga de Abreu
(1906 - 1981)

2º OCUPANTE

Moysés Goldstein Paciornik
(1914 - 2008)

3º OCUPANTE

Ricardo Pasquini
(1938 -)



NILO CAIRO

.....
PATRONO

Nasceu em Paranaguá, em 12 de novembro de 1874. Coursou as primeiras letras no Rio Grande do Sul e, em Porto Alegre, matriculou-se na Escola Militar.

Praça aos 17 anos de idade, logo se transferiu para a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio. Diplomado com o Curso de Armas e Engenharia Militar, saiu Segundo-Tenente, servindo, durante a revolução, ao lado de Floriano Peixoto, na

guarnição dos navios da chamada, pitorescamente, “esquadra de papelão”. Servia no 6º de Artilharia, sediado em Curitiba, quando Daltro Filho (que chegaria ao generalato e ao comando da 5ª Região Militar), todo enquadrado, apresentou-se a ele, oficial-de-dia. Nilo o recebeu às gargalhadas, ridicularizando-lhe a postura impecável de militar e confessou-lhe com uma ponta de amargura: *Este magro galão corresponde a 14 anos de serviço.*

Capitão em 1911, engenheiro militar, bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, com o curso de Estado-Maior, farmacêutico, médico homeopata, sabia ser pouco apreciado pelos indolentes, porque costumava trabalhar exaustivamente, exigindo aos companheiros e subordinados idêntica potencialidade.

A Universidade do Paraná, fundada em 1912, deve-lhe imenso reconhecimento. O gênio vulcânico de Nilo não conhecia dificuldades. Catedrático de Fisiologia, de Patologia Geral e de Anatomia Patológica, lecionava outras cadeiras quando solicitado, com a mesma erudição. Considerado benemérito da Universidade em 1916, pediu no ano seguinte um ano de licença, a seguir prorrogado. Não se sabe, realmente, a razão de seu afastamento. Prendia-se, diziam, a questões de ordem sentimental, problemas de cunho íntimo. Mudou-se para São Paulo, resolvendo cursar Agronomia.

Dono de risadas homéricas, de piadas mordazes, às vezes irritadiço, caminhava célere, afobado, cumprimentando bruscamente amigos e conhecidos, acenando-lhes com as mãos. Impulsivo e franco, arregimentou inimigos e indiferentes. Mostrava-se irônico e impiedoso contra os que se antepunham a seus projetos. Enciclopédico, cérebro privilegiado, casado por três vezes, faleceu no Rio de Janeiro em 6 de junho de 1928, após uma cirurgia de úlcera gástrica. (WB)



PEREIRA DE MACEDO

.....
FUNDADOR

Nasceu em Campo Largo, em 13 de setembro de 1883, passando a maior parte de sua infância entre a sua cidade natal, Porto de Cima e Palmeira, até sua família fixar-se definitivamente em Curitiba. Durante a juventude dedicou-se a atividades comerciais. Casou com sua prima Sílvia, falecida antes de completar um ano de casamento.

Mais tarde, ingressou no curso de Medicina da Universidade do Paraná. Recebeu o diploma em dezembro de 1919, integrando com mais 12 alunos a primeira turma de médicos formados pela nossa universidade. Entre seus colegas de faculdade estava Maria Falce, com quem iria casar.

Exerceu as funções de preparador de Anatomia Descritiva, assistente de Clínica da Universidade junto à Santa Casa, lente substituto no curso de Farmácia e professor substituto de Toxicologia.

Tomou posse, em dezembro de 1920, como professor Catedrático de Anatomia Descritiva, permanecendo na cadeira por 33 anos. Em 1953, ao completar 70 anos, despediu-se da profissão com o seu famoso *O Canto de Cisne*.

Figura simpática e agradável, de estatura mediana, magro, corpo ligeiramente encurvado para frente, rosto alongado, cabelos escassos, olhos pequenos, móveis e meigos, gestos suaves, voz mansa e acolhedora, era assim que o via um de seus alunos, Ayrton Ricardo dos Santos.

Mas Pereira de Macedo não foi tão somente o médico conceituado e caridoso, pois sua ação múltipla abrangeu os campos social, cultural e político. Atuou como presidente da Associação Médica do Paraná, presidente do Diretório Estadual do Partido Libertador, fundador e diretor da Sociedade de Socorro aos Necessitados, fundador e diretor do Rotary Club, membro do Centro de Letras do Paraná, do Instituto Histórico e do Instituto Neopitagórico — neste, acobertado pelo pseudônimo de Herophilo.

Das suas obras destacam-se *O Médico nas Escolas*, *A Psicologia Genética na Educação*, *Liberdade e Democracia*, *Mãe*, *Primeira Mestra* e *O Sensacionalismo na Imprensa*.

Faleceu aos 82 anos de idade, em Curitiba, no dia 1º de setembro de 1965. (WB)



MÁRIO DE ABREU

1º OCUPANTE

De tradição lapiana, nasceu em Curitiba no dia 25 de abril de 1906. Filho de Manoel Martins de Abreu e Maria Joana Braga de Abreu. O próprio biografado conta sobre si: *O curso primário eu fiz no Ginásio Diocesano, naquela época chamado Seminário. Aprendi português com um professor muito conhecido, Arthur Loyola. Aos 12 anos fui para o Rio de Janeiro, para estudar no Colégio Militar, onde fiquei até o fim do curso, em 1923. O curso superior foi concluído em 1929 na Escola Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Minha tese de doutoramento foi Ruptura Espontânea da Vesícula Biliar em Peritônio Livre. Não tive, ao formar-me, grandes preocupações financeiras, porque o objetivo era criar condições futuras para um trabalho eficiente e proveitoso. Mas, desde o início, estive na Santa Casa de Misericórdia, o único onde havia possibilidade de assistir aos indigentes. Estávamos, eu e meus colegas, preparando nossa vida futura. Depois de dez anos de trabalho é que considero ter sido dado início à minha vida profissional. Antes disso foi só aperfeiçoamento. Estive um ano na Alemanha, onde, além de aperfeiçoar técnicas, pude trazer melhorias de instalações ao ambiente médico de Curitiba.*

Tornou-se professor em 1937, ocupando a primeira cátedra cirúrgica da Universidade do Paraná. Foi fundador da Escola de Enfermagem Madre Léonie e da Faculdade de Ciências Médicas. Médico humanitário, por quase meio século fez-se parte integrante da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, somente deixando de lá comparecer quando sofreu o derrame cerebral que, menos de dois anos depois, o levaria à morte, ocorrida em 8 de julho de 1981. Dom Jerônimo Mazzarotto, seu companheiro de fundação da Universidade Católica, hoje Pontifícia, encomendou o corpo. Sua morte foi chorada por uma multidão de curitibanos. O féretro, saído de sua residência na Rua Vicente Machado, fez com que as casas comerciais cerrassem suas portas, numa última homenagem. Recebeu incontáveis medalhas e honrarias. Publicou inúmeros livros, todos na área da medicina, seu único apostolado. Extraordinária figura humana. Em 2006, quando do seu centenário de nascimento, foi alvo de incontáveis manifestações, merecendo, inclusive, dois livros sobre sua vida. Foi eleito para a APL em 1965. (VHJ)



MOYSÉS PACIORNIK

2º OCUPANTE

Filho de Nathan e Rosa Paciornik, nasceu em Curitiba, dia 4 de outubro de 1914, em cuja cidade fez os cursos escolares até a Faculdade de Medicina.

Especialista em ginecologia e obstetrícia, docente dessa clínica e professor da Escola de Higiene e Saúde do Estado.

Participou da fundação do Centro Paranaense de Pesquisas

Médicas, instituição que se dedica à pesquisa do câncer ginecológico. Do contato com os índios, desenvolveu uma série de estudos importantes, notadamente o parto de cócoras, objeto de conferências suas no Brasil e no exterior, e também livros e outras publicações do gênero. Adquiriu notoriedade internacional. O livro *Aprenda a Nascer Com os Índios*, editado em português, já ganhou traduções em vários idiomas.

Ele soube conciliar as figuras do médico e do escritor. Contou histórias como ninguém, tanto em livros quanto em crônicas veiculadas na imprensa brasileira, comprovando seu talento extremamente versátil.

Da coluna que escreveu aos domingos na Gazeta do Povo, resultaram os livros *Brincando de Contar Histórias*, *Histórias das Terras*, *Erros Médicos*, *Aprenda a Nascer com os Índios*, *Aprenda a Viver com os Índios*, *Máfia de Branco*, *Conflitos Psicossociais em Consultório Médico*, além de outros. Sobre este último citado, o saudoso presidente da Academia Paranaense de Letras, Vasco José Taborda, escreveu: *Todos os aspectos dos trabalhos hospitalares de obstetrícia são dignos da maior divulgação, pois a experiência dos médicos garante a seriedade dos argumentos transmitidos. Seus erros e acertos têm, sempre, desculpas, pois há imensas causas que neles influem. Estas histórias calam fundo, pois revelam a paisagem trágica de uma sociedade em decadência.*

Mas foi com seus livros e métodos adotados em relação aos índios que ele alcançou maior repercussão, dado o assunto polêmico e as idéias revolucionárias, nesse sentido, que pregava. Tanto quanto médico, cientista ou escritor, nessa extraordinária polivalência Moysés Paciornik marcou pela competência e dignidade.

Foi constantemente requisitado para conferências que atraíram estudiosos do mundo inteiro. Foi diretor de hospital e de importante centro de pesquisas científicas. Ao ingressar na APL, em 1993, foi saudado pelo acadêmico Ernani Simas Alves. Faleceu em 26 de dezembro de 2008. (TV)



RICARDO PASQUINI

3º OCUPANTE

Ricardo Pasquini, filho de Pedro Pasquini e Therezita Pasquini, é natural de Curitiba, nascido em 26 de maio de 1938. Casado com Francylena Camargo Pasquini, possui três filhos e quatro netos. Fez o Curso Primário na Escola de Aplicação Alba Plaisant, hoje Instituto de Educação do Paraná, e cursou o ginásio e o científico no Colégio Estadual do Paraná, todos em Curitiba.

Em 1957, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, diplomando-se em dezembro de 1962. Fez Pós-Graduação como *Fellow in Hematology* pela Universidade de Utah, EUA, de junho de 1969 a dezembro de 1972.

Admitido na Faculdade de Medicina da UFPR em 1965, como Auxiliar de Ensino da Disciplina de Hematologia, obteve o grau 9,9 no concurso para a livre docência do Departamento de Clínica Médica, área de concentração de Hematologia, em dezembro de 1974. Aprovado no concurso para Professor Titular de Hematologia e Oncologia em dezembro de 1991, exerceu a chefia do Departamento de Clínica Médica da UFPR de 1978 a 1982. Foi Chefe do Serviço de Hematologia e Oncologia do HC/UFPR de 1990 a 2008 e Chefe do Serviço de Transplante de Medula Óssea do HC/UFPR de 1979 a 2008.

Publicou os livros *Hematologia, Fundamentos e Prática*, 2001, e *Transplante de Células-Tronco Hematopoéticas*, 2009, além de ter escrito 22 capítulos de outros livros. Publicou 235 artigos em revistas especializadas, um terço deles em revistas científicas internacionais.

Recebeu infinidade de homenagens, prêmios e distinções. Como destaque, foi nomeado pelo Presidente da República no grau de Oficial da Ordem do Mérito Médico, em 1988. Em dezembro de 2008 recebeu o título de Professor Emérito da UFPR. Premiado em 2009 pela contribuição e envolvimento no tratamento dos pacientes de Anemia de Fanconi, pela Asociación Española de Anemia de Fanconi. Recebeu o “*Distinguished Service Award*” do Center for International Blood & Marrow Transplant Research, em Orlando, Florida, em 2010. Foi vencedor na categoria Medicina da 8ª edição do Prêmio Fundação Conrado Wessel Ciência e Cultura, em 2010. Participou de cerca de 300 congressos nacionais e internacionais, proferindo conferências, palestras e apresentando trabalhos científicos. Orientou a elaboração de 30 teses de mestrado e doutorado e participou de 62 comissões julgadoras em nível de mestrado, doutorado, livre docência e professor titular. É sócio-fundador e foi o 1º Presidente da Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea; membro da *American Society of Hematology*; também membro de conselhos editoriais de várias revistas médicas. Integrou os comitês consultivo e executivo do CIBMTR.

Tomou posse na APL em solenidade na Associação Médica do Paraná, em 7 de Maio de 2010, saudado por Belmiro Castor. (EB)

CADEIRA Nº 36

PATRONO

Ricardo Pereira de Lemos

(1871 - 1932)

FUNDADOR

Heitor Stockler de França

(1888 - 1975)

1º OCUPANTE

Apollo Taborda França

(1926 -)



RICARDO DE LEMOS

PATRONO

Nasceu em Morretes, no dia 15 de maio de 1871. Após os primeiros estudos no Instituto Paranaense, ingressou na carreira burocrática, desempenhando com zelo suas funções de servidor estadual. Suas colaborações encontram-se espalhadas em jornais e revistas curitibanas da época, como *Cenáculo*, *O Sapo*, *Azul*, *Diário da Tarde*, *Cartão Postal*, *Stellario*, *A Notícia*, *O Olho da Rua*, *Comércio do*

Paraná, *Senhorita*, *O Dia*, *Prata de Casa* e *O Itiberê*. Poeta de feição essencialmente humorista, foi um dos fundadores do Centro de Letras do Paraná. Era de natureza tímida, fugia dos aplausos. Versejava com correção, acobertado por vários pseudônimos, como Garrone, F. A. Brício e Alberto Cadaveira. Perdem-se em revistas e almanaques seus delicados contos. Foi também compositor e decifrador de charadas, logogrifos e enigmas. Sua grande paixão era a filatelia. Costumava colecionar com carinho pelo menos uma crônica ou uma poesia de cada confrade. Deixaria publicado apenas um livro com 41 peças humorísticas, *Ventarolas*, de 1898, por sinal o primeiro livro de versos jocosos dados à publicidade no Paraná. Estávamos em abril e Sá Pinho (Leocádio Correia), na revista *O Sapo*, espalhara a notícia de que Ricardo andava a distribuir exemplares de sua obra em pleno inverno. João de Tapitanga, ao divisar na vitrina da Livraria Econômica o volume em questão, improvisou uma ferina quadra Alexandrina. Zé Ferino, pseudônimo com que se escondia o poeta Alfredo Coelho, foi em defesa de Ricardo de Lemos, saindo-se com esta quadra:

*Não é só no estio que os leques
para abanar nos convém,
pois há “ventos” mal cheirosos
que sopram com o frio também.*

Casado com Rosinha Taques, faleceu em Curitiba em 11 de outubro de 1932, deixando três filhos, dentre eles o conhecido cantor lírico, baixo-profundo, Túlio de Lemos. Dedicava excessivo amor ao vocábulo traduzido no seu soneto *Língua Portuguesa*, cujo terceto final vale transcrição:

*Amo-te, ora modesta, ora em tuas galas,
e quanto te ouço atento, em vários tons,
esqueço as aves porque és tu que falas!*
(WB)



HEITOR STOCKLER

FUNDADOR

Nascido em Palmeira, em 5 de novembro de 1888.

Para sua cidade natal concebeu um dos poemas mais expressivos da poética regional. Mas foi em Curitiba que cumpriu a luminosa trajetória no campo sindical e na criação artística. Com o advento do sindicalismo, pelos idos de 1944, sua atuação dinâmica e esclarecida aglutinou lideranças no Sindicato das Indústrias Gráficas, tornando homogênea a unidade clas-

sista. Não surpreendeu que estivesse entre os fundadores da Federação das Indústrias, ocupando-lhe a presidência durante 14 anos consecutivos.

Não descurou da literatura durante o período em que exerceu essas funções administrativas. Seus dotes literários revelaram-se na adolescência, pois aos 15 anos de idade já via publicados seus versos, recebidos com aplausos e elogios. Produzia todos os gêneros, sonetos, trovas, canções, acrósticos, ora em forma acadêmica ora em versos livres, modernos, obedientes tão-somente aos impulsos do coração. Conservou nos versos a ternura do jovem estudante que, em Curitiba, completou os estudos no Ginásio Paranaense e, posteriormente, na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná.

Participou ativamente do meio cultural curitibano, da fundação da APL, foi membro de diversas entidades sociais, profissionais e literárias. Pertenceu ao Centro de Letras do Paraná, ao Instituto Histórico e Geográfico e a outros congêneres, com atuante desempenho. Praticou sempre o jornalismo, escrevendo para programas de rádio, jornais e revistas matérias da sua especialidade. Durante anos assinou, no *Diário da Tarde*, a coluna *Motivos da Cidade*, crônicas sobre assuntos do dia-a-dia. De sua autoria também várias letras para hinos, musicados por Bento Mossurunga. De sua bibliografia importante podemos destacar, na área de poesia, *Corolas Rubras* (1911); *Curitiba e o Sol* (1928); *Oração do Natal* (1931); *Poemas de Natal* (1973); *Cantos da Integração Nacional* (1974) e *Alma e Coração do Paraná* (1983). Também incursionou na arte teatral com *Sara* (comédia, 1916); *Cena Infantil* (comédia, 1925); *Prece do Natal* (comédia); *Coração*; *Dezenove de Dezembro* (1922) e *A Musa e o Poeta* (1946).

Pai do acadêmico Apollo Taborda França, que o sucederia na Cadeira nº 36. Faleceu em Curitiba no dia 11 de janeiro de 1975. O palmeirense ilustre jamais se cansava de evocar sua cidadezinha natal: *pequena e linda, entre os dois rios da minha infância, mas que apesar da distância, penso em ti*. (TV)



APOLLO TABORDA FRANÇA

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 11 de novembro de 1926, filho do poeta e cronista Heitor Stockler de França, também acadêmico, e de Brasília Taborda Ribas de França. Após os estudos básicos no Instituto Santa Maria, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, pela qual se diplomou em 1952. Formou-se também em Ciências Econômicas e Jornalismo. Apollo foi o jornalista responsável pela publicação *Academus*, da APL.

Durante quase duas décadas, ininterruptamente, desempenhou as funções, como advogado, de chefe da Consultoria e Procuradoria Jurídica do SESI e de professor e coordenador do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Participa regularmente de seminários, mesas-redondas, simpósios e congressos, não só no Brasil como no exterior. Na área da imprensa, foi redator do matutino *O Estado do Paraná* por mais de vinte anos e fundador do jornal litorâneo *Tribuna de Guaratuba*. Pertence a diversas instituições culturais, como Centro de Letras do Paraná, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Círculo de Estudos Bandeirantes e, como trovador emérito, à União Brasileira de Trovadores, da qual ocupou a presidência em diversas gestões. Seu nome está presente em inúmeras antologias poéticas, regionais e nacionais, e seus livros confirmam uma sólida posição no cenário intelectual.

Sua bibliografia é quase toda voltada para a poesia: *Poesia*, em colaboração, 1967; *Sinfonia da Rua Quinze*, poesias, 1976; *A Lua Escorregou Pela Parede*, poesias, 1976; *Festa de Amor*, poesias, 1982; *O Nosso Alfabeto*, trovas, 1982; *Praças de Curitiba*, trovas, 1983; *Constelação dos Bairros de Curitiba*, trovas, 1983; *Os Nossos Pés de Todos os Dias*, ensaio, 1984; *100 Trovas da Amizade*, trovas, 1985; *O Nosso Mundo Colorido*, ensaio e versos, 1986; *Trovas Maravilhosas*, 1986; *Sete Poetas*, poesias, em colaboração, 1986; *Cantos do Litoral Paranaense*, poesias, 1987; *Guaratuba—A Praia do Paraná*, coletânea, 1988; *10 Grandes Temas da Literatura*, poesias, coletânea, 1989.

Apollo é figura constante em todos os movimentos ligados à difícil arte trovadoresca. Tomou posse de sua cadeira na APL em 26 de setembro de 1977, saudado pelo acadêmico Leopoldo Scherner. (WB)

CADEIRA Nº 37

PATRONO

Ismael Alves Pereira Martins

(1876 - 1926)

FUNDADOR

Vicente Montepoliciano **Nascimento Júnior**

(1880 - 1958)

1º OCUPANTE

José Augusto Gummy

(1889 - 1970)

2º OCUPANTE

Dario Nogueira dos Santos

(1899 - 1980)

3º OCUPANTE

Pompília Lopes dos Santos

(1900 - 1993)

4º OCUPANTE

Hellê Vellozo Fernandes

(1925 - 2008)

5º OCUPANTE

Clotilde de Lourdes Branco Germiniani

(1938 -)

ISMAEL MARTINS

PATRONO



Nasceu em Campo Largo, dia 27 de julho de 1876, filho de Francisco Alves Pereira Martins e Maria Aspicuelta Garret Martins.

Dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Colaborou assiduamente no jornal A República, não somente em temas políticos, mas também com publicações de poesias. Tornou-se poeta espiritualista. Frequentou o Instituto Neopitagórico e sofreu a influência do mestre Dario Vellozo.

Em 1924 participou da coluna Prestes, vivendo as agruras daquele célebre episódio de guerrilha, sob o comando de Luiz Carlos Prestes. E, por isso, esteve exilado. Falava fluentemente o francês. Candidatou-se, em concurso, à cadeira correspondente na Escola Normal, em Curitiba. Obteve o primeiro lugar. Era desses idealistas que não temem as consequências de seus atos.

A política foi-lhe, porém, desfavorável. Pretendia corrigir o mundo como todos os adolescentes, mas pagou preço alto por seus gestos de desprendimento e ousadia. Mesmo classificado em primeiro lugar para lecionar francês, não foi nomeado: motivos essencialmente políticos. A vaga foi ocupada em seguida pelo Cônego João Evangelista Braga. Seu temperamento de verdadeiro revolucionário levou-o a muitas aventuras, em cujos movimentos rebeldes teve como companheiros Francisco Teixeira de Carvalho, Benjamim Batista Lins de Albuquerque, Antônio Jorge Machado Lima, Plínio Tourinho e Couto Pereira, entre outros.

Foi, todavia, um intelectual, um poeta na melhor acepção do vocábulo. Publicou: *Tartufos* (polêmica, 1900); *A mocidade de Hoje* (prosa, 1903); *Luz da Ásia* (estudo filosófico de Émile Vedel, tradução, 1919) e *Ciclos* (versos, edição póstuma, 1931). Sua colaboração em periódicos e revistas paranaenses foi importante, sobressaindo-se no Diário da Tarde, Almanaque do Paraná, Brasil Cívico, Victrix, O Cenáculo, Jerusalém, O Olho da Rua e Folha Rósea, adotando, por vezes, o pseudônimo de Raphael de Castro.

Faleceu em Curitiba no dia 7 de dezembro de 1926 e o Centro de Letras do Paraná, na sessão de 31 de janeiro do ano seguinte, prestou comovida homenagem à sua memória, na palavra de Sebastião Paraná. (VHJ)

NASCIMENTO JÚNIOR

FUNDADOR



Nasceu em Guaratuba, dia 24 de janeiro de 1880, tendo frequentado as escolas primárias de sua genitora, Maria Júlia, e a de seu professor Alfredo Alves da Silva. Dedicou-se, desde a adolescência, ao jornalismo, fundando o jornal O Município, de Antonina, onde passou a residir após tra-

balhar no posto telegráfico de Guaratuba. Sua atuação na imprensa foi reconhecida, pois se tornou sucessivamente secretário da municipalidade e prefeito municipal de Antonina. Defendeu com veementes artigos a instalação da primeira colônia nipônica na região de Cacaatu, resultante da Missão Yonosuke Yanoda, contra órgãos de imprensa que combatiam essa colonização, julgando-a incompatível com a sociedade brasileira. Os jornais de Tóquio reproduziram esses artigos, que alcançaram expressiva repercussão internacional.

Colaborou em vários jornais de circulação estadual, entre eles o Diário do Comércio, de Paranaguá. Suas crônicas foram disputadas pelas revistas O Itiberê e Marinha, de Paranaguá, ambas de grande conceito editorial.

Durante a interventoria de Manoel Ribas, viu-se nomeado Consultor Jurídico do Estado, pois formado em Direito pela Universidade do Paraná, adquiriu renome profissional, prestígio e respeito.

Dedicou-se especialmente ao estudo da história. Foi responsável também pela implantação de um Curso Comercial, em Curitiba, por meio do qual se habilitaram muitos técnicos do setor. Historiador espírita, jornalista e homem público, sua modéstia e bondade o enaltecera na memória de todos os que privaram do seu convívio.

Faleceu em Curitiba, dia 4 de fevereiro de 1958. Em Sessão de 23 de fevereiro do mesmo ano, o Centro de Letras do Paraná prestou-lhe homenagem póstuma na pessoa de Maria Nicolas. (VHJ)



JOSÉ AUGUSTO

1º OCUPANTE

Nasceu no dia 10 de agosto de 1889, em Curitiba, filho de João Teófilo Gumy e Clotilde Caillet Dellez Gumy.

Estudou no colégio de Júlio Teodorico, destacando-se desde adolescente pelo talento precoce. Espírito sensível de poeta que Valfrido Piloto classificou de “messiânico”, mesmo assim pegou em armas na sua mocidade para combater no Contestado. Em 1930 voltou à condição de voluntário no Batalhão João Francisco.

Trabalhou durante muito tempo na Estrada de Ferro. Depois, em Santa Catarina, exerceu as funções de inspetor de ensino. Sua paixão, além da poesia, foi o jornalismo, tendo contribuído em ambas as vertentes da vocação com indiscutível competência intelectual. Deixou publicadas mais de seis mil crônicas em vários periódicos curitibanos. Em 1948 lançou uma obra autobiográfica, *Pedaços de Coração*. Gostava muito do gênero de quadras populares de sete sílabas. No fundo, um socrático, cujos temas se viam repassados de espiritualidade. Deixou só três livros publicados, mas uma obra de grande dimensão humanística. Era casado com Maria dos Santos Lima Gumy e deixou duas filhas. Companheiro de Emiliano Pernetta, Serafim França e Emílio de Menezes, *ele sempre foi um jornalista livre, que nunca se vendeu, nem maculou a sua profissão com interesses financeiros*, conforme sentenciou outro jornalista de nomeada, Raul Rodrigues Gomes. Orador e conferencista, fazia constantemente palestras na Federação Espírita do Paraná. Acima de tudo, foi um jornalista fascinado pela sua profissão, embora tenha nela consumido o pão mais amargo de sua vida espiritual. Profissional completo, quando circulava o jornal O Estado, entre 1936 e 1937, era ele o organizador, o redator, o colaborador, o comentarista político, o tradutor dos telegramas e o repórter, a fotografar os casos comuns de todas as horas. De espírito boêmio, às vezes perdulário, generoso e simples, tinha ele *a candura dos apóstolos, a desperdiçante boêmia dos gênios e o displicente descuido dos rigorosamente fatalistas*.

Faleceu em Curitiba, dia 23 de outubro de 1970. Ingressou na APL em 1967, recepcionado pelo acadêmico Raul Rodrigues Gomes. (TV)



DARIO NOGUEIRA DOS SANTOS

2º OCUPANTE

Nasceu na cidade de Palmeira, dia 29 de agosto de 1899, filho de José Nogueira dos Santos e Maria da Luz Pinto dos Santos.

Em 1916 recebeu o diploma de professor normalista em Curitiba. Durante 32 anos exerceu o magistério público no Estado. Em 1928 fez concurso para as seguintes disciplinas: Física, Biologia, Química, Higiene e História Natural. Aprovado com distinção, optou por Química, passando a

lecionar no Colégio José Bonifácio, de Paranaguá.

Casou-se em 1919 com a escritora e professora Pompília Lopes dos Santos. Tornou-se diretor do colégio e fez incursões em contabilidade.

Possuía considerável bagagem literária, algumas obras inéditas. Publicou: *Noturnos*, poesia, 1958; *Trovinhas que o Vento Leva*, 1967; *Conferências*, 1968; *Biografias*, 1969; e *Quem foi?*, 1972. Integrante do Instituto Neopitagórico, permaneceu como orador até o final de seus dias. Foi redator da revista *Marinha do litoral paranaense*.

Ainda sem publicação, a *História da Maçonaria Paranaense*. Maçom convicto, foi dos baluartes da entidade, não apenas como orador inflamado, mas como intérprete dos postulados da Ordem. Defendeu as mais nobres causas em benefício da humanidade. Recebeu em 1978 o título de Cidadão Honorário de Curitiba.

Estudioso de assuntos transcendentais, sentiu atração desde a adolescência para o tradicional sistema filosófico, de milenar existência, que é a maçonaria, com seu cerimonial simbólico, seus mistérios, sua hierarquia e finalidades espirituais e filantrópicas. Durante cinquenta anos manteve-se como sustentáculo do Templo de Hiran, em Curitiba e Paranaguá, recebendo merecidamente o título de Venerável Perpétuo, Grande Benemérito e Grande Inspetor da Ordem Maçônica. Recebeu grande influência do mestre Dario Vellozo na prática esotérica. Adotou o nome simbólico de Apollonio de Tyana II. Tanto nas trovas, como nos alexandrinos, versejou com espontaneidade, deixando páginas de repassado lirismo. Afeiçoado aos estudos da História, figurou entre os membros fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Faleceu em Curitiba, dia 26 de outubro de 1980.

Na solenidade de posse na APL, em 26 de novembro de 1974, foi saudado pelo acadêmico Oscar Martins Gomes. (TV)



POMPÍLIA LOPES DOS SANTOS

3º OCUPANTE

Nascida em Curitiba, em 7 de agosto de 1900. Fez o curso fundamental nos Colégios da Divina Providência e Santos Dumont, concluindo-o na Escola Tiradentes, da qual era diretora a ilustre professora Júlia Wanderley. Na Escola Normal, onde se formou em 1918, já se destacava por seus recursos oratórios e intelectuais. Casou-se com

o professor Dario Nogueira dos Santos e em Paranaguá começou a publicar as primeiras crônicas e biografias nos jornais.

Embora se considerasse prosadora, produziu muitas poesias conhecidas. Lecionou francês no Colégio Estadual José Bonifácio daquela cidade litorânea. Mais tarde, voltou a Curitiba, tendo se aposentado no magistério. Tornou-se pioneira em muitas frentes de iniciativas culturais, notadamente na fundação de entidades do ramo. Foi a primeira presidente da Academia Paranaense Feminina de Letras, do Clube Soroptimista Internacional de Curitiba, Sala do Poeta, além de outras ligadas à literatura. Também foi a primeira mulher a ingressar na Academia Paranaense de Letras, quebrando velhos tabus.

Pertenceu ao PEN Clube do Brasil, Centro Paranaense Feminino de Cultura, Instituto Neopitagórico, Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, Ceará, representante do Paraná na Exposição Interamericana Feminina de Belas-Artes, no Rio de Janeiro.

Desde menina já manifestava inclinação pela literatura, por influência de notáveis mestres de sua geração.

Além de artigos e crônicas esparsos pela imprensa, publicou: *Literatura Infantil* (estudo) e os quatro romances que constituem a parte nuclear da sua obra *Afinidade* (1949), *A Fila Triste* (1951), *Origens* (1961) e *Caminhada da Universidade a Itaipu* (1975), além do *Sesquicentenário da Poesia Paranaense* (1985). Concluiu outro livro, este de memórias em que fez um retrospecto da sua trajetória vivencial, ainda inédito. Seu livro *Origens* ganhou o primeiro prêmio em concurso promovido pelo Centro de Letras do Paraná. Escritora atuante, conferencista, cronista, crítica de arte, estudiosa dos problemas pedagógicos, contista e romancista, mesmo com a idade avançada, refletiu nos seus escritos admirável lucidez.

Faleceu em 6 de maio de 1993, em Curitiba. Ingressou na APL em 12 de setembro de 1991, saudada pelo acadêmico Túlio Vargas. (TV)



HELLÊ VELLOZO FERNANDES

4º OCUPANTE

Curitibana, descendente de uma família de tradições intelectuais, neta de Dario Vellozo e filha do professor e escritor Porthos Vellozo, certamente não poderia fugir aos reclamos dessa herança de figuras tão singulares de nossa história.

Aluna do Ginásio Paranaense e do Instituto de Educação, jornalista pela Universidade Federal do Paraná, professora,

a sua vida voltou-se toda ao magistério, quer na extinta Escola Comercial de Monte Alegre (Município de Telêmaco Borba), lecionando no curso secundário, quer como orientadora e assistente social de 33 escolas florestais primárias das Indústrias Klabin, com sede nessa mesma cidade.

Como jornalista, chefiou a delegação brasileira na II e III Reunião Mundial promovida pela Associação Mundial de Mulheres Jornalistas e Escritoras, respectivamente em Washington, no ano de 1971 e, dois anos depois, em Israel, além de representar ainda o país em outros eventos nas cidades latinas de Lima e do México. Membro de diversas instituições culturais, sócia do Centro de Letras do Paraná, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e do Centro Paranaense Feminino de Cultura, ocupou a cadeira número 37 da Academia Paranaense de Letras, como quarto ocupante, eleita em 9 de dezembro de 1996.

Em conversas informais, confessava com certo orgulho a sua iniciação na nossa imprensa graças ao incentivo e apoio de Rodrigo Júnior, chegando a com ele colaborar, a quatro mãos, em algumas crônicas publicadas em *O Dia*, a partir de abril de 1954, na seção de apelo evocativo intitulada *Aconteceu em Curitiba*.

Romancista premiada em diversos concursos literários promovidos pelo Centro de Letras, sua bagagem bibliográfica é significativa, com *Camafeus*, *Incompreensão*, *Os Vergueiros*, *Pioneiros do Iguatemi*, *A Outra Razão*, *Nos Campos e nos Pinhais*, *Monte Alegre - Cidade Papel*, onde a autora descreve os incêndios que, em 1963, devastaram principalmente a Fazenda Monte Alegre, ela testemunha viva da queimada dolorosa de nossos pinhais.

Por fim, vale a citação de um livro essencialmente didático, obra de consulta obrigatória e de valor incontestado para os que se interessam pelas figuras representativas de nossa cultura, a *Antologia Didática de Escritores Paranaenses*, de parceria com a professora América Sabóia, a englobar textos e informações capazes de permitir aos prelecionadores a organização de satisfatório esquema para o ensino da literatura chamada de *prata de casa*, na visão do humanista Valfrido Pilotto. Tomou posse em 8 de abril de 1997, saudada por Lauro Grein Filho. Faleceu em 27 de novembro de 2008. (WB)



CLOTILDE DE LOURDES BRANCO GERMINIANI

5º OCUPANTE

Clotilde de Lourdes Branco Germiniani nasceu em Itaqui (RS), em 15 de janeiro de 1938, filha de Manoel Lourenço Branco e Maria de Lourdes Branco. Radicada em Curitiba desde a infância. É casada com Hélio Germiniani e mãe de Francisco Manoel

Branco Germiniani, ambos médicos.

Cursou o primário na Escola de Aplicação da Escola Normal de Curitiba e no Grupo Escolar Professor Cleto, o ginásio no Instituto de Educação e o científico no Colégio Estadual do Paraná. É diplomada em Veterinária pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná (1959). É doutora em Bioquímica, livre-docente e catedrática de Fisiologia da UFPR. Foi a primeira mulher catedrática em um Curso de Medicina Veterinária no Brasil e a pessoa mais jovem a assumir uma cátedra no país (aos 28 anos). Na UFPR manteve atividades didáticas e de pesquisa, envolvendo alunos de graduação e de pós-graduação.

Fez cursos de língua e de literatura francesa e inglesa na Aliança Francesa e na Cultura Inglesa, sendo diplomada pelas Universidades de Nancy e de Cambridge.

Fez estágios no Instituto de Microbiologia da UFRJ e na Fisiologia Veterinária da USP. Realizou seu Pós-Doutorado na França (1968/1969), desenvolvendo programa de estudos nas Faculdades de Medicina e de Ciências de Paris, no Hospital Pitié-Salpêtrière e nas Escolas Nacionais Veterinárias de Lyon, de Toulouse e de Alfort. Foi Professora convidada do British Council, com visitas científicas em Londres, Cambridge e Edimburgo (fevereiro/1969). Foi Coordenadora de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da UFPR e presidente do Conselho de Curadores. Foi fundadora e diretora da Pró-Música de Curitiba. É membro do Conselho Diretor da Aliança Francesa de Curitiba, Centro de Letras do Paraná, Centro Paranaense Feminino de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Academia de Cultura de Curitiba e fundadora da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

É a única representante do Paraná na Academia Brasileira de Medicina Veterinária. Membro correspondente da Academia de Ciências, Letras e Artes de Lyon e da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária, bem como, dos Institutos Históricos de São Paulo, Paraíba e Rio Grande do Norte. Publicou trabalhos em revistas científicas nacionais e estrangeiras. Entre outras homenagens, recebeu a Medalha Fernando Amaro, da Câmara Municipal de Curitiba. Foi eleita para a APL em 8 de outubro de 2009, com posse em 27 de outubro de 2010, saudada por René Dotti, no Clube Curitiba. Na mesma solenidade, os Correios lançaram selo comemorativo ao centenário de nascimento de seu pai, o também professor de Medicina Veterinária Manoel Lourenço Branco. (EB)

CADEIRA Nº 38

PATRONO

Reynaldino Antônio **Scharffenberg de Quadros**
(1878 - 1929)

FUNDADOR

Durval Borges de Macedo
(1895 - 1984)

1º OCUPANTE

Mário Marcondes de Albuquerque
(1915 - 1998)

2º OCUPANTE

Carlos Roberto Antunes dos Santos
(1945 -)

SCHARFFENBERG DE QUADROS

PATRONO



Nascido em São José dos Pinhais, no dia 21 de janeiro de 1878. Foi até há bem pouco tempo um dos poetas brasileiros mais discutidos, não pela beleza dos seus versos, mas por ter servido de tema à polêmica em torno do poema *Os 18 do Forte*, sua obra mais conhecida. Houve quem lhe contestasse a autoria, finalmente esclarecida em seu favor

pelos depoimentos de figuras insuspeitas do porte de Manuel Bandeira e Olegário Mariano. A confusão em torno dessa paternidade derivou do fato de ter sido o poema publicado, sem assinatura, no *Correio da Manhã*, do Rio, em 1922. Afora esse poema épico, que retrata de forma dramática a epopéia do Forte de Copacabana, merecem especial relevo os sonetos e outros poemas que compôs, reveladores de um talento criativo incomum, conforme a opinião de Colombo de Sousa e Felício Raitani Neto, em *Letras Paranaenses*, antologia publicada em 1970.

Embora tivesse lançado seu primeiro livro *Canções Natais*, com poemas líricos e românticos frutos de amor da adolescência, o sonho maior que o embalava apontava para a caserna, pois desejava seguir a carreira das armas. Conseguiu, com muito esforço da família, chegar à Escola Militar, no Rio de Janeiro. Desiludido, depois de experimentar rosas e espinhos, dela se desligou. Tinha alma de soldado, mas coração de poeta. *Ele nasceu poeta por decreto do céu*, repetindo o que disse de Victor Hugo o inimitável Renan, na apropriada citação de Durval Borges.

Os livros foram sempre os seus melhores amigos, companheiros inseparáveis de todas as horas. Literatura, ciências, religião, filosofia e matemática, foram-lhe como fontes que quanto mais devoradas, mais sede despertavam. Em grande parte do seu trabalho transparece a pujança da sua erudição. Da catástrofe de Copacabana até o dia do seu falecimento, 18 de maio de 1929, medearam sete anos que rolaram ante seus olhos inquietos, sete anos de sofrimentos que lhe revitalizaram o espírito adentrado ao recolhimento das vigílias.

Faleceu em casa de sua irmã Leontina, no bairro carioca de Engenho de Dentro, irmã que lhe fora *sombra para o seu cansaço, desvelo para as inquietudes, consolo para as amarguras, ânimo para seus desalentos e bálsamo para as suas dores*. (TV)

DURVAL BORGES

FUNDADOR



Nasceu em Curitiba em 5 de maio de 1895 e, sem passar pelos bancos acadêmicos, chegou a ser conceituado guarda-livros. Por seu esforço pessoal, acumulou expressiva cultura geral, colaborando em quase todos os jornais e revistas paranaenses, aparecendo suas produções literárias com mais assiduidade no *Diário da Tarde*, em *O Dia*, no *Jornal do Paraná*, no *Mensageiro do Natal*, no *Correio dos Ferrovários*, na *Mari-*

nha, no *Jornal dos Poetas* e na *Revista da Academia Paranaense de Letras*.

Modesto, despido de qualquer vaidade, dono de *vasta cabeleira embranquiçada, de gestos e atitudes cavalheirescos, de admirável simplicidade*, deixou uma obra de real valor no campo da poesia, do romance, da crônica, da biografia e do conto, permanecendo inédita, infelizmente esquecida nas páginas de nossos periódicos, uma farta produção intelectual que merecia ser divulgada. Pertencente aos quadros do Centro de Letras do Paraná, nele recepcionado em sessão de 25 de fevereiro de 1949, eis sua bibliografia: *A Luz do Céu* (contos fabulados em prosa e verso); *Miscelâneas* (prosa e verso); *Cofre de Ébano* (poesias, 1953); *Carta de Um Moribundo* (prosa); *Sífilis* (em dois tomos, versos e prosa, 1940); *Igreja de Lúcifer* (reminiscências); *A Dama de Três Cruzes* (contos); *Musa Intima* (versos); *Biografias* (de Scharffenberg, de Luís de Matos, de Francisco Carvalho de Oliveira, de Newton Sampaio e de Icílio Saldanha); *No Matadouro* (versos, 1950); *Poesias* (obras completas, 1973); os romances *Paraíso dos Outros*; *A Rosa do Banhado e Marga*; o teatro com *Bossa Nova*; *Terra Sem dono*; *Justiça*; *Camélia Branca* e *Castigo*. Lançou, em parceria com Rodrigo Júnior, em *O Dia*, artigos dominicais entre 17 de janeiro de 1954 e 18 de março de 1956, sob o título de *O Humorismo no Paraná Através dos Tempos*.

Avesse à publicidade, tímido, sofrendo traições e ingratidões, já quase ao atingir os seus 60 anos começou sua *via-crucis*, uma doença crônica que o atormentaria pouco e pouco, até o seu falecimento, nonagenário, em Curitiba, no ano de 1984. (WB)



MÁRIO MARCONDES DE ALBUQUERQUE

1º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba, em 27 de dezembro de 1915, filho de Moysés Marcondes de Albuquerque e Julieta Negrão Albuquerque. Concluídos os estudos fundamentais na capital, formou-se, a seguir, pela Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Paraná.

Ocupou vários cargos na antiga Rede de Viação Paraná-Santa Catarina, destacando-se na área de construções. Engenheiro residente na Linha Itararé-Uruguaí, Linha São Francisco-Paranapanema, exerceu depois funções na chefia de departamentos e assessorias. Membro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, por duas vezes, e fundador da Associação dos Engenheiros da Rede.

Aposentou-se em 1967 de sua atividade pública, passando a dirigir em sua fazenda em Campos Novos, Santa Catarina, uma empresa agropecuária, onde iniciou criação de cavalo puro-sangue inglês como introdutor desse pedigree na região oeste catarinense. Sua outra paixão foi a literatura. Escreveu com fecundidade abordando aspectos da história paranaense, além de outros temas filosóficos e técnicos que indicam o seu ecletismo cultural. Membro do Centro de Letras, Instituto Histórico e Geográfico e de outras instituições do país, seu ingresso nos quadros desta Academia foi o estuário natural de uma carreira literária e historiográfica marcada pela vocação, competência e seriedade.

Da sua vasta bibliografia, destacamos: *Socialismo e Democracia Capitalista, Pelos Caminhos do Sul, O Homem entre a Ciência e a Religião, História da Energia Elétrica no Brasil, Pelos Caminhos do Norte, História e Alternativas da Produção, A Modernização Rural no Brasil e no Paraná, Reforma Agrária, Curitiba Que o Meu Tempo Guardou e Contestado*.

Herdeiro de uma estirpe aristocrática, soube exaltá-la pelos próprios méritos. Faleceu em Curitiba no dia 7 de março de 1998. Ingressou na APL em 10 de setembro de 1997, recepcionado pelo acadêmico Luiz Carlos Monteiro Tourinho. (TV)



CARLOS ROBERTO ANTUNES

2º OCUPANTE

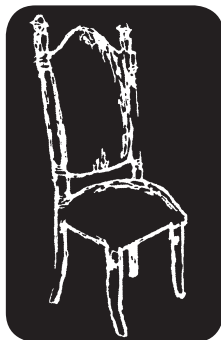
Filho de Ruy Castro dos Santos e de Ernestina Antunes dos Santos, nasceu em Porto Alegre (RS) em 23 de janeiro de 1945. Sua formação básica deu-se no Instituto de Educação e no Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba. Graduado e licenciado em História em 1966, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFP.

É professor titular em História do Brasil, do Departamento de História da UFPR. Mestre em História do Brasil pela

UFPR em 1974. Doutor em História pela Universidade de Paris X - Nanterre, França, em 1976. Pós-Doutor em História da América Latina pela Universidade de Paris III, França, em 1986. Presidente da Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná - APUFPR (1981-1983). Chefe do Departamento de História da UFPR (1989-1990). Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (1990-1993). Presidente Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (1993). Diretor do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR (1994-1998). Vice-Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica e das Empresas (ABPHE gestão 1997-1999). Presidente da ABPHE (gestão 2001/2002). Fundador e primeiro Presidente da Associação Paranaense de História. Autor de 72 publicações científicas, em revistas especializadas no Brasil e no Exterior. Assessor ad hoc do CNPq, da CAPES e da FINEP. Pesquisador 1 A do CNPq (1982/1996). Bolsista de Produtividade Acadêmica da CAPES (1998/2002). Foi Reitor da UFPR (1998/2002) e Presidente da ANDIFES (2000/2001). Cidadão Honorário de Curitiba. Recebeu o 16º Prêmio Paranaense de Ciência e Tecnologia, na área de Humanidades. Secretário de Educação Superior do Ministério da Educação, SESU/MEC (jan.2003, fev.2004). Membro do Conselho Nacional de Educação (fev.2003, fev.2004). Organizador da Comissão Nacional que instituiu o SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior).

Autor da obra *História da Alimentação no Paraná*, publicada em 1996, e de *Vida Material, Vida Econômica*, publicado pela SEED/PR. Organizador do dossiê intitulado *História da Alimentação*, e autor da apresentação, com artigo publicado na revista *História: Questões & Debates*, nº 42/2005. Participação nos Congressos Novas Tendências Culinárias, em Tours, França, e no Congresso Internacional de História, em Braga, Portugal, com apresentação de trabalho, em dezembro de 2005.

Fez parte da Comissão de Implantação que definiu o projeto político-pedagógico da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, sediada em Foz do Iguaçu. A pedido do presidente Túlio Vargas, organizou para a APL cinco edições consecutivas da Semana de História, promovida anualmente pela entidade. Tomou posse da Cadeira 38 em 26 de março de 2002, saudado pelo acadêmico Metry Bacila. (VHJ)



CADEIRA Nº 39

PATRONO

Aristides de Paula França
(1879 - 1910)

FUNDADOR

José Fernandes Cadilhe
(1881 - 1942)

1º OCUPANTE

José Farani **Mansur Guérios**
(1905 - 1943)

2º OCUPANTE

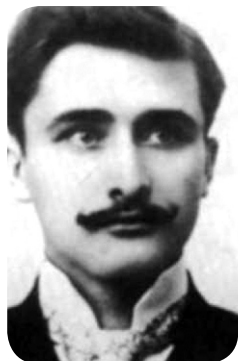
Rosário Farani Mansur Guérios
(1907 - 1987)

3º OCUPANTE

Francisco Filipak
(1924 -2010)

4º OCUPANTE

Cecília Maria Vieira Helm
(1937 -)



ARISTIDES FRANÇA

PATRONO

Nasceu em Curitiba em 2 de junho de 1879. Completados os preparatórios nesta cidade, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Mas ao presenciar uma necropsia, a mutilação de membros de um cadáver, sentiu-se tão abalado que escreveu de imediato a seu pai, Inácio, pedindo permissão para abandonar o curso médico e tentar a Faculdade de Direito de São Paulo.

Sempre pensando em sua terra, saudoso dela, decidiu realizar o curso jurídico em exames vagos, aqui estudando para, em segunda época, em março, prestá-los em São Paulo. O que afinal não daria certo, abandonando o novo curso.

De temperamento retraído, dotado de grande sensibilidade, por vezes apresentando crises de desconfianças injustificáveis, talento robusto, não confiava no seu próprio valor, pois, crítico implacável de seus trabalhos literários, via neles defeitos, incorreções, rasgando-os por imperfeitos.

Desconfiado, de certa feita ao entregar à redação do Diário da Tarde um soneto e, apesar da opinião insuspeita de Euclides Bandeira, achando-o magnífico, insistiu em só permitir fosse a poesia publicada se acompanhada de um pseudônimo, Aristarco Sciolo. Escrevia muito e sempre, versos, crônicas, críticas, assiduamente em O Sapo e em o Azul, variando sempre de pseudônimos, como a encobrir, envergonhado, suas produções de alto valor literário.

Morreu jovem, em 3 de janeiro de 1910, em Curitiba aos 30 anos de idade, às voltas com as rimas e com o trabalho prosaico de guarda-livros como auxiliar de seu pai. Seus sonetos seriam reunidos e publicados em duas edições, em 1911 e em 1931, *Dolência Astral*. Raul Faria, que o estudou em vários artigos publicados no Comércio do Paraná, seu colega, confidente e amigo, assim definiu o autor de *A Tortura do Artista: Espírito elevado que muito compreendeu com precocidade os disfarces do convencionalismo com que sempre andou em luta, profligando as lanjeoulas das mentiras do interesse do preconceito social*. (WB)



JOSÉ CADILHE

FUNDADOR

Antoninense nascido em 26 de agosto de 1881 — ainda que a data seja controvertida — iniciou sua vida profissional como mestre-escola, empregando-se, depois, na Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina como praticante de telegrafista, depois telegrafista e, mais tarde, agente de estação.

Jornalista combativo, colocou-se à frente do Diário do Comércio, de Paranaguá. Em Ponta Grossa foi redator do Diário dos Campos. Embora excelente poeta, sua capacidade para o teatro fez dele mais conhecido e respeitado como comediógrafo e dramaturgo. Casado por duas vezes, com Siomara e depois com Adelaide, com 14 filhos para sustentar, claro que teria de trabalhar exaustivamente. Considerando-se um *jogete do destino*, confessava nestes tercetos finais de seu soneto Razão Suprema o motivo pelo qual suportara durante toda a vida revezes físicos e morais:

*Se à mente obrigo a pensamentos quietos
num círculo onde a luz tem fracos brilhos
e se sucedem males indiscretos;*

*se ainda soffro a pressão dos empecilhos, é -
razão agridoce - ó, meus afetos!
porque sou pobre e tenho tantos filhos...*

Desde cedo, arrimo de mãe viúva, só contou com a proteção de seu padrinho, um velho comerciante português que não via com bons olhos as inclinações artísticas do afilhado. Assim, Cadilhe subiu a serra, chegando a Curitiba. Aluno de Júlia Vanderley e, depois, da Escola Normal, completou seu curso de professor com pouco mais de 17 anos de idade. Autor de *Poesias* (1916), *Valdina* (poema dramático, 1917) e *Delirium Tremens* (poema, 1945, obra póstuma), certamente no teatro a sua maior vocação, produzindo mais de 50 peças, todas com muito sucesso, muitas levadas para os grandes centros e lá, depois de levemente modificadas, divulgadas e encenadas com novos títulos e sob a chancela de novos autores.

Na aparência um homem introvertido, na realidade um espírito sensível, de elevado temperamento cívico, faleceu na madrugada da terça-feira de 10 de novembro de 1942, em sua residência, na Rua Augusto Stelfeld, em Curitiba, quando ocupava o cargo de secretário da 1ª Divisão da Estrada de Ferro. (WB)



MANSUR GUÉRIOS

1º OCUPANTE

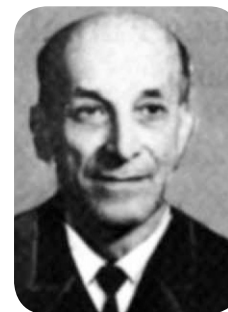
Nascido em Curitiba em 7 de novembro de 1905, professor, catedrático de Direito, escritor e tribuno, um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes. Desde os bancos escolares aprimorou o gosto pelas letras, como fundador do Grêmio Literário São Luís e como sócio do Centro Acadêmico de Direito. Trabalhador infatigável, a espalhar pelas revistas acadêmicas e técnicas de Direito os frutos de seus estudos e observações,

pouco e pouco seu organismo, com *aquela palidez de vegetal sem sol*, passou a sentir os efeitos de tanta dedicação. Corpo frágil, atormentado por sofrimentos físicos que o acompanharam desde a infância, ascendeu, em curto prazo, de simples promotor público do interior do Estado às culminâncias da cátedra de Direito Internacional Privado, conhecido até fora de nossas fronteiras, em correspondência ativa e permanente com notáveis mestres dessa disciplina em todo o mundo. As suas orações, as suas teses e demais trabalhos jurídicos, além do tesouro de pensamentos cristãos dos *Mosaicos Marianos* (1939), são o testemunho de uma existência totalmente devotada ao bem comum.

Lacerda Pinto estudando-lhe a obra, na sessão comemorativa do passamento do saudoso jurista, na Academia Paranaense de Letras, em 1945, frisa que o mérito maior do nosso biografado não se encontra no que ele tenha deixado escrito mas sim nos padrões dignificantes da sua própria vida, *um exemplo e um estímulo para os que tiverem a ansiedade dos cimos e se dispuserem a fazer o esforço necessário para respirar o ar das alturas*. José Farani faleceu, muito jovem, em 4 de janeiro de 1943, em São Paulo. Ainda Lacerda Pinto retrataria num soneto o colega, cuja mocidade fora um eterno calvário, cabendo aqui os tercetos finais:

*Um segredo, porém, trazias na alma forte
que a morte não temia: a tua aceitação
de, em plena flor e em pleno sonho, adormecer;*

*de não ter um lamento e, no último transporte,
gravar afogo a Cruz no próprio coração,
para ensinar a Vida a quem quisesse viver.*
(WB)



ROSÁRIO MANSUR GUÉRIOS

2º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba em 10 de setembro de 1907 tornando-se um dos mais competentes e respeitados filólogos nacionais. Desde cedo passou a se interessar pelos estudos da lingüística, da glotologia e do aprendizado de várias línguas. No convívio familiar, ouviu e aprendeu a lidar com três idiomas diferentes: o de seu pai, o árabe; o de sua mãe, o italiano; e o de seu próprio país. Estudou nos ginásios Bom Jesus, Diocesano e Santa Júlia.

Em 1934, formou-se em Direito pela Universidade do Paraná. Toda a sua vida foi dedicada ao magistério. Lecionou Português no Colégio Estadual Regente Feijó, em Ponta Grossa, no Colégio Estadual do Paraná por 14 anos e na Escola Técnica de Curitiba durante duas décadas. Professor Catedrático titular de Língua Portuguesa do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade do Paraná, professor contratado de Filologia Românica na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e assistente de Lingüística no Museu Paranaense. Casado em 1941 com Fili, muitas vezes a esposa o acompanhava até aos redutos indígenas, no convívio dos silvícolas, a estudar-lhes a língua e os costumes. Tanto assim que bem moço, com apenas 25 anos de idade, surpreendeu os estudiosos ao lançar *Novos Rumos da Tupinologia*. Conhecedor de vários idiomas, autor de mais de trezentas e seis publicações filológicas, desde 1937 a Editora Saraiva faria com ele um contrato de exclusividade para a publicação de suas obras didáticas.

Manteve durante muitos anos na Voz do Paraná e na Gazeta do Povo a seção Divagações Lingüísticas, de consulta obrigatória por estudantes e professores.

Membro da Academia Brasileira de Filologia, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, do Círculo de Estudos Bandeirantes, revisor de nossa Constituição de 1947 e de 1967, professor emérito da Universidade Federal do Paraná em dezembro de 1979, delegado permanente do Brasil junto ao Comitê Internacional de Ciências Onomásticas com sede na Bélgica, deixou entre seus numerosos trabalhos *Estudos Sobre a Língua Caingangue* (1942), *Estudos Sobre a Língua Camacã* (1945) e *Tabus Lingüísticos* (1941 e 1956).

Internado no Instituto de Medicina e Cirurgia, duas semanas depois faleceu em Curitiba, de trombose cerebral, em 31 de agosto de 1987. (WB)



FRANCISCO FILIPAK

3º OCUPANTE

Filho de Antônio Filipak e de Maria Gawlak Filipak, nasceu em Araucária, em 7 de agosto de 1924. Formado em Filosofia Pura na UNISINOS, de São Leopoldo (RS), em 1945, e em Letras na PUCPR, pela qual também tornou-se Mestre em Letras (1984). Fez o Curso de Especialização em Língua e Cultura Polonesa

pela UFPR, em convênio com a Universidade Jaguelônica de Cracóvia, Polônia, em 1997. Professor Titular de Linguística, Teoria Literária, Língua e Literatura Latinas e Técnica de Comunicação nos Cursos de Letras de União da Vitória, Irati, Universidade Tuiuti e Faculdade de Plácido e Silva, estas em Curitiba. Professor de Português concursado em 1963 no Magistério Público do Ensino Médio do Paraná, exerceu a profissão na Escola Normal Colegial Professora Amasília e na Escola Técnica de Comércio Cel. Davi Carneiro, em União da Vitória. Professor de Língua e Literatura Espanholas e de Filosofia no Colégio Túlio de França, em União da Vitória. Foi Diretor da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória entre 1968 a 1972, criando os Cursos de Letras e Geografia. Recebeu, em 1956, o título de 1º Cidadão Honorário de União da Vitória.

Autor das seguintes obras: *Teoria da Metáfora* (Tese de Mestrado), 1984; *Fundamentos da Linguagem Figurada*, *Antologia do Vale do Iguaçu*, com Nelson A. Sicuro, 1976; *Helianto Outonal* (poemas), 1976; *Centenário no Brasil da Família Filipak*, 1980; *Dicionário Sócio-Linguístico Paranaense*, 2002; *Glossário do Vale do Iguaçu*; *Vocabulário Regional de Ibiracatu* (ES); *Antologia Polono-Brasileira*, 1998; *Curitiba e Suas Variantes Toponímicas*, 1999. Co-autor do *Calendário Cívico-Religioso Nacional, Estadual e Municipal de Curitiba*, em 1982, e das publicações da COMOCI-PR, Vols. I, II e III. Deixou ainda: *Dicionário Regional do Contestado* (PR e SC), *Dicionários Toponômicos Indígenas do Paraná e Santa Catarina*, *Ensaio Sobre Tropeirismo Andino-Brasileiro e Antologia do Pinheiro*. Ministrou cursos sobre Linguagem Figurada nos Cursos de Letras de Curitiba, Maringá, Cascavel, União da Vitória e Irati (PR); Alegre, Cachoeiro do Itapeirim, Colatina e Linhares (ES); Caçador, Concórdia e Lages (SC); Caruaru e Garanhuns (PE); Ourinhos e São Paulo (SP); Campina Grande (PB) e Campo Grande (MS), bem como a escritores e poetas em Campos (RJ) e Vitória (ES).

Foi membro da Academia Internacional de Lexicografia de Divinópolis (MG), Academia ALACS de Irati, Academia de Letras do Vale do Iguaçu, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Centro de Letras do Paraná, Círculo de Estudos Bandeirantes e UBT, Curitiba.

Faleceu em Curitiba em 27 de março de 2010. (WB)



CECÍLIA HELM

4º OCUPANTE

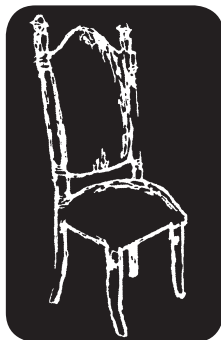
Cecília Maria Vieira Helm nasceu em Curitiba, em 16 de novembro de 1937, filha de José Rodrigues Vieira Neto, professor, advogado, ex-presidente da OAB/PR, e de Hermínia Carneiro Vieira. Graduada em Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPR, cursou Especialização em Antropologia Social, em Etnologia Indígena, na UFRJ. Realizou Pós-doutorado no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social na Cidade do México, desenvolvendo o projeto de pesquisa *Relações de poder e identidade étnica entre os Kaingang do Sul do Brasil*.

Em 1963 foi contratada pela Universidade Federal do Paraná a pedido do professor Loureiro Fernandes, precursor da Antropologia no Brasil. Realizou sua Livre-docência em 1974, com a tese *A integração do índio na estrutura agrária do Paraná, o caso Kaingang*. Em 1977, por concurso público, se tornou Professora Titular em Antropologia, com a defesa da tese *O índio camponês assalariado em Londrina: relações de trabalho e identidade étnica*.

Foi Chefe do Departamento de Antropologia da UFPR; Professora e Coordenadora do Curso de Especialização em Antropologia Social da UFPR; Professora Visitante e Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina; e Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em Paranaguá. Também Coordenadora e chefe do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura do Paraná, gestão José Richa; membro do Conselho Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural e do Conselho Estadual de Cultura. Foi vice-diretora da Associação Latino-americana de Antropologia e diretora da Associação Brasileira de Antropologia. Realizou pesquisas sobre *A Implantação de Usinas Hidrelétricas em terras indígenas no Sul do Brasil*, sobre *As Usinas Hidrelétricas na Bacia do Rio Tibagi e os Povos Indígenas, Guarani, Kaingang e Xetá*; e sobre a *Usina Mauá no Rio Tibagi*.

Produziu pesquisas também para a elaboração do Laudo pericial antropológico em Manguairinha, por solicitação do Ministério Público Federal, para o *Laudo antropológico sobre os Povos Indígenas Kaingang e Guarani da Bacia do Rio Tibagi*, e para o *Relatório antropológico sobre a Demarcação da Terra Indígena Boa Vista, Paraná*. Autora da *História da Antropologia no Estado*, com a obra *Os 50 anos da Antropologia no Paraná*. Destacam-se, ainda: *Diálogos entre Direito e Antropologia: primeiras aproximações interdisciplinares*; *A Etnografia, a perícia e o laudo antropológico nos processos judiciais*; e *A Antropologia dos Nativos, publicado pela Universidad Autonoma de La Plata, Argentina*, entre tantos trabalhos publicados no Brasil e no exterior.

Tomou posse na APL em 2 de maio de 2011, saudada por Carlos Roberto Antunes dos Santos. (EB)



CADEIRA Nº 40

PATRONO

Cícero Marcondes França
(1884 - 1908)

FUNDADOR

Generoso Borges de Macedo
(1875 - 1945)

1º OCUPANTE

Ângelo Guarinello
(1876 - 1962)

2º OCUPANTE

Alvir Riesemberg
(1907 - 1975)

3º OCUPANTE

Valério Hoerner Júnior
(1943 -)



CÍCERO FRANÇA

PATRONO

Nasceu no dia 10 de março de 1884, em Palmas, sudoeste do Paraná. Viveu tão somente vinte e quatro anos. No Colégio Paranaense foi aluno retraído, desconfiado. Pouco falava, costumava apenas observar.

E no jornalzinho estudantil do colégio, O Estudo, impresso em papel cetim, distribuído aos sábados pela manhã à estudantada, começaram a aparecer seus primeiros versos.

Mudou-se para a Bahia, com o intuito de preparar-se para a Faculdade de Medicina. Teve, então, oportunidade de conviver com o grupo simbolista Nova Cruzada. Retornou a Curitiba e, em fins de 1901, partiu para São Paulo com a finalidade de tentar, dessa vez, a Faculdade de Direito. Morou, inicialmente, numa pensão da Rua José Bonifácio, num quarto abafado e mal cheiroso, já que no térreo do prédio funcionava uma casa importadora de azeite, querosene e bacalhau. Apesar disso, nada o abalou. Por curiosidade, tinha uma maneira de só escrever com as pernas estiradas numa cadeira que, cuidadosamente, punha a certa distância daquela em que sentava.

Fumava muito e bebia café o dia todo. Tinha pruridos infantis em certos momentos, rindo muito, pondo em rebuliço toda a hospedagem, o que já indicava algum transtorno. Ora alegre, comunicativo, ora insociável, trancava-se horas esquecidas em seus aposentos. Da pensão acima mudou-se para uma outra na Rua do Quartel, aí formando uma república com direito até a um piano colocado na sala da frente. De São Paulo foi para o Rio, freqüentando a Imprensa Nacional e passeando, na Rua do Ouvidor, com Emílio de Menezes. Hospedara-se numa república baiana, no Largo do Rocio. Não conhecia nem respeitava horários nem imposições. Mas, artista de grande sensibilidade e dono de um grande coração, justamente nessa pensão se agravaria a tuberculose, que o prostrou.

Quando voltou a Curitiba não passava de uma ruína. E na residência de seu amigo e companheiro Raul Faria, daria o título de *Necrotério d'Alma* ao seu único livro. Muito doente, desejando encontrar-se com seus pais residentes em Porto União, ao chegar em Ponta Grossa hospedou-se no Hotel Palermo, na Praça da Matriz.

Faleceu, então, na madrugada de 10 de julho de 1908. (WB)



GENEROSO BORGES

FUNDADOR

Nascido em Guarapuava, em 23 de julho de 1875. Após os estudos primários realizados em sua cidade natal, desejou, com dezessete anos de idade, matricular-se no Liceu de Artes e Ofícios, no Rio de Janeiro. Não conseguiu a matrícula e, frustrado, retornou ao Sul para iniciar-se no comércio da cidade de Paranaguá.

Explodira a revolução federalista e ele, de certa forma comprometido, retirou-se do palco da guerra. Apagadas as mágoas partidárias, iniciou-se no jornalismo curitibano, sem contudo deixar as lides mercantis. Leitor voraz de todos os gêneros literários, poesia, romance e crítica, fossem nacionais ou estrangeiros, adquiriu sólida cultura humanística.

Elegeu, na poesia, Emílio de Menezes para mentor, admirador que era de seus versos alexandrinos, o que o levaria a escrever um livro de poemas, *Estrelas Cadentes*, nunca dado à publicidade, mas cujos versos encontram-se nas páginas de O Sapo e da revista Azul. Retornou ao Rio de Janeiro quando foi nomeado despachante da Alfândega. Ficou nessa cidade pouco tempo, já que laços afetivos o atraíam ao Paraná, especialmente a cidade de Antonina, na qual, aos 25 anos de idade, casou-se com Otávia, aquela que ele evocava em versos como a *dama dos seus castelos de ouro*.

Em Curitiba, exerceu também as funções de camarista e o mandato de deputado estadual. Jornalista, poeta, cronista, são encontráveis seus trabalhos em jornais e revistas paranaenses. Tentou o teatro e participou, com outros parceiros, da autoria da revista *Colcha de Retalhos*, com música de Luís Bastos, encenada pela primeira vez no Teatro Guaíra, em 22 de julho de 1906.

Publicou *Semana Santa* (propaganda da Liga Anticlerical Paranaense, 1902); *Flâmulas*, versos; *Discursos e Conferências*; e *Terra das Maravilhas*, impressões e estudos do oeste paranaense. Sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná, membro da antiga Academia de Letras do Paraná, diplomou-se, já maduro, em Direito, pela Universidade do Paraná, em cuja turma desfrutou da amizade de companheiros como Joseph Plácido e Silva e Samuel César. Foi escolhido orador da turma de direito. Curioso que, além de estudante, participara da fundação da Universidade do Paraná, pois foi um dos professores do Curso de Comércio. Mais tarde, passou a advogar em São Paulo, onde faleceu, em 4 de março de 1945. (WB)



ÂNGELO GUARINELLO

1º OCUPANTE

Nasceu em Pindamonhangaba (SP), em 19 de setembro de 1876. Concluídos os preparatórios, matriculou-se e formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Veio para Curitiba e nesta cidade iniciou-se profissionalmente, ao lado de vigorosa atividade literária. Contista, poeta e fabulista, foi eleito componente do Centro de Letras do Paraná em agosto de 1921. A partir dessa data, até os meados da

década de quarenta, desenvolveu intensa atuação centrada, quer apresentando seus trabalhos literários, quer fazendo parte das diversas diretorias, ora como orador, no biênio 1928-1930, como secretário, de 1930 a 1934, e como tesoureiro, de 1934 a 1938. Era assíduo freqüentador e colaborador participante do referido Centro, valendo ressaltar a sua decisão quando, nas funções de tesoureiro, contrariando interesses de seus companheiros, diante da insensibilidade de muitos sócios em liquidar seus débitos, defendeu a posição pela eliminação de sócios recalcitrantes ao pagamento das mensalidades e das jóias. Foi uma posição radical que deu muito no que falar. Casou-se em Curitiba com Eleonora Gaissler, que lhe deu dois filhos, dois conceituados médicos, Rafael e Paulo Emílio.

De temperamento reservado, mentalidade à época nada conservadora, dono de privilegiada memória, apreciador de bons espetáculos teatrais e música erudita, falava correntemente o francês e o italiano. Sua biblioteca era de apurado gosto e fino requinte: alinhavam-se ali volumosos livros de direito luxuosamente encadernados, além de raras obras literárias. No seu velório, em 27 de agosto de 1962, realizado em sua própria residência, na Avenida Vicente Machado 147, foi-lhe negada a bênção pela religião católica por constar o seu nome no *index*, que, instituído pelo Tratado de Latrão, relacionava obras literárias consideradas hereges, ou com momentos de heresia em seu conteúdo. Esse *index* foi abolido pelo Concílio Vaticano II. Mas, na mesma oportunidade, num magnífico exemplo de fé cristã e de amor ao próximo, as freiras do Leprosário São Roque, de Piraquara, presentes ao ato fúnebre, ajoelharam-se e rezaram o terço em memória e pela alma do saudoso acadêmico.

Sua bibliografia mostra *O Tenente Evaristo*, romance histórico, de 1906; *A Salada da Vida*, contos, 1930; *Razões de Defesa em Favor de Valentin B. Sobrinho*, 1936; *Ressurreição*, contos, 1938, e *Emoliente da Lei*, versos, além de trabalhos de caráter profissional. É considerado fundador da APL. (WB)



ALVIR RIESEBERG

2º OCUPANTE

Nasceu em Rio Negro, no dia 19 de maio de 1907, às margens do Iguaçu, vindo, como diria ele mais tarde, *os pinheirais imensos e as curvas do rio, vapores subindo, peçados de erva-mate, o pai decifrando charadas do Almanaque Paranaense e a mãe a declamar Casimiro e*

Gonçalves Dias enquanto embalava, na rede, o sono de seus filhos.

Com a revolução dos fanáticos do Contestado, em torno de 1920, a família se deslocou rio acima, até chegar a Curitiba. Estudou, então, no Colégio Becker e no Ginásio Paranaense. Fez o curso de Farmácia durante dois anos, entrando em seguida na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, colando grau em 24 de outubro de 1931. Casou-se aos 27 anos de idade, em Paula Freitas, com a pontagrossense Julita, que lhe daria quatro filhos. Instalou-se em União da Vitória, onde passou o resto de sua vida. Exerceu o magistério no Colégio Túlio de França e na Faculdade de Filosofia do local. Paralelamente. Desenvolveu sua atividade profissional exercendo a função de diretor-clínico do Hospital da Associação 26 de Outubro, onde, por mais de três décadas, atendeu à família ferroviária.

Escreveu para os periódicos locais como o *Caiçara* e *O Comércio* e publicou os festejados *A Instalação Humana no Vale do Iguaçu*, *Nhá Marica*, *Minha Avó* (um estudo de aculturação). Na série *Estudos Paranaenses do Instituto Histórico e Geográfico*, *A Nau São Sebastião* (um estudo sobre os primórdios da industrialização do pinho), *Bruno da Costa Filgueira* (o último bandeirante de Curitiba), *Porto União da Vitória* (aspectos históricos), *As Enchentes do Rio Iguaçu*, *A Navegação a Vapor no Iguaçu*, *O Pioneiro Amazonas de Araújo Marcondes* e *A Fundação do Porto da União da Vitória*, além de *O Cão nas Bandeiras* e *nas Monções* e *O Professor Serapião do Nascimento*. Foi deputado estadual pela UDN de 1947 a 1950.

Faleceu em União da Vitória no dia 14 de fevereiro de 1975, menos de cinco meses depois de sua posse na Academia Paranaense de Letras, ocorrida em 26 de setembro de 1974, saudado pelo acadêmico Osvaldo Pilotto. (WB)



VALÉRIO HOERNER JÚNIOR

3º OCUPANTE

Nasceu em Curitiba no dia 29 de junho de 1943. Filho de Valério Kormann Hoerner e Maria de Lourdes Correia Hoerner. Pela linhagem dos Correia, oriunda de sua mãe, é tetraneto de Manoel Antônio Pereira - último capitão-mor e primeiro prefeito de Paranaguá - e bisneto do célebre Dr. Leocádio José Correia - médico humanitário e político parnanguara - de quem teceu a ilustre biografia.

Aluno marista nos ensinos primário e ginásial, do Colégio Estadual do Paraná no curso clássico, bacharelou-se em Direito em 1969, pela Universidade Federal do Paraná. Estudou também na Fundação Getúlio Vargas em suas unidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Além de advogado, foi professor universitário ministrando as disciplinas de Direito Romano, História do Direito, Filosofia do Direito, Ética e Linguagem Forense. No jornalismo, iniciou-se como foca na Gazeta do Povo, em 1962, quando teve oportunidade de cobrir jornalisticamente o Fórum dos Reitores. Nesse evento realizado em Curitiba, produziu, com exclusividade para o jornal, marcante entrevista com o então ministro da Educação e Cultura Darcy Ribeiro. Por quase uma década assinou a coluna Histórias de Curitiba. Seu acervo jornalístico anda em torno de 700 artigos.

Sua bibliografia consigna 37 títulos, entre os quais *O morto vivo*, 1978; *A vida do Dr. Leocádio*, 1979 e 2007; *A mosca azul*, 1981; *Curitiba 1900*, 1981; *O folclórico Palácio*, 1982; *Noções de história da literatura brasileira*, 1989; *Ruas e histórias de Curitiba*, 1990 e 2002; *Rodrigo Júnior: poeta e prosador*, 1990; *Palácio Avenida*, 1991 (c/ Aramis Millarch); *Atlético: a paixão de um povo, Uma paixão eterna*, 1994 e 2010 (com Heriberto Ivan Machado). Ao vincular-se à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, respondeu por sua história institucional e foram então publicados *A história da Universidade*, *Faces de uma vida*, *O pastor de Curitiba*, *O homem e o meio*, *Santa Casa*, *D. Manuel da Silveira D'Elboux*, *PRB-2, a pioneira do Paraná*, *Uma história em 15 anos* e uma centena de biografias opusculares. De entremeio, *O nó da língua*, 2000, e *Latim para principiantes*, 2005. Ainda, *Maragatos* e *Roma – Civilização e Direito*, a primeira com prefácio de Manoel de Oliveira Franco Sobrinho e a segunda, de René Dotti.

Foi membro do Conselho Estadual de Cultura. Estimulado pelos acadêmicos Leonardo Henke e Valfrido Pilotto, foi eleito para a Academia Paranaense de Letras, na qual, entre diversas funções, ocupou a secretaria-geral e, por duas vezes, a vice-presidência. Tomou posse em 19 de novembro de 1981, saudado, em sessão solene, na Sociedade Garibaldi, pelo Acadêmico Túlio Vargas. (TV)

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

ELEIÇÕES E POSSES

	DATA ELEIÇÃO	DATA POSSE	SAUDAÇÃO	LOCAL DA POSSE
1 DANTE MENDONÇA	15.07.2010	27.11.2010	Ernani Buchmann	Teatro Paiol
2 ERNANI BUCHMANN	24.05.2005	17.10.2005	Carlos Roberto A.dos Santos	Clube Curitibano
3 RENÊ ARIEL DOTTI	07.05.1992	14.09.1992	Manoel de Oliveira Franco	SESC da Esquina
4 EDUARDO ROCHA VIRMOND	30.06.1994	22.09.1994	Helena Kolody	Teatro HSBC
5 VAGA				
6 ORIOVISTO GUIMARÃES	20.09.2005	08.05.2006	Renê Ariel Dotti	Teatro UniPositivo
7 NEY JOSÉ DE FREITAS	07.12.2010	05.04.2011	Albino B. Freire	OAB
8 RAFAEL GRECA DE MACEDO	28.09.1999	23.10.2001	Clemente Ivo Juliato	Memorial de Curitiba
9 ARIO TABORDA DERGINT	28.04.1998	05.11.2000	Wilson Bóia	Círculo de Estudos Bandeirantes
10 FLORA MUNHOZ DA ROCHA	7.05.2008	23.09.2008	Chloris C. Justen	Graciosa Country Club
11 JOÃO MANUEL SIMÕES	1971	1971	Vasco T. Ribas	Centro de Letras do Paraná
12 ERNANI COSTA STRAUBE	05.12.1994	26.04.1995	Metry Bacila	Colégio Estadual do Paraná
13 RUI CAVALLIN PINTO	10.06.2003	14.10.2003	Noel Nascimento	Círculo de Estudos Bandeirantes
14 VAGA				
15 ADELIA MARIA WOELLNER	04.12.1995	23.04.1996	Helena Kolody	Centro de Letras do Paraná
16 ALCEO ARIOSTO BOCCHINO	30.06.1994	23.11.1994	Noel Nascimento	Teatro Guaíra
17 CLEMENTE IVO JULIATTO	17.07.2001	24.09.2001	Valério Hoerner Junior	Teatro PUC
18 LAURENTINO GOMES	26.11.2009	15.10.2010	Eduardo Rocha Virmond	UniCuritiba
19 CARLOS ALBERTO SANCHES	30.06.1997	23.04.1998	Valério Hoerner Junior	
20 LUIZ GERALDO MAZZA	28.04.1998	17.11.1998	Lauro Grein Filho	Centro de Convenções
21 ALBINO DE BRITO FREIRE	17.10.2000	07.05.2001	Adélia Maria Woellner	Clube Curitibano
22 METRY BACILA	1991	19.06.1991		
23 JEORLING CORDEIRO CLEVE	26.08.2010	22.02.2011	Renê Dotti	Instituto dos Advogados
24 CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN	09.12.1996	20.05.1997	Wilson Bóia	Teatro HSBC
25- PAULO F. DE SOUZA VÍTOLA	15.03.2011	27.06.2011	Renê Dotti	Teatro Paiol
26 LEO DE ALMEIDA NEVES	06.06.2006	18.09.2006	Belmiro V. Jobim Castor	Assembléia Legislativa do PR
27 NOEL NASCIMENTO	1979	23.05.1979	Vasco Taborda Ribas	Círculo de Estudos Bandeirantes
28 BELMIRO VALVERDE J. CASTOR	09.11.2004	30.05.2005	Renê Ariel Dotti	Auditório do Colégio Bom Jesus
29 LEONILDA HILGENBERG JUSTUS	14.06.2000	14.03.2001	Marino Bueno Brandão Braga	Ponta Grossa
30 ADERBAL FORTES DE SÁ JÚNIOR	27.03.2007	02.10.2007	Ernani Buchmann	Teatro HSBC
31 LAURO GREIN FILHO	1986	26.09.1986	Túlio Vargas	Centro de Letras do Paraná
32 JOSÉ WANDERLEY RESENDE	14.06.2000	18.09.2000	Noel Nascimento	Auditório do Tribunal Justiça
33 ROBERTO MUGGIATI	07.12.2010	09.05.2011	Aderbal F. Sá Jr	Paço da Liberdade
34 ANTONIO CELSO MENDES	1993	29.11.1993	Noel Nascimento	Teatro PUC
35 RICARDO PASQUINI	23.09.2009	07.05.2010	Belmiro Castor	Associação Médica do Paraná
36 APOLLO TABORDA FRANÇA	1977	26.09.1997	Leopoldo Scherner	Instituto Histórico do Paraná
37 CLOTILDE L. B. GERMINIANI	14.10.2009	27.10.2010	Renê Ariel Dotti	Clube Curitibano
38 CARLOS R. A. DOS SANTOS	28.03.2000	26.03.2002	Metry Bacila	Auditório da Faculdade de Direito UFPR
39 CECÍLIA VIEIRA HELM	15.03.2011	02.05.2011	Carlos Antunes dos Santos	OAB
40 VALÉRIO HOERNER JÚNIOR	19.11.1981	19.11.1981	Túlio Vargas	Sociedade Garibaldi

ÍNDICE

Adélia Maria Woellner **108**
Adherbal Fortes de Sá Júnior **216**
Adolpho Jansen Werneck de Capistrano **205**
Albino de Brito Freire **160**
Albino José da Silva **148**
Alceo Ariosto Bocchino **125**
Alceu Chichorro **223**
Alcides Munhoz **91**
Alcindo Lima **206**
Alfredo Caetano Munhoz **90**
Alvir Riesemberg **277**
Andrade Muricy, José Cândido de **42**
Ângelo Guarinello **276**
Antônio Celso Mendes **239**
Apollo Taborda França **250**
Arildo José de Albuquerque **144**
Ário Taborda Dergint de Rawicz **79**
Aristides de Paula França **266**
Arthur Ferreira dos Santos **171**
Arthur Martins Franco **85**
Assad Amadeu Yassim **178**
Azevedo Macedo, Francisco Ribeiro de **28**
Belmiro Valverde Jobim Castor **202**
Benedito Nicolau dos Santos **122**
Benedito Nicolau dos Santos Filho **124**
Bento João d'Albuquerque Mossurunga **123**
Bento Munhoz da Rocha Netto **184**
Bernardino Bormann, José **108**

Bispo Dom Alberto José Gonçalves **163**
Brasílio Itiberê da Cunha **120**
Cândido Martins Lopes **26**
Carlos Alberto Sanches **146**
Carlos Roberto Antunes dos Santos **263**
Carlos Stellfeld **164**
Cecília Maria Vieira Helm **271**
Chichorro Júnior, Joaquim Procópio Pinto **222**
Chloris Casagrande Justen **179**
Cícero Marcondes França **274**
Ciro Silva **150**
Clemente Ivo Juliatto **133**
Clemente Ritz **115**
Clotilde de Lourdes Branco Germiniani **258**
Coelho Júnior, Carlos Alberto Teixeira **207**
Colombo de Sousa, Christovam **117**
Cônego Braga (João Evangelista Braga) **156**
Correia Neto, Senador Manoel Francisco **52**
Dante José Mendonça **23**
Dario Nogueira dos Santos **255**
Dario Persiano de Castro Vellozo **129**
De Sá Barreto, Octavio **214**
Dias da Rocha Filho, Joaquim **188**
Dicesar Plaisant **130**
Dídio Iratim Afonso da Costa **109**
Domingos Virgílio do Nascimento **194**
Dr. Muricy, José Cândido **40**
Durval Borges de Macedo **261**
Edilberto Trevisan **233**
Eduardo Rocha Virmond **43**
Edwino Donato Tempiski **232**
Elias Karam **72**

Emiliano David Pernetta **212**
 Emílio Correia de Menezes **218**
 Emílio Leão de Mattos Sounis **224**
 Enéas Marques dos Santos **103**
 Ermelino Agostinho de Leão **83**
 Ernani Costa Straube **100**
 Ernani Guarita Cartaxo **55**
 Ernani Lopes Buchmann **31**
 Ernani Simas Alves **159**
 Ernesto Luiz de Oliveira **169**
 Euclides da Mota Bandeira e Silva **97**
 Euro Brandão **132**
 Eusébio Silveira da Motta **128**
 Faria Sobrinho, Joaquim de Almeida **136**
 Faris Antônio Salomão Michaelle **99**
 Felício Raitani Neto **57**
 Fernandes de Barros, Bento **62**
 Fernando Amaro de Miranda **46**
 Fernando Machado Simas **168**
 Flávio Carvalho Guimarães **36**
 Flávio Suplicy de Lacerda **131**
 Flora Camargo Munhoz da Rocha **88**
 Francisco Carvalho de Oliveira **189**
 Francisco Cunha Pereira Filho **139**
 Francisco de Paula Dias Negrão **84**
 Francisco Filipak **270**
 Francisco Heráclito Ferreira Leite **189**
 Francisco Pereira da Silva **151**
 Francisco Raitani **56**
 Franco Sobrinho, Manoel de Oliveira **104**
 Generoso Borges de Macedo **275**
 Generoso Marques dos Santos **102**

Gonçalves da Motta, Omar **195**
 Harley Clóvis Stocchero **58**
 Heitor Stockler de França **249**
 Helena Kolody **201**
 Hellê Vellozo Fernandes **257**
 Helvídio da Silva Pereira **219**
 Hyppolyto Pacheco Alves d'Araújo **137**
 Hugo Gutierrez Simas **170**
 Ildefonso Pereira Correia (Serro Azul) **70**
 Ismael Alves Pereira Martins **252**
 Jayme Ballão **69**
 Jayme Ballão Júnior **71**
 Jeorling Joely Cordeiro Cleve **173**
 Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá **34**
 João Cândido Ferreira **183**
 João Manuel Simões **93**
 João David Pernetta **237**
 Joaquim Carvalho **145**
 José Augusto Gummy **254**
 José Fernandes Cadilhe **267**
 José Gonçalves de Moraes **142**
 José Gelbecke **143**
 José Wanderley Resende **225**
 Júlio Estrella Moreira **110**
 Júlio David Pernetta **236**
 Lacerda Pinto, Manoel **138**
 Ladislau Romanowski **208**
 Laertes Munhoz **92**
 Laurentino Gomes, José **140**
 Lauro Grein Filho **220**
 Léo de Almeida Neves **191**
 Leonardo Henke **200**

Leôncio Correia **77**
 Leônidas Fernandes de Barros **204**
 Leônidas Moura de Loyola **157**
 Leonilda Hilgenberg Justus **209**
 Leopoldo Scherner **49**
 Loureiro Ascensão Fernandes, José **231**
 Luiz Carlos Pereira Tourinho **73**
 Luíz Ferreira França **176**
 Luíz Geraldo Mazza **153**
 Luiz Romaguera Netto **30**
 Manoel Euphrasio Correia **76**
 Mansur Guérios, José Farani **268**
 Mansur Guérios, Rosário Farani **269**
 Marino Bueno Brandão Braga **65**
 Mário Braga de Abreu **244**
 Mário Marcondes de Albuquerque **262**
 Metry Bacila **165**
 Milton Ericksen Carneiro **158**
 Moysés Araújo Marcondes de Oliveira e Sá **35**
 Monsenhor Manoel Vicente Montepoliciano da Silva **162**
 Monteiro Tourinho, Francisco Antônio **68**
 Moysés Goldstein Paciornik **245**
 Nascimento Júnior, Vicente Montepoliciano **253**
 Nestor Pereira de Castro **228**
 Nestor Victor dos Santos **53**
 Newton Isaac da Silva Carneiro **37**
 Ney José de Freitas **66**
 Niepce da Silva, José **149**
 Nilo Cairo da Silva **242**
 Noel Nascimento **196**
 Oldemar Justus **215**
 Oriovisto Guimarães **59**

Oscar Martins Gomes **64**
 Osvaldo Pilotto **29**
 Pamphilo d'Assunção, João **63**
 Paulo Francisco de Souza Vítola **186**
 Paulo Ildephonso d'Assunção **121**
 Pedrosa, Doutor João José **114**
 Pereira de Macedo, José **243**
 Pompília Lopes dos Santos **256**
 Rafael Valdomiro Greca de Macedo **74**
 Raul Rodrigues Gomes **238**
 Raymundo Maximiano Negrão Torres **87**
 René Ariel Dotti **38**
 Ricardo Pasquini **246**
 Ricardo Pereira de Lemos **248**
 Roberto Muggiati **234**
 Rocha Pombo, José Francisco da **21**
 Rodrigo Júnior (João Baptista Carvalho de Oliveira) **199**
 Romário Alfredo Martins **230**
 Rui Cavallin Pinto **105**
 Ruy Christovam Wachowicz **86**
 Ruy Noronha Miranda **185**
 Sá Nunes, José de **98**
 Samuel César de Oliveira **229**
 Samuel Guimarães da Costa **152**
 Santa Ritta, José Henrique de **213**
 Scharffenberg de Quadros, Reynaldino Antônio **260**
 Sebastião Paraná de Sá Sotto Maior **27**
 Serafim França **177**
 Silva Muricy, José Cândido **41**
 Silveira Netto, Manoel de Azevedo da **47**
 Tasso Azevedo da Silveira **48**
 Telêmaco Augusto Enéas Morocines Borba **82**

Túlio Vargas, Odilon **172**
Ubaldino do Amaral Fontoura **96**
Ulysses Falcão Vieira **54**
Valério Hoerner Júnior **278w**
Valfrido Pilotto **22**
Vasco José Taborda Ribas **78**
Veiga Lopes, José Carlos **111**
Vicente Machado da Silva Lima **182**
Vieira dos Santos, Antônio **20**
Virgílio Moreira **116**
Wilson da Silva Bóia **190**

